

ORGANIZADORES

LUIS FERNANDO BENEDEZI

GLÁUCIA DE OLIVEIRA ASSIS

NARRATIVAS DE GÊNERO

RELATOS DE HISTÓRIA ORAL

EXPERIÊNCIAS DE ÍTALO-BRASILEIROS
NA ITÁLIA CONTEMPORÂNEA



NARRATIVAS DE GÊNERO



RELATOS DE HISTÓRIA ORAL

**EXPERIÊNCIAS DE ÍTALO-BRASILEIROS
NA ITÁLIA CONTEMPORÂNEA**



Editora filiada à Associação Brasileira das Editoras Universitárias (Abeu)
Av. Fernando Ferrari, 514 - Campus de Goiabeiras
CEP 29075-910 - Vitória - Espírito Santo - Brasil
Tel.: +55 (27) 4009-7852 - E-mail: edufes@ufes.br
Homepage: <http://www.edufes.ufes.br>

Reitor | Reinaldo Centoducatte
Vice-Reitora | Ethel Leonor Noia Maciel
Superintendente de Cultura e Comunicação | Ruth de Cássia dos Reis
Secretário de Cultura | Rogério Borges de Oliveira
Coordenador da Edufes | Washington Romão dos Santos

Conselho Editorial

Agda Felipe Silva Gonçalves, Cleonara Maria Schwartz, Eneida Maria Souza Mendonça, Gilvan Ventura da Silva, Glícia Vieira dos Santos, José Armínio Ferreira, Julio César Bentivoglio, Maria Helena Costa Amorim, Rogério Borges de Oliveira, Ruth de Cássia dos Reis, Sandra Soares Della Fonte

Secretário do Conselho Editorial | Douglas Salomão

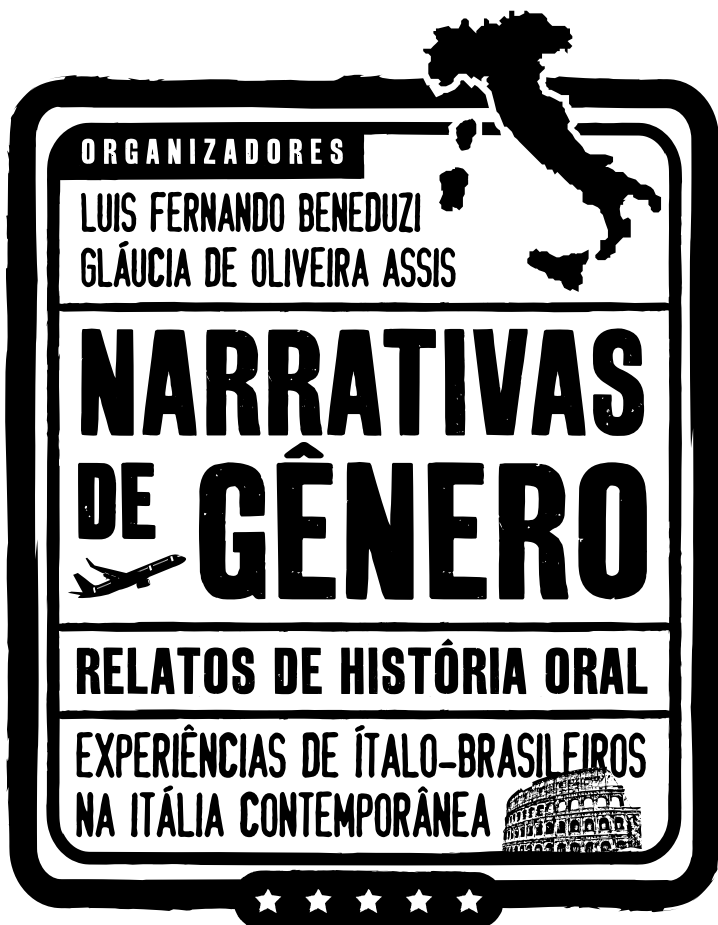
Revisão de Texto | Paulo Muniz da Silva
Diagramação | Oficina de Letras
Capa | Willi Piske Jr. e Yuri Diniz
Revisão Final | Os organizadores

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

N234 Narrativas de gênero : relatos de história oral : experiências de ítalo-brasileiros na Itália contemporânea / Luis Fernando Beneduzi, Gláucia de Oliveira Assis [organizadores]. - Vitória : EDUFES, 2014.
222 p. : il. ; 21 cm

Inclui bibliografia.
ISBN: 978-85-7772-211-2

1. Identidade de gênero. 2. História oral. 3. Migração. 4. Brasileiros – Itália. 5. Italianos. 6. Brasileiros. I. Beneduzi, Luís Fernando. II. Assis, Gláucia de Oliveira, 1966-.



EDUFES

VITÓRIA, 2014

SUMÁRIO

LUIS FERNANDO BENEDEZI

Introdução	9
Descobrimo o objeto	9
Entrando no contexto	12
Direcionamento do olhar	17
Conhecendo o texto	20
Referências	25
Sugestões de leituras	25

PARTE 1 – GENÊRO E NARRATIVAS ORAIS NOS PROCESSOS MIGRATÓRIOS

29

SUSANNA REGAZZONI

Memórias e identidade entre Itália e Argentina	31
Introdução	31
A história da imigração italiana na Argentina	33
El mar que nos traje, de Griselda Gambaro	35
O legado das mulheres: a memória	40
Referências	44
Sugestões de leituras	46

RICCIARDA RICORDA

Escritoras da migração, na Itália e da Itália	47
Referências	58

CHIARA PAGNOTTA

O uso das fontes orais nos estudos sobre as migrações Contemporâneas. Observações metodológicas nos bastidores de uma pesquisa sobre o caso equatoriano	61
A escolha das testemunhas	63
Uma fonte induzida	65
Do oral ao escrito	66
Confiabilidade das fontes orais	68
Considerações conclusivas	71
Referências	73

INES TESTONI

Narração e reconstrução das raízes – entre gênero e reconhecimento da identidade narradora	77
--	----

Introdução	77
Narrative approach nos gender studies e na psicologia social e cultural	78
Identidade social migrante destacada	80
Restituir a historicidade às biografias através da narrativa	82
Os métodos para a análise da narrativa	84
Considerações	86
Finais referências	87

PARTE 2 – ITINERÁRIOS MIGRATÓRIOS ENTRE A ITÁLIA E O BRASIL: OS CAMINHOS DOS DESCENDENTES DE ITALIANOS 89

MARIA CATARINA C. ZANINI	
Santa Maria e região: pequenos e diversos pontos de partida	91
Imigração italiana para o Rio Grande do Sul: breves apontamentos sócio-históricos	93
Santa Maria e região: aspectos gerais	96
Por que migraram os descendentes de imigrantes italianos da região central do Rio Grande do Sul?	99
Considerações finais	101
Referências	102

VANIA B. M. HERÉDIA	
Experiência de migrantes ítalo-brasileiros em terras de origem	105
A história dos pontos de partida como espaços de imigração na região sul do Brasil: do passado ao presente	106
Percepções sobre as experiências com imigrantes na Itália e as dinâmicas estabelecidas	111
Considerações finais	114
Referências	116

MARLENE DE FÁVERI, SILVIA MARIA FAVERO AREND	
Cidadania italiana, passaporte para a europa: memórias de três mulheres (Santa Catarina – Brasil)	119
Considerações iniciais	119
Paula	121
Nona Maria	127
Joana	132
Palavras finais	135

Referências	137
-------------------	-----

EMERSON CÉSAR CAMPOS,

MICHELE GONÇALVES CARDOSO

Idasevindasdaítalo-brasilidade no contemporâneo	141
---	-----

Criciumenses e as migrações internacionais	142
--	-----

Criciumenses na Itália	148
------------------------------	-----

Referências	156
-------------------	-----

Entrevistas	158
-------------------	-----

GLÁUCIA DE OLIVEIRA ASSIS

O retorno alla origine: a migração de descendentes rumo

à Itália nesse início de século XXI	159
---	-----

Introdução	159
------------------	-----

As narrativas dos emigrantes	163
------------------------------------	-----

A cidade de Urussanga e as conexões com a Europa	164
--	-----

Partindo de Urusanga rumo à Itália.	166
--	-----

As trajetórias de migrantes mais jovens: algumas

considerações.....	170
--------------------	-----

Considerações finais	173
----------------------------	-----

Referências	174
-------------------	-----

LUIS FERNANDO BENEDUZI

Vivendo em um entrelugar: um olhar sobre a experiência

dos ítalo-brasileiros na Itália	177
---------------------------------------	-----

Referências	190
-------------------	-----

SUELI SIQUEIRA, SANDRA NICOLI,

MAURO A. DOS SANTOS

Os italianos e seus descendentes no Vale do Rio Doce,

em Minas Gerais: a chegada dos italianos e a emigração

dos descendentes para Itália	191
------------------------------------	-----

Introdução	191
------------------	-----

A imigração italiana no Brasil	192
--------------------------------------	-----

A chegada ao Vale do Rio Doce, Minas Gerais	196
---	-----

As marcas da “italianidade” no território	204
---	-----

A emigração dos descendentes rumo à terra dos nonos	205
---	-----

Considerações finais	211
----------------------------	-----

Referências	213
-------------------	-----

Sobre os autores	217
------------------------	-----

INTRODUÇÃO

Luis Fernando Beneduzi

DESCOBRINDO O OBJETO*

A experiência imigratória nasce de um projeto de melhoria das condições de vida, quer em um sentido psicoafetivo, quer em um sentido socioeconômico. A decisão de partir está vinculada a uma busca de mobilidade social, às decepções afetivo-amorosas ou ao desejo de sair do horizonte de possibilidades de uma pequena cidade e conhecer outros mundos, outras experiências, as quais revelam o desejo de uma transformação no cotidiano daqueles que partem. Nesse sentido, mulheres e homens, quando partem de sua terra natal rumo ao estrangeiro, sempre percebem esse novo lugar para onde se dirigem como um espaço de realização das intenções acalentadas no período anterior à expatriação. Para esses emigrantes, a terra de chegada é sempre construída como um chão de oportunidades, um lugar mágico, um espaço onde conseguirão realizar todos os sonhos construídos na terra de partida.

Tanto nas dinâmicas imigratórias do século XIX quanto naquelas presentes na contemporaneidade, mulheres e homens, quando partem, imaginam que arrolaram todas as informações necessárias sobre o país para o qual decidiram partir, deixando a terra de nascimento e lavando uma mala carregada de saudades, mas, também, de esperanças. Diferentemente, o contato com a nova realidade vai provocar um processo de transposição, confrontos e redefinições entre a imagem construída a priori e aquela reelaborada a partir das experiências quotidianas na terra onde desembarcam.

Por um lado, o Brasil, notadamente a Região Sul e Sudeste, recebeu, no final do século XIX e início do século XX, milhares de imigrantes de diversas origens nacionais. Dentre eles, destaca-se um fluxo significativo de imigrantes italianos provenientes de diferentes regiões da Península Itálica. Por outro lado, desde a segunda metade do século XX, e neste início de século XXI, somos surpreendidos por uma inversão de tendência. Passamos a

* O projeto de pesquisa que deu origem a esta publicação foi financiado pelo CNPq através do Edital 20/2010 - Gênero.

acompanhar nos jornais e, também, nas pesquisas acadêmicas, a constituição de um movimento do brasileiro rumo ao exterior, cujos principais destinos são os Estados Unidos, os países da Europa, o Japão e o Paraguai. Esse movimento humano teve início, em maneira mais esporádica, na década de 1960 e se configurou efetivamente como fluxo migratório na segunda metade dos anos de 1980. Vários estudos sobre a origem, os impactos econômicos e sociais na origem e no destino foram realizados; contudo, ao longo dos 40 anos da emigração brasileira os migrantes foram ampliando e modificando sua expectativa temporal, assim como as conexões entre as sociedades de origem e destino, surgindo uma nova categoria de emigrantes, os transmigrantes, que também será abordada nesta obra.

Na década de 1980, o fluxo de emigrantes brasileiros inicialmente se direcionou principalmente para os Estados Unidos. A partir de meados da década de 1990, mas principalmente nos primeiros anos do século XXI, passou a direcionar-se mais expressivamente para a Europa, sobretudo Portugal, Espanha e Itália. Nesse contexto, observa-se também um movimento significativo de “retorno”, rumo à região do Vêneto, dos descendentes dos imigrantes italianos que vieram para o Brasil no final do século XIX. Esse novo movimento apresenta como relevantes pontos de partida as antigas regiões de imigração italiana no Sul de Santa Catarina e na Serra gaúcha.

Nesse contexto específico de brasileiros descendentes de italianos que emigram para a Europa, o movimento contemporâneo de partidas é marcado, em algumas situações, por uma espécie de retorno – não aquele físico do imigrante que volta para casa, mas do descendente que se dirige para a terra de seus ancestrais. Na verdade, poder-se-á observar uma variedade de relações que se estabelecem com a terra dos antepassados nesse processo migratório em direção à região do Vêneto e à província de Trento.

Dois pontos comuns são a busca da dupla cidadania e a recuperação da história familiar, mesmo se essas duas questões são vividas de maneira diferente pelos imigrantes. Existem casos de descendentes que mergulham num verdadeiro *back to the roots* enquanto outros vivem o processo migratório em uma perspectiva mais pragmática de obtenção da dupla cidadania, muitas vezes reemigrando. Há casos de desilusão pelo não encontro da imagem decantada nas narrativas familiares e, ao mesmo tempo, alguns imigrantes sentem-se transportados ao passado vivido pelos seus antepassados.

Não se pode esquecer, no entanto, que a leitura do retorno e da positividade de ser ítalo-brasileiro deve ser feita considerando o contínuo processo de construção de memórias sobre o fenômeno migratório. Por um lado, tem-se a experiência vivida por milhares de imigrantes europeus e asiáticos que, no período da imigração de massa (entre os séculos XIX e XX), escolheram o Brasil como destino de sua expatriação e espaço para a realização de seus projetos migratórios. Por outro, no presente observa-se o avançar de uma memória da imigração triunfante, que significou ascensão social e econômica dos descendentes de italianos, alemães, espanhóis, portugueses ou japoneses.

É importante ressaltar, porém, que essa memória vitoriosa construída nos quase 140 anos que separam o presente da chegada dos primeiros imigrantes também colabora para um encobrimento de outra memória, talvez dolorosa, dos projetos falidos, da imigração que não deu certo e do imigrante que não encontrou – na nova terra – a sua terra da *cuccagna*. Os festejos e as comemorações trouxeram consigo uma relação dialética de lembrança e esquecimento: na medida em que se enfatizava a recordação romântica de uma liturgia da conquista da “terra promessa”, relegavam-se ao apagamento as vivências que representavam um projeto frustrado.

Essa memória e esse imaginário do processo migratório tornar-se-ão, pouco a pouco, o elemento chave na leitura dos descendentes sobre a terra de partida de seus antepassados. Muitos deles – alguns crescidos em zonas de forte influência de uma cultura étnica vinculada à terra de proveniência dos ancestrais – acabam escolhendo (com ou sem dupla cidadania) aquela que é popularmente chamada de “estrada de retorno” ou “volta às raízes”, projetando para o futuro e para a velha/nova terra a realização de um projeto de vida pessoal e familiar.

Em tal processo, os Estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, que receberam uma relevante quantidade de imigrantes europeus – maiormente italianos e alemães – entre a segunda metade do século XIX e a primeira do século XX, são emblemáticos para pensar esse tipo de migração. Percebe-se uma vivência diferenciada do processo de emigração que se observa no Brasil contemporâneo.

Considera-se que muitos daqueles que partem – tendo em vista o grande percentual de descendentes de europeus –, fazem parte de um movimento de “retorno”. Nesse sentido, o caso ita-

liano é único, pois não somente apresenta uma ideia de cidadania marcada pelo *jure sanguinis*, elemento que caracteriza muitos Estados europeus, como a Alemanha ou a Espanha, mas, também, não impõe uma delimitação geracional para o reconhecimento da cidadania. Dessa forma, todo descendente de italiano (por via materna, a partir de 1948) é um cidadão em potência, devendo comprovar o vínculo direto de sangue para obter a legitimação e o reconhecimento de tal direito.

Colabora com essa percepção de uma continuidade cultural o renascimento de um sentimento de pertença étnica que tem vivido um grande crescimento nas zonas de imigração italiana do interior dos Estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, e que é fruto do embate entre memórias e da vitória de uma memória triunfante, ressaltado anteriormente (ver bibliografia do projeto). A retomada de antigas dinâmicas de sociabilidade, a elaboração de roteiros turísticos que prometem um retorno ao passado imigratório, as festas que exaltam a positividade étnica dos ítalo-brasileiros, tudo se soma na construção de uma ponte que vincula o passado imigratório ao presente do descendente, criando, em inúmeros casos, uma presentificação de sensações, sentimentos e experiências. Observa-se uma apropriação da epopeia imigratória por parte do descendente, o qual assume como familiares as ações dos ancestrais: “quando nós viemos da Itália”.

A presente obra busca justamente trazer à luz, a partir de diferentes leituras que dialogam e debatem entre si, as dinâmicas de integração e ressemantização da imagem da terra dos ancestrais, presente na experiência migratória de descendentes de italianos que decidem – na contemporaneidade – viver na Itália. No confronto entre a expectativa construída no projeto imigratório e a experiência vivida na terra de chegada, é importante compreender quais percepções esses homens e mulheres produzem sobre a sua condição de descendentes imigrantes, na Itália, levando em conta que partem sentindo-se “italianos”.

ENTRANDO NO CONTEXTO

No final do século XIX, a Região Sul do Estado de Santa Catarina e a Região da Serra gaúcha foram palco de um encontro de etnias das quais a italiana representou uma parcela expressiva. Os significados de ser imigrante italiano no Brasil foram vários ao longo dessa trajetória. Para compreendermos o contexto históri-

co da recente emigração de descendentes de italianos para certos países da Europa e para os Estados Unidos, apresenta-se uma breve síntese dessas representações.

Durante o Império, o extremo Sul do Brasil constituiu-se num local de destino de imigrantes estrangeiros: primeiro, os alemães; depois, os italianos e outros grupos étnicos. Dirigiram-se inicialmente para o Rio Grande do Sul, que foi o Estado que mais recebeu imigrantes italianos; depois, Santa Catarina e Paraná. Tal situação inverteu-se no período da “grande migração”, quando o governo paulista e os grandes fazendeiros de café passaram a investir na vida dos imigrantes (SEYFERTH, 2000; BASSANEZI, 1995).

A política imigrantista, todavia, era distinta em cada província e, mais tarde, em cada Estado, que organizava seus fluxos imigratórios e construía as condições de recepção dos imigrantes. No Rio Grande do Sul, eram dadas as terras, mas eram os imigrantes que faziam o desmatamento e construía as primeiras moradias. No princípio (e fala-se da década de 1870), existia uma espécie de galpão coletivo ou uma hospedaria local dos imigrantes. Mas muitas vezes eles eram levados diretamente para as terras e construía as primeiras moradias (precárias) para a sobrevivência.

Os imigrantes, que eram pequenos agricultores, vieram atraídos pela possibilidade de ter acesso a terra; faziam parte de um projeto do Império, que consistia no povoamento da terra com base na pequena propriedade e no branqueamento da população nacional. Segundo Bassanezi (1995), os imigrantes que saíram da Itália entre 1886 e 1895 marcaram o direcionamento do fluxo para além das fronteiras da Europa, dirigindo-se principalmente para o Brasil e a Argentina, até o final dos anos 90, quando o movimento se direcionou para os Estados Unidos. No Brasil, esse contingente teve como características distintivas o número mais volumoso de migração familiar que nos outros países e o Vêneto como a região que mais forneceu imigrantes.

No caso da província de Santa Catarina, que em 1870 ainda era uma grande floresta, com a população concentrada no litoral, os imigrantes vieram para fazer a ligação do litoral com o planalto, já iniciada pelos imigrantes alemães que chegaram à região do Médio Vale do Itajaí em 1850. Os imigrantes italianos estabeleceram-se inicialmente em torno das colônias já fundadas pelos teutos, como Itajaí, Brusque e Blumenau. Esses imigrantes fundaram ainda outras colônias, como Botuverá e Nova Trento, e dirigiram-se para o Sul da província, fundando as colônias de

Tubarão, Azambuja, Urussanga e, mais tarde, Criciúma.

A situação gaúcha se assemelha àquela catarinense, no sentido que os imigrantes italianos também iniciaram o processo de ocupação do território a partir das zonas limítrofes da imigração alemã. Como numa escalada em direção à Região serrana, os italianos – chegados por Porto Alegre – superaram São Sebastião do Cai e a Feliz, para subir a montanha em direção às três primeiras colônias imperiais, fundadas já na década de 1870. Nesse continuum de colonização, foram povoadas as colônias de Conde d'Eu, Dona Isabel e Campo dos Bugres.

Mais tarde, mas ainda no século XIX, nasceu a colônia de Alfredo Chaves e a chamada quarta colônia, na região de Santa Maria, no planalto médio. No entanto, pode-se dizer que o processo de deslocamento não terminou com a ocupação dessa Região, mas foi constantemente atualizado durante o século XX, com as reimmigrações em direção ao Noroeste do Estado, ao Sul e Oeste de Santa Catarina, e em um movimento que sobe pelo Oeste do Paraná e se direciona ao centro do país e à fronteira Sul que prossegue até o Estado do Acre.

A política imigratória nesse período representava uma estratégia que tinha iniciado no Império e permanecido durante a Primeira República, principalmente após a abolição da escravidão, e que consistiu em articular a política imigratória com os interesses de povoamento e de fornecimento de mão de obra livre e branca, numa tentativa de aproximar o Brasil dos padrões de eugenia europeus (SEYFERTH, 1996).

Em São Paulo, Região para a qual se dirigiu a maior parte dos fluxos de imigrantes italianos a partir de 1880, a integração na comunidade nacional foi mais rápida. Nas colônias do Sul, o isolamento permitiu a manutenção de grupos um pouco mais homogêneos, que produziram endogenamente uma unidade cultural marcada pela diversidade das regiões de proveniência. Assim, o processo de integração levou mais tempo, mas foi bem mais intenso; ocorreu em espaço de tempo bem mais rápido para os italianos do que para os imigrantes alemães, que haviam chegado anteriormente (BASSANEZI, 1995). Sobretudo depois dos anos 1940, com a política de nacionalização varguista, as zonas coloniais sofreram um processo acelerado e forçado de integração, principalmente linguística.

A imigração, para além da passividade, é memória e representação da experiência vivida, que foi sendo elaborada e estruturada

desde as primeiras comemorações, nos cinquenta anos da “colonização italiana no Brasil”. Nos relatos sobre a configuração dessas colônias, destacam-se a imagem do imigrante pioneiro e a importância da migração familiar. É importante observar que os relatos sobre a história da cidade e das zonas de colonização enfatizam a imagem heroica do pioneiro: ideia-imagem que identifica a coletividade. Dessa forma, mesmo sendo a família o núcleo colonizador da região, a história da ocupação era contada a partir do masculino, sendo as mulheres tratadas como aquelas que acompanharam os maridos ou que cuidaram dos filhos.

Somente década de 1970, principalmente nas festas que ocorreram tanto no Estado de Santa Catarina quanto no Rio Grande do Sul em que se comemorava o Centenário da Imigração em várias regiões ocupadas por italianos, que o discurso de pertencimento foi sendo revalorizado. A data constituiu-se em um motivo para “resgatar” fragmentos identitários perdidos durante o Estado Novo e recuperar a positividade de elementos que pertenciam ao grupo (como o dialeto e as canções étnicas), mas que foram escondidos “embaixo do tapete” tanto pela ação coercitiva do Estado quanto por sua incongruência com um mundo que se buscava modernizar/urbanizar, e para o qual eles representavam a tradição e a sociedade rural.

O movimento de valorização da italianidade nas cidades da região Sul, como em Criciúma, Urussanga, Bento Gonçalves, Vale Vêneto e outras cidades da colonização italiana, ocorreu num período em que as festas étnicas ganharam expressão nacional. No caso da Região Sul do Estado, mas que pode ser extrapolado também para o Rio Grande do Sul, conforme Savoldi (1998, p. 40), a redescoberta de uma identidade étnica conduziu a um processo de inventário da italianidade na Região. Desse modo, a cultura italiana resgatada pelas várias associações italianas refere-se a uma releitura que os descendentes de imigrantes fazem do passado: a imagem do colono rude e agricultor é revalorizada, assim como todos os elementos que ajudam a reconstruir a italianidade.

Na esteira dessa recuperação de certa “matriz” étnica nos anos de 1980 e 1990, por intermédio de convênios com algumas regiões da Itália¹, os netos e bisnetos dos imigrantes do século

1 Segundo Savoldi (1998), o Sul do Estado vem investindo em festas típicas italianas para criar a sua marca como Região e atrair turistas italianos. A cidade de Urussanga é considerada a capital italiana de Santa Catarina e possui um projeto de cidades-irmãs (Gemellaggio), Urussanga e Longarone, que tem por objetivo promover o intercâmbio cultural entre as duas cidades e os dois países. O convênio de Criciúma foi assinado mais recentemente, em dezembro de 2000, entre Criciúma e Volpago Del Montello (Treviso), Itália (Dados do trabalho de campo realizado em Criciúma em 2000).

XIX partiram para Itália, a fim de reencontrar seus parentes, da mesma forma que italianos vieram conhecer um pedacinho da Itália no Brasil. A partir desse intercâmbio, as cidades do Sul de Santa Catarina – Urussanga, Araranguá, Nova Veneza, Cocal do Sul, Rio Jordão e Criciúma – passaram por um processo de reconstrução das tradições italianas, revalorizando os brasões de família, a língua e as comidas típicas, que se tornaram elementos de atração para que os italianos viessem conhecer no Brasil uma Itália que não existe mais.

No caso do Rio Grande do Sul, são inúmeros os processos de *gemellaggio* entre cidades de imigração italiana e aquelas de origem dos imigrantes do século XIX, o que tem promovido, nos últimos anos, inúmeras viagens de intercâmbio, com o objetivo de manter/recuperar/reforçar os laços étnicos entre os vênетоs-trentinos-friulanos deste e daquele lado do oceano.

Políticas regionais italianas, algumas com forte marca partidária, têm dado ênfase a um pertencimento que extrapola a realidade territorial da Península e se enraíza nos antigos espaços de imigração. Associações étnicas sediadas no Brasil e na Itália têm procurado ativamente fortalecer elementos dialetais e culturais que permitam manter e ampliar pontes entre as coletividades de descendentes do Norte da Itália residentes em zonas históricas de imigração na América latina.

Como consequência de todos esses movimentos – internos e externos às comunidades de imigração –, os descendentes dos imigrantes foram estimulados por programas de intercâmbio com a Itália a enfatizar a ascendência italiana das segundas e terceiras gerações de imigrantes espalhados pelo mundo, colaborando para a ampliação de uma ideia de italianidade que extrapola as fronteiras do território nacional, considerando que dentre esses novos sujeitos encontramos, também, aqueles com dupla cidadania, os quais têm, inclusive, direito ao voto. Esse processo oferece aos descendentes um reencontro com a Itália, terra de seus antepassados, e uma possibilidade de redescobrir sua italianidade.

Por outro lado, em um âmbito mais prático e pragmático, a dupla cidadania abre para esses brasileiros descendentes o mercado de trabalho na comunidade europeia, uma vez que, a partir de convênios com algumas cidades na Itália, os ítalo-brasileiros conseguem contratos de trabalho temporários durante o verão europeu na Itália e na Alemanha e, assim, passam de seis a oito meses na Europa e, depois, retornam para o Brasil.

Esses trabalhadores temporários são reconhecidos pelos

consulados italianos e, pelo fato de possuírem o passaporte italiano, podem trabalhar sem problemas na Itália. Em um contexto de revalorização da identidade italiana, nesse encontro de culturas os emigrantes temporários surpreendem-se quando chegam à Itália e são reconhecidos como brasileiros, portanto, estrangeiros. Esse é um primeiro choque, pois se encontram com aqueles que julgam ser seus compatriotas, mas são distinguidos do grupo, não sendo reconhecidos como italianos. Por isso, os imigrantes, em alguns casos, sentem-se objeto de “certo preconceito”.

Nesse contexto, os imigrantes que partiram rumo à Itália, principalmente em direção à região do Vêneto, vivenciaram o confronto entre a Itália imaginada, que funda raízes na memória familiar e comunitária, e a experiência cotidiana de se descobrirem brasileiros/as na Itália. Buscando percorrer essas trajetórias de homens e mulheres no contexto italiano, esta obra pretende reconstruir suas histórias de vida, com ênfase em suas experiências migratórias, desde a partida das zonas de colonização italiana, particularmente dos núcleos rurais, na Serra Gaúcha e no Sul de Santa Catarina, procurando, também, compreender os impactos nas relações familiares e de gênero. Portanto, pretende-se, ainda, demonstrar como o gênero é um princípio classificatório que atravessa o movimento migratório e que, junto a outras categorias como classe, geração e etnia, configura as oportunidades para homens e mulheres no decorrer do processo expatriação e marca suas relações com a terra de acolhida. Nesse sentido, analisar-se-ão as experiências de mulheres e homens nesse processo, dando destaque às transformações nas relações familiares e de gênero.

DIRECIONAMENTO DO OLHAR

A pesquisa de campo que norteou o projeto sobre o qual se embasa o presente livro procurou seguir o percurso dos e/imigrantes desde a decisão de partir, passando pela organização da viagem, até as inter-relações hodiernas no contexto da terra de acolhida. Nesse sentido, o ponto de partida foi o contato com emigrantes que haviam voltado para o Brasil ou com familiares residentes nas regiões de colonização italiana em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul, e aqueles que ainda viviam na Itália. Foi nesse contexto da terra de partida que se procurou localizar as mulheres e os homens e/imigrantes na região do Vêneto, re-

construindo seus percursos migratórios e as redes que teceram ao longo desse processo.

Nesse sentido, o trabalho de campo implicou um deslocamento dos pesquisadores para as regiões de origem do processo, no Brasil, e, depois, para as cidades de destino na Itália, a fim de acompanhar a vida cotidiana dos emigrantes. Assim, além das entrevistas, trabalhou-se com a perspectiva da observação participante, tanto nas regiões de origem quanto naquelas de destino dos emigrantes.

Um dos elementos centrais para a análise enquanto fonte de pesquisa foi a produção de entrevistas com diferentes grupos de imigrantes brasileiras – provenientes das zonas de colonização italiana do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina – residentes nas cidades do Nordeste italiano, buscando mergulhar nas experiências individuais do processo imigratório, entendendo cada momento dessa deslocamento – partida, viagem (trânsito), chegada – como um espaço-tempo de produção de memórias, de representações e de identidades. Destaca-se que se utilizou o conceito de chegada trabalhado por Leed (1992).

A chegada, assim, não se dá necessariamente no momento do desembarque físico do imigrante, pois pertence a um âmbito psicoafetivo, podendo – dessa maneira – ocorrer em diferentes situações posteriores à entrada do imigrante na nova terra. Ainda, segundo esse autor, chegar é dar-se conta de que a viagem terminou e que se estabeleceu uma nova morada e novas relações que criam uma sensação de imutabilidade da experiência migratória, a sua irreversibilidade.

As entrevistas foram obtidas em diferentes realidades geográfico-culturais do contexto italiano (Vêneto, Trentino Alto Adige e Lombardia), buscando mapear as possíveis diversidades com relação às leituras sobre os pequenos pontos de partida da terra de nascimento, os espaços de chegada à terra de acolhida e o modo como a experiência presente interferiu no processo de rememoração e reelaboração de uma imagem de pátria, entendida como *homeland*. Nesse sentido, buscou-se mapear o Nordeste da península, lugar por excelência dessa imigração brasileira identificada como “de retorno”, considerando tanto a noção identitária de pertencimento, muito marcada nas populações de descendência italiana do Sul do Brasil, como as potencialidades de oferta de trabalho que se encontram nessa porção da Itália.

Especificamente, deu-se uma maior atenção às cidades e províncias de Verona, Treviso e Pádua. No Vêneto, região principal do Nordeste italiano, destaca-se a cidade de Verona, uma capital provincial de porte médio. Nessa cidade, observa-se uma força relativa da presença brasileira, sendo relevante a análise das sociabilidades e sensibilidades na busca de perceber em que medida o fato de ser descendente de italianos (sobretudo de vênéticos) ajudou a mitigar uma sensação de discriminação social, étnico-nacional e como essa foi percebida nas experiências vivida pelos descendentes analisados.

Sobre as entrevistas, é importante informar que foram organizadas a partir de eixos temáticos de discussão, seguindo os itinerários do processo mnemônico (os fios da memória). Não se utilizou como ponto de ancoragem uma série de perguntas para serem feitas no momento do encontro com o depoente/testemunha, tampouco se esperou que as entrevistas seguissem um mesmo delineamento de informações. As questões foram nascendo da própria dinâmica dialógica entre o pesquisador e o entrevistado.

A dinâmica usada residia no fato de entender-se a fluência da entrevista como um elemento importante no processo de pesquisa, tendo em vista que permite observar as diferentes dinâmicas de elaboração do discurso sobre a experiência passada, além de uma perspectiva de releitura por parte do entrevistado de sua própria experiência. A “conversa livre” permitiu uma maior intimidade – construída ao longo do processo de intercomunicação – e a elaboração de uma lógica individualizada, relativa especificamente a cada experiência da imigração. Obviamente, teve-se como ponto basilar um roteiro temático seguido pelo pesquisador, mas este não foi transformado numa camisa de força; funcionou apenas como um fio condutor do diálogo e pró-memória sobre as questões principais que norteavam e tangenciavam a pesquisa.

Enquanto entrevistas semiestruturadas, mesmo não contando um roteiro específico em forma de questionário, as conversas com as imigrantes brasileiras na Itália, assim como com os parentes que permaneceram nos pequenos pontos de partida brasileiros, foram conduzidas no sentido de mapear alguns objetivos centrais da pesquisa: descrição dos eventos que delineiam a e/imigração; captação dos aspectos psicológicos relativos à motivação intrínseca (realização pessoal) e à motivação extrínseca (instâncias sociais) que ativaram o processo migratório; busca

das expectativas e das representações anteriores à partida, considerando uma construção pessoal de uma identidade social “italiana” (vista como reconhecimento de aspectos que garantem o pertencimento ao grupo); observação das diferenças com relação a essa identidade social “italiana” a partir da chegada à Itália; e definição do projeto migratório familiar na história biográfica individual e dos seus sucessos/insucessos, tendo como referência as causas internas e externas do êxito.

Como última etapa do processo de execução do projeto de pesquisa, foram sendo analisadas e entrecruzadas as diferentes categorias que iam surgindo ao longo da investigação. Foi-se, também, estruturando uma cartografia do processo imigratório, com o objetivo de levantar as distintas produções imagéticas sobre um Brasil e uma Itália imaginários que flutuam na mente das imigrantes brasileiras (descendentes de italianos), que participam de um processo histórico de deslocamento e de recriação, tendo por base as vivências do presente e a interação com a sociedade da terra de chegada.

CONHECENDO O TEXTO

A presente obra é dividida em duas seções distintas, mas complementares, sendo distribuída em diferentes artigos, produzidos por colegas que participaram do processo de pesquisa. Na primeira seção, deu-se mais ênfase às questões teóricas que nortearam a pesquisa e os elementos que colaboraram para a compreensão e análise do objeto específico, a saber: discussões sobre gênero e sobre a metodologia de pesquisa em História oral. Na segunda, diferentemente, apresentou-se uma perspectiva mais prática, com o resultado da pesquisa de campo articulando os elementos teórico-metodológicos às fontes orais coletadas, às observações do campo e ao trabalho de arquivo. Cabe ressaltar que a segunda parte deste livro, na sua diversidade, oferece um olhar plural sobre o processo migratório de descendentes de italianos na Itália contemporânea tanto sob a perspectiva geográfica – análise de indivíduos provenientes do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina, de Minas Gerais e do Espírito Santo – quanto sob aquela socioetária, com diversificados níveis sociais e de instrução e faixa etária.

Dando início à primeira parte do livro, Susanna Regazzoni abre o procedimento de análise dos estudos de gênero nos processos migratórios, oferecendo uma ênfase maior às

relações entre o masculino e o feminino, aos espaços ocupados por cada um deles. A partir da literatura e do trânsito pela vida das protagonistas femininas do romance *El mar* que nos trajo, tem-se um mergulho nas experiências migratórias que produzem identidades tecidas pela memória, sinal distintivo do feminino. Nas idas e vindas que caracterizam o romance, percebe-se uma passagem de leituras diferenciadoras que marcam o olhar sobre as terras de partida e de acolhida.

No mesmo olhar, a partir da literatura sobre os estudos de gênero e sobre os espaços no feminino nos processos migratórios, Ricciarda Ricorda busca analisar, no seu texto, as marcas da narrativa e do direcionamento analítico das escritoras migrantes. Partindo da experiência do Arquivo de Escrituras e Escritoras Migrantes, nascido em Veneza em março de 2011, a autora propõe uma viagem pela produção imigrante feminina na Itália. Dessa forma, a primeira parte da obra procura discutir, sob o ponto de vista teórico, a relação que se estabelece entre imigração e gênero, mas, também, as representações identitárias marcadas pela expressão linguística, que perpassam o fenômeno migratório enquanto vivência individual e coletiva. Falando da escritora brasileira emigrada na Itália, Christiana de Caldas Brito, traz à luz esse processo de idas e vindas que marcam as dinâmicas contemporâneas dos descolamentos humanos as quais são experiências físicas, mas, também, de escritura.

Continuando a discussão teórica, mas mudando o foco para as questões metodológicas que envolvem as análises – a partir da História Oral – dos processos migratórios, Chiara Pagnotta apresenta um estudo sobre os relatos e autobiografias, inserindo a especificidade do trabalho com as narrativas orais na especificidade da coleta e do trabalho com esse tipo de vestígio do passado. Procurando analisar – também em maneira prática, a partir de sua pesquisa de campo – os limites e os aspectos positivos do uso da fonte oral para ler o passado, elabora um breve itinerário sobre o trabalho com a oralidade, desde a preparação da entrevista até sua utilização na produção do texto analítico por parte do pesquisador.

Ines Testoni encerra a primeira parte do livro com a análise de uma perspectiva metodológica específica – *Narrative Approach* –, destacando-a como uma estratégia funcional para a pesquisa com/sobre mulheres. A autora procura demonstrar de que maneira esse tipo de instrumento pode permitir uma leitura mais

profunda e verossímil do vivido das mulheres imigrantes, as quais se encontram no estrato mais baixo da hierarquia social, apresentando maiores dificuldades de expressão na coletividade. Questões de identidade e biografia entrecruzam-se na busca de trabalhar os traumas e conflitos presentes no complexo processo de deslocamento e integração.

A segunda parte da obra, que oferece uma aplicação em diferentes estudos de caso, das análises relacionadas à História oral e aos Estudos de gênero, começa com um mapeamento do espaço emigratório, a antiga quarta colônia, espaço de imigração italiana de finais do século XIX e início do XX, na atual Região no entorno da cidade de Santa Maria, no Rio Grande do Sul. Nesse texto, Maria Catarina Chitolina Zanini reflete sobre esse espaço de emigração enquanto ponto de partida do processo de “retorno”. Sua leitura é construída em uma análise histórico-antropológica da região onde a especificidade do contemporâneo é entendida num histórico de mobilidade que marcou as famílias dessa zona de imigração italiana.

O estudo apresentado por Vania Beatriz Merlotti Herédia também oferece um olhar sobre o lugar de partida dessa imigração de “retorno”, agora em outra zona gaúcha, onde a imigração italiana do século XIX foi muito forte, sendo essa zona a sede da colonização italiana no Rio Grande do Sul. Num primeiro momento, a autora busca dar a conhecer a realidade do processo imigratório italiano que fundou e construiu a cidade de Caxias do Sul, local no qual foi forjado, progressivamente, o mito do imigrante. Em seguida, com entrevistas realizadas no espaço de partida, são analisados os relatos daqueles descendentes que, tendo vivido por um período na Itália, voltaram para o Brasil. As questões centrais analisadas são as experiências vividas na Península Itálica e as dinâmicas que envolveram o processo de expatriação e volta para o Brasil, cuja descrição ressalta os motivos atribuídos pelos migrantes para a dinâmica da qual foram protagonistas.

Em outro contexto, o interior do Estado de Santa Catarina, na região de Turvo, Marlene De Fáveri e Silvia Maria Favero Arend também dão continuidade à análise do espaço de partida dessa imigração de “retorno” ao interno das questões identitárias que envolvem o conceito e as representações de italianidade em Turvo. As autoras constroem sua análise a partir das trajetórias de três gerações de mulheres de uma família de imigrantes italianos da região, acompanhando – pelo relato oral – sua decisão de

emigrar, as dinâmicas que envolveram as escolhas e a experiência migratória em suas vitórias e dificuldades. No entrelaçamento dessas três vidas, podem-se perceber as relações de poder, as representações sociais, as sensibilidades e as sociabilidades nos pequenos espaços da imigração italiana, considerando os símbolos de status que se cristalizam na comunidade, dentre os quais a posse da cidadania italiana e a possibilidade de viajar para a Itália e outros países da Europa.

O artigo de Emerson César Campos e Michele Gonçalves Cardoso mostra – dentro do contexto da zona Sul catarinense inserido numa discussão maior acerca da emigração criciumense – os impactos dos fluxos migratórios contemporâneos. Os autores trazem à luz os conflitos que envolvem as diferentes percepções sobre a terra de acolhida, no caso específico, o Norte da Itália: uma percepção construída ainda antes da viagem, quando a terra de chegada era aquela sonhada, e outra forjada na experiência concreta da imigração, nas relações quotidianas com a Península Itálica. Uma questão destacada no texto, em uma realidade de descendentes que hoje decidem seguir uma segunda dinâmica migratória, agora de volta para o Brasil, está vinculada às consequências desse processo para a cidade de origem.

Também Gláucia de Oliveira Assis busca analisar as dinâmicas que marcam o fenômeno migratório de descendentes de italianos desde o Sul de Santa Catarina, a partir do caso de Urussanga, na Itália contemporânea. Seu objeto principal é reconstruir as redes tecidas ao longo do processo expatriação que vinculam os dois lados do oceano – as terras de partida e de chegada. Em um conjunto de entrevistas que articulam os imigrantes que voltaram para o Brasil, urussanguenses residentes na Itália e seus parentes que ficaram o Brasil, a autora busca pensar os processos de construção da italianidade na zona de origem, a cidade catarinense, e como essa reflete nas leituras e percepções dos ítalo-brasileiros que vivem ou viveram o processo de imigração na península itálica.

Luis Fernando Beneduzi utiliza a experiência migratória de uma descendente de italianos (trentinos), que provém de uma vivência entre a zona de imigração italiana do Norte de Santa Catarina e o interior do Estado do Paraná, para pensar nas dinâmicas de recuperação do passado familiar que marcam a ideia de um retorno às raízes, por parte dos descendentes de italianos que decidem se mudar para a Itália. O processo de deslocamento na realidade

estudada é marcado pelo encontro entre a memória construída nos espaços da antiga imigração de finais do século XIX e a vivência dos lugares narrados nos espaços familiares de sociabilidade. O autor destaca esse entrelugar vivido pelo imigrante que se descobre brasileiro no dia a dia da Itália, mas, ao mesmo tempo, se sente parte daquela “nova” realidade, porque é descendente.

Pensando na questão da italianidade, Sueli Siqueira, Sandra Nicoli e Mauro Augusto dos Santos trazem à luz as dinâmicas identitárias presentes numa zona de imigração italiana no Estado de Minas Gerais, na fronteira com o Espírito Santo: a Microrregião do Rio Doce. O texto parte da descrição do processo de ocupação da terra pelos imigrantes italianos e de construção da identidade italiana na Região, destacando nesse sentimento de pertença uma ideia de italianidade que perpassa as narrativas da comunidade. Num segundo momento, os autores procuram analisar as bases de um movimento inverso, de saída, que – a partir do final dos anos 1990 – começa a se dirigir para o Norte da Itália. Nesse ponto, são apresentadas as experiências que marcam a expatriação, com uma ênfase maior no conflito identitário que se agudiza na terra de chegada, quando esses imigrantes que se sentiam italianos são percebidos como “outros” pelos “compatriotas” da Península Itálica, descobrindo-se diferentes.

Os artigos reunidos nesta coletânea revelam certa cartografia da emigração de descendentes rumo à Itália – terra de seus nonos e nonas –, demonstrando como nesse processo homens e mulheres negociam suas italianidades, suas noções de pertencimento e revelando, por meio de seus relatos orais, o impacto da migração em suas vidas cotidianas, nas relações de gênero e nas suas identificações. “O trem que chega é o mesmo trem da partida”, mas a viagem, com seus encontros e desencontros, transformou suas vidas.

REFERÊNCIAS

BASSANEZI, M. S. B. Imigrações Internacionais no Brasil: um panorama histórico. In: PATARRA, Neide L. (Org.). *Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Fnuap, 1995, v. 1, p. 3-35.

LEED, Eric. *La mente del viaggiatore*. Dall'odissea al turismo globale. Bolonha: Il Mulino, 1992.

SAVOLDI, Adiles. *O caminho inverso: a trajetória dos descendentes de imigrantes italianos em busca da dupla cidadania*. 156 p. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Florianópolis, 1998. Disponível em: <<http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/77438>>.

SEYFERTH, Giralda. Construindo a nação: hierarquias raciais e o papel do racismo na política de imigração e colonização. In: MAIO, M. C.; SANTOS, R. V. (Org.). *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro: Fiocruz: CCB, 1996.

_____. Identidade Nacional, diferenças regionais, integração étnica e a questão migratória no Brasil. In: ZARUR, G. de C. Leite. (Org.). *Região e tradição na América Latina*. Brasília: UnB, 2000.

SUGESTÕES DE LEITURA

ALBERTI, Verena. *Ouvir contar*: textos em História Oral. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

ANDERSON, Benedict. *Imagined Communities*. Reflections on the origins and spread of nationalism. London-New York, 1991.

ASSIS, Gláucia. *De Criciúma para o mundo*: rearranjos familiares e de gênero nas vivências dos novos migrantes brasileiros. 340 p. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Unicamp, 2004. Disponível em: <<http://www.biblioteca-digital.unicamp.br/document/?code=vtls000340341>>.

ASSIS, Gláucia; SIQUEIRA, Sueli. Mulheres emigrantes e a

configuração de redes sociais: construindo conexões entre o Brasil e os Estados Unidos. *Rembu* (Brasília), v. 16, p. 25-46, 2009.

AUGÉ, Marc. *Rovine e macerie*. Il senso del tempo. Torino: Bollati Boringhieri, 2004.

BASSANEZI, Maria Silvia Beozzo; BÓGUS, Lúcia Maria. Italianos para o Brasil, brasileiros para a Itália: dois momentos da imigração internacional. In: PAVIANI, Jayme; DAL RI JUNIOR, Arno. (Orgs.). *Globalização e humanismo latino*. Porto Alegre, Edipucrs, 2000. (p. 295-313).

BENEDUZI, Luis Fernando. *Os fios da nostalgia*. Perdas e ruínas na construção de um vêneto imaginário. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.

_____. Identità ibride: dinamiche immigratorie brasiliane nell'Italia contemporanea. *Naveg@mérica – Revista electrónica de la Asociación Española de Americanistas*, v. 2, p. 1-16, 2009.

_____. Narrativas de uma imigração esquecida: imagens, escolhas e percursos da imigração de mulheres brasileira na Itália. *História oral (Rio de Janeiro)*, v. 12, p. 225-248, 2009.

BONIFAZI, Corrado. *L'immigrazione straniera in Italia*. Bologna: Il Mulino, 2007.

CAMPOS, Emerson de. *Territórios deslizantes: miscelâneas e exibições na cidade contemporânea Criciúma (1980-2002)*. 222 p. Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em História – UFSC, 2003. Disponível em <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/.../199015.pdf>>.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. (Orgs.). *Usos e abusos da História oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

HALBWACHS, Maurice. *Les cadres sociaux de la mémoire*. Paris: Albin Michel, 1994.

NORA, Pierre. *Les lieux de la mémoire*. Paris: Gallimard, 1997.

PASSERINI, Luisa. *Storia orale*. Vita quotidiana e cultura materiale delle classi subalterne. Torino: Roemberg & Sellier, 1978.

PORTELLI, Alessandro. *Storie orali*. Racconto, immaginazione, dialogo. Roma: Donzelli editore, 2007.

SAYAD, Adelmalek. *A Imigração nos paradoxos da alteridade*. São Paulo: Edusp, 1998.

_____. *La doppia assenza*. Dalle illusioni dell'emigrato alle sofferenze dell'immigrato. Milão: Raffaello Cortina Editore, 2002.

ZANINI, Maria Catarina. Um olhar antropológico sobre fatos e memórias da imigração italiana. *Mana* 13(2): 521-547, 2007.

PARTE 1

GÊNERO E NARRATIVAS ORAIS NOS PROCESSOS MIGRATÓRIOS

MEMÓRIAS E IDENTIDADE ENTRE ITÁLIA E ARGENTINA*

Susanna Regazzoni
Universidade Ca' Foscari de Veneza

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo apresentar algumas reflexões sobre as relações entre Itália e Argentina. Mais especificamente, o papel das mulheres na migração entre os dois países, por meio de uma obra literária, *El mar que nos trajo*, de Griselda Gambaro. De fato, é curiosa a relativa escassez de estudos acadêmicos sobre um fenômeno tão relevante, considerando-se de diferentes pontos de vista, o aumento do número de romances publicados a partir dos anos 80 do século passado na Argentina e, também, embora em menor quantidade, na Itália. Ao se falar das relações entre esses dois países, parece-me interessante começar com o preâmbulo da Constituição da Argentina (1853) e seu artigo 25, que afirma:

Nós, os representantes do povo da nação Argentina, reunidos em Congresso Geral Constituinte, por vontade e escolha das províncias que a compõem, em cumprimento com os acordos existentes, com o objetivo de constituir a união nacional, proteger a justiça, consolidar a paz interior, prover a defesa comum, promover o bem-estar geral e assegurar os benefícios da liberdade, para nós mesmos, para nossa posteridade e para todos os homens do mundo que queiram habitar em solo argentino: invocando a proteção de Deus, fonte de toda razão e justiça: ordenamos, decretamos e estabelecemos esta Constituição para a Nação Argentina [...] Art. 25 - O Governo Federal promoverá a imigração europeia e não poderá restringir, limitar e nem onerar com imposto a entrada no território argentino dos estrangeiros que chegam com o objetivo de cultivar a terra, melhorar as indústrias, introduzir e ensinar as ciências e as artes (CONSTITUIÇÃO ARGENTINA, 1994, s/p).

A importância da imigração na Argentina se confirma também com o discurso proferido por Gabriela Mistral, em 1945, por

* Tradução de Tânia Scatambulo Nerone.

ocasião da atribuição do primeiro Prêmio Nobel da literatura hispano-americana; naquela ocasião, a poetisa chilena assinalou que:

A Argentina está dando aos nossos países uma lição que eles não querem ouvir: aquela de que um ano de imigração faz mais pela raça de dez anos de trabalho social gasto na melhoria da carne velha. Nenhum empreendimento – educação popular, higiene social etc. – acelera a evolução de um país novo como esta do enxerto (MISTRAL, 1945, s/p).

Na atualidade, as grandes cidades europeias vivem, cada vez mais, uma realidade multicultural, provocada por exílios, migrações, deslocamentos, guerras, fomes, crises econômicas, além da globalização que mudou a história do mundo. Essa realidade é acompanhada por um novo conceito de identidade variável e plural em lugares onde existem diferentes mundos culturais. Néstor García Canclini (2001, p. 14) define essa coexistência de modalidades com o termo *hibridização*, para destacar os “[...] processos socioculturais, em que as estruturas e práticas discretas, que existiam, separadamente, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas”. O professor Landry-Wilfrid Miampika (2007, p. 9), da Universidade de Alcalá de Henares, acrescenta que:

Assim, pois, o hibridismo ou hibridização é o vetor essencial dos processos culturais globais, que transcende toda fixação cultural, toda fixação de identidades e questiona as noções de pureza, de identidade, de origem, de autenticidade cultural... a favor de encontros, desencontros, tensões entre os seres humanos, etnias e histórias em projeções transcontinentais que modificam o trabalho da imaginação para a produção e reprodução cultural.

Esses ditos fenômenos modificam ideias como a de identidade cultural e enfatizam o processo dinâmico associado com realidades contraditórias. A esse propósito, os estudos culturais oferecem possibilidades interessantes de leitura a partir da noção de “poética da relação”, proposta pelo poeta da Martinica, Édouard Glissant. Justamente, graças a essa proposta, Glissant (2002, p. 98) reconhece e legitima o que é diferente, ou seja, “[...] as diferenças que confluem, se encontram, se opõem, combinam e geram o imprevisível”. A história do continente americano resulta excepcional pela sua natureza cultural dinâmica, em constante

mudança desde a sua aparição na consciência europeia. Há muitos estudos a respeito disso. Fernando Ortiz (1940) é o primeiro que no início do século XX inaugura o conceito de transculturação em seu clássico *Contraponto cubano do tabaco e do açúcar*

A HISTÓRIA DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NA ARGENTINA

Entre as muitas migrações realizadas para a América ao longo de sua história, quero refletir sobre a italiana que, a partir do final do século XIX até os anos 60 do século seguinte, se constituiu num fenômeno em que milhões de pessoas chegaram a um território pouco povoado, provocando um moderno mecanismo de transculturação. Em efeito, como escreve Diego Armus (1983, p. 8), no prefácio do *Manual do imigrante italiano*,

desde a criação dos setores populares (até) o surgimento das atividades industriais, desde a literatura (até) os costumes culinários e as práticas políticas, o fenômeno da imigração no exterior do final do século XIX e início do século XX parece abranger, praticamente, todos os níveis e aspectos da vida argentina dos novecentos.

A antropóloga argentina María Susana Azzi observa que entre 1871 e 1914 chegaram ao país 5,9 milhões de pessoas. A Argentina foi o país que recebeu a segunda maior imigração entre 1821 e 1932; os Estados Unidos ocuparam o primeiro lugar. Entre 1876 e 1976, cerca de 26 milhões de italianos emigraram; 75% eram homens, dos quais 80% se encontravam em idade economicamente ativa: 5,7 milhões foram para os Estados Unidos; e 3 milhões, para a Argentina. A base dos italianos havia sido estabelecida em Buenos Aires em 1856, e um número considerável chegou ali nas décadas de 1860 e 1870, antes da migração de massa, que começou em 1880.

Em Buenos Aires, em 1869, os espanhóis constituíam apenas 8% da população, enquanto os italianos alcançavam 24% da população da cidade. A porcentagem de italianos em relação à população total permaneceu mais alta nos bairros de Boca e Baracas do que em qualquer outra área da cidade.

Em 1909, sobre o total da população da cidade de Buenos Aires, havia 29,3% italianos; 17,1% argentinos; 11,2% espanhóis; 0,4% franceses; 0,4% americanos; 0,1% russos e 41,5% outros (AZZI, 2010). O que me interessa destacar nessa ocasião é o fenômeno li-

terário que surge no final do século passado, constituído por uma série de narrações que se centram na imigração italiana para a Argentina e coincidem na eleição de protagonistas femininas.

Nesse cenário, as mulheres, do ponto de vista sócio-histórico, desempenham um papel secundário, principalmente cronologicamente, visto que num primeiro momento não viajam e, se o fazem é sob a sombra de um homem, pai, marido, irmão, como anônimas figuras acompanhantes. Na realidade, com o tempo assumem um papel fundamental porque são elas que mantêm a unidade da célula social primária da sociedade nos dois países: o de partida e o de chegada, ao conservar a união da família quando o homem parte para o novo país ou retorna ao país de origem, abandonando o novo núcleo.

A literatura do tema migratório começa quase em seguida ao fenómeno social; trata-se de textos teatrais e narrativos nos quais se percebe um mal-estar com respeito ao estrangeiro que vai do ataque xenófobo à comédia do grotesco, passando pelo sarcasmo; em tais obras, não existem personagens femininos (REGAZZONI, 2004). Os italianos que embarcaram em Gênova em 1884 para o Rio da Prata são descritos por Edmondo D'Amicis em sua obra *En el océano*. Sobre o escritor, Griselda Gambaro comenta que:

O autor de *Corazón* recolhe, contudo, seus melhores resultados na crônica. Neste afresco estão todos aqueles que vieram para a América, em sua maioria operários e camponeses, cada um com seu sonho particular. E o sonho - e a destruição do sonho - começa em Galileu, como se o navio navegara em um mar de terra e seus passageiros, nos vários tipos e paixões, representaram toda a humanidade (GAMBARO, 2002, s/p).

Somente ao final do século XX se assiste a um novo ressurgimento do gênero, com uma série de romances em que a mulher assume um papel importante. Syria Poletti é a primeira que, nos anos 60 do século XX, temporariamente, escreve uma série de livros nos quais narra histórias de mulheres migrantes; outras escritoras e escritores continuarão com o tema a partir dos anos 80².

São autores que muitas vezes escrevem sob a emoção de me-

² Silvana Serafin é a pesquisadora que mais escreveu sobre Syria Poletti na Itália: *Immigrazione friulana in Argentina: Syria Poletti racconta...*, Roma Bulzoni, 2004 e *Ancora Syria Poletti: Friuli e Argentina due reatà a confronto*, Roma, Bulzoni, 2005, são os livros mais importantes.

mórias. Entre eles, Antonio Dal Masetto, autor de *Oscuramente fuerte es la vida* (1990), *La tierra incomparable* (1994) e *Cita al Lago Maggiore* (2011). Outros exemplos são os livros de Mempo Giardinelli, *Santo oficio de la memoria* (1991); Héctor Tizziani, *Mar de olvido* (1992); Roberto Raschella, *Diálogos en los patios rojos* (1994) e *Si hubiéramos vivido aquí* (1998); Martina Gusberti, *El láud y la guerra*, (1996). Do lado italiano, alguns exemplos são *Quando Dio ballava il tango* (2002); e *Patagonia blues* (2005), de Laura Pariani; *Oltremare* (2004), de Mariangela Sedda; e *Argentina*, de Renata Mambelli, do mesmo ano.

Entre os/as autores/as que têm publicado histórias de migração nestes últimos anos, encontra-se Griselda Gambaro, que edita, em 2001, *El mar que nos trajo*, um romance de memórias entre Itália e Argentina, de umas cento e quarenta páginas que, no entanto, apresenta uma poética forte e expressa muito mais³.

EL MAR QUE NOS TRAJÓ, DE GRISELDA GAMBARO

A história de *El mar que nos trajo* fala de Agostino, um rapaz de 19 anos, humilde pescador em *Isola d'Elba*, que parte do porto de Gênova para Buenos Aires, depois de haver encontrado um emprego em um navio. Isso significa sair da pobreza a que está condenado na sua existência como pescador. Antes de sair, vê-se obrigado a casar-se com Adele, por seus irmãos, e a comprometer-se na construção de uma casa. Chegando a Buenos Aires, conhece Luisa, pela qual se sente atraído, começando uma história de amor. Dessa união nasceu uma criança, Natalia, a filha pela qual Agostino sente um amor imenso. Quando Natalia está com quatro anos de idade, Agostino se encontra com os irmãos de Adele, que vão buscá-lo em Buenos Aires e o levam de volta para a Itália, sem avisar ninguém. Luisa o espera por alguns dias, desespera-se e começa a procurá-lo

³ Griselda Gambaro (1928) nasceu em Buenos Aires. Entre seus livros estão *El desatino* (1965), *Una felicidad con menos pena* (1965), *Dios no nos quiere contentos* (1979), *Después del día de fiesta* (1994), *Lo mejor que se tiene* (1998), *Escritos inocentes* (1999), *Lo impenetrable* (2000) y *El mar que nos trajo* (2001). Suas obras dramáticas foram estreadas nos cenários mais prestigiosos de diversos países da América Latina e Europa e traduzidas em numerosos idiomas. É considerada pela crítica como uma das escritoras mais importantes da literatura argentina atual. *El mar que nos trajo* foi publicada em Buenos Aires pela editora La otra Orilla, em 2001. As citações a seguir referem-se a esta edição e tem o número da página entre parênteses.

em bares, no porto, na delegacia, até que, finalmente, descobre que Agostinho se foi. A partir desse momento, o sentimento de abandono é o que determina as vidas de mãe e filha e que marca a existência da criança.

Na Itália, Agostino volta a encontrar-se com Adele e reinicia uma vida infeliz. Apesar do nascimento de um filho, chamado Giovanni, Agostino continua pensando em seu abandono de Luisa e Natalia; em tom de protesto, coloca o retrato de Natalia em cima da lareira, afirmando que a menina da foto é sua filha. Com o tempo, Agostino diz a Giovanni que Natalia é sua irmã e que a procure. O menino obedece ao seu pai e viaja para Buenos Aires onde a encontra e lhe conta sobre Agostino. As viagens se repetem e a relação é reforçada por reencontros e mortes, criando laços onde se haviam marcado separações. O pano de fundo do romance está relacionado com a história e refere-se ao anarquismo, aos movimentos grevistas, à violência política, ao peronismo, ao fascismo e aos mais importantes acontecimentos da época, como quando se narra que:

A Argentina florescia, José resmungava porque seu anarquismo difuso o unia com fortes laços a sua classe, não entendia como os trabalhadores podiam submeter-se a esse militar que gritava nas varandas. Mentia como Mussolini e como Mussolini transformava os direitos em privilégios ou esmolas. Deixaria um país devastado (GAMBARO, 2010, p. 136).

O importante, contudo, é a essência da memória indefinida e sempre presente. Gambaro disse que esse relato nasceu como

uma questão pendente. Se, quando menina, lhe contam uma história que você gostou muito e por destino da vida você se tornou uma escritora, esta história você tem que contá-la. Porém, vão surgindo outros temas que mais lhe interessam e vai-se adiando. Embora eu creia que isso foi bom para a história em si [...] porque, de certa forma, ela foi amadurecendo até que senti que chegara o momento, e veio fora (MALUSARDI, [s.d.]).

Na mesma entrevista, a autora acrescenta que, originalmente, na história de Agostino, o personagem, sai da narração,

eu o escutei contado à mesa, assim, cruamente [...] Há muita ficção, alguns personagens e comportamentos são feitos com base

em pequenos detalhes que me contaram, mas em cada situação escolhi a minha própria maneira. Além disso, eu não posso trabalhar com excesso de dados (MALUSARDI, [s.d.]).

Ao final da história, a narrativa em terceira pessoa resulta ser o ponto de vista de uma menina que se lembra do que ouviu, com equívocos e imperfeições. O livro começa com uma dimensão temporal: “No verão de ’89, houve dois acontecimentos importantes na vida de Agostinho” (GAMBARO, 2010, p.11) que aponta, desde o início, a importância do tempo, elemento que marca toda a história e a dupla perspectiva geográfica. Conta-se de um primeiro país pobre onde o protagonista vive uma vida de miséria, em oposição à possibilidade de maior ganho como um marinheiro de um barco que parte para outro país:

Seu futuro cunhado intercedeu com a companhia de navegação na qual trabalhava e conseguiu-lhe um contrato como marinheiro na linha Genova-Buenos Aires. [...] marinheiro em um navio no exterior, seu futuro seria diferente, e bem sabia pelos compatriotas enviados que a cada dois ou três meses eles regressavam para a ilha com provisões exóticas, presentes e dinheiro em seu bolso. Eles diziam que o trabalho distraía da ausência. (GAMBARO, 2010, p.11)

No entanto, a realidade é diferente e o trabalho é mais pesado do que o imaginado:

Trabalhou duramente. Sem lugar fixo no vapor que levava os emigrantes, começava antes do amanhecer baldeando a cobertura, polindo os bronzes na cabine de comando, nos salões e na sala de refeições da primeira classe. Em seguida, apenas amanhecia, Agostino e seus companheiros expulsavam os emigrantes dos dormitórios comuns onde flutuavam os odores rançosos de uma noite compartilhada, densa de pessoas, de desconfortos causados pela alimentação, o movimento do barco. (GAMBARO, 2010, p.14)

A imagem desenhada dá a conhecer a miséria de uma viagem muito diferente das ilusões de um destino melhor, e na nova terra continuam as dificuldades:

A cada quinzena, Agostino descarregava os carros de carvão. Eles chegavam de madrugada e ele estava esperando na porta

da carvoaria com um saco de pano dobrado sobre o ombro. Apenas ouvia o ranger das rodas sobre os paralelepípedos, puxava para a rua um grande cesto de tecido preto e empunhava a pá. Levava a cesta em repetidas viagens através de uma escadaria que descia para um armazém escuro. Levantava no sótão uma montanha de carvão, de pedras soltas. [...] Voltava com o cabelo endurecido, o rosto lambuzado. Seu lenço se impregnava de uma umidade escura e pegajosa. Sempre tinha as unhas sujas e as olhava com tristeza. [...] Luisa recolhia as roupas das casas de famílias ricas e as lavava nos tanques de cimento ao ar livre, no fundo do pátio. As vizinhas [...] observavam seus braços frágeis, seu torso esquelético e ficavam em silêncio. Não terminaria nunca em tão pouco tempo. Ela aproveitava a ausência de Agostino, a soneca de Natalia, cada momento do dia. Passava a roupa encharcada de amido com um ferro que aquecia em um braseiro de carvão e a devolvia, pontualmente, caminhando longas distâncias para não gastar com o trem elétrico. [...] sofria em silêncio quando lhe atrasavam o pagamento e tinha de retornar batendo nas portas com uma calma insistência de mendiga. Sofria em silêncio quando o braseiro, nos dias de verão, aumentava o calor ou a água gelada do inverno endurecia as suas mãos (GAMBARO, 2010, p. 18, 19, 20).

A única coisa que acalma e comunica felicidade é o grande amor que Agostino sente por sua filha:

A menina, com suas perguntas animadas em conversa de criança, a graça de seus gestos, compensava os seus problemas e ele a adorava. [...] Aos quatro anos enfatizava a semelhança de Natalia com seu pai, as mesmas características, a mesma cor verde dos olhos. [...] Balançando-a para frente e para trás, apertada contra seu peito, sussurrava em seu ouvido: meu pequeno barquinho e Natalia, apertando os olhos, com uma insistência incansável perguntava: o que eu sou? Meu pequeno barquinho, sussurrava Agostino (GAMBARO, 2010, p. 20, 21).

O terno quadro da relação entre pai e filha é abruptamente interrompido pela chegada dos irmãos da esposa de Agostino, que o tiram do país sem nenhuma chance de ele se despedir de sua filha. Ele tem como única recordação a foto da menina, feita aos três anos de idade. Sua recordação seria, para o resto

de sua vida, marcada pela culpa e pela dor do abandono. Isso, por um lado, e a sensação de peso pela separação forçada, por outro, são as emoções que marcam a vida da criança e a do pai até o último dia de vida:

Na sala de jantar, ele colocou o pequeno retrato encostado na parede, sobre a saliência da lareira. Com um dedo guiado por costume, seguiu o contorno da face de Natalia. Ele lembrou: meu pequeno barco, [...] se aproximou da saliência da lareira onde estava apoiado o modesto retrato de Natalia, uma menina de pé sobre uma almofada. Nunca o levantava e tampouco o fez desta vez. Olhou-a com os olhos turvos pela febre, alertou que o meio sorriso de Natalia era o mesmo que anunciava sua expectativa pelos jogos secretos que tinham compartilhado. Como o seu barco havia atravessado uma tempestade, no retrato desbotado estavam apagadas a inveja e o ressentimento. Era uma menina, visivelmente orgulhosa de ser fotografada com sua saia escura e sua blusa de colarinho branco. Apenas uma criança abandonada, como poderia sorrir com esse orgulho? Aquele sorriso, o fez sentir ofendido e não disposto a perdoar-se, ele o havia cancelado como um golpe de infância de Natalia e, por isso, certamente, tinha feito tantas coisas que para ela eram importantes e que ele não tinha considerado, como se o sofrimento de uma menina fosse inferior naquele pequeno coração. Esquecerá logo, se tinha falado atendo-se ao que ele sentia – indignação e pena – quando Cesar e Renato tinham imposto uma separação que depois nunca tentou mitigar. Essa expectativa de Natalia pelos jogos secretos que tinham compartilhado devia esvaziar-se abrupta, inexplicavelmente, substituída por lágrimas e perguntas para as quais não havia resposta. A única resposta teria sido o seu retorno. E ele estava na ilha, ligado por outros laços e morreria na ilha (GAMBARO, 2010, p. 30, 74).

A narração se alterna entre episódios aqui e ali. Por um lado, a Itália com a família de Agostino que aumenta com o nascimento do filho Giovanni e melhora economicamente, por outro, Natalia e Luisa, a qual depois de alguns anos conhece um calabrês de cabelo encaracolado e pele escura, chamado Domenico Russo e se casa com ele, união da qual nasce Isabel, chamada Isabella, e Agustina, que morre dentro de poucos anos por desnutrição.

Essa família vive apenas do trabalho duro de Luisa, sempre

com a roupa nos tanques coletivos, a tábua de passar e as entregas. Domenico não encontra, ou melhor, não quer encontrar um trabalho, e passa a ser um fardo, por isso Natalia o põe para fora de casa com uma antiga força derivada do abandono do pai: “Domenico olhou-a com seus olhos escuros: – Eu sou o pai – balbuciou. Natalia encolheu os ombros. Sabia quem eram os pais. E a recordação de Agostino aumentou a sua ira” (GAMBARO, 2010, p. 64). Pobreza, desamparo, solidão marcam a existência das mulheres na Argentina, local principal da narrativa.

A emoção causada pela morte de Agostino, porém, provoca em Natalia um retorno a sua italianidade:

Em seu interior se misturavam o italiano e o castelhano que falava cada vez mais, mas agora seus pensamentos discorriam, inteiramente, em italiano como se houvesse regressado ao país de infância, rodeada, unicamente, pelo idioma escutado no momento do nascimento (GAMBARO, 2010, p. 84).

Com o novo trabalho de Giovanni, como garçom em um navio com destino a Buenos Aires, a relação entre os dois países e as duas famílias é restaurada. Essa narração familiar termina com o encontro das duas partes desconhecidas uma pela outra, separados pelo mar que as divide e ao mesmo tempo as reúne.

O LEGADO DAS MULHERES: A MEMÓRIA

Há um pano de fundo que está relacionado com a história e que remete ao anarquismo, movimentos grevistas, violência política, peronismo, fascismo. Mais uma vez, ao centro do interesse da autora, encontra-se essa “poética dos pobres”, que caracteriza o seu teatro, marcada pela crítica em várias ocasiões, onde personagens marginalizados e impotentes expressam uma perda de posses por meio de uma carga de emoção que envolve o leitor/espectador.

O importante, no entanto, é a essência da memória, indefinida e sempre presente. Os personagens que preservam a memória do passado e defendem a identidade da família são, em grande parte, as mulheres (D'ANGELO, 2011). Estas vivem uma evidente evolução que vai de Luisa, vítima, estrangeira e impotente, à Natalia, que se liberta do modelo materno para crescer forte e dura. O meio-irmão se lembra dela como “[...] uma mulher enérgica e alerta, com aquele olhar nos olhos verdes” (GAMBARO, 2010, p.

135). É uma protagonista que governa a vida e os destinos de sua família e, apesar das dificuldades da vida cotidiana, da pobreza, consegue melhorar-se e melhorá-la; a chegada da máquina de costurar Singer é o evento que muda a sua vida; esse evento é tratado com uma delicadeza extraordinária que transforma a profunda angústia do casebre da miserável casa de pensão:

Quando apareceu no quarto a máquina nova Singer, com duas gavetas nas laterais, esmaltada de preto, acreditaram-se ricas, afastada a miséria. Retiraram as madeiras da embalagem e sentaram-se em frente à máquina em uma contemplação feliz. Luisa sorriu, pegou a mão de Natalia e apertou-a com força (GAMBARO, 2010, p. 51-52).

Trata-se de uma mulher dominante pertencente ao universo da nona protagonista de *Santo Ofício de la memória de Giardinelli*.

A história dessas vidas acontece através dos olhos de uma menina que copia os traços alheios – os cabelos enrolados, o rosto opaco de um avô que foi forçado ao abandono – e que tenta responder ao mistério da origem, apresentando uma série de memórias alheias. Na conclusão se explicam essas razões e se comenta que:

A mais nova das filhas de Isabella, a qual tinha o rosto opaco e os cabelos encaracolados como o avô, escutou sentada à mesa, ocupando um lugar entre seu irmão e seu primo, o filho de Natalia. Nestas conversas dos maiores ela nunca interveio. Guardou a lembrança de Natalia, de Giovanni e o que lhe contou sua mãe, Isabella, de odiada e terna mansidão, muitos anos mais tarde esqueceu esta história apenas inventada, que termina quando cessam as vozes depois de haver falado. (GAMBARO, 2010, p. 138).

Trata-se da neta do segundo marido de Luisa, e da mesma Luisa, sobrinha de Natalia. Ela, da Argentina, representa o personagem, cuja existência constitui o nexo da ligação com a Itália. Sua escrita apela à memória coletiva fornecida pela memória dos outros, por meio do relato oral, ou seja, de “uma memória viva” que, às vezes, não coincide com a história oficial. Sua experiência individual se constrói a partir de uma participação num grupo e sobre a base dos conhecimentos recebidos pelos outros. A experiência vivida é lembrada, mantida interiormente. Uma memória que alimenta uma identidade que se deve decifrar, interpretar, construir e dar-lhe

um significado. A memória é, por conseguinte, componente essencial na identidade da pessoa e em sua integração na sociedade.

Como diz María Catarina Chitolina Zanini, (2011, p. 72), trata-se de uma produção que testemunha os trânsitos entre identidades e produtos literários por intermédio de uma leitura do passado elaborada no presente da escrita, expressão de subjetividades:

leituras possíveis encaminhadas pelos agenciamentos de sentido dos descendentes no tempo/espço no qual estão inseridos contemporaneamente. Herdeiros de uma tradição mais voltada para o grupo do que para os projetos individuais, alguns destes relatos apresentam o que denomino de discursividade “filho de”, em que os indivíduos compreendem a si mesmos e querem ser situados partindo de sua posição familiar e/ou grupal.

Fala-se de indivíduos pertencentes a um lá e a um cá e que, de alguma forma, compartilham a experiência relacionada com a migração; e esta menina sem nome é o resultado dessa experiência de conflitos e encontros que hoje pertence à própria identidade do país.

Em *El mar que nos trajo*, está presente o testemunho dessas pessoas que, montadas no palco dum exílio impulsionado pela fome, chegaram a uma porta que agora é apenas um novo vivente, mas, também, como diz a epígrafe do poeta Salvatore Quasimodo, escolhido por Gambaro, “[...] um murmúrio de mar / um eco de memória” (GAMBARO, 2010, p.11). *El mar que nos trajo* é uma história de destinos cruzados em que a diáspora italiana na Argentina é descrita a partir da perspectiva de algumas mulheres que viram no mar a fonte de sobrevivência e, ao mesmo tempo, de abandono e de perigo.

Elas contribuem para a realização de um processo de transculturação a partir do qual surge e se desenvolve um fenômeno de hibridação e de integração entre a cultura de quem chegava e a de quem já estava, e entre as vertentes vernáculas e as exógenas que dão lugar à formação da nação crioula. A esse respeito, Mabel Moraña (2004, p, 10) acrescenta que:

Os resultados que derivam do processo de implantação e adaptação de modelos metropolitanos na América não podem ser entendidos sem uma captação maior dos problemas que acompanham a experiência de migração e fixação de contingentes europeus [...] em

solo americano, e do modo em que as práticas socioculturais desses setores afetam a – e são afetados – pela população nativa, indígena e crioula, em diversos níveis de inter-relação política e social.

A nova onda de romances sobre a imigração indica um desejo de voltar a pensar no passado migratório para refletir, depois dos terríveis anos do processo, acerca da recuperação dum passado em que os imigrantes italianos desempenharam um papel fundamental. As declarações de Griselda Gambaro a esse propósito coincidem com as de outro escritor, Mempo Giardinelli. A primeira, em uma entrevista a María Malusardi, afirma que:

Eu creio que a partir de todas as dificuldades e as catástrofes que nós aconteceram, isso seria uma espécie de reconhecimento de nós mesmos. Parece-me que nunca saíram tantos livros de nossa história, a mais próxima e a mais distante, porque há muita necessidade de verdade ao lado de tanta hipocrisia [...] é um sinal de crescimento na sociedade e é dar ao imigrante cada vez mais esse valor que tem tido e que nunca foi colocado em relevo como correspondia (MALUSARDI, [s.d.]).

Enquanto o segundo explica as razões que o levou a escrever *Santo Ofício de la memoria*:

O que me preocupava não era tanto ver o que acontecia, mas de onde vínhamos. De onde vinha a sociedade argentina para estar aplaudindo a Galtieri na praça, evento que não aparece e nem existe no romance, mas é o que de alguma forma dominou a parte anterior. Ao mesmo tempo, era uma espécie de prospectiva, de pensar onde estávamos indo. Enquanto se revolia toda uma questão cultural, de pertinência, eu sou filho de imigrantes, somos um país de aluvião e, de repente, percebi, depois de ler material sobre a história das Malvinas, de que havia uma série de eventos que na história da Argentina vinham-se cruzando e que eu queria de alguma maneira romanceá-los. Eu não sou um ensaísta, eu não sou um filósofo e nem um pensador, sou somente um escritor, um ficcionista, um cara que tem algumas ideias da realidade e a mistura com um pouco de imaginação e faz um coquetel meio bastardo e resulta literatura (NAVARETTE GONZÁLES, [s.d.]).

As duas declarações indicam a necessidade de se repensar a história nacional argentina a partir da criação dinâmica de uma identidade profundamente ferida pelos anos da ditadura. Gambaro e Giardinelli provam, também, a capacidade de o país aceitar a experiência de outras culturas e de contribuir para o enriquecimento de uma expressão concreta, de uma sociedade possível graças a um encontro de culturas extraordinário.

Trata-se de uma rede de relacionamentos que uma vez mais afirma uma identidade em contínuo processo de formação, contraditória, ambígua e oscilante. Visto que, como diz Mabel Moraña (2004, p. 36):

Entre os temas mais recorrentes acrescentados nos “Pliegues del canon” o da representação da identidade é, talvez, até hoje em dia, um dos mais quentes e abundantes. [...] Conceitos como subjetividade, alteridade, diferença, memória coletiva, hibridismo, heterogeneidade, etc., abriram o caminho para uma compreensão mais fluida e envolvente do tecido social e de seus processos de simbolização.

A memória que geralmente faz recordar acontecimentos, frequentemente ausentes na história, ajuda na formação da identidade, sendo ingrediente essencial na construção da personalidade tal e qual se manifesta na voz narrativa de *El mar que nos trajo*. Os corpos sem voz das mulheres que viajaram para a Argentina no final do século XIX e início do século seguinte, falam por meio da voz dessa jovem, que pertence a uma época e a uma história distinta e, ao mesmo tempo, fortemente relacionada com esse passado.

REFERÊNCIAS

ARMUS, Diego. Prólogo. In: *Manual del emigrante italiano. Traducción*, seleção e prólogo de Diego Armus. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1983.

AZZI, María Susana. *Antropología del tango*. Los protagonistas. Buenos Aires: Ed. Olavarría, 1991.

_____. *Su visión de Argentina y el tango*. Disponível em: <www.

tangoytangos.co>. Acesso em: 14 mar. 2010.

ARGENTINA (Constitución), 1994. Disponível em: <www.senado.gov.ar>. Acesso em: 13 nov. 2012.

D'ANGELO, Maria Carmela. *L'Italia e gli italiani nella narrativa di Griselda Gambaro*. In: DE JONGE, Bob; ZIDARIĆ, Walter (coordenadores). *L'Italie et l'Amérique Latine: Migrations, Échanges, Influences, Interferences*. Nantes: Editions du Crini, 2011, p. 104-114.

GLISSANT, Édouard, *Introducción a una poética de lo diverso*. Barcelona: Ediciones del Bronce, 2002.

GAMBARO, Griselda. *L'América: el sueño en italiano*. *Clarín* (20 de julho de 2002) Disponível em: <edam.Clarin.com/suplemento/cultura/2002/07/20>. Acesso em: 13 nov. 2012.

_____. *El mar que nos trajo*. Buenos Aires: La otra orilla, 2010.

GARCIA CANCLINI, Néstor. *Culturas híbridas*. Estrategias para entrar y salir de la modernidad. Buenos Aires: Paidós, 2001.

MALUSARDI, María. *Un eco de la memoria*. Histórias con inmigrantes. www.Elarcaimpresa.com.ar/inmigrantes.htm. Acesso em: 13 nov.2012.

MIAMPIKA, Landry-Wilfrid et alii. (Org.). *Migraciones y mutaciones interculturales en España*. Alcalá: UAH, 2007.

MISTRAL, Gabriela. *Discurso de Gabriel Mistral ante la Academia Sueca al recibir el Premio Nobel de Literatura el 12 de diciembre de 1945*. Disponível em: <www.letras.s5.com/Mistral>. Acesso em: 13 nov. 2012.

MORAÑA, Mabel. “Los pliegues del canon” y la deconstrucción culturalista. In: *Crítica impura*. Madrid, Frankfurt am Main: Iberoamericana, Vervuert, 2004.

NAVARRETE GONZÁLES, Carolina Andrea. *La meta-narratividad en Santo oficio de la memoria, de Mempo Giardinelli*.

Disponível em: <<http://www.margencero.com/articulos/meta-narrativa/metanarrativa.htm>>. Acesso em: 13 nov. 2012.

ORTIZ, Fernando. *Contrapunteo cubano del tabaco y del azúcar*. Madrid: Cátedra, 2002.

REGAZZONI, Susanna “Presenza italiana nel teatro rio-platense: del Juan Moreira”, em AA. VV., *Il patrimonio musicale europeo e le migrazioni*, Veneza, Universidade Ca’ Foscari, 2004, p. 39-44.

ZANINI Maria Catarina Chitolina. Escrita afirmativa: Reflexões sobre a produção literária elaborada por descendentes de imigrantes italianos no Rio Grande do Sul. *Travessia* (São Paulo), v. 27, p. 69-78, 2011.

SUGESTÕES DE LEITURAS

CLEMENTI, Hebe. *La década del veinte y las luces ideológicas*. Una síntesis interpretativa de coincidencias y disparidades. Disponível em: <juanfilloy.bib.unrc.edu.ar/CLEMENTI>. Acesso em: 13 nov. 2012.

CLEMENTI, Hebe et al. (Ed.). *Yo italiana*. Histórias de vida de mujeres inmigrantes. Montevideo: Patrimonio Inca/Cgil. 1993.

FAVARETTO, Silvia. *Italiane emigrate in Argentina, tra rischio e attesa*, [www. Bottegascripatement.it](http://www.Bottegascripatement.it). Acesso em: 13 nov. 2012.

ESCRITORAS DA MIGRAÇÃO, NA ITÁLIA E DA ITÁLIA*

Ricciarda Ricorda
Universidade Ca' Foscari de Veneza

Primeiramente, gostaria de dizer algumas palavras para apresentar o Arquivo Escrituras e Escritoras Migrantes da Ca' Foscari, que tenho o prazer de coordenar, junto com alguns colegas. A iniciativa nasceu da necessidade de redefinir e de afrontar, com uma nova consciência, um contexto que se tem tornado gradualmente multicultural; e nasceu também da intenção de participar daquelas “[...] práticas críticas de ação transcultural entre os conhecimentos contemporâneos”, as quais convidam as primeiras linhas do *Manifesto transcultural* recentemente proposto pelo estudioso de maior autoridade na literatura de migração na Itália, Armando Gnisci (2011, s/p). Parece-nos que em nossa universidade tem sido reconhecida uma centralidade tal às línguas e às literaturas estrangeiras, ao ponto de solicitar um empenho e uma atividade nesse campo, o que de outra forma nos parecia em plena sintonia com a vocação de Veneza aos “cruzamentos das civilizações”, em função dos cruzamentos dos conhecimentos.

Nesse contexto, optamos pela escolha da ótica do gênero, bem como, é claro, pela convicção de cada um de nós de que a escrita das mulheres deve ter todo o espaço e toda a atenção que merece, mesmo que por uma razão específica, por assim dizer. O projeto do Arquivo foi concebido e fortemente apoiado pelo Comitê para a Igualdade de Oportunidades, na pessoa das colegas que o presidiram nos últimos anos, Susanna Regazzoni e Giuliana Giusti, e decidiram dedicar uma parte de seu modesto orçamento para um centro de estudos sobre os escritos migrantes, com a intenção de trabalhar sobre dois lados da imigração, mas, também, da emigração que envolveu fortemente também a saída de italianos, até poucas décadas atrás.

Além disso, um adicional e mais substancial motivo nos levou a privilegiar os escritos femininos: a sua abundância e fecundidade. Os dados do mais recente boletim “Basili”, o Banco de Dados dos Escritores Imigrantes em Língua Italiana da Universi-

* Tradução de Tânia Scatambulo Nerone.

dade de Roma, “La Sapienza”, falam de uma presença dominante do sexo feminino, dentro dos autores pesquisados. No início de 2012, a porcentagem de mulheres escritoras situava-se nos 56,2% (SENETTE, 2012). A excepcional razão de tal fato salienta que isso significa “[...] um valor excepcional, cultural e existencial da criatividade e do empreendimento intelectual feminino migrante, que não tem igual nem mesmo nas mais ‘avançadas’ civilizações literárias nacionais europeias” (GNISCI, 2009, p. 68)⁴. De outro modo, ao lado dos dados estatísticos, merece ser mencionada também a crescente maturidade crítica das escritoras, o valor de excelência alcançado por algumas delas.

As mulheres migrantes, no entanto, não apenas escrevem mais do que os homens, mas leem mais do que as italianas: 53% leem até cinco livros por ano, mas 16% chegam a devorar mais de 20 e a maioria lê em italiano, também por causa da dificuldade de encontrar textos na própria língua materna, como resulta de uma pesquisa realizada no Outono de 2010 pela província de Roma⁵. Leem, principalmente, narrativas (22%), as quais seguem com igual mérito a poesia (17%) e os romances “água com açúcar” (17%), e, então, os ensaios (16%), os romances policiais (14%), os livros religiosos (6%). Principalmente, leem em casa (53%) ou nos meios de transporte públicos (20%). Frequentam as livrarias, mas a maioria pega livros de amigos (23%) ou de empregadores (10%) (POLCHI, 2010): a biblioteca pode, então, tornar-se um lugar de encontro; os livros, um lugar onde podem encontrar-se, virtualmente, compartilhando uma norma linguística⁶.

Havíamos inaugurado o Arquivo Escrituras e Escritoras Migrantes em março de 2011, em um dia que nós continuamos a pensar com prazer, seja porque significou o início de um projeto sobre o qual trabalhávamos havia um longo tempo, seja pelo interesse que despertou; está localizado, atualmente, na Biblioteca de Ca’ Foscari, localizada no endereço ZATTERE, DORSODURO, 1395⁷.

4 Para concluir: «Creio também que do ponto de vista socioantropológico a situação tenha um valor inovativo e digno de aprofundamentos e estudos» (GNISCI, 2009, p. 68).

5 O estudo foi conduzido em colaboração com as associações NoDi e Lipa sobre 100 imigrantes entre camareiras, assistentes e baby sitter.

6 Esse argumento é de grande interesse e começa a ser questionado com atenção, como demonstra o seminário «Migrantes e bibliotecas públicas: entre novos argumentos, práticas de leitura e estratégias de serviço» (PRATO, 19 nov. 2012).

7 Mais informações se encontram no site do Archivo: http://www.unive.it/nqcontent.cfm?a_id=142302.

No momento, estamos aumentando a coleção de livros e temos a intenção de fazê-lo crescer o máximo possível, enriquecendo-o também com diferentes materiais: documentários, materiais multimídia etc.; nós gostaríamos de conseguir organizar um seminário anual de reflexão e coleta de informações e de dados, que nos consentisse o confronto com outras experiências e o aprofundamento de nossas competências. Ficaremos felizes em receber sugestões, ideias, propostas de qualquer um que nos possa fornecê-las; e esperamos conseguir fazer crescer o Arquivo e torná-lo um serviço o mais útil possível.

De minha parte, eu sou uma italianista, assim não posso fazer outra coisa que me ocupar de literatura e, especificamente, em língua italiana. Eu gosto sempre de lembrar que a obra literária é um fator poderoso e composição fundamental que resulta de mediação. Eu uso esse termo para explicar que a literatura é feita de cruzamentos, empréstimos, enredos, e assim poderia ser bem definida com a categoria do “contraponto” usada por Said para reler a história da cultura, na qual, segundo disse o estudioso, nos encontramos em frente de

identidades culturais entendidas não como essências dadas [...], mas como um conjunto de contrapontos, porque acontece que nenhuma identidade poderá jamais existir por si mesma e sem uma série de opostos, negações e oposições: os gregos sempre precisaram dos bárbaros, como os europeus dos africanos, dos orientais e assim por diante (SAID, 1998, p. 77).

O conceito de mediação literária deve ser entendido, portanto, não no sentido de “[...] coexistência pacífica dos opostos, uma terra de ninguém onde eles se alinham privados de uma ordem hierárquica, palavras e pensamentos”, ao contrário, enquanto “[...] espaço de conflito entre diferentes tradições, entre múltiplos horizontes de sentido, entre escolhas de caráter artístico, moral, político” (SANTARONE, 2005, p. 14).

O texto literário se presta, então, a atuar como uma “ponte” entre os diferentes países e favorecer a compreensão e a interação mútuas, mas é necessário ter bem presente o segundo aspecto inerente ao conceito de “mediação” literária: a palavra, no texto literário, passa através de múltiplos filtros – estilístico, estético, histórico, ideológico, vive na relação entre tradição e inovação; e é portadora de uma alteridade própria que em si tem um valor de

conhecimento. A literatura é um campo crítico, capaz de colher contradições e aporias, mas graças à sua especificidade (plurissignificativa, capacidade de falar a um público ao longo do tempo) é portadora de uma alteridade a ser protegida.

No campo dos escritos migratórios, a literatura italiana tem uma especificidade própria, porque a Itália, por um lado, não teve vastos domínios coloniais como a Inglaterra ou a Espanha, mas só tentativas tardias e experiências de curta duração, por outro, no entanto, não é imune aos condicionamentos e aos estereótipos que circulam na cultura europeia e, de forma mais ampla, ocidental, de que é parte integrante. Também permite acompanhar o fenômeno migratório nas duas direções: a emigração italiana, de um lado, e a imigração na Itália, do outro. Em ambas as direções, a contribuição da escrita das mulheres – como se mencionou – e a ótica dos estudos de gênero resultam centrais. Nesse contexto, é muito significativo que recentemente esteja retornada uma narração da emigração italiana entre os séculos XIX e XX, revista, considerando especificamente os fenômenos migratórios dos nossos dias. A retroatividade dos eventos narrados, dessa forma, não ofusca por nada a ligação com o presente, ao invés disso oferece um novo espaço de discussão, em cuja função de “contraponto” resulta, particularmente, ativa.

Isso se pode verificar com uma exemplificação concisa, que toque ambos os campos, permitindo também evidenciar a estreita ligação. É o que acontece nos romances de duas escritoras contemporâneas: *Oltremare* (2004), de Mariangela Sedda, e *Argentina* (2009), de Renata Mambelli⁸, sobre os quais Silvia Camilotti (2011, p. 207) justamente chamou a atenção, destacando como a adoção de uma perspectiva antiga permanecida nas sombras como aquela feminina que permite às duas autoras, por um lado, repensar “[...] a representação, acriticamente, positiva da emigração italiana do passado, exaltada, frequentemente, para destacar a diferença com a imigração de hoje na Itália” e, por outro, “[...] dismantelar

⁸ A escolha do destino, em ambos os romances, não é obviamente casual: Buenos Aires e a Argentina, como se sabe, representavam uma das metas mais comuns entre os emigrantes italianos que, entre os anos 80 do século XIX e os anos 20 do século XX, constituíam a maioria dos imigrantes naquele país. Sedda, em um segundo volume de alguns anos mais tarde, *Vincendo l'ombra* (2009), retomou com a história das duas irmãs, prolongando sua narração até a segunda guerra mundial.

uma série de estereótipos sobre as mulheres, valorizando as suas desenvolturas e força de vontade”.

Os personagens principais de *Oltremare e Argentina* oferecem, de fato, uma visão nada estereotipada das mulheres, salientando, sem retórica, o seu protagonismo e a importância da relação de apoio mútuo entre as mulheres, que nos contextos de dificuldades descritos apoiam-se umas as outras sem reservas.

Na *Argentina*, o romance de Renata Mambelli⁹, a protagonista, Assunta, 50 anos, *marchigiana*, nascida na região de Marcas, que se tornou viúva, passa os dias sempre iguais em frente à lareira, até que decide, corajosamente, “[...] abrir uma passagem que a leve para longe”; e “[...] quanto mais pensa sobre isto, mais aquela passagem se abre, lentamente, em direção à outra vida do outro lado do mundo” (MAMBELLI, 2009, p. 8). O outro lado do mundo é para ela a Argentina, Buenos Aires, para onde os seus dois filhos se foram quando eram jovens e onde desapareceram sem dar mais notícias de si mesmos havia mais de dez anos.

Rapidamente, organiza a sua partida sozinha, sem contar aos filhos de sua chegada. Já durante a viagem de trem em direção ao embarque, conhece Amália, também viúva, mas muito mais jovem que ela, indo para Buenos Aires, onde uma irmã, que gerencia com o próprio marido um restaurante, está disposta a ficar com ela. Ambas têm medo do mar, mas quando chegam à orla do mar, a sensação é diferente, não desperta medo nelas, pelo contrário, “[...] dá vontade de partir, de ir: é uma saída, uma porta” (MAMBELLI, 2009, p. 13). Assunta, por sua vez, em frente àquele mar, percebe, de repente, “[...] que não é pelos filhos que quer ir a Buenos Aires: é por si mesma”. Ela quer conhecer algo de novo, que sabe esperar do outro lado do mar; está pronta também a arriscar que desse algo novo ela possa absolutamente não gostar.

Desse ponto de vista, a escolha de partir é caracterizada por Assunta como um ato de consciência de si mesma e do próprio destino, também por meio da investigação de sua relação com aqueles filhos que somente quando eram pequenos, muito pequenos, ela os havia sentido como parte de si mesma (“[...] ela e eles eram um corpo em três: o cheiro era o mesmo, a pele tinha a mesma cor”), enquanto pouco a pouco cresciam, tornavam-se

⁹ Renata Mambelli, nascida em Ancona, há anos mudou-se para Roma, onde é jornalista na redação do «Repubblica»; é uma viajante apaixonada: visitou várias vezes, em suas viagens redor do mundo, a Argentina, a Patagônia e a Terra do Fogo.

estranhos para ela com “[...] alguma coisa de duro no olhar, no gesto” (MAMBELLI, 2009, p. 17).

A descoberta que espera a mulher é enorme: os filhos estão nos trabalhos forçados no cárcere de Ushuaia, para pagar a pena por terem matado cinco homens, clientes da oficina deles; a trágica realidade é revelada já durante a viagem, por Eugenio, migrante forçado, fugindo da Itália fascista; as duas notas em que vem declinada a narrativa a partir desse ponto são, de um lado, a angústia de Assunta que, na busca dos filhos, parece ser dominada pela necessidade de entender como eles puderam chegar a tal degradação e onde ela havia errado no seu papel de mãe, e, de outro, a solidariedade que a rodeia e que, manifestada por vários personagens, sobretudo, por Eugenio, é, porém, particularmente, forte da parte de Amália, capaz de assumir um papel protetor, de “tomar conta”. A *quête* de Assunta será concluída com a localização dos filhos, mas não com a retomada das relações com eles, que se recusam encontrá-la. A ela não restará outra coisa que esperar, a cada manhã e a cada noite, a passagem deles no trem dos prisioneiros.

O romance, que adota permanentemente, como tempo de narração, o presente, com o resultado de dar ao leitor a impressão de estar dentro dos acontecimentos, toca, com conhecimento de causa, muitas problemáticas relacionadas à emigração – problemas de integração, lutas sociais e de classe, eventos de vários sinais, caracterizados também pela pobreza e pelo fracasso; de modo especial, é interessante destacar aqui, por um lado, a capacidade de a autora “[...] esboçar uma imagem multifacetada da emigração italiana, aumentando a sensibilização [...] da repetição de alguns mecanismos vividos, ontem como hoje, dos migrantes de todo o mundo”, para usar ainda as palavras de Silvia Camilotti (2011, p. 213), e, por outro lado, o espírito de iniciativa das mulheres, o papel nada secundário nem pouco reconhecido por elas desenvolvido e a importância da solidariedade, do apoio mútuo.

Também *Oltremare*, de Mariangela Sedda¹⁰, conta uma história de emigração, da Sardenha para Buenos Aires, por intermédio das cartas que troca duas irmãs num período de tempo compreendido entre maio de 1913 e fevereiro 1928. Graça, a mais velha, partiu para se encontrar com o marido Vincenzo, enquanto An-

10 Mariangela Sedda vive em Cagliari: ex-professora, autora de peças de teatro, ensaios e histórias.

tonia não pôde segui-la porque sofria de epilepsia. As cartas das duas mulheres lançam luz, seja sobre a vida da cidadezinha do interior sardo de partida, Olai, seja sobre a realidade da emigração nas primeiras décadas do século XX. Também Sedda é minuciosa na reconstrução histórica e fornece uma representação confiável da vida coletiva. Muitos são os personagens, o que lhe permitem elaborar um quadro detalhado da situação em ambas as dimensões geográficas. No centro do romance, rico de personagens e eventos, aparecem figuras de mulheres, Grazia e Antonia naturalmente, mas também, a patroa para quem trabalha a primeira e a professora do lugar, grande amiga e “defensora” da mais nova: ambas caridosas. E estas últimas detêm por um período a palavra, por causa de problemas de saúde que forçaram as duas irmãs a recorrer à sua ajuda e dar-lhes a pena, por assim dizer, para manterem contatos.

As protagonistas realizam, no desenrolar da história, uma dolorosa jornada de crescimento: Grazia tem um casamento feliz, três filhos que nascem argentinos e crescem bem, uma reconhecida capacidade para o trabalho – “[...] Agora comando todas as empregadas domésticas e me parece uma brincadeira, pensando nos trabalhos que fazíamos em outros lugares para ganhar a vida” (SEDDA, 2004, p. 87) –, as boas relações com a comunidade italiana local, uma forte relação com Antonia. A sua vida, no entanto, não é, por isso, menos difícil, por causa da ausência do marido, que trabalha em uma estância distante, e do compromisso constante do serviço – “[...] mesmo se estou em uma grande cidade que é como a nossa ilha inteira, sou como uma prisioneira em uma bela prisão. A vida para mim está no interior dos muros da vila” (SEDDA, 2004, p. 136) –, a assistência às crianças, com o pensamento em Antonia que ficou sozinha após a morte de sua mãe, a dúvida de não poder revê-la novamente, enfim, o desenrolar da história segue, primeiro com a eclosão da Grande Guerra e a propaganda nacionalista que chega até a Argentina, em seguida, com a ascensão do fascismo.

No entanto, para elas não há dúvida de que a migração também se qualifica como uma oportunidade para a aquisição de conhecimento e reconhecimento de si, processos que, na verdade, cumpre também Antonia que, enquanto permanece ancorada ao seu lugar de origem, encontra a sua própria autossuficiência, conquista um espaço de trabalho, vive livremente um amor “proibido” com um prisioneiro austríaco – evento desti-

nado a terminar, tragicamente, mas não menos importante para a afirmação de sua personalidade.

O resultado é, mesmo nesse romance, um retrato detalhado da realidade da emigração, privado de retórica, onde a importância da presença e do papel das mulheres deve ser colocada em evidência. Também interessantes são as escolhas linguísticas, abertas para a contaminação do dialeto sardo e do espanhol, com efeitos curiosos de hibridização:

Demetrio, o bebê da casa, é alegre, está aprendendo a andar e a falar algumas palavras. Mistura todas as línguas da nossa família, porque de dia eles falam italiano e à noite os cantos anninnias em sardo e Antonietta e Gavino falam em espanhol e italiano. Ele entende tudo (SEDDA, 2004, p. 97).

O risco temido é, pois, aquele de perder a língua materna, como Grazia receia que aconteça a ela, quanto mais mergulha no novo mundo (SEDDA, 2004, p. 69), ou ao seu irmão Francesco, que “[...] se tornou como um daqui também no falar, está esquecendo a nossa língua e da boca lhe saem poucas palavras malfaladas” (SEDDA, 2004, p. 122), risco que, no entanto, parece ser evitado, porque no final quem domina mais é a figura de Antonietta, filha de Grazia, que “[...] é uma beleza vê-la falando e escrevendo em italiano e espanhol, de forma rápida em ambas” (SEDDA, 2004, p. 114), e, assim, o enriquecimento que a contaminação linguística implica.

Sedda obtém, com essas referências à linguagem híbrida dos emigrantes, um aspecto central na experiência da migração: confirmam-no a reflexão e a pesquisa que ao plano linguístico dedicam também muitas escritoras que se destacam no campo da literatura da migração na Itália. A esse propósito, é de se notar que em sentido próprio se pode falar da literatura de imigração em língua italiana há pouco mais de 20 anos, que é a partir do início dos anos noventa. Espécie de “nascimento”, a saída de dois volumes a quatro mãos, em 1990, *Immigrato*, de Salah Methnani e Mario Fortunato e, no mesmo ano, *Io venditore di elefanti de Pap Khouma* e Oreste Pivetta.

A colaboração dos autores com os dois jornalistas levou à criação de um processo dinâmico, intercultural, embora não seja totalmente livre de riscos quanto à possível sobreposição de formas e de escolhas linguísticas. No entanto, é significativo que os

imigrantes na Itália, que decidiram falar da própria experiência por meio da escrita, resolveram fazê-lo em italiano, que também chegava para eles depois da língua materna e depois da colonização (CAMIOTTI; ZANGRANDO, 2010, p 12-13)¹¹.

Parece comum a aspiração de dirigir-se à sociedade em que os autores residem, mostrar como está mudando, oferecendo aos leitores uma ocasião de se verem espelhados nos olhos dos outros e de refletir, adotando uma perspectiva eficaz para criar consciência sobre a realidade da imigração na Itália, a fim de empreender um percurso de emancipação e reconhecimento.

Verificavam-se sempre mais numerosas as presenças femininas, pois é amplo o âmbito dos países de origem. Para limitar-me a alguns nomes, lembro-me de Laila Wadia, de origem indiana, transferida para Trieste; Gabriella Kuruvilla, nascida em Milão, de pai indiano; Ingy Mubiayi, do Cairo, mudou-se para Roma com sua família aos quatro anos, um pequeno grupo de autoras pós-coloniais; Erminia Dell’Oro, de Asmara; Cristina Ubax Ali Farah, ítalo-somaliana; Gabriella Ghermandi, de pai italiano e mãe ítalo-eritrea; Igiaba Scego, nascida na Itália de pais somalianos. Ainda são numerosas as escritoras provenientes da área balcânica e da Albânia, como Anilda Ibrahimi, Ornella Vorpsi e a eslovaca Jarmila Očkayová¹².

No que diz respeito à América latina, um caso posso citar aqui, mas de particular interesse pela perspectiva de que estamos falando. Refiro-me à escritora Christiana de Caldas Brito, brasileira do Rio de Janeiro, uma das autoras mais importantes que chegou à Itália na década de oitenta, e desde a década de noventa se dedica, principalmente, à escrita. Publicou duas coleções de histórias curtas, *Amanda, Olinda, Azzura e as outras* (1998) e *Qui e là* (2004) e um romance, *500 Temporalis* (2006), que Armando Gnisci, como se lê na contracapa, definiu, com razão, “o primeiro romance brasileiro escrito em italiano”.

11 Na Alemanha, por exemplo, foi necessário que se passassem ao menos duas gerações para que os imigrantes (também italianos) escrevessem na língua do país em que viviam.

12 Algumas, como se pode notar, são de “segunda geração”; todas são autoras de romances e histórias, de que pode ser útil recordar os mais importantes: L. Wadia, *Amiche per la pelle*, E/O 2007; G. Kuruvilla, *Media chiara e noccioline*, *Derive Approdi* 2001; E. Dell’Oro, *Asmara addio*, Baldini e Castoldi 1997; C. Ubax Ali Farah, *Madre piccola*, Frassinelli 2007; G. Ghermandi, *Regina di fiori e di perle*, Donzelli 2007; I. Scego, *Oltre Babilonia*, Donzelli, 2008 e *La mia casa è dove sono*, Rizzoli 2010; A. Ibrahimi, *L’amore e gli stracci del tempo*, Einaudi 2009; O. Vorpsi, *Il paese dove non si muore mai*, Einaudi 2005; J. Očkayová, *L’essenziale è invisibile agli occhi*, Dalai 1997; e *Occhio a Pinocchio*, Cosmo Iannone 2006.

Dotada de uma sólida formação literária, adquirida seja sobre autores da pátria de origem, seja sobre italianos, e enriquecida também por um forte componente oral, em especial proveniente de histórias contadas por sua mãe e sua avó, coloca no centro de suas histórias e do romance figuras de mulheres. Como ela mesma disse, tem vontade de escrever também para dar voz às mulheres, quebrar o silêncio muitas vezes imposto a elas e exprimir o desconforto de quantas não têm os meios e a cultura para fazê-lo.

Para ela, a escrita se encara como uma ponte entre o passado e o presente, aqui e lá: ei-la agora a dar espaço a histórias de mulheres que procuram restituir “[...] um sentido à própria história, que sofreu um desvio no curso normal dos acontecimentos” (DE CALDAS BRITO, 2009, p. 211, 212); uma vida que se dá entre um antes e um depois, entre lugares e línguas diferentes. É, então, particularmente sensível à condição linguística dos migrantes, que descreve com precisão. No início, há “[...] um conflito entre palavras da língua de origem (cheias de emoções e memórias) e aquelas da nova língua (palavras desprovidas de envolvimento pessoal)»; se a nova língua apresenta alguns obstáculos, logo oferece, porém, também, novas ocasiões de criatividade, logo que as dificuldades são superadas.

Em algumas histórias, a escritora oferece um interessante “portuliano”, um italiano não gramatical e híbrido, que parece trair, na alma dos que a falam, o passado que ecoa através do surgimento do português: é o caso, por exemplo, em *Ana de Jesus*, em que a protagonista, a empregada Ana, expressa as contradições do bem-estar da Itália em que se encontra vivendo, a dificuldade de comunicação com um mundo que nem sequer respeita o seu nome:

Aqui eu não sei falar o meu nome. Quando eu digo Ana de Jesus, as pessoas me corrigem e dizem outro nome que não é o meu. Ana torna-se An-na, Jesus torna-se Gesù. Jesus, no entanto, soa molhado e doce como quando o vento toca a água do mar do meu país. E depois, minha mãe sempre me chamou de Ana (DE CALDAS BRITO, 2009, p. 223)

De grande interesse, para confirmar a continuidade que a literatura pode e deve destacar nos fenômenos migratórios, no tempo e no espaço (CAMILOTTI, 2011, p. 208) é o que tem acontecido com *500 Temporalì*, romance ambientado nas favelas do Rio, em 2000, quando o Brasil se preparava para festejar o ani-

versário de 500 anos de sua descoberta; inúmeros personagens de destino dramático, todos intensos e vivos.

A própria escritora refaz, na primeira edição da revista *Kuma&Transculturazione*, o caminho de ida e volta, por assim dizer, realizado por seu romance: escreveu-o em italiano para ser lida e compreendida onde vive, mas essa escolha não lhe permitiu se aproximar do público brasileiro; uma amiga de infância, triste por esse fato, colocou-a em contato com a diretora da editora *Mar de Ideas*, que promoveu a sua tradução, um trabalho de Roberta Barni, docente de língua e literatura italiana na Universidade de São Paulo, no Brasil.

Gostaria então, para concluir, de ceder a palavra à escritora, que lê tal processo como “[...] evento prolongado de transculturação em que uma imigrante brasileira publica na Itália um romance ambientado nas favelas do Rio de Janeiro escrito em italiano e este romance é traduzido em português, a sua língua, por uma italiana que vive no Brasil”:

Muitas vezes me perguntam se escrever em italiano e contar sobre o meu país em uma língua diferente que não a língua nativa me faz sentir culpada em relação a minha cultura. [...] Eu me senti à vontade em ter escrito um romance em italiano. Viver na Itália significa também viver em italiano. Eu escrevo em italiano, porque eu quero ser lida e entendida onde eu moro. [...] às vezes, deixei alguns termos em português, algumas formas típicas do falar carioca que ajudavam a caracterizar personagens e situações do romance. Quando vamos a um país desconhecido, cuja língua não falamos, nos vêm de encontro algumas palavras cujo significado é obscuro. Tais palavras comunicam um sentido de estranheza e apresentam também sonoramente o novo país. O mesmo acontece com as palavras deixadas em português no meu texto Italiano. [...] A língua é a veste que damos aos nossos pensamentos. Quanto mais idiomas usamos, mais profundamente conhecemos a realidade do mundo, não apenas de um ou dois países. (DE CALDAS BRITO, 2012, p. 255).

REFERÊNCIAS

CAMILOTTI, Silvia. Fili resistenti: voci femminili dell'oggi raccontano l'emigrazione delle donne di ieri. In: *World Wide Women. Globalizzazione, Generi, Linguaggi*, vol. 3 – Selected Papers. ed. T. Caponio et al. Torino: Cirsde, 2011: 207-215.

CAMILOTTI, Silvia; ZANGRANDO, Stefano. *Letteratura e migrazione in Italia*. Studi e dialoghi. Trento: Editrice UNI Service, 2010.

DE CALDAS BRITO, Christiana. *500 temporali*. Isernia: Cosmo Iannone, 2006.

_____. Le donne dei miei racconti. In: CAMILOTTI, Silvia (ed.). *Roba da donne. Emancipazione e scrittura nei percorsi di autrici dal mondo*. Roma: Mangrovia Edizioni, 2009: 211-251.

_____. 500 temporali in Brasile. In: *La rivista dell'Arte. Kuma & Transculturazione*. n. 1/marzo 2012: 252-255.

GNISCI, Armando. Chris. In: CAMILOTTI, Silvia (ed.). *Roba da donne. Emancipazione e scrittura nei percorsi di autrici dal mondo*. Roma: Mangrovia Edizioni, 2009: 53-91.

_____. *Manifesto Transculturale*, 16 mag. 2011. Disponível em: <<http://armandognisci.homestead.com/manifesto.html>>. Acesso em: 04 nov. 2012.

MAMBELLI, Renata. *Argentina*. Firenze: Giunti, 2009.

POLCHI, Vladimiro. *Le immigrate leggono più delle italiane*. Una media di cinque libri all'anno, la Repubblica. 2 dicembre 2010.

SAID, Edward. *Cultura e imperialismo*. Letteratura e consenso nel progetto coloniale dell'Occidente. Roma: Gamberetti, 1998 (ed. orig. 1993).

SANTARONE, Donatello. *La mediazione letteraria*. Percorsi interculturali su testi di Dante, Tasso, Moravia, Fortini, Arbasino,

Defoe, Tournie, Coetzee, Emecheta, Saro-Wiwa. Palermo: Palumbo, 2005.

SEDDA, Mariangela. *Oltremare*. Nuoro: Il Maestrale, 2004.

_____. *Vincendo l'ombra*. Nuoro: Il Maestrale, 2009.

SENETTE, Maria. (Org.). *V Bollettino di sintesi, dati aggiornati al 27 febbraio 2012*. Basili. Banca Dati Scrittori Immigrati in Lingua Italiana. Disponível em: <<http://www.disp.let.uniroma1.it/basili2001>>. Acesso em: 04 nov. 2012.

O USO DAS FONTES ORAIS NOS ESTUDOS SOBRE AS MIGRAÇÕES CONTEMPORÂNEAS. OBSERVAÇÕES METODOLÓGICAS NOS BASTIDORES DE UMA PESQUISA SOBRE O CASO EQUATORIANO*

Chiara Pagnotta

Associação Internacional AREIA (Gênova)

“ Não se esqueçam, contem, escrevam”. Com essas palavras – faladas por Simon Doubnov antes de ser assassinado no gueto de Riga, em dezembro de 1941 –, abre-se *L'era del testimone*, de Annette Wieviorka (WIEVIORKA, 1999, p.11). De acordo com a autora francesa, depois do holocausto foram numerosos os sobreviventes e as testemunhas que honraram o que é comumente chamado o *dever de memória*: a história que derrota o esquecimento, porque depois dos campos de extermínio nada é mais como antes e nada pode ficar em silêncio. Após a experiência do holocausto na Europa, assistiu-se a uma proliferação de memórias individuais e coletivas que narram o horror do holocausto, a fim de que este nunca mais se possa repetir. Wieviorka argumenta que Auschwitz representa a materialização do mal absoluto; e a memória do holocausto tornou-se o modelo de construção da memória coletiva e o paradigma a que se faz referência para se analisarem os acontecimentos do passado recente (WIEVIORKA, 1999).

Para o caso italiano, o dever de dar testemunho por parte de sujeitos subalternos se tornou uma prática comum a partir dos anos sessenta e setenta do século XX. Na onda da contestação e dos movimentos juvenis, a coleta de testemunhos de vida, da parte das classes sociais excluídas – até aquele momento – a partir da narrativa histórica, começou a ser assunto de interesse. Aqueles que se acreditavam, com ou sem razão, marginalizados pela sociedade não se contentavam mais com uma história escrita por “poderosos”, mas se impôs a ideia de que todas as experiências de vida são dignas de serem contadas e, ao mesmo tempo, que a narrativa histórica podia ser demo-

* Tradução de Tânia Scatambulo Nerone.

cratizada. Os pesquisadores começaram a coletar histórias de vida de ex-deportados partidários, trabalhadores, imigrantes, prostitutas (MONTALDI, 1961).

Entre os precursores das biografias das classes subalternas, encontra-se Nuto Revelli, que do relato autobiográfico de suas próprias experiências na frente russa (REVELLI, 1946) passou a registrar, e depois a depor, escrever, divulgar as experiências de vida de homens e mulheres dos vales de Cúneo (REVELLI, 62; 77; 85).

Nas décadas seguintes, a história oral italiana perdeu o caráter militante das pesquisas iniciais e começou a se afirmar, ainda muito lentamente, como disciplina acadêmica equivalente às disciplinas quantitativas e, por isso, consideradas mais “científicas e objetivas”.

Nas minhas pesquisas sobre a imigração equatoriana contemporânea, a narração da vida dos protagonistas do evento – filtrada pela memória individual e pela subjetividade das testemunhas – torna-se um objeto de estudo. As histórias coletadas têm como objeto uma história passada, sobre a qual a memória tem uma grande influência. Além disso, o homem hoje representa a chave com a qual se pode analisar o próprio passado pessoal. De acordo com Philippe Joutard (1987, p. 17), “[...] o passado não é capaz de se manter nessa [memória] como tal: esse vem, constantemente, reorganizado dos mutáveis quadros de referência do presente sempre em evolução”.

As histórias e os testemunhos são sempre diferentes entre si e em relação ao momento em que os acontecimentos são vividos. Por essa razão, o meu tema de pesquisa não era o fato histórico em si, mas a memória do evento e como ele é percebido e contado pelos protagonistas. Isso me permite também falar da sociedade contemporânea à testemunha, porque na história individual surgem traços da mentalidade coletiva.

Como afirma Alessandro Portelli (1989, p. 3):

E é aqui [na história] que a percepção do objeto nos escapa, e por outro lado é o prego de si mesma. Escapa-nos, porque, naturalmente, a história é aquele interstício artificial, feita de palavras, convencional, que está entre nós e o objeto, que substitui a experiência vivida e que está dentro do objeto em si, como mediação interna ao sujeito que fala, através da opacidade da linguagem e da sua memória.

Entre 2002 e 2007, eu coletei 31 histórias de vida entre os imigrantes equatorianos na Europa e seus familiares que perma-

neceram no Equador, e entre os ex-migrantes que voltaram a viver no país andino, a fim de investigar como as narrativas e as histórias individuais se inseriram nos processos socioeconômicos que tocaram o Equador no final do século XX. No meu trabalho, os testemunhos das mulheres têm um papel preponderante em relação aos dos homens. A minha escolha também reflete a preponderância das mulheres migrantes que emerge dos dados estatísticos¹³.

As histórias de vida coletadas foram todas conduzidas, gravadas e transcritas pela autora. Atualmente, são consultáveis no arquivo AREIA, que tem sua sede no Dafis – Universidade de Gênova.

Nas análises das diferentes fases da migração equatoriana, também utilizei dados quantitativos, porque acredito que possam ajudar a enquadrar um fenômeno, mas presumo que não sejam exaustivos. Em primeiro lugar, no que diz respeito aos estudos sobre as migrações, estão excluídos das informações estatísticas, os imigrantes ilegais e os clandestinos, em segundo lugar, os dados em si não dizem nada sobre a metodologia com a qual foram recolhidos, nem sobre as intenções do pesquisador ou de quem encomendou o trabalho, e nem com qual objetivo o fez. Como afirma Alessandro Dal Lago (1999, p. 14): “O problema aqui não é tanto que os dados sobre a migração são frequentemente pouco confiáveis quanto que, como qualquer outro dado, são socialmente construídos.”

Ainda, o fato de se trabalhar também com a história oral não se exclui de incorrer em erros ou em falsas narrativas. É preciso ter em mente que história oral não revela a verdade imediata dos fatos. As testemunhas relatam os acontecimentos de acordo com sua própria subjetividade, com base naquilo que querem dizer para os outros e, como aponta Erving Goffman (1969), as autoapresentações omitem fatos que poderiam danificar a imagem de si mesmas, aquela que se quer mostrar externamente.

A ESCOLHA DAS TESTEMUNHAS

Em minha pesquisa, não escolhi entrevistar testemunhas que tivessem algo especial a dizer ou que tivessem um modo de

¹³ Os resultados deste trabalho são expostos em Chiara Pagnotta, *Attraversando lo stagno. Storie della migrazione ecuadoriana in Europa tra continuità e cambiamento (1997-2007)*, Roma, CISU, 2010.

vida que as distinguisse dos outros compatriotas emigrantes/imigrantes. Como explica Philippe Joutard (1987), trabalhar com os métodos da história oral não significa fazer história serial, por isso, trabalhar com uma amostra representativa, sociologicamente, é um falso problema.

No início de minha pesquisa em Gênova, procurei as testemunhas nas diferentes associações frequentadas pelos imigrantes latino-americanos. Posteriormente, procurei recolher os testemunhos dos indivíduos que fossem menos inseridos nos circuitos associativos, porque notei – recolhendo as histórias de vida dos membros de associações ou grupos – que me vinham apresentados, como possíveis testemunhas para entrevistar, indivíduos que respondiam a um tipo bem definido de imigrante. Tratava-se de equatorianos que apresentavam uma visão de sucesso no percurso migratório. Para um caso semelhante, Raphael Samuel (1987, p. 101-102) explica como é fácil, na pesquisa, ser desviado por nossos contatos para depoimentos pertencentes a um contexto sociocultural elevado:

A questão das fontes é importante porque essas podem por si só empurrar a pesquisa em uma determinada direção e fixar nela uma deformação oculta que deve ser reconhecida se quisermos corrigi-la. É o oficial de justiça – o funcionário de polícia – que leva o pesquisador em sua viagem pelo mundo do crime, o antigo sócio que o pega pelo braço quando entra no campo dos negócios, o defensor da temperança, que o acompanha de um bar a outro. E o historiador, se não está atento, acaba por tornar-se o seu porta-voz. As organizações o estimulam, se ele se aproxima sem cautela suficiente às fontes que lhe oferecem, porque lhe apresentam um objeto de pesquisa bonito e pronto... O pesquisador que começa com a ideia de estudar um grupo de trabalhadores, acaba por escrever, em vez disso, sobre os líderes de seu sindicato.

Em relação às histórias de vida coletadas no Equador, usei a técnica “bola de neve”, entrevistando muitos imigrantes pertencentes à mesma rede migratória originada entre a zona Sul do Equador (Província de Loja) e Madrid. Em seguida, entrevistei alguns membros da mesma rede, ainda residentes na Espanha. Em Guayaquil, entrevistei os familiares dos imigrantes encontrados em Gênova e seus conhecidos que ti-

nham os filhos que haviam emigrado sempre para essa cidade da Ligúria.

UMA FONTE INDUZIDA

Deve-se ter em mente que o conto autobiográfico nunca é um processo espontâneo, mas é induzido no momento em que o pesquisador entra em contato com a sua fonte. Como afirma Alessandro Portelli¹ (1999b, p.160), a característica primária da fonte oral é o fato de que deve ser transmitida a alguém para existir; a fonte escrita deve ser emitida. A narrativa depende tanto da testemunha quanto do pesquisador que a estimula; dificilmente teremos duas histórias de vida idênticas com o mesmo narrador e dois interlocutores diferentes. As narrativas são estimuladas em um processo a dois e podem variar com base no papel que assume o pesquisador na relação com a testemunha. Não se pode esquecer que na história oral a fonte não existe em si mesma, mas deve ser criada no encontro e na relação entre o pesquisador e a testemunha; é o próprio pesquisador que cria a fonte, estimulando a testemunha para que ela conte o seu relato.

Parece-me importante apresentar aqui a descrição da fonte para o historiador oral, como a define Mariuccia Salvati (1995, p. 17):

A fonte histórica, neste caso, é a palavra falada, que é uma reminiscência da subjetividade do indivíduo e também daquele que ouve. É a subjetividade de ambos que permite a ponte entre a cultura e as coisas: também do historiador se pode falar, neste caso, como de um *conservador de interpretações*... A fonte (a coisa, o documento, a ação narrada pelo indivíduo) não representa o testemunho de um mundo (...), mas, sim, o mundo visto através de (...) a experiência vivida, a sensibilidade subjetiva do indivíduo.

Na primeira fase do encontro com as mulheres equatorianas, eu explicava o objetivo do meu trabalho de pesquisa e o meu interesse pelas histórias de vida. No caso em que a testemunha fosse uma imigrante, eu sugeria que começássemos seu relato pelo seu lugar de nascimento, motivo pelo qual eu colocava diante de nós, durante a entrevista, um mapa do Equador. O objetivo e a concentração, em cima disso, tinham também o papel de atenuar a tensão inicial resultante do fato de nos encontrarmos para que ela contasse suas experiências de vida a uma estranha.

Estabelecida uma confiança mínima, deixava fluir a narração, segundo a ordem mental da testemunha. Outras vezes, o próprio narrador me pedia para instá-lo constantemente com perguntas. Seja neste caso, seja no anterior, eu seguia um percurso mental que dizia respeito aos pontos que eu gostaria de tocar na história. Se a testemunha, por conta própria, inseria na sua história essas questões, eu não insistia, caso contrário, no final de sua fala, eu me inseria com algumas retomadas específicas que a sua história me havia solicitado. Eu não tinha um esquema específico de perguntas, nem uma ordem cronológica precisa, mas a pista respondia a minha necessidade de ter um lembrete para não me focalizar sobre um único tema, mas para conseguir colher vários momentos da vida. As perguntas que eu fiz não eram sempre as mesmas; o rascunho funcionava como ponto de referência, a princípio, mas depois era a própria entrevista, mais do que outra coisa, que me orientava rumo às questões. Existem temas que afrontei com algumas testemunhas, enquanto que com outras pareciam irrelevantes.

DO ORAL AO ESCRITO

Após a fase da gravação, eu tive de afrontar as dificuldades resultantes da transferência do testemunho oral em narrativa escrita. Essa não é uma questão secundária, uma vez que, como afirma Alessandro Portelli (1999b, p. 151):

O tipo de emissão, a variação de volumes e o contexto tonal da fala popular contêm muitas marcas culturais que têm valor de conotação de classe e que não podem ser reproduzidas na transcrição. A entonação, que pode dar à mesma declaração dois significados opostos é, igualmente, perdida na passagem da fala para a página.

Depois de algumas mudanças de opinião, decidi deixar a transcrição o mais próximo possível da história falada, inserindo os modos de falar, os espanholismos e as frases interrompidas, procurando, porém, corrigir os eventuais erros gramaticais e concordâncias verbais. Eu refleti muito sobre esse ponto, porque uma intervenção excessiva de minha parte teria distorcido a história, enquanto a ausência de intervenção teria tornado incompreensível o texto na transição da oralidade para a escrita. Em um caso, eu me atribuía um

poder arbitrário, inserindo as correções, de interpretar as palavras de outra pessoa; e, no outro, de diminuir – com o uso de erros lexicais e jargões – o testemunho e deixar pouco compreensível para os outros aquela história de vida. Eu tentei fazer uma transcrição que representasse o meio termo entre essas duas opções.

Nesse sentido, menciono um exemplo de um fragmento da transcrição da história de vida de Raquel, no momento em que ele fala das diferenças entre os modos de vida na Itália e no Equador:

Se [no Equador] uma mulher se casa, deve *cuidar el hogar*, manter o seu *hogar*, no entanto, o que aconteceu aqui comigo, é que eu queria fazer como vocês [mulheres italianas]: cada um trabalha. Em vez disso, ele [o marido] *les raices* que temos de lá [no Equador] não queria perdê-las. [Para ele] A mulher deve estar sempre perto do homem, deve manter *el hogar*, essas coisas, você sabe... Então, voltei atrás com estas coisas para estar mais perto do *hogar*. Porém, no final, eu acho que é bom manter, estar sempre perto do *hogar*, manter o *hogar*, *cuidar el hogar*. Eu acho que é uma coisa boa (Raquel, Gênova, 15 de outubro de 2002).

Como mais um exemplo, menciono um fragmento da história da vida de Elena, no momento em que narra as dificuldades de trabalho, em Gênova:

[A senhora atende ao telefone. Continuamos depois do telefonema, mas a entrevistada muda de assunto]... Porque falar sobre a vida que eu tive em meu país... É algo que me dá também saudades... É uma situação muito diferente... Também vivi problemas muito grandes aqui... Quando me inseri no primeiro trabalho tive uma experiência muito ruim... Falei também sobre [violação?] direitos humanos. Esta senhora [o empregador] pensava talvez estar à frente de um ignorante, um selvagem, eu não sei o que (Elena, Gênova, 3 de novembro de 2002).

Optei por uma transcrição do que foi dito, inserindo a pontuação e as reticências onde pensava que fossem necessários. Eu fiz isso para procurar tornar mais inteligível a entrevista, sabendo muito bem que, em ambos os casos, o que eu ouvi e aquilo que a testemunha realmente disse é filtrado pela minha interpretação sobre o seu significado.

Conforme destacado por Pietro Crespi (apud LANZARDO, 1989,

p. 58), “[...] a pontuação, o colocar a pontuação, já é uma confirmação de sentido. A fidelidade ao que foi dito, verbalmente, é uma fidelidade inerte. Na tradução do oral para o escrito, o pesquisador participa em primeira pessoa, responsável pela construção do documento”.

É preciso ter em mente que, apesar de todas as precauções metodológicas, mesmo na história oral o poder também está nas mãos do pesquisador – mais que do narrador. Por conseguinte, é preciso saber, no uso das fontes orais, que as narrativas – e como elas são apresentadas – são sempre parciais e são afetadas pelo filtro do estudioso, que não é neutro, mas filho do mundo em que está inserido. O que emerge é a constatação de que, mesmo que o pesquisador tenda a superar a sua parcialidade e subjetividade, a objetividade absoluta representa um objetivo inalcançável. Para dar ao leitor as chaves de leitura e capacitá-lo a compreender as experiências pessoais que levaram o estudioso a construir uma pesquisa focalizando-se em determinados objetivos, temas e interpretações e ignorando outros, tornou-se costume dos historiadores orais fornecer um pequeno prefácio autobiográfico ao leitor. Isso acontece porque, como afirma Gérard Noiriel (2003, p249), no seu *itinerário de formação de um historiador*:

Os historiadores, hoje, não ignoram mais que o passado se escreve sempre no presente. Construimos nossas narrativas a partir de fatos que fomos capazes de estabelecer, dos elementos da memória coletiva que recolhemos, dos instrumentos de análises que nos fornecem as outras ciências humanas, mas sempre em função do que está em jogo no momento. E ainda mais quando nós mesmos nos confrontamos com a nossa própria história.

CONFIABILIDADE DAS FONTES ORAIS

Quem trabalha com a metodologia da história oral sabe, perfeitamente, que as histórias das testemunhas são, propriamente, narrativas “válidas” apenas para o momento em que foram recolhidas, mas são uma ferramenta útil para compreender o que a testemunha gostaria de ser na realidade e quais são as suas representações sobre o mundo.

De acordo com Chiara Vangelista (2004, P. 498): “A peculiaridade da história oral não reside tanto na busca do inédito, mas, sim, em uma (...) recuperação do passado como é concebido por

quem o viveu”.

A memória individual é fortemente influenciada pela pressão do tempo; as experiências vividas são interpretadas à luz dos eventos presentes e em função de uma explicação dos mesmos. A historiadora Isabelle Bertaux-Wiame (1993) nos explica como, para a testemunha, o ato da narração não é destinado à descrição do passado, mas à atribuição de um sentido ao passado.

Quando uma pessoa conta um fato, está fazendo uma seleção, consciente ou não, das recordações daquilo que aconteceu. Essa narração é mediada pelas experiências ocorridas posteriormente, entre o fato e o momento em que este é contado; e é filtrada pelas crenças e valores do narrador. Além disso, como ilustra Gabriel García Marquez (2002), a memória também é determinada pela diferente distância dos eventos passados, idealizados pela nostalgia. Segundo Alessandro Portelli (1999b, p. 158):

Resta o fato que o narrador de hoje é diferente daquele que era quando fazia parte dos acontecimentos narrados. Muitas vezes houve uma evolução na sua consciência subjetiva e na sua condição material que o levará a modificar, se não o seu relato dos fatos, pelo menos o julgamento que lhe dá e, logo, a forma da história.

Coletar informações conflitantes – nesse caso específico – no que diz respeito a quanto emerge das fontes escritas e de outras entrevistas, não significa, porém, colocar em dúvida a qualidade do narrador. Pelo contrário, isso pode fornecer uma chave de leitura sobre a interpretação da realidade por um determinado setor da sociedade, visto que a memória individual das testemunhas aparece sempre marcada pelo pertencimento a um grupo; e é muito difícil traçar uma linha divisória entre a vida coletiva e o mundo privado, entre a família e a sociedade.

Segundo Paolo Jedlowski (1996, p. 28):

A imagem do passado com as quais cada sociedade se representa é, em cada época específica, algo que está de acordo com os pensamentos dominantes na própria sociedade. Os conteúdos da memória coletiva constituem, então, um conjunto denso e móvel, que não somente pode ser revisto, mas, constantemente, modificado, reconstruído, a partir das necessidades dos grupos sociais que vivem e estão ativos: a preservação do passado é sempre um pensamento dinâmico.

A memória e a identidade são dois fenômenos relacionados, uma vez que a afirmação identitária através do tempo e do espaço se baseia na memória, por sua vez, aquilo de que se recorda depende e é selecionado pela identidade de pertencimento. Como resultado, a memória e a identidade, com relação aos migrantes representam e frequentemente constroem a realidade por meio da ideia do retorno ao local de origem. A partir da narração das testemunhas, pude entender a representação da sociedade e dos valores sociais de referência para o entrevistado e para o grupo de pertencimento (seja este o grupo doméstico, o grupo dos pares, o grupo étnico ou o grupo nacional).

Por exemplo, entre as minhas testemunhas, Elizabeth, uma jovem mulher que vive, atualmente, em Madri, conta-me que sua família não concordou com a sua decisão de viver com seu companheiro, sem estarem casados. Por medo da desaprovação, no começo a testemunha escondeu dos familiares, que vivem no Equador, o fato de morar, havia três anos, com um homem na Espanha. Segundo a família, a convivência de Elizabeth representa uma violação da norma do grupo doméstico e a aceitação de um modelo de relação de casal instável, isto é, à maneira europeia. A jovem, uma vez tornada pública a sua convivência, teve de pedir desculpas à família, no Equador. Todavia, os pais não aceitaram o tipo de relacionamento.

O caso de Elizabeth coloca em evidência aquilo que é confirmado, também, pelo meu trabalho de campo: as sociedades europeias são, sexualmente, consideradas mais liberais e libertinas do que a do Equador. Para além daquela que pode ser a específica experiência de convivência para Elizabeth, é importante destacar a presença secular das uniões livres dentro das sociedades latino-americanas.

No que diz respeito à composição dos lares equatorianos, dentro da análise (ENDEMOL, 2004; CEPAR, 2004... Acesso em: 10 fev. 2010), percebe-se que entre a população rural e aquela urbana não existem grandes diferenças: as uniões livres ocorrem em 17% dos casos, em ambas as áreas, enquanto os casamentos representam 34,6% do total na cidade e 36,6% nas áreas rurais. As diferenças mais acentuadas estão em nível regional: na Costa, a união livre (27,6% do total) prevalece sobre o casamento (25,0%) e, especialmente, casais não casados prevalecem, claramente, nas áreas rurais (34,9% do total) em relação aos casados (20,6%). A situação na Serra aparece diferente; naquela área, os casais não casados representam 7,7% dos domicílios, enquanto

os casamentos são 45,4% do total. A isso se pode acrescentar que a Constituição Nacional de 1998 reconhece aos casais não casados um status legal.

Dos dados do Eurobarômetro de 2009 (EUROPEAN... Acesso em: 04 fev. 2010), ao invés, na seção do estado civil dos entrevistados, os casais não casados no momento da investigação representam 8% dos entrevistados na Espanha e 6% na Itália (CENTRO... Acesso em: 01 ago. 2009)¹⁴.

Os dados aparecem em contradição com a história das testemunhas, a quem parecia emergir uma sociedade espanhola libertina e absolutamente contra os valores morais tradicionais da sociedade equatoriana.

Disso, emerge que o grupo familiar de Elizabeth recriou na diáspora a ideia de um costume sexual conservador, identificando-o como uma marca distintiva de sua própria cultura, fato que está em desacordo com a realidade vivida no contexto de origem. O desafio para um historiador oral é entender por que isso acontece e estudar a lacuna entre a realidade dos fatos e a narração oral e oferecer a sua própria interpretação.

Como afirma Alessandro Portelli (1999b, p. 155-156):

A credibilidade das fontes orais é uma credibilidade diferente... Em alguns aspectos importantes, o interesse da testemunha oral não consiste apenas na sua aderência aos fatos, mas na sua divergência com relação a eles: porque nesta renúncia se insinua a imaginação, o simbólico, o desejo. Portanto, não existem fontes orais não confiáveis: uma vez dito que elas devem ser avaliadas de forma crítica, como todas as outras, a sua diferença reside no fato de que também aquelas, não confiáveis, nos colocam sérios problemas de interpretação histórica e esses erros insubstituíveis e de valor inestimável, revelam, por vezes, coisas mais importantes do que se dissessem a verdade.

CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS

A história oral, apesar das limitações e das vantagens que expressei neste ensaio, representa uma ferramenta útil para com-

¹⁴ Os dados de 2006, presentes no Centro de Investigación Sociológica, diferem ligeiramente, sendo de 13%, do total de entrevistados, o percentual de casais não casados, na Espanha.

preender a interpretação dos acontecimentos dada pelos mesmos protagonistas. A migração é um dos acontecimentos exemplares da relação entre a história pessoal, a história familiar e a história coletiva; é, certamente, uma ocorrência fundamental na vida de quem a executa ou de quem a “sofre” como, por exemplo, as famílias das testemunhas, e torna-se um eixo em torno do qual se interpretam as mudanças sociais acontecidas no contexto de origem e naquele de chegada. Por meio das histórias das testemunhas, emergem a subjetividade do indivíduo e os traços da forma de pensar do grupo. Por essas razões é que representam para os historiadores sociais um importante instrumento para o estudo da mentalidade coletiva, num determinado período histórico ou com relação a um evento específico. Como afirma Alessandro Portelli (1999b, p.154):

O dado insubstituível que as fontes orais impõem ao historiador, e que nenhum outro tipo de fonte pode representar com tanta eficácia, é o da subjetividade do informante e, em seguida, através de uma pesquisa de suficiente magnitude e complexidade, da subjetividade da classe. Informam-nos não apenas sobre os fatos, mas sobre aquilo que estes gostariam de dizer para aqueles que os experimentaram e os relata; não só sobre aquilo que as pessoas fizeram, mas sobre aquilo que queriam que acreditassem fazer, que acreditam que tenham feito; sobre as motivações, sobre suas reavaliações, sobre os juízos e as racionalizações. Pode ser que as fontes orais não acrescentem muito àquilo que sabemos dos custos materiais sustentados pela classe operária em uma determinada greve, mas conseguem nos dizer coisas de outra maneira não conhecíveis sobre os custos psicológicos.

De qualquer forma, é necessário lembrar que se está trabalhando sempre com histórias, com afabulações que, como tais, estão sujeitas à vontade e ao filtro do narrador. Às vezes, nas histórias de vida se vê claramente a vontade de o narrador imprimir certa direção (a ele favorável) no relato; outras vezes, aparecem generalizações que, quando confrontadas com uma análise atenta, se mostram fora de lugar. O pesquisador que trabalha com as fontes orais deve, então, saber transitar entre diferentes metodologias de pesquisa, utilizando e cruzando fontes quantitativas e qualitativas para compreender plenamente o valor de cada narrativa.

REFERÊNCIAS

BERTAUX-WIAME, Isabelle. La perspectiva de la historia de vida en el estudio de las migraciones interiores. In: MARINAS, José Miguel; SANTAMARINA Cristina (Org.). *La historia oral. Métodos y experiencias*. Madri: Debate, 1993, p. 267-282.

CENTRO DE ESTUDIOS DE POBLACIÓN Y DESARROLLO SOCIAL (CEPAR), *Encuesta Demográfica y de Salud Materna e Infantil (Endemar) 2004*. Quito: Cepar, 2004. Disponível em: http://www.cepar.org.ec/endemain_04/nuevo05/pdf/tablas/04_carmiemb.pdf. Acesso em: 10 fev. 2010.

CENTRO DE INVESTIGACIÓN SOCIOLÓGICA. *Fecundidad y valores en la España del Siglo XXI*. Madrid: CSI, Estudio 2.639, abril, maio 2006. Disponível em: http://www.cis.es/cis/export/sites/default/-Archivos/Marginales/2620_2639/2639/Es-2639mar_A.pdf. Acesso em: 01 ago. 2009.

DAL LAGO, Alessandro. *Non persone, l'esclusione dei migranti in una società globale*. Milão: Feltrinelli, 1999.

EUROPEAN COMMISSION. *Eurobarometre special 311, La crise économique et financière*, Janeiro-Feveireiro 2009. Disponível em: http://ec.europa.eu/public_opinion/archives/ebs/ebs_311_data.pdf. Acesso em: 04 fev. 2010.

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. *Vivir para contarla*. Bogotá: Diana, 2002.

GOFFMAN, Erving. *La vita quotidiana come rappresentazione*. Il mulino: Bolonha, 1969.

JEDLOWSKI, Paolo. Introduzione. In: HALBWACHS, Maurice. *La memoria collettiva*. Milão: Unicopli, 1996, p. 7-31.

JOUTARD, Philippe. *Le voci del passato*. Torino: SEI, 1987.

LANZARDO, Liliana. *Storia orale e storia di vita*. Milão: Franco Angeli, 1989.

MONTALDI, Danilo. *Autobiografie alla leggera*. Turim: Einaudi, 1961.

NOIRIEL, Gérard. *Penser avec, penser contre. Itinéraire d'un historien*. Paris: Belin, 2003.

PAGNOTTA Chiara. *Attraversando lo stagno. Storie della migrazione ecuadoriana in Europa tra continuità e cambiamento (1997-2007)*. Roma: CISU, 2010.

PORTELLI, Alessandro. Avere ragione di fronte al padrone. Struttura ed eventi nella vita di Valter Peppoloni. In: LANZARDO, Liliana (org.). *Storia orale e storie di vita*. Milão: Franco Angeli, 1989, p. 11-28.

_____. *L'ordine è già stato eseguito*. Roma, le fosse Ardeatine, la memoria. Roma: Donzelli, 1999a.

_____. Problemi di metodo. Sulla diversità della storia orale. In: BERMANI, Cesare (org.). *Introduzione alla storia orale*. Storia, conservazione delle fonti e problemi di metodo. Roma: Odradek, 1999b, p. 149-166.

SALVATI, Mariuccia. La memoria e le cose. *Parole Chiave*, 9, 1995, p. 17-28.

REVELLI, Nuto. *Mai Tardi*. Diario di un alpino in Russia. Cuneo: Panfili, 1946.

_____. *La guerra dei poveri*. Turim: Einaudi, 1962.

_____. *Il mondo dei vinti*. Testimonianze di vita contadina. Torino: Einaudi, 1977.

_____. *L'anello forte. La donna: storie di vita contadina*, Turim, Einaudi, 1985.

SAMUEL, Raphael. La storia della gente comune. In: PASSERINI, Luisa (org.). *Storia orale*. Vita quotidiana e cultura materiale delle classi subalterne. Turim: Rosenberg & Sellier, 1987, p. 99-106.

VANGELISTA, Chiara. L'individuale ed il collettivo nelle interviste biografiche. Note a margine di un'esperienza brasiliana. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Baretto. *A aventura (auto)biográfica*. Teoria e empiria. Porto Alegre: Edipucrs, 2004, p. 487-529.

WIEVIORKA, Annette. *L'era del testimone*. Milão: Raffaello Cortina Editore, 1999.

HISTÓRIAS DE VIDA CITADAS

Elena, Genova, 3 novembre 2002.

Raquel, Genova, 15 ottobre 2002.

NARRAÇÃO E RECONSTRUÇÃO DAS RAÍZES – ENTRE GÊNERO E RECONHECIMENTO DA IDENTIDADE NARRADORA*

Ines Testoni¹⁵
Universidade de Pádua

INTRODUÇÃO

O *Narrative Approach (NA)* está ganhando cada vez mais interesse em todos os setores das ciências humanas. O sucesso é, em parte, devido à sua ampla utilização pelos *Gender Studies (GSs)*, os quais, a partir das epistemologias feministas, promovem modalidades de pesquisas em contraposição com o valor integrativo às medidas objetivas (MERRILL, 2009). Trata-se de uma metodologia peculiar, voltada ao respeito da centralidade da experiência subjetiva (STIVERS, 1993; COOK; FONOW, 1986; HARDING, 1987).

Aparecendo, inicialmente, nos estudos sociais da literatura feminista e dos *Women's Studies*, o *NA* define um modo específico de pesquisa, capaz de explicar o empenho da mulher na mudança do próprio destino ao longo do percurso da história. Essa contribuição, que pertence ao território entre a psicologia social e cultural e aquele dos *GSs*, destaca a importância que tal metodologia abrange na pesquisa que vasculha a ação de coconstrução da identidade individual e social da mulher, fazendo referência também ao tema das transformações causadas pela emigração.

O objetivo subsequente é também aquele de oferecer uma reflexão sobre métodos de análises que permitem tornar utilizáveis os resultados dentro da comunidade científica. Na verdade, a modalidade narrativa tem sido entendida como uma estratégia de conhecimento da realidade que permite não perder a informação sobre as biografias das pessoas e o significado que estas oferecem ao próprio percurso existencial. Embora isso assegure

* Tradução de Tânia Scatambulo Nerone.

¹⁵ O presente texto é parte dos resultados das iniciativas de estudo e pesquisa ações completadas no projeto Europeu “Empower”, parte do programa Daphne III, coordenado por Ines Testoni, a partir de 2011.

uma notável riqueza de informação, o risco do *NA* é aquele de não conseguir tornar tal riqueza operacionalizável, uma vez que a complexidade dos resultados obtidos arrisca não ser capaz de ser traduzida e generalizada.

Nesse sentido, o *NA* ainda requer um considerável trabalho de elaboração metodológica, de modo que os resultados possam ser mais facilmente acessíveis, a fim de favorecer a difusão das práticas de onde eles vêm. Neste capítulo, apresentamos tanto a base epistemológica que suporta o *NA* nos *GSs* e na psicologia social e cultural, bem como as formas de análise que possam produzir resultados cientificamente interessantes, em virtude de definir discussões em função da divulgação dos resultados obtidos. Em particular, voltar-nos-emos para o território da análise textual informatizada e narratológica que está ganhando um crescente interesse em diferentes áreas da pesquisa social, política e sanitária.

NARRATIVE APPROACH NOS GENDER STUDIES E NA PSICOLOGIA SOCIAL E CULTURAL

O *NA* nasce dentro do caminho de reflexão feminista, com o objetivo de exercitar o olhar retrospectivo das mulheres empenhadas na definição de estratégias de mudança individual e social, para a conquista da igualdade. Os campos de aplicação vão desde o mais puramente clínico até aquele sociológico e político, na ótica da redefinição das relações sociais entre as diferenças. No campo psicossocial, esse obteve um lugar de destaque na *Cultural Social Psychology* (CSP), ou na assim chamada “segunda revolução cognitiva” (HARRÈ; GILLET, 1994), a qual, devido ao fortalecimento da dinâmica dialógica entre conhecimentos científicos e outras formas de conhecimento, reacendeu o interesse pela psicologia cultural. Jerom Bruner, Michael Cole, Mary e Kenneth Gergen, Clifford Geertz (BRUNER, 1990; GEERTZ, 1984; GERGEN; GERGEN, 1983), retomando Lev Semënovič Vygotskij, acreditam que a psicologia não se pode confrontar com artefatos simbólicos e com o papel essencial que estes assumem na vida das pessoas.

Na CSP, foi também inserida a reflexão socioconstrucionista em que os *GSs* basearam as suas principais pesquisas (TESTONI, 2007), integrando as instâncias conceituais da sociologia microinteracionista, do interacionismo simbólico, do modelo dramático e da etnometodologia. Entre a psicologia cultural de

matriz cognitiva e socioconstrucionismo, deu forma a teoria da “ação situada” (*Situated Action Theory – SAT*) de Lucy Suchman (SUCHMAN, 2011), que adota uma perspectiva microssociológica, tendo como objetivo descrever a relação entre o indivíduo e a sua realidade imediata e contingente.

A SAT é fortemente valorizada nos GSs, uma vez que permite analisar, segundo uma lógica anti-individualista e antigenera- lista, os processos de coconstrução da ação no espaço relacional entre indivíduo e situação, por meio da linguagem. Os GSs e a psicologia social confirmam, portanto, a impossibilidade de assumir o comando do fator cultural e, em particular, linguístico, quando se quer entender o comportamento individual e coletivo em determinados contextos históricos e geográficos. Particularmente, a construção da identidade desafia qualquer vontade reducionista que pretenda defini-la de acordo com princípios de objetividade neutra, porque isso é sempre o resultado de complexos processos transformativos entre indivíduo e contexto cultural/linguístico, em tempos biográficos e espaços existenciais que não permanecem inalterados nas geografias da história humana.

A partir da teoria contextual e situada, grande parte das pesquisas dos GSs vem, portanto, reconhecer a importância de uma ordem simbólica a que as mulheres pertencem ao longo do caminho de construção de sua identidade individual e social e, por outro lado, as modalidades linguísticas com as quais o indivíduo representa a própria relação com o mundo. Nesse contexto, a dimensão narrativa acaba por ser crucial.

A pesquisa socioconstrucionista utiliza, portanto, a narrativa para entender como as mulheres dão forma à sua identidade própria, negociando-a nos contextos onde as assimetrias na gestão do poder são muito marcadas. Nesse sentido, o NA é utilizado tanto como uma expressão linguística do desejo de reapropriação da experiência para construir novos mapas relacionais com base num conhecimento de gênero compartilhado quanto como modalidade de análise para destacar os conceitos-chave que traduzem o pensamento em mudança social (ABMA, 2003; DEMETRIO, 1996).

A mudança social, porém, só é possível quando esses resultados podem ser disseminados e os métodos de análise textual e narratológica podem ajudar tanto a pesquisadora quanto a narradora na produção de resultados generalizáveis e, portanto, viáveis em nível prático e operacional.

IDENTIDADE SOCIAL MIGRANTE DESTACADA

De acordo com a *Social Identity Theory (SIT)*, que foi desenvolvida inicialmente na psicologia social dos grupos (BROWN; CAPPOZZA, 2000), a identidade não é tanto um resultado de biografias individuais quanto mais da condição psicológica da pessoa e das suas relações com aqueles que são considerados pertencentes ao mesmo grupo. As relações dentro do grupo (*ingroup*) de fato definem estruturas de pensamento comuns, entre as quais se destaca o reconhecimento de pertença versus a exclusão da diversidade de outros grupos (*outgroup*). A construção de identidade é derivada de processos de classificação que têm a função de separar essas duas áreas com base em diferentes características, tendendo a maximizar as semelhanças entre o *ingroup* de um lado e o *outgroup* por outro.

A identidade social é constituída por uma multiplicidade de associações que inevitavelmente mudam ao longo das biografias individuais: existem identidades localizadas (num dado momento, uma pertença pode ser mais importante do que outras) e identidades transitórias. Um dos aspectos mais interessantes dessa teoria é que ela destaca a existência de erros (*bias*) totalmente inconscientes nos indivíduos, cometidos por terem sido interiorizadas categorias derivadas do pertencer a um grupo e, portanto, à sua cultura específica. Em particular, um dos efeitos mais complexos a serem considerados nos GSs, refere-se ao *bias* inconsciente do favoritismo para o *outgroup* dominante. O fenômeno aplicado aos GSs destaca o “*gender outgroup favouritism*”, ou a tendência das mulheres para conservar aqueles estereótipos que as mantêm num estado de subordinação em relação ao grupo masculino (ALMOSTROM, 2012).

A narrativa é, então, usada para envolver a realidade subjetiva feminina num processo cada vez maior de desconstrução dos estereótipos culturais destinados a subordiná-la (JEDLOWSKI, 2000, 2005), que lhe permita compreender quais fatores “situações” a mantêm num estado de subjugação. Particularmente, no que diz respeito à pesquisa sobre a identidade migrante, os estudos narrativos são voltados, de um lado, para definir como se manifestam as formas do feminino, que se estão transformando no mundo e, de outro lado, para conscientizar as próprias mulheres narradoras.

A identidade situada dessas pessoas se desenvolve, de fato,

em contextos onde as culturas passam por uma transformação rápida e contínua entre o local e o global, mantendo, porém, como traço inalterado, a atribuição à mulher de papéis funcionais de subserviência aos cuidados dos corpos e das suas necessidades. O compromisso de remover essa discriminação fundamental vê os diversos países moverem-se, respeitando tempos e modos nem sempre harmonizados com a lógica dos direitos humanos, enquanto as políticas nacionais e transnacionais ainda não são capazes de corresponder, concretamente, aos princípios de igualdade promovidos especificamente por tais princípios.

O que deriva dessas linhas fundamentais é o fato de que as mulheres dentro dos grupos humanos não ocidentais, que emigram para o Ocidente, encontram-se frequentemente vivendo em condições rigidamente mais restritivas em respeito aos países de origem. Isso é devido, precisamente, ao processo de polarização do *ingroup* que busca radicalizar a própria diferença em respeito ao *outgroup*, para manter inalterada a própria identidade social originária.

A falta de processos adequados de integração pode, portanto, produzir esse resultado nos grupos de emigrantes, decorrentes da identificação com uma específica percepção de pertença a uma etnia transmitida dos pais e dos seus avós, portadora dum quadro cultural em que, principalmente, a tradição impõe à mulher fechar-se em sistemas simbólicos arcaicos.

O fracasso mais ou menos relevante dos processos de integração produz um efeito de isolamento da identidade social das pessoas, do qual deriva uma identidade “reativa” ou uma “assimilação” radical. No primeiro caso, os grupos étnicos migrantes se protegem numa área que não é percebida como sua e, portanto, a referência à própria origem assume um direito fundamental cristalizado que perde as próprias coordenadas de caráter histórico para assumir aquelas somente formais de lembrança que deve ser mantida no presente, apesar do seu isolamento.

É particularmente nesse caso que acontece a polarização dos fenômenos restritivos que segregam a mulher imigrante em condições mais rigidamente conservadoras no que diz respeito ao que não acontece nos países de origem. No segundo caso, as referências culturais perdem todo valor dialético, tornando impossível para o migrante mover-se na vida social de forma crítica, portanto, as mulheres, como sendo mais vulneráveis, se encontram na posição de ter de se submeter à maneira com que os países ocidentais de destino continuam a usá-las, não tanto

para corresponder a valores tradicionais, mas, sim, para a produção de riqueza e realização dos poderosos.

RESTITUIR A HISTORICIDADE ÀS BIOGRAFIAS ATRAVÉS DA NARRATIVA

A cultura de referência, da qual são portadores os grupos de migrantes nos locais de destino, sofre substancialmente um processo de desterritorialização, entendido como desvinculação da sua correspondência a específicas coordenadas geográficas. Tal decomposição pode produzir um efeito de isolamento, apreendido como atenuação da correspondência entre o significado do espaço geográfico e seus indicadores simbólicos, a que se liga uma crise linguística em relação ao papel de mediação que os significados compartilhados garantem ao indivíduo e aos grupos que vivem num mesmo território. Na verdade, os aparatos simbólicos de referência podem sofrer um processo de simplificação e, portanto, de enrijecimento sobre alguns dos pilares privilegiados.

Essa simplificação pode ser um efeito da discussão da “teoria do contato”, segundo a qual a aproximação de grupos humanos diferentes e, potencialmente, em contraste conflitante pode ajudar tanto a prevenir e resolver o conflito, quanto a criá-lo. O contato com a diferença, quando não é guiado por processos explícitos e racionais de formação ao encontro pode, de fato, produzir conflito (VOCI, 2011). A primeira forma de simplificação e enrijecimento considera sempre o mais fraco do grupo, ou seja, as mulheres. As novas cartografias do espaço social no Ocidente que recebem os fluxos de imigração descrevem redes de sistemas culturais, políticos e econômicos em que a mulher permanece, significativamente, marginalizada (MASSEY, 1994; MAHLER; PESSAR, 2001). Podemos então dizer que a crise das referências simbólicas da parte dos grupos migrantes que se veem obrigados a reconstituir uma geografia de pertencimento, negociando referimentos de sentido que não encontram comparação no território que os hospeda (FAVELL, 1998; VERTOVEC, 2001), no produzir o efeito da simplificação que os torna facilmente rejeitados nas novas formas de gestão da vida quotidiana, produz também uma regressão substancial em relação à condição feminina.

Desde que a feminização da migração assume dimensões sempre mais relevantes é, portanto, fundamental monitorar o fenômeno a partir das mesmas mulheres, a fim de permitir a elas

definir em que modo a sua condição assume características anti-históricas, na verdade não alinhadas com o progresso que os direitos humanos determinaram em relação à igualdade de gênero. Mesmo na Europa, o problema é fortemente sentido, apesar do fato de “gender acquis”, que promove o respeito e o desenvolvimento de todas as formas de igualdade de gênero; na verdade, o problema do agravamento das posições que produzem e mantêm o tema da escravidão da mulher migrante continua real e generalizado. Sob essas condições de trabalho, estão associados sempre mais frequentemente os problemas de violência doméstica.

Contra este fenômeno, as políticas europeias estão trabalhando desde a década de noventa. Entre suas diversas iniciativas, deve-se recordar o programa de financiamento Daphne, que já chegou à sua terceira edição, promovendo projetos destinados a reduzir todas as formas de abuso contra mulheres e crianças. Em muitas pesquisas realizadas nesse campo¹⁶, o fenômeno da polarização das posições culturais dos grupos migrantes em sentido anti-histórico e tradicionalista é reconfirmado, testemunhado por mulheres migrantes vítimas de violência doméstica, as quais mostram como o encontro global com uma grande variedade de construções simbólicas não assegura a aquisição de uma maior flexibilidade nas realidades situadas em relação às crenças do grupo de pertencimento. De fato, esse encontro pode, pelo contrário, produzir o enrijecimento das posições tradicionais, que consideram a mulher ainda subordinada, de modo a torná-la vítima de violência nas relações familiares.

A discriminação contra a mulher não depende, então, simplesmente, da adoção individual de atitudes estereotipadas e discriminatórias, mas se realiza por meio de sistemas simbólicos que produzem comportamentos e crenças compartilhadas. A capacidade de resolver tal problema deve, portanto, acontecer tanto em nível macrossocial, com políticas que modifiquem, por meio da lei, os comportamentos coletivos, quanto em nível microssocial, por intermédio de caminhos de conscientização individual e de grupo.

Dessa forma, a abordagem narrativa pode ser utilizada para obter provas em nível micro, para serem divulgadas em nível macro, de modo a influenciar o curso da vida cultural e coletiva. As subjetividades emergentes das narrativas são, de fato, portadoras

16 Em modo particular, fazemos referência ao projeto Empower, dirigido por Ines Testoni, veja-se: <<http://empower-daphne.psy.unipd.it/>>.

de questões de reconhecimento que ensinam como definir novos conceitos de universalismo e de pluralismo que desafiam relacionamentos e padrões culturais estabelecidos no tradicionalismo. A promoção do empoderamento (dar poder) e da mudança dos padrões culturais de gênero nos grupos de mulheres migrantes foi possível com uso do componente gênero como uma lente através da qual olhar para o fenômeno migratório e o método narrativo parece, portanto, oferecer uma excelente oportunidade para a desconstrução e reconstrução das identidades subjetivas pela consciência de pertencer a um grupo minoritário (JEDLOWSKI, 2005) e da necessidade de que essa seja ultrapassada por meio da integração com a nova realidade.

OS MÉTODOS PARA A ANÁLISE DA NARRATIVA

Fazer pesquisa numa ótica de gênero significa dar preferência a processos de pesquisa capazes de promover uma reflexão crítica, por um lado, voltada a analisar o modo como ocorrem os processos de construção das diferenças sociais e, por outro, como o gênero é construído nas práticas narrativas. No entanto, nem sempre as pesquisas centradas no entrelaçamento entre gênero e narrativas foram capazes de explorar as potencialidades que o recurso ao instrumento narrativo poderia oferecer para a mudança social. Do ponto de vista metodológico, para detectar a estrutura de sentido que suporta a narrativa, pode ser útil processar os textos para gerar neles uma essência facilmente utilizável, por meio da análise do conteúdo, que pode ser de modo textual ou narratológico.

A análise textual informatizada goza dum consenso sempre crescente a partir da década de noventa, já que permite explorar coleções de textos também muito grandes. Os programas de computador disponíveis são numerosos e podem ser divididos em dois grupos: os *Computer-aided Qualitative Data Analysis Software (Caqdas)* permitem de rotular, manualmente, porções de texto com códigos alfanuméricos referentes aos conceitos que o pesquisador pretende enfatizar (entre eles: Nud.Ist, Atlas, e NVivo). Os Caqdas são adequados para qualidade de texto limitada, enquanto que, ao contrário, os programas para fins de análise estatística e lexical são particularmente adequados para a análise sistemática dos textos de grandes dimensões (entre eles: Spad, Sphinx, Alceste, Lexico, Wordmapper, Taltac e Tlab). Uma vantagem deste último tipo de análise é o de oferecer a possibilidade

de se fazerem comparações entre os textos, graças a operações estatísticas, como por exemplo, análises das correspondências lexicais, constituída numa técnica multivariada que permite sintetizar a informação contida numa matriz de dados sobre modelos fatoriais que combinam as formas da palavra variável dentro do texto (LUCA; LA ROCCA, 2008; TUZZI, 2003).

As principais etapas de análise estatística informatizada são, essencialmente, quatro: preparação do *corpus*; análise lexical; extração da informação; e análise textual adequada. Em todos os programas, a etapa mais delicada é a primeira, em que o texto é padronizado com operações de lematização, que implicam a normalização e a uniformização dos caracteres, das palavras e das expressões, a fim de reconhecer as singularidades do significado, bem como a redução das mesmas ao assunto. As fases subsequentes são especificamente estruturadas em função do programa informatizado utilizado e produzem diversos resultados capazes de definir a relação entre as palavras e o contexto linguístico considerado.

Dentro das modalidades de análise qualitativa “papel e lápis” se enquadra o Método Narratológico (MN); baseado na abordagem discursiva, ele é útil para a exploração das estruturas de narração do tipo, seja literário, seja coloquial. A análise é realizada segmentando o texto em sequências que compõem a construção da narrativa, para a qual convergem blocos de texto que indicam argumentos, tempos, lugares e características. O percurso prevê alguns antecedentes, uma ação e uma conclusão em que as seções apresentadas estão envolvidas em modo diferente em função da definição da positividade ou da negatividade do epílogo, bem como a sua previsibilidade.

O MN pode ser aplicado às narrativas em primeira pessoa, em que resulta de fundamental importância para compreender a atualidade do narrador e o aspecto retrospectivo que dá sentido ao presente. Nesse espaço, é possível detectar as redundâncias que indicam a importância do elemento verbalizado, bem como a possibilidade de que a repetição abranja eventuais elipses relacionadas aos problemas dificilmente exprimíveis. A interligação entre o espaço e o tempo e as suas caracterizações são de fundamental importância nas histórias daqueles que viveram a experiência de migração. É nessa área que vêm colocados os personagens principais da história, indicando os seus estados de ser ativos ou passivos e o rastro na lembrança por eles deixado. Da caracterização

dessas subjetividades, vem aos poucos testemunhado o tipo de relação que o narrador tem com os personagens descritos (MARCHESE, 1983; BERNARDELLI, 1999). Uma particular importância assume o papel desempenhado pelos personagens, como pode ser mais uma ocasião de desenvolvimento e aprofundamento por meio de técnicas psicodramáticas ativas¹⁷.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os métodos narrativos pertencem às modalidades de empolho feminino para a mudança da condição da mulher na sociedade. Graças a eles, é possível, de um lado, detectar as formas com que as mulheres constroem a sua identidade individual e social, buscando adquirir consciência de como o seu modo de narrar se insere num processo histórico-cultural, e, de outro lado, divulgar os resultados das ações que utilizam tal método para promover a mudança.

Este segundo aspecto é particularmente importante porque torna possível a disseminação dos resultados obtidos, fazendo com que a mensagem seja reconhecível também por meio da linguagem científica. Especificamente em relação às narrações das mulheres migrantes, seria importante aprofundar o tema de análise textual em função puramente linguística, que visa a perceber como a mudança da língua se comporta em uma confusão de identidade, determinada por não ser capaz de corresponder com a palavra às mesmas categorias de referência de que é portadora a língua materna.

Essa função seria extraída de um problema ligado, certamente, à “indexicalidade” das linguagens, mas, também, à diacronia cultural num sentido histórico que separa os países ocidentais dos não ocidentais em respeito à questão do gênero. De tal tipo de análise, poderia derivar um trabalho de contextualização da palavra portadora de valores tradicionalistas na cultura originária dentro da cultura ocidental que recebe os grupos migrantes, para torná-los traduzíveis e restituir a eles um caminho evolutivo em um sentido histórico, em direção aos objetivos de igualdade.

17 No projeto Empower, inserido no Programa Daphne-III, foram utilizadas metodologias de análise papel e lápis, processadas por meio de Atlas e foi possível descobrir a eficácia da metodologia com relação à possibilidade de focalizar os núcleos centrais das narrativas das mulheres vítimas de violência intrafamiliar.

REFERÊNCIAS

ABMA, T. A. Learning by Telling. Storytelling workshop as an organizational learning intervention. *Management Learning*, 34 (2), 221-240, 2003.

ALMSTROM C. *Importance of stereotype consistency of outgroup favouritism among women*. Oklahoma: OSU Library, 2012.

BROWN, R.; CAPOZZA, D. *Social Identity Processes: Trends in Theory and Research*. London-New York: Sage, 2000.

BRUNER, J. *Acts of meaning*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1990.

COLE, M. *Cultural psychology*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1996.

COOK, J. A.; FONOW, M. M. Knowledge and women's interests. Issues of epistemology and methodology in feminist sociological research. *Sociological inquiry*, 56 (1), 2-29, 1986.

DEMETRIO, D. Raccontarsi. *L'autobiografia come cura di sé*. Milano: Cortina, 1996.

FAVELL, A. *Philosophies of Integration: Immigration and the Idea of Citizenship in France and Britain*. Basingstoke: Macmillan, 1998.

GEERTZ, C. *Local knowledge. Further essays in interpretative anthropology*. New York: Basic Books, 1983.

GERGEN, K. J.; GERGEN, M.M. *Historical social psychology*. Hillsdale: Erlbaum, 1984.

HARDING, S. Introduction: Is There a Feminist Method? In: HARDING S. (Eds.). *Feminism and Methodology*. Milton Keynes: Open University Press, 1987.

HARRÉ, R.; GILLETT, G. *The discursive mind*. London: Sage, 1994.

JEDLOWSKI, P. *Storie comuni*. Milano: Mondadori, 2000.

_____. *Un giorno dopo l'altro*. La vita quotidiana tra esperienza e routine. Bologna: Il Mulino, 2005.

LUCA, G.; LA ROCCA, G. *L'analisi automatica e semi-automatica dei dati testuali*. Milano: LED Edizioni Universitarie, 2008.

MAHLER, S. J.; PESSAR, P. R. Gendered Geographies of Power: Analyzing Gender Across Transnational Spaces. *Identities: Global Studies in Gender and Power*, 7(4), 441-461, 2001.

MARCHESE, A. *L'officina del racconto*: semiotica della narratività. Milano: Mondadori, 1983.

BERNARDELLI, A. *La narrazione*. Roma-Bari: Laterza, 1999.

MASSEY, D. *Space, Place and Gender*. Cambridge: Polity Press, 1994.

MERRILL, B.; WEST, L. *Biographical narrative methods*. London: Sage, 2009.

STIVERSS, C. Reflections on the Role of Personal Narrative in Social Science. *Signs*, 18(2), 408-425, 1993.

SUCHMAN, L. Subject Objects. *Feminist Theory*, 12(2), 119-145, 2011.

TESTONI, I. *La frattura originaria*. Napoli: Liguori, 2007.

TUZZI, A. *L'analisi del contenuto*. Introduzione ai metodi e alle tecniche di ricerca. Roma: Carocci, 2003.

VERTOVEC, S. *Transnational Challenges to the 'New' Multiculturalism*. University of Oxford: Transnational Community Working Papers, 2001. Disponibile em: <<http://www.transcomm.ox.ac.uk/working%20papers/WPTC-2K-06%20Vertovec.pdf>>. Accesso em: 02 maio 2012.

VOCI, A. *Processi psicosociali nei gruppi*. Roma-Bari: Laterza, 2011.

PARTE 2

ITINERÁRIOS MIGRATÓRIOS ENTRE A ITÁLIA E O BRASIL: OS CAMINHOS DOS DESCENDENTES DE ITALIANOS

SANTA MARIA E REGIÃO: PEQUENOS E DIVERSOS PONTOS DE PARTIDA

*Maria Catarina C. Zanini
Universidade Federal de Santa Maria*

Este artigo tem por objetivo apresentar a região central do Rio Grande do Sul (Brasil), local de origem dos descendentes de imigrantes italianos por mim entrevistados para o projeto “De volta às raízes...”, coordenado por Luis Fernando Beneduzi. A região se converte, por meio das localidades das quais provêm os emigrados, em local de partida de emigração dos descendentes. Essas partidas, nem sempre planejadas ou seguindo os mesmos roteiros, acontecem por questões diversas, permitindo observar as migrações internacionais como fenômeno complexo, repleto de particularidades e também de tendências coletivas mais amplas na contemporaneidade (MASSEY, 2000; FAIST, 2000; VERVOTEC, 2007; BIGO, 2009, entre outros).

Conhecer e compreender essas trajetórias, mediante pesquisa etnográfica tem sido nosso desafio. Descendentes de emigrados da Itália para o Brasil no passado, hoje são eles a fazer às avessas o percurso migratório. Para este projeto, foram entrevistados descendentes que migraram do Brasil para a Itália e que lá permaneceram descendentes já retornados e, também, aqueles que estão entre idas e vindas, permanecendo não somente na Itália, mas, também, em outros países da Europa, especialmente na Inglaterra.

Importante ressaltar que a cidade de Santa Maria é vizinha da denominada IV Colônia de Imigração italiana do Rio Grande do Sul. Essa seria a Colônia Imperial Silveira Martins¹⁸. Desmembrada em 1888, teve seu território dividido entre vários Municípios: Júlio de Castilhos, Cachoeira do Sul e Santa Maria. A sede da colônia acabou sendo incorporada ao Município de Santa Maria como distrito. Sua emancipação como Município somente aconteceu em 1987.

Na região central do Estado, desde os primeiros anos de colonização começou a haver uma migração da colônia para a cidade de Santa Maria, maior polo econômico da região (BELTRÃO,

18 O decreto imperial de sua criação teria sido promulgado em 19.05.1877.

1979). Ao se dirigirem para a cidade de Santa Maria, os imigrantes e seus descendentes abriram pequenos comércios, hotéis, armazéns, alfaiatarias, carpintarias, entre outros estabelecimentos, bem como se inseriram no mercado de trabalho local. Com a chegada da Ferrovia em 1885, essa começa a atrair homens jovens para serem trabalhadores da mesma.

Vários territórios pertencentes à Colônia Imperial Silveira Martins hoje fazem parte do que se denomina a IV Colônia de Imigração Italiana¹⁹, que possui roteiros turísticos e de desenvolvimento integrados. Trata-se de uma região que tem como base econômica a agropecuária centrada na pequena propriedade e na agricultura familiar. Nunca houve ali um desenvolvimento industrial. Em nossa compreensão, isso se deve ao fato de que os colonos não conseguiram converter seu excedente em capital industrial. A região permaneceu sempre na dependência econômica e política de Santa Maria, não conseguindo se converter num polo econômico dinâmico e independente.

Compreendemos os descendentes de italianos no Rio Grande do Sul como grupos étnicos, no sentido de que se percebem e são percebidos como distintos (BARTH, 2000); e vislumbramos também que essas construções são abertas, flexíveis e dialogadas. A crença numa origem comum, como salienta Weber (1994), torna-se igualmente eficaz na construção dos grupos étnicos; e os processos de mobilidade espacial têm, em certo sentido, fortalecido e ampliado tal sentimento de pertencimento.

Esse aspecto se observa nitidamente nas interações dos descendentes no espaço brasileiro. Salienta-se, contudo, que ser descendente de italianos no Brasil e ser descendente de italianos na Itália são coisas distintas; as negociações dos sinais diacríticos mantenedores das fronteiras étnicas, conforme Barth (2000), são diversas em ambos os espaços interativos. Esses diacríticos, todavia, devem ser percebidos como elementos de negociação e não aspectos fixos ou cristalizados das produções identitárias. Eles são, antes de tudo, resultados das interações de diversidades em espaços comuns.

19 Quarta, por ser esta a ordem na criação das colônias no Estado. As três primeiras foram as colônias serranas. Fazem parte dessa Região os Municípios de Agudo, Dona Francisca, Faxinal do Soturno, São João do Polêsine, Silveira Martins, Restinga Seca, Ivorá, Pinhal e Nova Palma.

IMIGRAÇÃO ITALIANA PARA O RIO GRANDE DO SUL: BREVES APONTAMENTOS SÓCIO-HISTÓRICOS

A imigração italiana para o Rio Grande do Sul teve início, em termos expressivos, a partir de 1875, quando as famílias de emigrados foram encaminhadas para as três primeiras colônias (Conde D´Eu, Princesa Isabel e Campo dos Bugres), na região serrana do Estado. Em 1877/78, iniciou-se a imigração para a Região central do Estado, com a criação da Colônia Imperial Silveira Martins (ANCARANI, s.d.). Importante ressaltar que a imigração italiana nesse Estado não pode ser generalizada. Há diferentes trajetórias migrantistas: algumas mais bem avaliadas; outras não. Não se deve negligenciar, contudo, a possibilidade de que os imigrantes e seus descendentes tiveram de pleitear recursos para fomentar sua ascensão e desenvolvimento econômico, bem como de se reproduzirem enquanto um coletivo, o que se processou de formas diversas nas várias configurações colonizadoras. Qualquer generalização ou comparação apressada incorre em equívocos interpretativos. Segundo Alvim (1986, p.117), orientada por fontes italianas hoje consideradas mais “próximas da realidade”, teria emigrado da Itália para o Brasil, de 1870 a 1920, cerca de 1.243.633 indivíduos.

A composição populacional daqueles emigrados era, em sua maioria, de famílias católicas²⁰, camponesas e provenientes do Norte da Itália. Na região central do Estado, eram friulanos, lombardos e venetos em sua maioria. Outra característica relevante de se salientar era o fato de que tais famílias buscavam, por meio da emigração, melhorar suas condições de vida e – no caso dessas populações que rumaram para as colônias do Sul – tornar-se também proprietários de terras (ZANINI, 2006; VENDRAME, 2007).

Contudo, considera-se importante acrescentar a esta leitura do processo migratório, o fato de que aquelas populações desejavam, igualmente, manter vivos determinados modos de vida e de cultura (GROSSELLI, 1987; ALVIM, 1986), reproduzindo-se como camponeses e católicos, o que na Itália, devido aos avanços do capitalismo e das disputas religiosas, estava em risco. Ao migrarem para o Rio Grande do Sul, mantiveram-se majoritariamente católicos e camponeses. Foram várias as redes que pro-

²⁰ Não se deve esquecer, contudo, da presença de maçons entre eles e dos conflitos gerados pelas diferenças de ideologias religiosas (VESCIO, 2001).

pagaram aquela emigração, intermediadas pela Igreja Católica e também pelo Estado brasileiro, que tinha interesses no povoamento da região Sul e também da substituição da mão de obra escrava em São Paulo, após 1888.

A Igreja Católica também migrou para a o Brasil, ampliou-se e manteve seu poder entre aquelas populações. São muitos os estudiosos da imigração italiana que salientam a importância da religião entre os descendentes de imigrantes italianos contemporâneos, bem como entre seus antepassados, os imigrantes. De acordo com Manfroi (2001), a religião foi uma força dinâmica e integradora entre os colonos italianos no Estado, oferecendo-lhes um enquadramento cultural no qual eles se reconheciam e se expandiam. Nos relatos do memorialista Julio Lorenzoni (1975), quando de sua chegada à colônia Silveira Martins, em 1877, um dos elementos de insatisfação por parte dos recém-chegados era a falta de assistência religiosa, fazendo com que se sentissem em abandono em meio a uma terra por eles desconhecida. Houve comemoração quando da realização da primeira missa e da visita de um padre.

De acordo com De Boni (1980), o idioma comum dos primeiros emigrados italianos para o Brasil não era a italianidade, mas sim a catolicidade. Provenientes de regiões distintas da Itália e falantes de dialetos diversos, o que os unia enquanto grupo, além da experiência migratória partilhada, era a ordem de mundo propiciada pelo catolicismo que traziam. Composta de muitas contradições e complexidades, com certeza a relação entre catolicismo e italianidade ainda merece ser mais conhecida no Rio Grande do Sul (BENEDUZI, 2008; VESCIO, 2006; KARSBURG, 2007; BIASOLI, 2010). Dando-se conta do poder e da força desses emigrados, a Igreja Católica não tardou em se enraizar junto a eles, vide a força e o tamanho das congregações religiosas em todo o Estado (DREHER, 2002). Além disso, durante muito tempo foram esses descendentes de migrantes que se tornaram religiosos, fazendo com que tais vocações fossem algo privilegiado e numeroso entre eles.

Tratava-se de uma forma de sobrevivência da condição camponesa também, pois ao tornar um filho religioso, ele não entrava na partilha das terras (já poucas) e também de possibilitar a ascensão social via estudo. Tanto homens como mulheres eram incentivados a seguir a vida religiosa e se tornarem membros das diversas congregações existentes no Rio Grande do Sul. As colô-

nias italianas foram consideradas, por muito tempo, como “celeiro de vocações” de religiosos católicos, exportando sacerdotes para o país inteiro.

Pode-se observar, ao conviver com os descendentes de italianos atuais, o quanto a religiosidade ainda é um valor extremamente importante entre os mesmos, especialmente para os mais idosos. Contudo, observei também que se para as gerações mais novas a prática do catolicismo não é tão intensa, não implica que estas não sejam religiosas. Muito pelo contrário, mesmo não sendo praticantes, os jovens definem-se como católicos e portadores de “fê” (ZANINI, 2006). O que ocorre é um maior distanciamento do controle exercido pela Igreja Católica e também de uma ritualidade regrada como era no passado. Com o florescimento dos valores individualistas e uma noção de projeto individual, esses jovens não aceitam com passividade o controle sobre o que consideram ser suas escolhas individuais, como a sexualidade, a profissão, ou mesmo a possibilidade de emigrarem para a Itália, por exemplo.

Relevante lembrar, de acordo com a história italiana, que na década de 70 do século XIX, quando para cá rumaram aquelas famílias, não havia a constituição fundamentada de um Estado nacional italiano e nem de uma identidade nacional já delineada. Aqueles indivíduos se percebiam como pertencentes aos países (localidades), falantes de dialetos específicos, com crenças e hábitos particulares. A categorização de “italiano” foi algo que se estabeleceu no decorrer do processo migratório e colonizador, já em terras brasileiras, no confronto com os nativos aqui encontrados. Produziram-se e foram produzidos como “italianos” em sinal de distinção com as populações nativas, por eles consideradas menos civilizadas e menos desenvolvidas. Aliás, as narrativas do processo migratório enfatizam largamente o papel civilizador dos pioneiros, sua capacidade de trabalho e de desenvolvimento das localidades por eles colonizadas.

Outro valor extremamente importante para os imigrantes e seus descendentes foi o trabalho. Foi por meio das considerações acerca deste e de uma organização baseada na autoridade paterna que as famílias, especialmente as camponesas, conseguiram reproduzir-se e ascender socialmente. Trabalho, religiosidade, família e terra por muito tempo se entrecruzavam nas regras e valores associados à reprodução coletiva. E, na intersecção desses elementos, os imigrantes e seus descendentes foram estabelecendo contatos com as vizinhanças nas quais habitavam, fossem lo-

cais ou regionais. Essas relações interativas cordiais somente foram quebradas, de fato, no período do Estado Novo (1937-1945) e mais fortemente quando do ingresso do Brasil na II Guerra Mundial, em 1942.

Depois do ingresso do Brasil no conflito, japoneses, italianos e alemães residentes no país foram perseguidos e reprimidos (CANCELLI, 1994; DAL MOLIN, 2005; ZANINI, 2005, 2006; SGANZERLA, 2001). Tendo o Brasil entrado na II Guerra Mundial, lutando contra o Eixo, formado por Itália, Japão e Alemanha, os descendentes desses grupos aqui habitantes foram compreendidos pelo governo brasileiro com “perigos”, especialmente após 1942. Em Santa Maria e região, houve prisões e repressões públicas a indivíduos que teriam desacatado ordens ou simplesmente por que estavam falando em italiano ou expressando ideias que poderiam ser consideradas antipatrióticas. Após esse período repressivo, houve certo silêncio quanto às manifestações mais públicas das vivências da origem italiana e também de culto à italianidade. Há de se ressaltar também que a legislação do Estado Novo proibiu o uso dos dialetos e da língua italiana, das formações associativas e do exercício de outros modos de sociabilidade, inclusive religiosas.

A italianidade, como manifestação de pertencimento e origem grupal voltou a ser acionada somente após os festejos do Centenário da Imigração italiana no Estado, em 1975. Decorrente desse momento festivo e político, entidades italianas foram organizadas, livros foram escritos e houve a elaboração de toda uma discursividade positivada acerca do italiano no Rio Grande do Sul, concebido como trabalhador, empreendedor e progressivo. Na década de oitenta, começou também a emigração de brasileiros para a Itália. Entre esses, aqueles que são nossos colaboradores de pesquisa, os descendentes de italianos do Rio Grande do Sul. Embora nenhum de nossos entrevistados tenha migrado nessa década, mas, sim, mais recentemente, trata-se de um fluxo que não perde sua continuidade. Mais ou menos frequente e intenso, esse fluxo se mantém temporalmente. O porquê dessas continuidades é algo que pretendemos melhor compreender ao longo da pesquisa.

SANTA MARIA E REGIÃO: ASPECTOS GERAIS

Como já se ressaltou aqui, a imigração italiana para o Rio Grande do Sul não pode ser generalizada e nem seus desdobra-

mentos podem ser comparados universalmente. Em momentos históricos diversos e também em situações de encontros particulares, desenvolveram-se caminhos econômicos e sociais particulares nas localidades que receberam emigrados italianos e seus descendentes. Caxias do Sul, por exemplo, é reconhecida como uma região progressiva e industrializada e a Região central do Estado é considerada, em termos nativos, como uma migração “fracassada”, aspecto com o qual não concordo (SANTOS; ZANINI, 2009).

Muitos são os comparativos entre a imigração para a Região serrana do Estado e a imigração para a Região central, procurando compreender por que nesta última não houve desenvolvimento econômico. Para além dessas comparações, aponto que se um dos objetivos daquelas famílias, ao migrarem da Itália para o Brasil em finais do século XIX, era manter suas famílias unidas e um determinado “ethos” camponês, isso foi conseguido. Dessa forma, pode-se dizer que, para além das questões econômicas, a Região central do Estado também é um projeto migratório que deu certo.

Além disso, a cidade de Santa Maria possui um histórico de serviço público que se instaurou no Município, o que levou muitos descendentes a procurarem ascender por meio deste e não de outros empreendimentos. Hoje, a cidade possui cerca de 262.312 habitantes, tendo uma Universidade Federal, a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), um contingente expressivo de militares e também um número considerável de ex-ferroviários, além de outras categorias de servidores públicos. A Ferrovia foi desativada em 1996, mas até aquele momento era um importante símbolo e motor econômico da cidade e da Região. Muitos descendentes de imigrantes italianos, ao migrarem para o espaço urbano, se tornaram ferroviários, profissão muitas vezes repassada de pais para filhos e entre familiares.

A Região central do Estado possui uma economia fortemente assentada na agricultura e derivada de propriedades pequenas, o que impele jovens rurais para a migração interna, uma vez que as terras não comportam a divisão em mais de um núcleo familiar. Tem-se observado, igualmente, o que também tem ocorrido noutras zonas brasileiras, o envelhecimento e masculinização do campo. Com a proximidade das universidades, os jovens vislumbram nela uma melhor forma de ascensão social do que por meio do trabalho com a terra. As difíceis condições de trabalho com a terra, as constantes intempéries a que estão sujeitos, bem como o desamparo do Estado, tudo isso tem levado muitos jovens a não investir na vida no campo.

Os Municípios que formam a IV Colônia de imigração italiana possuem população entre 16.711 (Agudo) e 2.141 (Ivorá), segundo o último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).²¹ Todos têm configurações demográficas semelhantes, sendo as populações rurais expressivas e, em alguns casos, maiores do que as urbanas. Nossos entrevistados eram oriundos, em sua maioria, de centros urbanos, contudo suas famílias de origem provinham das zonas coloniais nas quais desenvolviam atividades rurais ou de comércio.

Importante salientar que Santa Maria possui uma Agência Consular (reativada em 1994), uma Associação Italiana (AISM), criada em 1992²² e 5 círculos: o *Circolo Trentino*, o *Circolo Veneto*, o *Circolo Lombardo*, o *Circolo Emilia-Romana* e o *Circolo Friulano*. Cada uma dessas entidades mantém contato com a Itália, seja por meio das regiões das quais provinham os descendentes (Lombardia, Veneto, Trento, Emilia Romagna ou Friuli), seja por intermédio do governo italiano. Há cursos de língua e cultura italianos subsidiados pelo governo italiano, o que favorece a opção pela emigração do Brasil para a Itália, uma vez que há um preparo linguístico e conhecimento geral acerca do que seria entendido como cultura italiana contemporânea.

Os entrevistados conheciam ou tinham participado de tais entidades, sendo, grande parte deles, falantes do idioma italiano oficial, ensinado por meio desses cursos. As cidades da IV Colônia de imigração também possuem suas entidades italianas e seus cursos de língua e cultura italianas, o que finda por fortalecer e reavivar sentimentos de italianidades. Importante salientar que historicamente a Itália tem investido no sentimento de italianidade dos seus residentes all' estero (CERVO, 1992). Seja por questões econômicas ou outras, a Itália procurou, em momentos históricos específicos, manter aceso o sentimento de pertença ao mundo italiano. Essas entidades promovem convênios e parcerias com organizações de ensino, culturais e de trabalho italianas, favorecendo o constante intercâmbio de brasileiros e italianos.

21 Restinga Seca, 15.863; São João do Polêsine, 2.601 habitantes; Nova Palma, 6.348; Pinhal 2.517; Silveira Martins, 2.434; Faxinal do Soturno, 6.669; Dona Francisca, 3.382.

22 Em 1985, por meio da iniciativa do músico Cesar Barichello, foi fundada a Sociedade Dante Alighieri em Santa Maria. Ela tinha por objetivo ensinar a língua italiana e também promover o conhecimento e expressão do canto e da dança italianas na região. Posteriormente, após muitos conflitos, essa sociedade se converte na AISM (ZANINI, 2006).

Há um processo contínuo de idas e vindas; essas experiências findam, às vezes, por se tornarem motores do processo migratório, fato que ocorreu com três de nossos entrevistados.

POR QUE MIGRARAM OS DESCENDENTES DE IMIGRANTES ITALIANOS DA REGIÃO CENTRAL DO RIO GRANDE DO SUL?

A pesquisa ainda está em andamento, contudo algo que merece ser problematizado neste artigo é a dificuldade que tivemos em chegar a alguns desses emigrados e também do pouco entusiasmo de alguns deles em nos concederem entrevistas. Isto nos levou a refletir acerca das representações históricas individuais, familiares e grupais que esses indivíduos tinham acerca do que seria uma boa trajetória migrantista ou mesmo do que seria a Itália que encontrariam e das possíveis relações sociais que poderiam nela estabelecer.

Exemplo disso pode ser observado no seguinte relato de uma entrevistada, oriunda da Região central do Rio Grande do Sul, que, embora esteja em boas condições financeiras, ressenete-se da falta de amizades no universo italiano:

Para mim, ser uma brasileira na Itália hoje, falando hoje, até tava conversando com uma guria no telefone antes no trem que é croata e fala português porque o marido dela é italiano mas fala português porque a mãe dele é brasileira e eu disse “eu me sinto muito sozinha aqui”, muito muito muito porque tu não consegue ter amizade, se eu preciso de alguma coisa eu vou no computador e falo com os meus amigos do Brasil, talvez porque eu tenha crescido lá. Talvez porque eu tenha todas as minhas amizades de infância lá, todo mundo me diz “ah porque as pessoas aqui agora são assim”, o meu marido me diz sempre, tu tem que ver que quando que uma vez aqui as pessoas tinha mais amizade e que agora com essa questão do bem-estar, eu espero que essa crise consiga trazer um pouco do olhar pra outra pessoa porque aqui” te ne frega” como eles dizem, eles não olham pra ninguém. (Entrevista realizada em Veneza, em 22/05/2012)

Como a imigração italiana no Rio Grande do Sul é altamente comparativa em relação às suas colônias e aos desfechos desses processos colonizadores, pode-se supor que um percurso migra-

tório não tão bem-sucedido do ponto de vista econômico fosse algo a não ser partilhado, nem mesmo com pesquisadores, contudo os maiores ressentimentos observados por meio das entrevistas estão centrados na falta de convívio social satisfatório e no modo como os brasileiros são tratados. Também incluí em minhas possibilidades interpretativas, o fato de que o processo migrantista pode não ser totalmente prazeroso de ser dividido, não somente quanto aos aspectos econômicos envolvidos nas trajetórias, mas, também, quanto aos processos psicológicos de ruptura e de estabelecimento de novas relações sociais, coisa que na Itália não é fácil, segundo constatamos pelas entrevistas até então realizadas.

Entre os entrevistados, muitos nos relataram que, apesar de possuírem dupla nacionalidade, eram percebidos e tratados como estrangeiros e extracomunitários. O fato de conhecerem a língua e poderem se expressar por meio dela não subtraía o fato de que o sotaque e a pronúncia denunciavam alteridade. A alcuha de brasileiros é algo que tem seu ponto negativo na Itália, especialmente em relação às emigradas mulheres.

Há todo um conjunto de representações com as quais os imigrantes têm de dialogar ao chegarem ao mundo italiano. Além disto, esse mundo não é mais o mundo das origens relatado pelos antepassados. Trata-se de um mundo estranho, moderno e provavelmente, mais individualista do que aquele narrado nas memórias familiares.

Isso nos levou a refletir também acerca das redes de ingresso entre esses emigrados que estabelecemos: entidades italianas, entidades religiosas, conhecidos, parentes, amigos e pessoas que possuíam os contatos dos emigrados. Como éramos alguém que chegou até eles por meio de fontes conhecidas, poderia haver a sensação de que poderíamos repassar informações àqueles.

Um de nossos cuidados ao propor entrevistas foi esclarecer acerca do anonimato e das preocupações éticas que tínhamos com a pesquisa. Nenhum nome seria divulgado e as entrevistas poderiam ser lidas e alteradas pelos entrevistados antes de se tornarem fontes de pesquisa.

Outro aspecto que nos instigava era acerca dos motivos para emigrar (objeto de artigo próximo) e também se havia redes de auxílio ou de incentivo à emigração do Brasil para a Itália. Na região central do Estado, observou-se que as motivações para emigrar foram variadas. Sendo todos descendentes e alguns tendo dupla cidadania reconhecida, conhecer a Itália e ter uma experi-

ência de vida no país era algo instigante.

Da mesma forma, o fato de alguns serem membros de entidades italianas favoreceu na decisão de migrar. Contudo, não se observou uma rede organizada ou facilitadora do processo migratório. Alguns dos emigrados contaram com o apoio de entidades ligadas à Igreja Católica ou das regiões italianas de procedência, mas sempre em caráter temporário e de recepção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A região central do Rio Grande do Sul, antes receptora de emigrados italianos, hoje tem descendentes que se tornam imigrantes na Itália, fazendo o percurso inverso de seus antepassados. Não há um processo massivo de emigração de descendentes de italianos para a Itália. Trata-se de uma migração continuada, mas de caráter quantitativo menor. Não há redes organizadas com finalidades migratórias e nem um movimento expressivo de pessoas, trata-se, antes de um fluxo contínuo, mas sutil.

Alguns desses emigrados possuem dupla cidadania (brasileira e italiana) reconhecida, outros não, contudo o vínculo com a Itália como local de origem dos antepassados é algo comum. Nesse aspecto, conhecer tais trajetórias individualizadas revela-se extremamente profícuo. Mapear os percursos e as trajetórias dos descendentes que decidem fazer a travessia era algo que nos impulsionava para a pesquisa, contudo sentimos necessidade de antes conhecer os pontos de partida desses indivíduos.

Este artigo objetivou apresentar o contexto histórico-social do qual partiam os emigrados. Procurou-se expor também como se processou a imigração italiana nas zonas de origem, como se encontram esses lugares hoje e também por que migrar se torna uma alternativa viável e possível para alguns. Para além de generalizações, procuramos mapear esses pontos de partida e pensar mais amplamente no movimento migratório que deles se processa.

A região central do Rio Grande do Sul não possui uma economia baseada no comércio e nos serviços, não tendo uma indústria consistente, o que faz com que as comparações com a imigração italiana para a região serrana do Estado, industrializada e altamente competitiva, sejam constantes.

Os Municípios membros da IV Colônia de Imigração italiana ainda são notadamente movidos pela agricultura familiar e têm tido uma constante perda de população jovem para os cen-

tros urbanos mais próximos, em especial a cidade de Santa Maria, maior polo econômico da região. Alguns dos descendentes entrevistados eram filhos ou netos de moradores das colônias que migraram para regiões mais urbanas. A emigração do Brasil para a Itália, nesse contexto, faz parte também de um histórico familiar de mobilidade, elemento que sempre acompanhou as populações italianas de um modo geral.

REFERÊNCIAS

ANCARANI, Umberto. Monographia sobre a origem da ex-colônia italiana de Silveira Martins 1877-1914, *Revista Comemorativa do Centenário da Fundação da Cidade de Santa Maria-RS 1814-1914*. [S.L: s.d].

BARTH, Frederik. *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2000.

BELTRÃO, Romeu. *Cronologia Histórica de Santa Maria e do extinto município de São Martinho 1787-1930*. 2 ed. [S.l.], 1979.

BENEDUZI, Luis Fernando. *Imigração italiana e catolicismo*. Entrecruzando olhares, discutindo mitos. Porto Alegre: Edipucrs, 2008.

BIASOLI, Vitor. *O catolicismo ultramontano e a conquista de Santa Maria (1870-1920)*. Santa Maria: Edufsm, 2010.

BIGO, Didier. *Immigration controls and free movement in Europe*. *International Review of the Red Cross*, vol.91, n.875, 2009, p. 579-591.

BUSANELLO, Pe. Pio José. *A história da nossa gente*. (A primeira história escrita de famílias de imigrantes italianos da Quarta Colônia Imperial – RS). Santa Maria: Pallotti, 1999, p. 79.

CANCELLI, Elizabeth. *O mundo da violência*. A polícia da Era Vargas. 2. ed. Brasília: EdUnB, 1994.

CERVO, Amado Luiz. *As relações históricas entre o Brasil e a Itália: o papel da diplomacia*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1999.

lia; São Paulo: Instituto Italiano de Cultura, 1992.

DE BONI, Luis Alberto. “O catolicismo da imigração: do triunfo à crise”. In: LANDO, A. et al. (Org.). *Migração & colonização*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980, p. 234-255.

DREHER, Martin. (Org.). *500 anos de Brasil e Igreja na América meridional*. Porto Alegre: EST, 2002.

DURKHEIM, Emile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FAIST, Thomas. Transnationalization in international migration implication for the study of citizenship and culture, *Ethnic and Racial studies*, Issue 2, 2000, p. 189-222, v. 23.

HALBWACHS, Maurice. *A memória Coletiva*. São Paulo: Vértice/Editora Revista dos Tribunais, 1990.

KARSBURG, Alexandre de Oliveira. *Sobre as ruínas da velha matriz*. Santa Maria: Edufsm, 2007.

LORENZONI, Julio. *Memórias de um imigrante italiano*. Porto Alegre: Sulina, 1975.

MANFROI, Olívio. *A colonização italiana no Rio Grande do Sul*. 2. ed. Porto Alegre: EST, 2001.

MASSEY, Douglas. The social and economic origins of immigrations. *Annals of the American Academy of Political and Social Science*, 2000, p. 60-72, v. 510.

SANTIN, Silvino. *A imigração esquecida*. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: Educs, 1986.

SGANZERLA, Claudia Mara. *A lei do silêncio*. Passo Fundo: UPF, 2001.

VERTOTEC, Steven. Super-diversity and its implications. *Ethnic and Racial Studies* 30, 1024-1054, 2007.

VESCIO, Luiz Eugenio. *O crime do Padre Sório*. Maçonaria e

Igreja Católica no Rio Grande do Sul 1893-1928. Santa Maria: EDUFSM; Porto Alegre: Edufrgs, 2001.

VENDRAME, Maira Inês. “*Lá éramos servos, aqui somos senhores*”. Santa Maria: Edufsm, 2007.

WEBER, Max. *Economia e sociedade*. 3. ed. Brasília: EdUnb, 1994, v. 1.

ZANINI, Maria Catarina Chitolina. “O Estado Novo e os descendentes de imigrantes italianos: entre feridas, fatos e interpretações”. In: C. DALMOLIN. (Org.). *Mordaça verde e amarela*. Santa Maria: Palotti, 2005, p. 113-128.

ZANINI, Maria Catarina. *Italianidade no Brasil meridional. A construção da identidade étnica na região de Santa Maria – RS*. Santa Maria: Edufsm, 2006.

ZANINI, Maria Catarina; SANTOS, Miriam de Oliveira. Colonizações em contraste: italianos no Rio Grande do Sul. In: TEDESCO, João Carlos et al. (Orgs.). *Colonos, colônias & colonizadores*. Erechim: Habilis, 2009, p. 217-229, v. 2.

EXPERIÊNCIA DE MIGRANTES ÍTALO-BRASILEIROS EM TERRAS DE ORIGEM

Vania B. M. Herédia
Universidade de Caxias do Sul

A comunidade hospedante geralmente tem dificuldade de reconhecer direitos e garantias ao estrangeiro; ao contrário, coloca-o em estado de insignificante. (SOMBART, 1967).

O presente estudo nasceu de um convite para participar duma pesquisa sobre migrações contemporâneas, na qual o foco de estudo centrava-se em migrações de retorno. O projeto, coordenado por pesquisadores brasileiros e italianos, estuda o percurso migratório de jovens que retornam ao lugar de seus antepassados, inseridos num movimento maior de migrações contemporâneas, que ocorre no Brasil a partir da segunda metade do século XX.

Essa temática se apresenta como um desafio, já que é um assunto atual, que pode trazer algumas surpresas quando os dados são vistos pelo olhar dos jovens migrantes, como protagonistas da própria história. Os entrevistados, que possuem relações com as colônias italianas no Rio Grande do Sul, participaram das entrevistas, narrando suas experiências. A riqueza das falas mostra a intrínseca relação que existe entre esses sujeitos, suas histórias e suas identidades.

A análise realizada aponta as dificuldades enfrentadas pelos descendentes de imigrantes, quando a decisão do retorno se tornou uma realidade. O estudo mostra ainda que os mecanismos de inserção e integração daqueles que migraram giraram em torno de busca de melhores condições de vida, incluindo a concepção de valorização do trabalho na terra de chegada. Dessa forma, o estudo foi dividido em dois momentos: a história dos pontos de partida, como espaços de imigração na Região Sul do Brasil, e as percepções sobre as experiências como imigrantes na Itália e as dinâmicas estabelecidas.

A HISTÓRIA DOS PONTOS DE PARTIDA COMO ESPAÇOS DE IMIGRAÇÃO NA REGIÃO SUL DO BRASIL: DO PASSADO AO PRESENTE

Tanto no passado como no presente, os fluxos migratórios da Itália para o Brasil e do Brasil para Itália são evidentes. Este estudo mostra que nas migrações passadas, o motivo da escolha do local para migrar foi influenciado por condições estruturais, que acabaram estimulando esses fluxos. Entretanto, mostra também que as migrações transoceânicas do final do século XIX na Europa, falando de Itália, foram antecedidas por migrações temporárias que a população promovia em outros territórios como meios de se sobreviver, o que comprova que a migração já era considerada uma solução para o enfrentamento de problemas de sobrevivência.

A crise agrária italiana fez com que esse conceito de emigração fosse alterado diante das precárias condições de vida dos seus cidadãos. A miséria das classes agrícolas, associada ao aumento da população e da precariedade da forma como estavam vivendo naquele momento alterou os motivos que justificavam a partida. Viam a emigração para América como uma possibilidade para fazer *fortuna*, e a emigração temporária para os países vizinhos apenas como um meio de melhorar a situação econômica que não era propícia.

A emigração temporária oferecia uma forma utilitária de solução para os problemas da mão de obra italiana, em períodos do ano em que o trabalho era escasso e passavam-se dificuldades no sustento familiar. Esse tipo de emigração envolvia também a classe operária, aqueles que tinham ofício e que podiam vender sua força de trabalho especializada, em terras próximas ou longínquas, apesar de manterem a família e de retornarem apenas uma vez ao ano. Os períodos preferidos para partir eram a primavera e o outono; esse êxodo era necessário nas regiões montanhosas e envolvia apenas os homens. As mulheres e as crianças permaneciam no lugar de origem.

A emigração refletia as condições internas do país, que, além da grave crise econômica por que passava, enfrentava mudanças sociais decorrentes da passagem de um país essencialmente agrário para uma sociedade urbano-industrial que se desenvolvia.

Os espaços de imigração europeia, após a segunda metade do século XIX, foram propícios à emigração, uma vez que estimularam o fluxo migratório daqueles que de lá partiram. Segundo

alguns estudiosos italianos²³, naquele período os fluxos migratórios foram comuns e refletiam as diferenças culturais marcadas pelas proveniências e pela quantidade de migrantes italianos.

Cada região da Itália unificada participou dos fluxos migratórios com um forte contingente de italianos, o que reflete a diversificação das áreas de procedência e a própria concentração de migrantes por regiões. Segundo estatísticas oficiais sobre a emigração italiana de 1869-1880, a emigração temporária era um fenômeno acentuado em relação à emigração transoceânica. É oportuno salientar que “[...] até 1876 houve um predomínio da emigração temporária sobre a emigração permanente. A partir de 1876, há uma inversão e tem início um movimento imigratório permanente” (HERÉDIA, 2001, p. 1108).

ANOS	EMIGRAÇÃO ITALIANA				
	Própria	Temporária	Total	Clandestina	Total
1869	22.201	83.565	105.766	14.040	119.806
1870	16.427	83.588	100.015	11.441	111.459
1871	15.027	96.384	111.411	11.068	122.479
1872	□	□	140.680	5.585	146.265
1873	□	□	139.860	11.921	151.781
1874	□	□	91.239	17.362	108.601
1875	□	□	76.095	27.253	103.348
1876	19.756	89.015	□	□	108.771
1877	21.087	78.126	□	□	99.213
1878	18.535	77.733	□	□	96.213
1879	40.824	79.007	□	□	119.831
1880	37.934	81.967	□	□	119.901

QUADRO 1 - DADOS SOBRE A EMIGRAÇÃO ITALIANA 1869-1880

Fonte: Atti dell’Inchiesta Agraria – Capitolo V. Dati numerici di statistica comparata. p. 120. In: HERÉDIA, 2001, p.1109.

É oportuno lembrar que a Unificação Italiana ocorreu apenas em 1861 e que, antes dessa data a Itália era constituída de diversos reinos, ducados e repúblicas, sob a influência de domínios estrangeiros, como o austro-húngaro, a Casa de Saboia, o Vaticano e, ainda, de regiões consideradas autônomas. A divisão da Itália

23 TRENTO, Angelo. **Por outro lado do Atlântico**. São Paulo: Nobel, 1989; FRANZINA, Emílio. **A grande emigração**: o êxodo dos italianos do Vêneto para o Brasil. Campinas: Ed. Unicamp, 2006. SABBATINI, Mario. **La regione di colonizzazione italiana in Rio Grande do Sul**: gli insediamenti nelle aree rurali. Firenze: Cultura Cooperativa Editrice, 1975. MAFFIOLETTI, Gianmario; SANFILIPPO, Matteo (Orgs.). **Un grande viaggio**: oltre... un secolo di emigrazione italiana. Saggi e testimonianze in ricordo di Padre Gianfausto Rosoli. Roma: Centro de Studi Emigrazione, 2001.

lia em sete reinos havia ocorrido após o Congresso de Viena, em 1814, quando o mapa geopolítico das nações foi refeito, sendo a Itália constituída pelos seguintes reinos: da Sardenha-Piemonte, do Lombardo-Vêneto, do Ducado de Parma, de Modena, da Toscana, os Estados da Igreja, e o das Duas Sicílias.

A emigração europeia se apresenta como um fenômeno a ser estudado diante das dimensões que assume essa mobilidade humana. Chama a atenção que em 1875 entram no Brasil 1.171 italianos registrados pelas autoridades brasileiras e que, no arco temporal de 1836-1902, o registro aponta para 1.129,265 italianos (TRENTO, 1989, p. 34).

Os dados mostram que houve um fenômeno migratório em massa devido ao número crescente apresentado nas estatísticas brasileiras. Entretanto, em certos períodos as taxas de emigração foram muito elevadas e em outros quase inexistentes. Dessa forma, o quadro abaixo indica a entrada de italianos no Brasil entre 1836 e 1902, e comprova o crescimento gradativo de imigrantes italianos a partir de 1884.

Tabela 1 - Italianos que entraram no Brasil entre 1836 e 1902

Ano	Estatísticas italianas	Estatísticas brasileiras	Ano	Estatísticas italianas	Estatísticas brasileiras
1836-1874	□	6.871	1889	16.953	36.124
1875	□	1.171	1890	16.233	31.275
1876	□	6.820	1891	108.414	132.326
1877	□	13.582	1892	36.448	55.049
1878	4.533	11.836	1893	45.324	58.552
1879	7.999	10.245	1894	41.628	34.872
1880	6.080	12.936	1895	98.090	97.344
1881	6.766	2.705	1896	76.665	96.505
1882	9.074	12.428	1897	80.984	104.510
1883	7.590	15.724	1898	38.659	49.086
1884	6.116	10.102	1899	26.574	30.846
1885	12.311	21.765	1900	27.438	19.671
1886	11.334	20.430	1901	82.159	59.869
1887	31.445	40.157	1902	40.434	32.111
1888	97.730	104.353	1836-1902	963.981	1.129.265

Fontes: Para as estatísticas italianas: ROSOLI, G. (Org.). *Un secolo di emigrazione italiana, 1876-1976*, p. 353; para as estatísticas brasileiras: MALESANI, E. *Brasile: Condizioni naturali ed economiche*, p. 405; Boletim do Departamento Estadual do Trabalho, 10 (38-39): 82-84, 1921. In: TRENTO, Angelo. *Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil*. São Paulo: Nobel, 1989. p. 34.

Tabela 2 – Emigrantes italianos para o Brasil conforme a procedência regional de 1878-1902

REGIÕES	1878-1886		1887-1895		1896-1902		1878-1902
	v.a.	%	v.a.	%	v.a.	%	%
Piemonte e Vale de Aosta	1.767	2,5	15.198	3,1	6.598	1,8	2,5
Ligúria	558	0,8	2.823	0,6	2.098	0,6	0,6
Lombardia	6.098	8,5	60.380	12,3	20.107	5,4	9,2
Vêneto e Friuli	21.264	29,6	246.168	50	62.066	16,6	35,2
Emília e Romanha	512	0,7	28.876	5,8	21.386	5,7	5,4
ITÁLIA DO NORTE	30.199	42,1	353.445	71,8	112.255	30,1	52,9
Toscana	6.340	8,8	26.542	5,4	26.746	7,2	6,4
Marcas	147	0,2	3.875	0,8	14.671	3,9	2
Úmbria	20	□	442	0,1	8.928	2,4	1
Lácio	□	□	308	?	12.273	3,3	1,3
ITÁLIA CENTRAL	6.507	9	31.167	6,3	62.618	16,8	10,7
Abruzos e Molise	3.845	5,4	17.865	3,6	47.997	12,9	7,4
Campânia	8.913	12,4	37.845	7,7	71.093	19,1	12,6
Apúlia	117	0,2	6.707	1,4	14.157	3,8	2,2
Basilicata	9.504	13,3	10.177	2,1	14.727	3,9	3,7
Calábria	12.659	17,6	27.172	5,5	31.875	8,5	7,7
Sicília	45	□	7.776	1,6	12.937	3,5	2,2
Sardenha	13	□	107	□	5.254	1,4	0,6
ITÁLIA DO SUL E ILHAS	35.096	48,9	107.649	21,9	198.040	53,1	36,4
ITÁLIA	71.802	100,00	492.261	100	372.913	100,00	100,00

Fonte: MAIC. Statistica dell'emigrazione italiana all'estero. In: TRENTO, Angelo. Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil. São Paulo: Nobel, 1989, p. 39.

Segundo Trento (1989), alguns períodos são mais propícios à imigração. Pode-se comprovar essa afirmação na tabela 1, quando se analisa o destaque que aparece nas séries estatísticas de 1885, 1886, 1887 e 1888. Os números de imigrantes italianos crescem e há uma diferença significativa nas estatísticas brasileiras das italianas, o que também pode apontar

As regiões mais afetadas pela emigração foram o Vêneto e Friuli, da Itália do Norte; a Toscana, da Itália Central; e Abruzos e Molise, Campânia e Calábria, da Itália do Sul. Os dados apresentados por Trento (1989) mostram que de 1887 a 1895 emigraram da Itália 492.261 italianos, sendo 353.445 do Norte e 246.168 do Vêneto e de Friuli. A emigração do Sul da Itália não apresenta dados elevados nas duas primeiras fases em comparação com as demais, tendo crescido no período de 1896 a 1902. Trento (1989) justifica que os emigrantes do Norte, que se dirigiram ao Sul do Brasil, ficaram vinculados aos setores que já estavam habituados na pátria.

Os setentrionais, em particular os vênetos, permaneciam em grande parte ligados ao setor produtivo a que pertenciam na pátria, a agricultura, enquanto os meridionais iam, sim, trabalhar nos campos, mas em medida menos maciça, encontrando afazeres também no artesanato, no comércio e nos trabalhos marginais urbanos (TRENTO, 1989, p. 40).

É importante considerar que o fenômeno emigratório é analisado no período de transição de um país “[...] agrícola e pré-industrial para uma fase de maturidade capitalista” (FRANZINA, 2006, p.34), cujos contextos são determinantes na motivação de emigração, bem como nas alternativas encontradas por meio do fenômeno de enviar remessas para manter o próprio país.

Os dados registrados no Ministério de Agricultura, Indústria e Comércio acerca da emigração italiana para o exterior, nas estatísticas de 1878²⁴, apontam que não apenas homens migram, mas famílias inteiras. Indicam ainda que não apenas “[...] os pobres operários e os pequenos empresários de trabalho que partem para a América; mas mais frequentes são as famílias de camponeses e os pequenos proprietários que podem pagar as despesas da viagem”.

No que concerne aos fluxos migratórios recentes, Tedesco (2011, p. 352), utilizando dados diplomáticos brasileiros, diz que em 2009 foram registrados aproximadamente “[...] 135 mil brasileiros na Itália”. Esses dados, se confrontados com as estatísticas italianas que “[...] estimam em torno de 50 mil”, não se compatibilizam, conforme cita esse autor, pelo fato de que os que possuem dupla cidadania não se enquadram nos registros daqueles que solicitam vistos de permanência. Dessa maneira, esses dados mostram algumas diferenças em relação às migrações do passado, pelo perfil que apresentam, ou seja: migrações de jovens, sem famílias, com certa escolaridade, e de mulheres, membros de associações representativas.

Segundo Zincone (2006 apud TEDESCO, 2011, p. 363), “[...] mais de meio milhão de brasileiros transformaram-se em italianos nos últimos 15 anos e houve um retorno à Itália de um continente em torno de 200 mil que haviam emigrado do país nos últimos anos”. Nesse sentido, Tedesco (2011, p. 363) corrobora a afirmação de Zincone ao chamar de “[...] mito de um retorno

24 STATÍSTICA DELA EMIGRAZIONE ITALIANA ALL' ESTERO NEL 1878. Roma, 1880.

produtivo”, quando a Itália usa o mesmo ideário de emigração, atenta a recuperar uma “comunidade política e étnica”.

Dessa forma, o estudo tem a intenção de conhecer a história dos pontos de partida e dos “mitos coloniais”,²⁵ para poder ajudar a ultrapassar a dimensão que se dá ao fenômeno emigratório, como solução apenas para o problema da terra, do emprego, da sobrevivência, para entrar na análise de outras esferas do que representava no imaginário dos emigrantes a colônia, o acesso à propriedade, a aspiração de mobilidade ocupacional e não apenas territorial, o *status* de proprietário, o sustento da família pelo trabalho na terra própria, as relações sociais e as experiências quotidianas.

Os sujeitos entrevistados narraram ter consciência e conhecimento da história de origem de seus antepassados. Muitos relataram como entraram em contato com essa realidade

PERCEPÇÕES SOBRE AS EXPERIÊNCIAS COM IMIGRANTES NA ITÁLIA E AS DINÂMICAS ESTABELECIDAS

As experiências de migração de retorno mostram que os jovens procuraram a terra de seus antepassados em busca de oportunidades de vida (sendo o trabalho uma delas), o estudo e a própria cidadania. Os jovens mostram que essas oportunidades lhes permitiram abrir uma série de novos conhecimentos, que lhes deram possibilidades de reconhecer o valor de sua terra, a importância de incluir em sua vida a história de seus antepassados. Entretanto, essas experiências se mostram distintas, se levada em consideração a idade dos jovens migrantes e a motivação para a migração.

Nas narrativas, percebe-se uma riqueza de significados atribuídos à experiência de migração, que mostra como os indivíduos captam e compreendem distintamente questões de múltiplas identidades. Por exemplo, na experiência da migrante Taiana (01 mar. 2012), constata-se que a ida à Itália deu-se devido à busca de novas experiências, não necessariamente voltadas ao estudo nem apenas ao trabalho, mas marcadas pelos sentimentos de novos horizontes e busca de qualidade de vida.

Chama a atenção que a migrante revela que “[...] a qualidade de vida na Europa é superior devido, não ao acesso de recursos, mas de vida coletiva, de segurança, de saúde pública, de cultura, de sentido de moralidade e civilidade”, já que, quando morava no Brasil, possuía mais dinheiro e segurança econômica, mas apenas

²⁵ Ver Franzina (2006, p. 35).

em termos individuais. Percebe-se que a migrante tem consciência das diferenças que existem entre italianos e descendentes de italianos. Expressa essa situação quando diz: “[...] Eu me sinto bem integrada, o que não quer dizer que necessariamente fui bem recebida, porque estamos numa região com um movimento racista muito forte (Lega Nord).” Diz ainda que “[...] nenhum descendente direto ou indireto de italianos, ou seja, brasileiro, ou de outra nacionalidade, é bem aceito de imediato. A aceitação vem com a confiança na pessoa; é uma questão muito pessoal. A *fidúcia* é fundamental”. Essa percepção é confirmada por outros migrantes que dizem que “[...] os italianos são desconfiados, mas depois que você se faz conhecer, eles te aceitam praticamente como de sua família” (RODRIGO, 22 mar. 2012).

A interrogação da italianidade se apresenta nas indagações de procedência. “A pergunta é sempre aquela: mas tu não és italiano?” O preconceito se manifesta expresso “na cadência vocal”. A migrante conta que, mesmo que “[...] explique que os seus avós são italianos e que tem cidadania, não interessa porque você não nasceu na Itália” (TAIANA, 01 mar. 2012).

Isso traz à tona uma questão que permite refletir sobre o conceito de cidadão por nascimento ou por vínculos de sangue. Por outro lado, quando questionada se conhece outros brasileiros na Itália, diz que sim, mas que procura manter-se distante deles. Ainda a migrante expressa que se sente, devido a sua integração, “[...] mais italiana do que brasileira, me sinto mais integrada socialmente na Itália do que quando estava no Brasil, porque a minha diversidade de pensamento e compreensão da realidade no Brasil era incômoda para muitas pessoas, e aqui não, a liberdade no pensar e no propor faz a diferença” (TAIANA, 01 mar. 2012). Esse pensamento de se sentir mais italiano do que brasileiro aparece em outras entrevistas, quando perguntado “[...] sentiu-se mais brasileiro quando em sua estada na Itália”. A resposta é contrária, pois despertam o sentimento de italiano pela imersão na cultura. Alguns afirmaram: “Me senti muito mais italiano visto que introjetei a cultura deles” (RODRIGO, 22 mar. 2012).

Essas falas mostram a posição acerca da cidadania por aqueles que migram como cidadãos italianos, uma vez que alguns ainda não conseguiram esse documento de fato, levando em consideração que na Itália a cidadania é definida pelo vínculo de sangue, ou seja, pelo *jure sanguinis*, e que, a partir de 1948 a existência de vínculo materno permite acesso ao reconhecimento.

Outra experiência de migração de retorno, ocasionada pelo motivo de estudos e ajuda financeira à família, mostra que a migrante entrevistada não sofreu a discriminação de ser brasileira, mesmo sendo cidadã italiana, mas identificou o sentimento de discriminação em outros brasileiros, ressaltando que a discriminação estava associada à aparência física. Comenta que “[...] nem todos os ítalo-brasileiros são bem-aceitos como italianos”. Acredita que depende muito da região e da educação familiar. Compara os italianos do Norte com os do Sul e afirma que os do Sul são menos preconceituosos em relação à desconfiança apresentada pelos do Norte. Comenta ainda que presenciou desentendimentos e preconceitos em relação aos ítalo-brasileiros como “[...] abordagens policiais decorrentes de aparência física, por terem traços latinos mais acentuados” (GABRIELA, 28 fev. 2012).

Em depoimento de outro entrevistado, aparece a discriminação sofrida como se não fosse de origem italiana. Esse depoente diz que

[...] o povo em geral era muito frio e ríspido. Declara que os brasileiros com cidadania não são vistos como italianos e, sim, como brasileiros, do terceiro mundo. A menos que o mesmo (uma porcentagem muito baixa) tenha um padrão de vida muito alto e consiga se impor e ser aceito por questões financeiras. (RAPHAEL, 18 jun. 2012).

Esse migrante, quando trata da questão da italianidade, fala que “[...] aos olhos dos italianos natos seria considerado um migrante, pois o descendente, mesmo com dupla cidadania, não teria nascido em território italiano; conseqüentemente, não seria considerado um legítimo italiano”. É interessante essa observação nas entrevistas, pois ela se repete quase em todos os depoimentos.

Quanto às condições de trabalho, as falas mostram que a dupla cidadania ajuda a conseguir trabalho e que ela é a condição de um “estrangeiro” conseguir trabalho. Este depoimento mostra essa premissa:

Muitos trabalham em empregos que só têm acesso devido à dupla cidadania. Outros fazem trabalhos esporadicamente, visto que a falta de documentação dificulta conseguir outros empregos. Muitas mulheres acabam casando com italianos e obtêm o direito de trabalhar legalmente (RODRIGO, 22 mar. 2012).

Os estudos de Tedesco (2011, p. 363) apontam nessa direção quando referem que “[...] a realidade promovida pelas políticas de dupla cidadania tem ajudado o controle e a seleção dos fluxos migratórios para a Itália”. Essa conotação mostra que, por parte de alguns governos, as políticas de dupla cidadania são uma “[...] espécie de sistema de quotas diferenciadas por nacionalidades e selecionadas entre regiões, tipologias de imigrantes étnicos, os toleráveis selecionados e seletos, para tentar bloquear os clandestinos”. Esse alerta aparece nas falas dos entrevistados, quando afirmaram que tiveram acesso ao emprego devido à condição de ter dupla nacionalidade. Entretanto, constatou-se também que muitos migram em busca de cidadania e da possibilidade de reduzir o prazo estabelecido pelos agentes consulares, o que provoca que acabam vivendo na irregularidade por meio de trabalho informal até o momento em que conseguem a documentação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se que as jovens gerações encaram a migração em busca de novas oportunidades de forma semelhante aos seus antepassados, que também acreditaram na migração como solução de histórias de vida, que acreditaram nos mitos coloniais de seu tempo como estratégias de vida.

É interessante evidenciar que parte dos imigrantes do final do século XIX não conhecia de forma profunda a história de seu país, uma vez que os estudos sobre os fluxos migratórios, realizados de forma mais sistematizada e rigorosa, ocorreram apenas a partir do final daquele século, quando os mesmos já haviam emigrado. Muitas afirmações feitas sobre o fenômeno migratório não eram baseadas em certezas e estudos estatísticos, conduzindo a uma falsa interpretação acerca do fenômeno, deixando a dúvida se haviam sido expulsos pela pátria ou se haviam sido cativados pela política de colonização imigrantista dos países da América latina. Franzina (2006, p. 62) afirma que “[...] nem todas as sucessivas análises que tiveram por objetivo reconstruir a história da emigração na Europa em direção ao Novo Mundo conseguiram enraizar na consciência dos observadores mais ou menos precavidos a substância dessas aquisições”.

Rosoli (2002, p. 99) mostra que muitos estudos feitos por brasileiros sobre esse tema utilizam raciocínios de natureza reducionista, com explicações simplistas, negando uma análise

mais completa do próprio fenômeno. Ao analisar a produção historiográfica sobre a emigração italiana no Sul do Brasil, feita pelos italianos, diz que há um contraste evidente sobre a mesma produzida pelos brasileiros. Afirma ainda que a imigração italiana no Brasil, “[...] no conjunto, [...] não recebeu, no âmbito científico italiano, a correspondente atenção que teria merecido por suas características”.

As inquietações nascidas sobre as análises não faziam parte das preocupações dos emigrantes, que ficaram alheios ao que escreviam sobre eles; mostram que mais tarde seus descendentes também continuaram a desconhecer parte dessa história e alimentaram um mito que já não existe sobre o passado, na contramão da História, como justificativa para o retorno. Percebe-se ainda que as informações colhidas e as imagens construídas para muitos não se compatibilizam com a da realidade, na medida em que fazem parte de uma construção idealizada, sem indicadores reais e sem parâmetros, conhecidos anteriormente à partida.

Essas constatações remetem a algumas reflexões de ordem metodológica, que mostram a riqueza da pesquisa etnográfica e, ao mesmo tempo, alguns limites decorrentes do uso da história oral e de suas técnicas. As vantagens do uso da história oral é que ela traz elementos importantes vivenciados pelo entrevistado e enaltecidos nas suas narrativas, marcados pela sua imaginação. São múltiplas as versões sobre o mesmo fato que se cruzam e se distanciam pelas experiências dos que migraram e que a história oral capta quando usa a voz dessas experiências.

Muitos entrevistados comentaram que a entrevista serviu para que revissem seus pontos de vista acerca da situação de migrante, dos preconceitos sofridos, das dificuldades enfrentadas nas trajetórias, o que expressa que o contar da experiência permite revivê-la.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. Trad. de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

AZEVEDO, Thales. *Italianos e gaúchos: os anos pioneiros da colonização italiana no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: IEL/DAC/Nação, 1975.

BENJAMIN, Walter C. *O narrador*. São Paulo: Abril Cultural, 1980, p. 60-69. (Os Pensadores).

EINAUDI, Luigi. Un principe mercante: studio sulla espansione coloniale italiana. Torino, 1900. In: CAROCCI, Giampiero. *Storia d'Italia dall'unità ad oggi*. Milano: Feltrinelli, 1998, p. 107.

CORTI, Paola. *Storia delle migrazioni internazionali*. Bari: Laterza, 2007.

FRANZINA, Emilio. *A grande emigração: o êxodo dos italianos do Vêneto para o Brasil*. Trad. de Edilene Toledo e Luigi Biondi. Campinas: Unicamp, 2006.

HERÉDIA, Vania Beatriz M. Emigração temporária: uma solução para a crise. p. 1104-1109. In: SULIANI, Antônio. (Org.). *Etnias & carisma*. Porto Alegre: Edipucrs, 2001.

LUCENA, Célia Toledo; GUSMÃO, Neusa Maria Mendes. (Org.). *Discutindo identidades*. São Paulo: Humanitas/Ceru, 2006.

MAFFIOLETTI, Gianmario; SANFILIPPO, Matteo. (Orgs.). *Un grande viaggio: oltre... un secolo di emigrazione italiana*. Saggi e testimonianze in ricordo di Padre Gianfausto Rosoli. Roma: Centro di Studi Emigrazione, 2001.

PÉCOUT, Gilles. *Il lungo risorgimento: la nascita dell'Italia contemporanea (1770-1922)*. Milano: Mondadori, 1999.

RAMBO, B. S. J. A zona de colonização italiana (estudo geográfico). *Álbum comemorativo do 75º aniversário da colonização italiana no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1950.

ROSOLI, Gianfausto. A experiência da emigração italiana no Rio Grande do Sul na literatura italiana. *Métis: História & Cultura*, Caxias do Sul, v.1, .n. 1, p. 95-134, jan/jun. 2002.

SABBATINI, Mario. *La regione di colonizzazione italiana in Rio Grande do Sul: gli insediamenti nelle aree rurali*. Firenze: Cultura Cooperativa Editrice, 1975.

SEYFERTH, Giralda. *Imigração e cultura no Brasil*. Brasília: UnB, 1990.

STATÍSTICA DELLA EMIGRAZIONE ITALIANA ALL' ESTERO NEL 1878. Roma, 1880.

SORI, E. *L'emigrazione italiana dall'unità alla seconda guerra mondiale*. Bologna: Il Mulino, 1979.

TEDESCO, João. Do Brasil à Itália: interfaces histórico-culturais de um novo processo migratório. In: HERÉDIA, Vania Beatriz M.; RADÜNZ, Roberto. (Org.). *História e imigração*. Caxias do Sul: Educs, 2011.

TRENTO, Angelo. *Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil*. São Paulo: Nobel, 1988.

WALLERSTEIN, Immanuel. *Capitalismo histórico & civilização capitalista*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.

ZINCOME, G. (Org.). *Familismo legale: come (non) diventare italiani*. Roma, Bari: Laterza, 2006.

CIDADANIA ITALIANA, PASSAPORTE PARA A EUROPA: MEMÓRIAS DE TRÊS MULHERES (SANTA CATARINA – BRASIL)

Marlene de Fáveri

Silvia Maria Favero Arend

Universidade do Estado de Santa Catarina – Udesc

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Maria, Paula e Joana são mulheres de três gerações duma mesma família de descendência italiana, nascidas no Sul de Santa Catarina, que estiveram envolvidas, de alguma forma, nas decisões familiares de conseguir a cidadania italiana, com significados próprios para cada uma delas.²⁶ Foi em busca desse objetivo que Paula e Joana cruzaram o Atlântico. Atualmente, as três residem na pequena cidade de Turvo. Essas três mulheres possuem referências da infância e da convivência familiar em que o denominado dialeto vêneto e a língua portuguesa se misturavam no cotidiano, embora Joana, a mais jovem, não expresse em suas memórias ligação com as práticas de seus avós de origem italiana.

A imigração italiana fez parte de grandes movimentos populacionais que se dirigiram para o Brasil no século XIX, sobretudo a partir de 1870.²⁷ Entre 1870 e 1920, cerca de 1,4 milhão de pessoas ingressou no país, num período em que o governo brasileiro não poupou esforços para atrair esses trabalhadores, como parte de iniciativas para certo tipo de povoamento da região Sul (ALVIM, 1999, p. 383). Maria, Paula e Joana são avó/nona, mãe e filha/neta; elas dividem as experiências desse longo processo histórico com boa parte da população brasileira.

Esses imigrantes abriram estradas, instalaram-se com suas famílias, trabalharam na lavoura, passaram a ter importantes pa-

²⁶ As narradoras autorizaram a divulgação de seus nomes para fins deste trabalho científico.

²⁷ “O processo de unificação do Estado italiano e a articulação do processo de industrialização do Norte da Itália ofereceram ao Brasil esse contingente de imigrantes brancos de que este necessitava e que a Alemanha não estava disposta a oferecer” (GROSSELLI, 1987, p. 238).

péis nas relações sociais, econômicas, políticas e culturais, contribuindo para a formação de núcleos coloniais, instalação de mercados, preservando elementos culturais de sua origem.²⁸ Os Municípios do Sul de Santa Catarina, na sua maioria, surgiram desses núcleos coloniais de imigrantes que acumularam capital econômico, simbólico e político, e, então, reivindicaram a instalação do poder administrativo municipal. O processo de colonização de Turvo ocorreu por meio dos imigrantes italianos Marcos Rovaris e Martinho Ghizzo, ao quais obtiveram do governador do Estado²⁹ grandes extensões de terras, em pagamento por seus serviços na abertura de estradas no início do século XX. Segundo o historiador João Colodel (1987, p. 23),

O Sr. Marcos Rovaris dividiu a sua sesmaria em lotes e passou a oferecê-los aos habitantes de Criciúma e Urussanga. Em Urussanga, havia uma relativa densidade demográfica em 1913 e em Criciúma os solos não eram férteis, por isso, houve grande procura por parte dos colonos destes lugares, às terras oferecidas pelo Sr. Marcos Rovaris, por serem férteis. Os agricultores que não possuíam meios para adquirir um lote de terra em Turvo, terra esta muito promissora, deslocavam-se de Criciúma e Urussanga para trabalhar na estrada de ferro do Rio Grande do Sul ao Paraná, com objetivo de conseguir dinheiro. Os compradores foram aparecendo: Sr. Angêlo Rovaris, Antonio Bez Batti, Lourenço Manenti e as famílias: Carlessi, Arigoni, Lucioni, Piazzoli, Casteller, Patel, Tonetto, Bendo, Vitto, Marcon, Scarabelot, Bozza, Niott, Crispini.

Mas essas famílias não estavam sós. A região era habitada por índios carijós. Os atritos entre os recém-chegados e as populações indígenas foram violentos. À medida que se dava a ocupação das terras pelos colonos, os índios eram expulsos e exterminados num processo que avançou até as primeiras décadas do século XX.

Ângelo Rovaris fixou residência com sua família, instalou um engenho de farinha de milho e uma serraria, atraindo colo-

²⁸ Sobre o assunto, conferir Seyfert (1990).

²⁹ Segundo João Colodel, eram as estradas de Criciúma a Mãe Luzia, cujas terras foram recebidas do coronel Vidal José de Oliveira Ramos, governador do Estado de Santa Catarina de 1910 a 1914, e Hermes da Fonseca era Presidente do Brasil (COLODEL, 1987, p. 23)

nos como Antônio Bez Batti, um dos primeiros a chegar vindo de Urussanga que, em 1913, iniciou a derrubada da mata nos terrenos onde hoje se situa a sede municipal (COLODEL, 1987, p. 23). Esses dois homens são, na historiografia local, tidos como os fundadores do Município, rememorados e reconhecidos como os primeiros imigrantes italianos a ocuparem aquelas terras. Outros colonos imigrantes italianos e seus filhos, boa parte vindos da região de Criciúma e Urussanga, compraram propriedades e estabeleceram-se em Turvo, com plantações e criações. Em 1949, foi instalado o Município e, em 1954, Turvo passou a ser a segunda Comarca do Vale de Araranguá.

Os pais e sogros da nona Maria Dal Pont Tonetto fizeram o percurso da maioria dos imigrantes da região, comprando terras no local que viria a ser o Município de Turvo e ali instalaram propriedades, viveram do cultivo da lavoura e constituíram famílias extensas. São os filhos e filhas desses colonos e seus netos e netas, que estão buscando obter o documento que lhes dá a identidade italiana e a possibilidade da dupla cidadania. Por que a busca da cidadania italiana? Qual a importância do documento de identidade italiana para essas mulheres? O que representa nas suas vidas serem cidadãs italianas? Como se identificam? Neste capítulo, pretendemos investigar as motivações e o esforço que fizeram até obterem o documento, para compreendermos suas trajetórias de migrantes contemporâneas a partir e de um pequeno ponto de partida: Turvo, Sul de Santa Catarina e do Brasil.

PAULA...

Desde os primeiros anos deste século, observa-se um movimento significativo de “retorno” dos descendentes de imigrantes que vieram para o Brasil no final do século XIX rumo à Região do Vêneto. Esse movimento migratório reverso tem como um dos pontos de partida as antigas regiões de imigração italiana no Sul de Santa Catarina e na Serra gaúcha. O movimento contemporâneo de partidas é marcado, em alguns casos, pela percepção do processo como se este fizesse parte duma espécie de retorno do descendente para a terra de seus ancestrais.

Há a construção duma memória da imigração triunfante significando ascensão social e econômica dos descendentes de italianos, alemães, espanhóis, portugueses ou japoneses. Entretanto, essa memória recobre um conjunto de outras experiências da imigração: os projetos que faliram e os desencantos com uma

“terra da *cuccagna*”, que não foi encontrada (ASSIS, 2011). São esses descendentes, crescidos em zonas de forte influência de uma cultura étnica vinculada à terra de proveniência dos ancestrais, que buscam o retorno à velha/nova terra e a realização de projetos de vida. Segundo Adiles Savoldi (1998, p. 9),

Os imigrantes provenientes de diferentes regiões da Itália (vênetos, lombardos, trentinos etc.) se descobrem italianos no Brasil, pois como o processo de unificação da Itália ainda era recente, estes se autodenominavam de acordo com a Região de procedência, e agora no final dos anos oitenta e início dos anos noventa, partem para um trabalho de investigação genealógica com o intuito de descobrirem de qual região da Itália vieram seus antepassados, a fim de adquirir o documento de nascimento do ancestral que imigrou para o Brasil e assim poder regularizar a sua cidadania italiana. No que diz respeito a esse aspecto, convém destacar que em algumas famílias, a Região de procedência do ancestral, já era conhecida. Faltava apenas saber o paese – cidade do local de nascimento.

Esse movimento de busca da identidade italiana está vinculado ao surgimento de associações italianas em Santa Catarina a partir de 1975, marcando o centenário da imigração desse grupo social para o Brasil, e se concentrou no final dos anos de 1980. No ano de 1991, foi criada, em Turvo, a *Associazione Discendenti di Italiani*,³⁰ por meio da qual foram disseminadas ideias de busca da cidadania italiana e de pertencimento à etnia de seus antepassados. O investimento por parte de pessoas ligadas à *Associazione* e às narrativas sobre a possibilidade de visitar a terra dos nonos despertou nos descendentes o interesse em obter a dupla cidadania.

Um grupo significativo de pessoas de origem italiana do Sul de Santa Catarina localizou a documentação para fazer a cidadania italiana. Num primeiro momento, parte dessas pessoas foi conhecer a Itália, numa *busca das origens*. A partir de narrativas de descendentes do Sul da Santa Catarina, Adiles Savoldi (1998, p. 112) percebeu que

Muitas pessoas durante as entrevistas faziam questão de enfatizar que haviam regularizado a cidadania por uma questão de orgulho

30 Associazione Discendenti di Italiani. Rua Antonio Bez Batti, 538 - 88930-000 – Turvo (SC). <http://portale.lombardinelmondo.org/nazioni/brasil/assitabra/articoli/areaistituzionaleacmbra/areaconscuri>. As Associações são ligadas à Federação Sul-Catarinense das Associações Italo-Brasileiras – Fescaib.

– *resgate das raízes* – e não para querer ir trabalhar. As diferenças internas entre o próprio grupo que regularizou a cidadania refletem a heterogeneidade. Há os que alegam terem regularizado a cidadania por uma questão de praticidade nas viagens. Há ainda os que alegam que a cidadania pode ser uma segurança para os eventuais problemas que possam surgir no futuro.

Nesse movimento, a possibilidade de estender a dupla cidadania aos filhos e netos fez alvoroçarem-se os desejos – havia aí a possibilidade de trabalhar lá no outro mundo e, quiçá, *fazer a Europa*. O movimento de reinvenção da italianidade, ocorrido a partir dos anos de 1980, levou as associações a investirem em práticas e em discursos que se referiam a certo “amálgama identitário”. Nos círculos de cultura italiana, proliferaram discursos relativos ao que se chamou de “resgate cultural”, disponibilizando a apropriação de determinado capital simbólico que alentou sonhos e construiu narrativas que indicavam o caminho de volta por meio da cidadania italiana. “Muitos descendentes de imigrantes nesses casos, redescobriram – os filhos da terceira ou quarta geração – que ter uma origem poderia ser um capital simbólico importante, uma saída econômica, uma estratégia social”, conforme afirma o historiador José Roberto Severino (2004, p. 202). Foi por meio dessas motivações que a família Tonetto obteve a cidadania italiana. Paula, a filha de Maria e Idolino, tem hoje 47 anos e mora em Turvo; é casada, tem uma filha, Joana, e trabalha na prefeitura municipal. A experiência de Paula fornece detalhes sobre a busca da identidade italiana, a começar pela localização de documentos. Sua irmã havia aberto o caminho para toda a família, ao viabilizar a dupla cidadania para seus pais:

Minha irmã fez o documento italiano em 1988 justamente pros filhos dela no futuro poder ir para a Europa sem ter que dar entrevista, e poder entrar no país sem complicação. Ela fez dupla cidadania, então fez do pai e da mãe, que a partir do pai e da mãe ela conseguiu o (documento) dela. E fez para os filhos dela e o meu irmão mais novo também fez. [...] Daí, em 2007 a Joana fez vestibular para Universidade Federal de Santa Catarina e não conseguiu passar, e se não passasse, nós tínhamos decidido que

31 Entrevista com Paula Maria Tonetto Raupp, 47 anos, Turvo, Santa Catarina, realizada em 08 de abril de 2012 por Marlene de Fáveri.

íamos pra Itália para fazer documento porque por aqui estava demorando uns 20 anos pra sair. (PAULA, 2012)³¹

Na época, quando os pais de Paula fizeram o documento, a demanda era bem menor, o que facilitava o processo. Com o passar dos anos, isso se tornou mais demorado por causa da grande procura e também da adaptação dos cartórios, das legislações e do zelo com que esses processos passaram a ser analisados em face das possíveis falsificações de documentos e outros problemas, tais como os nomes alterados.

Paula afirmou que constava na lista para obter o documento desde 2000, mas, com a demora, decidiu ir para a Itália, onde esperaria de três a quatro meses para a cidadania italiana ficar pronta. Reuniu os documentos, pediu licença no trabalho, juntou dinheiro, obteve informações com pessoas que haviam conseguido. Assim, contou com as informações de outra moradora de Turvo que tinha contatos. Esta lhe forneceu o telefone de uma mulher que estava em Verona e que se comprometia em buscá-la na estação. Enfim, foi estabelecida toda uma rede de solidariedades para facilitar o processo. Paula narrou: “ela foi me buscar na estação, e ela alugou uma casa pra mim e para uma amiga dela, a gente pagava aluguel de quarto... em Verona [...] Na época, pagávamos 200 euros por semana pelo quarto”.

Paula levou consigo a filha Joana, com 18 anos. Essa idade tornava sua presença obrigatória na Itália para receber as visitas da imigração.³² Lá, ambas obtiveram a concessão do *permesso di soggiorno* (permissão de permanência, que autoriza a residência legal de estrangeiros em território italiano), enquanto moravam em Verona à espera da assinatura do documento. Paula compartilhava a casa com outras pessoas, também brasileiras e na mesma situação:

A mulher que nos acolheu em Verona era de Timbé do Sul,³³ chamava-se Jucélia Conti, morava em Verona, trabalhava na posta (correio), ia de motinho trabalhar. Ela que nos buscou na estação e arrumou a casa para morarmos. Eu fui sem saber de nada, falava o italiano daqui. Mas o povo da Itália não faz

32 No tempo de estada e espera, recebem a visita dos Carabinieri – polícia de controle –, para verificar realmente moram no endereço citado na entrada da documentação.

33 Município próximo de Turvo, situado no Sul do Estado de Santa Catarina.

questão de te entender, sabe? Isso é muito mal. Eu fui numa loja onde comprei uma internet móvel e lá me trataram mal, não me atendiam, não faziam questão de me entender. Mas depois que a gente faz um esforcinho, consegue entender. Como eu falava alguma coisa do dialeto daqui, me virava, mas eles não fazem questão nenhuma de entender. Lá se tu vai numa loja eles nem olham. Lá tu compras, tu passas no caixa eles nem te dão uma informação. Difícil, bem difícil... Não sei se tem medo que a gente vai atrás por alguma herança...³⁴ Não sei por que, mas não te recebem bem. (PAULA, 2012)

Na narrativa de Paula, que é também de Joana, está presente a difícil convivência num país cada vez mais hostil à suposta ‘invasão’ de descendentes em busca da cidadania. O historiador Luis Fernando Beneduzi analisou as memórias desses migrantes na Itália, as quais nos informam dos problemas com a burocracia e mesmo com os maus tratos vividos durante a estada, evidenciando experiências que se revelam no ato de lembrar (BENEDUZI, 2009).

Joana expressou o sentimento de exclusão e preconceitos vividos na época em que esteve em Verona: “eles odeiam brasileiros porque vão lá fazer dupla cidadania e, com isso, conseguem trabalho e dinheiro; e como eles, italianos, só têm uma cidadania, detestam a gente... Eles acham que tudo é deles, que fizeram isto e aquilo, fizeram, são donos de tudo. Por isso nos tratam mal...”³⁵ Segundo ainda a narrativa de Paula sobre sua estada em Verona:

Assim a gente ficava até com medo de falar por causa da ignorância deles, sabe? ‘Eu não quero aprender essa língua, povo grosso, não vejo a hora de ir embora’, pensava, porque o objetivo nosso era só ter o documento para ir para Londres. Porque os meus dois sobrinhos que a minha irmã tinham feito (a identidade italiana), eles já moravam em Londres. O mais novo foi e depois o mais velho foi também. Daí, a gente queria só pegar o documento, era só pra fazer o documento mesmo o que a gente queria da Itália, pegar o documento lá. Nós assinamos na terça, na quinta

34 “Existem muitos comentários envolvendo o medo que os italianos têm de que surjam descendentes de imigrantes em busca de herança.” SAVOLDI, 1998, p. 84.

35 Entrevistas com Joana Tonetto Raupp, 24 anos, Turvo, Santa Catarina, Realizada em 14 de maio de 2012, por Marlene de Fávéri.

nós pegamos a identidade e na sexta nós já tínhamos passagem marcada pra Londres. (PAULA, 2012)

A cidadania implica a possibilidade de *ser cidadão* de um país/nação, não apenas a condição de indivíduo, mas como parte de uma comunidade de pertencimento, detentor de soberania política e sendo legítimo que tenham e exerçam direitos de cidadão, bem como deveres.³⁶ A preocupação acerca das leis e da cidadania italiana para descendentes (e outros grupos) está na pauta dos debates na Itália; as leis italianas recrudesceram nos últimos anos com respeito à entrada de estrangeiros, tornando complexos os processos e burocratizando-os ainda mais. Com a crise econômica europeia nestes últimos anos, as dificuldades econômicas enfrentadas pelos italianos geraram tensões, em certa medida, pela percepção de que a responsabilidade pelos problemas enfrentados seria dos migrantes.

Além da situação relatada anteriormente, Paula e Joana contaram com a solidariedade de outros brasileiros, na mesma condição. Essas redes de migrantes criaram relações indispensáveis para a estada num país estranho, sobre cuja língua se tem pouco domínio. Em Verona, a convivência em casas compartilhadas e o aluguel de quartos oportunizaram contato com brasileiros e com a cultura local.

Cuidavam das crianças de outras mulheres migrantes e, por vezes, conseguiram algum trabalho de cuidadoras ou outros serviços, como colher uvas ou em serviços de limpeza, porém em caráter informal. Conta Paula que moraram com um casal que habitava um único quarto da casa e alugava os outros quartos, “[...] porque saía mais barato para eles, porque o aluguel lá era muito caro”. A alimentação, segundo seu depoimento, não era grande problema: “o que é caro lá é aluguel”. As mulheres que migram, trabalham, em geral, com ocupações, como babás, cuidadoras e, também, na limpeza. São muito procuradas para essas funções,³⁷ consideradas

36 Acerca desse assunto, ver o estudo de Monteiro (2007).

37 “Aumentou em muito o número de mulheres que migraram nos últimos anos na Itália. Em 2000, elas atingiam 46% do total global dos imigrantes. Em dezembro de 1999, num total de 1.252.994 soggiorni registrados, 46,3% eram de mulheres. Esse índice vem aumentando; de 1994 a 2004, houve um incremento de mais de 35% no ingresso feminino na Itália; em 2008, o índice já subiu para 49,9%. A imigração brasileira é uma das que possui maior participação feminina (56%).” (TEDESCO, 2010).

mais carinhosas e atenciosas, com a vantagem de terem ascendência italiana, ou seja, temos aí um atributo de gênero que é reproduzindo e reforçado pela etnicidade (ASSIS, 2007, p. 759).

O objetivo foi alcançado pelas mulheres: permaneceram em Verona sete meses, três a mais do que previam, até obterem o documento que lhes concedia a cidadania italiana e, então, dirigiram-se para Londres. Em Londres, a vida foi outra, porque, de posse da cidadania italiana, adquiriram o direito de ir e vir nos países da Europa e de trabalhar legalmente. Paula voltou para o Brasil meses depois, enquanto Joana ficou em Londres, trabalhando e estudando inglês.

NONA MARIA...

Maria Dal Pont Tonetto, a *nona* (avó), tem 87 anos, mora em Turvo, é viúva de Idolino Tonetto, filho de imigrante italiano.³⁸ Maria nasceu em Nova Veneza, também Município do Sul de Santa Catarina. É filha de Antonio Dal Pont, nascido na Itália, e de Joana de Lucca, nascida no Brasil, mas descendente de italianos. Quando tinha seis anos de idade, seus pais mudaram para Boa Vistinha, comunidade rural do interior de Turvo e, aos 18 anos, contraiu matrimônio com Idolino Tonetto, agricultor, com quem teve nove filhos³⁹

A história de Maria não se difere muito das histórias de outras tantas mulheres que, quando jovens, se casaram com rapazes de famílias conhecidas da mesma cidade ou região e, em geral, da mesma origem étnica. Trabalharam na lavoura, que constituía a base da unidade econômico-familiar. A família não podia prescindir do trabalho de nenhum de seus membros, incluindo numerosos filhos (WOLFF, 2001). Na cultura ítalo-germânica, as mulheres são corresponsáveis em todo o trabalho da lavoura, além de darem conta do trabalho doméstico e dos cuidados com os filhos e filhas.

A *nona* Maria contou que em fins da década de 1980 não via necessidade de procurar a documentação necessária para a dupla cidadania: “não, não fizemos... ele [o marido] já achava que porque não sabia ler nem escrever ele não queria sair, e eu também...

38 Filho de Angelo Tonetto, natural da Itália, e de Cristina Waltrick, natural da região de Florianópolis, capital do estado de Santa Catarina.

39 Raulino (69 anos), José Antenor, Maria Inês, Maria Helena, Maria Leonor, Maria Bernardete, Angelo Antonio, Paula Maria e Silvano.

Foi a Paula, os filhos da Berna que tão lá na Inglaterra...”. Se ela, a *nona* Maria, teve vontade de ter este documento? “Não, não... eu sei lá, sempre cheia de serviço, sempre preocupada com os filhos, nunca pensei nisso... Eu era muito cuidadosa com os filhos, queria fazer as coisas pra eles, nunca pensei nisso.” Foram os desejos dos filhos, no caso, da filha Maria Bernardete, que levaram a família a procurar a documentação necessária.

Para a *nona* Maria, esse fato não se configura como um momento significativo em sua vida, tanto que não guardou na memória – acentue-se que rememorar só é possível quando “fica o que significa”, como ensina Ecléa Bosí, quando a memória registra o que teve valor e significado. Ela reafirma que seu mundo é Turvo, lugar onde mora desde que se casou (e desde os seis anos morando numa vila rural do mesmo lugar, Boa Vistinha), onde criou os filhos e construiu relações de sociabilidade. Tendo vivido sempre na cidade (e bem antes de ser cidade), “[...] conheci todos e vivi de tudo” – ela disse ao telefone, quando marcamos a entrevista. Turvo é o lugar onde ela e o marido Idolino sempre estiveram envolvidos nas decisões e ações da comunidade.⁴⁰ Ela, o marido e os filhos foram e são participantes ativos do Centro de Tradições Gaúchas de Turvo, o CTG Vale da Amizade,⁴¹ onde concentram suas melhores lembranças. Sobre a participação de seu marido e filhos no CTG, nona Maria assim exclamou:

Foi eles que começaram com CTG! Nossa, ele trabalhou tanto no CTG, tanto! Eu tinha vestidos, não sei quantos vestidos que eu tinha de CTG!!! Eu tenho ainda um guardado, mas as anáguas e as roupas, dei tudo... [...] Oh, eu gostava! Nós dançamos muito, muito, muito, muito!! Íamos prá fora dançar! Eu era dançadeira! (risos) Nós dançamos muito, muito, muito, muito!

40 Nona Maria conta que seu marido esteve presente em todas as ações comunitárias da cidade: na construção da Igreja Matriz (inaugurada em 1947), do Seminário Servos de Maria (inaugurado em 1944), além de participar de todas as Associações ligadas à Igreja e outras sociabilidades étnicas, as festas da Padroeira, do Colono, do Município etc.

41 O CTG “Amizade do Vale”, de Turvo, organizou suas atividades em 1º de maio de 1983, quando o Sr. Eliseu Manenti agrupou simpatizantes do tradicionalismo gaúcho; foi organizado o Estatuto, Regimento Interno e Registro. São sócios fundadores: José Nicodemos Pagnan, Anselmo Acordi, Abeloir Olivo, Antonio de Pelegrini, Eliseu Manenti, Valcir de Pelegrini, José Antenor Tonetto, Olívio Gabriel, Ludovico Menegaro, Justino Bordignon, Olívio Bordignon, Haroldo Olivo, Luiz Angelo Cirimbelli.

Não para me gabar, né? Ontem a Inês veio aqui e queria me levar a um baile no Ermo... Não, não vou! Sou orgulhosa! Não danço com qualquer um, não! Sei lá por quê! (Risos) (MARIA, 2012)

Assíduos participantes de bailes e rodeios, o casal distinguia-se na cidade. Ela lamenta que “[...] não dá mais para dançar, as pernas já não ajudam... até pouco tempo eu dançava! Mas agora...”. Contou-nos nona Maria que seu falecido marido “[...] era muito do CTG. Nós éramos muito do CTG, eu e ele, e ele trabalhava muito pelo CTG, muito!” Idolino faleceu num dia em que havia festividades do CTG, em Turvo, sendo que os amigos “[...] foram a cavalo até a frente da Igreja e ao lugar do enterro...”, conta emocionada com a homenagem prestado ao marido pelos cavaleiros e prendas do Centro de Tradições Gaúchas.

Esses fatos mostram que as ligações com as associações italianas misturavam-se aos vínculos com manifestações gaúchas, muito presentes no Sul do Brasil. A vivência de traços da cultura dos imigrantes italianos ocorre em espaços específicos e ocasiões ritualísticas, mas combina-se com outras manifestações, constantemente ativadas. Segundo José Roberto Severino,

Fora daquele espaço ritualizado, fora dos círculos de cultura, as pessoas seguem levando suas vidas como em qualquer lugar. Apenas que a teimosia acerca do que fazer com as identidades parece responder a intrincadas formas de pertencimento que não cabem em fórmulas, mas que precisam ser entendidas (SEVERINO, 2004, p. 162).

Noto que as memórias de Maria não estão ligadas à ancestralidade como um sentimento de italianidade, mas remetem aos laços de amizade e sociabilidades construídas nos grupos de dança gaúcha dos quais participou, embora lembre bem de sua infância e adolescência quando ouvia e acompanhava as músicas italianas cantadas pelos pais e vizinhos nas festas, casamentos e reuniões. Segundo Paula, “[...] a mãe cantava músicas em italiano... Desde que éramos pequenos, era comum, a mãe gostava de canto, tinha voz boa”. Nona Maria fez parte do Coral da Igreja e rememora sua participação com saudosismo e entusiasmo:

42 Comunidade rural de Turvo.

43 Professor Luiz Angelo Cirimbelli, maestro e organizador do Coral.

Fui cantora! Fui muito cantora! Porque com 14 anos eu cantava no coral do De Lucca, de lá, do Jundiá.⁴³ Agora depois que viemos para cá, Luizinho⁴³ dizia assim, “Ah, minha segunda voz, ah, minha segunda voz!” Mas viemos morar prá cá, e cabeça de tudo era eu! Porque meu velho era analfabeto, então deixava tudo para mim, a cabeça era eu, até o bar estava no meu nome, e eu não podia de noite sair no Coral, nunca fui... Ele dizia ‘tu vai prá lá e deixa tudo aqui assim?’”, então eu não ia... (Maria, 2012)

As memórias de Maria desencobrem ressentimentos por haver abdicado de cantar depois do casamento para dar conta dos afazeres domésticos, assegurar os negócios da lavoura e da casa de comércio (bar). Como diz: “a cabeça era eu”. As mulheres tiveram, e têm, a responsabilidade pelo bom andamento da família e são delas as narrativas de abdição de coisa para si e de prazeres como o de cantar num coral, para assegurar o empreendimento familiar e a economia doméstica. Maria é uma dessas mulheres.

O casal Tonetto participava do *Círculo italiano* e esteve junto quando pessoas ligadas à *Associação dos Descendentes de Italianos de Turvo (Aditália)* idealizaram a *Festália*, festa tipicamente italiana de rememoração das ações dos antepassados, que contou com o apoio da administração municipal. A festa iniciou em 2000 (acontece a cada dois anos) e segue⁴⁴ enaltecendo a cultura e a imigração italiana (a exemplo de outras pelo Estado e pelo Brasil).

Nessa festa, serve-se comida típica italiana, apresentam-se shows e danças típicas italianas, exposição de máquinas agrícolas e produtos da região, dentre outras atrações. Na 7^a edição da festa, foi realizado o ‘1^o. Festival Sul-catarinense da Música Italiana’ e também um concurso de música italiana visando a dar oportunidade aos cantores da região, a exposição de fotografias de famílias do passado e do presente, culminando com desfiles das famílias descendentes pela rua principal da cidade até o parque de exposições – de acordo com o presidente da *Aditália*, Alírio Biléssimo, a cada edição a festa cresce, em média, 10%, conforme matéria do *Canal Sul*, cujo título é “Turvo respira cultura italiana”.⁴⁵ Lembramos que Alírio Biléssimo é também um dos coordenado-

44 “Vai começar a 7^a Festália – Uma festa para celebrar a cultura, a história e a tradição de quem fez de Turvo um Município de destaque em todo o Estado”. Capa do *Jornal do Sul*, em 10 de agosto de 2012.

45 *Jornal do Sul*, em 10 de agosto de 2012. Turvo, Santa Catarina. Disponível em: <<http://www.jornaldosul.com/site/>>.

res da *Rádio Imigrantes de Turvo*, emissora que iniciou suas transmissões em 1992 e mantém um programa dominical chamado *Ricordi Degli Imigranti*, apresentado por Iracy Scarabelot,⁴⁶ e importante na divulgação da festa e na rememoração da cultura e da língua italiana.

Na semana da *Festália*, em 2012, em toda extensão das ruas principais de Turvo, as casas de comércio, religiosas e de moradia, bem como os carros alegóricos, estavam enfeitados com flâmulas verdes, brancas e vermelhas, cores da bandeira italiana. A família Tonetto organizou o desfile e um carro aberto, enfeitado com essas cores, e nele estava Maria, vestida de *nona* italiana, portando um garrafão de vinho e ladeada de netos e bisnetos, cantando alegremente músicas italianas conhecidas dos imigrantes... *Nona* Maria sente-se italiana? Sentiu-se lisonjeada por ser eleita em primeiro lugar no desfile, representando a cultura italiana: “vieram e disseram que eu tinha ganhado, baixei a cabeça e comecei a chorar! Eu quero cumprimentar os italianos, e dizer ‘tanta gente italiana!’”, rememorou.

A convivência entre os descendentes de italianos de Turvo e as práticas que cultivam a chamada tradição gaúcha, permitem uma leitura de que costumes e culturas conviveram e convivem, assimilando-se.

Mas, se a *nona* mostra sentidos e subjetividades que a emocionam ao falar do desfile com signos de italianidade, ela é ainda mais enfática nos sentidos quando fala de sua participação ativa no CTG. Suas memórias reavivam um passado de muito trabalho, seu e de seu marido, para dar conta dos afazeres da lavoura, da casa, dos filhos, do bar, das agruras dos anos iniciais em Turvo, enfim, memórias de um cotidiano compartilhado com outras pessoas e famílias que tiveram experiências similares.

Entretanto, *nona* Maria não vê a estada no exterior como referência positiva. Ao elaborar sentidos acerca da busca da cidadania italiana por parte de filhas e netos, avaliou que o mais importante seria a continuidade dos estudos, um trabalho certo “aqui no Brasil” e a garantia da estabilidade financeira no futuro.

A noção de trabalho é cara aos descendentes dos imigrantes italianos – voltar sem trabalho fixo e sem ter adquirido um bem não justificaria a partida. Nota-se na narrativa de *nona* Maria a preocupação com o estudo e para que os netos e as netas tenham uma profissão, o que representa segurança e estabilidade. O gosto pelo trabalho é um sinal de pertencimento a uma comunida-

de. “O trabalho é uma noção que possui um peso extremamente forte na trajetória e na vida dos descendentes, fazendo com que se produzam hierarquizações pessoais e coletivas, partindo-se da capacidade produtiva dos indivíduos”, afirma a antropóloga Maria Catarina Zanini (2007, p. 344), observando sinais no processo reivindicatório de italianidade em Santa Maria, no Rio Grande do Sul.

JOANA...

Maria é a *nona*, mãe de Paula que foi para Verona buscar a cidadania italiana para si e para sua filha, mas especialmente para sua filha. Joana, a filha, tem 24 anos e, desde os 18 anos ficou a maior parte do tempo entre Itália, Inglaterra, Alemanha e parte na Áustria. “[...] Meu objetivo era ir a Londres fazer faculdade lá e estudar inglês”, enfatizou. “[...] Minha mãe deu força, incentivou e, de Londres, fui para a Alemanha, porque o dinheiro valia a pena e lá guardei dinheiro, porque você não tinha tempo para gastar.”

Turvo é um Município próspero, “Capital da mecanização agrícola e do arroz”, principalmente após a implantação de um programa de irrigação na década de 1980. Também se destaca pela cultura do milho, do fumo e pela suinocultura. A população gira em torno de 12 mil habitantes, apresenta índice mínimo de analfabetismo e uma renda per capita de quase 30 mil reais ao ano.⁴⁷ Esses dados indicam relações econômicas e de trabalho que permitiriam certa estabilidade para a maioria dos moradores ou ao menos um lugar sem tantos problemas socioeconômicos. O que levou Joana, membro de uma família incluída nas relações econômicas e sociais da cidade, a buscar a cidadania Italiana? Trabalho? Estudo? Desejo de conhecer novos lugares? Distinção? Sentimento de italianidade/pertencimento?

A busca da cidadania italiana, para Joana, tinha objetivos claros: estudar inglês em Londres e ter as portas da Europa abertas para melhores oportunidades de trabalho. A jovem afirmou o seguinte:

Com essa identidade italiana, é possível circular em toda a Europa. Agora vou fazer o passaporte, já que a identidade vence. Com

⁴⁷ Turvo: área da unidade territorial: 233,702Km² ; população: 11.854; PIB renda per capita: 29.236,42; densidade demográfica: 50,72; valor do rendimento nominal médio mensal dos domicílios particulares permanentes com rendimento domiciliar, por situação do domicílio – Urbana: 2.660,14 reais; população residente alfabetizada: 10.545 pessoas ; religião católica apostólica romana: 10.454 pessoas; religião evangélica: 1.125 pessoas. Fonte: Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2010.

a crise na Europa, é melhor ter o passaporte, porque as oportunidades podem ser maiores, embora a identidade italiana seja suficiente para circular e trabalhar na Europa. Com o passaporte, é mais seguro para entrar e sair do país, sem a preocupação com as paradas nos aeroportos e verificação se a identidade é verdadeira. (JOANA, 2012)

Durante a entrevista, Joana enfatizou seus projetos de estudar, aprender línguas e depois retornar para estudar. “Até o final deste ano, 2012, quero terminar o curso de inglês, e no ano que vem ir para a Alemanha, ou Itália, quero aprender uma das línguas e voltar fluente ou pelo menos outras duas línguas.” Esse objetivo moveu Joana na busca de condições melhores para colocação no mercado, com a conclusão de um curso superior: “[...] eu pretendo fazer faculdade de comércio exterior... pretendo voltar para o Brasil, fazer faculdade, e, com as línguas, conseguir um bom emprego...”.

A estada de Joana e sua mãe em Verona, com seu o desejo de ir para Londres, não é singular e, sim, a rota preconizada pela maioria dos filhos, filhas, netos e netas de descendentes. “Em Londres, brasileiro tem que ter o visto”, enfatizou a jovem. E prosseguiu: “[...] como sou italiana, só mostro a carteira de identidade e não tenho problema. Para fazer o curso de inglês, ou é estudante, ou tem o visto, ou o documento de cidadania europeia. No caso, italianos com direito de ficar nos países da Europa.”

Joana fez a trajetória bastante comum para um significativo grupo de jovens brasileiros em busca da cidadania italiana. Foi para a Itália, onde ficou por sete meses; em 2008, foi para Londres, onde se encontrou com primos que a ajudaram a conseguir moradia e trabalho; lá, estudou inglês, conheceu um rapaz oriundo de Urussanga (Sul de Santa Catarina) e, como ele tinha parentes trabalhando na Alemanha, acompanhou-o. “[...] Fiquei três temporadas na Alemanha, que são nove a dez meses, daí vinha para o Brasil.” A jovem narrou que na Alemanha trabalhava em sorveterias,

Na Alemanha, tirava até 1400 euros por mês, a gente tinha casa para morar e comida, eram italianos os donos da sorveteria... lá tem muitas sorveterias, eles tomam sorvete inverso, no frio, é vício... (risos), mas, veja, nossa cultura para eles, na Alemanha, não é boa; para eles, brasileiro é tudo vagabundo... (JOANA, 2012)

Após trabalhar na Alemanha, Joana foi para Áustria. Sua narrativa demonstrou novamente caminhos conhecidos e compartilhados, solidariamente, por migrantes cujos objetivos nem sempre são os mesmos, mas todos têm em mente melhorar de vida, seja economizando dinheiro para abrir um negócio próprio no Brasil; seja estudando línguas e, com esse capital cultural, obter um bom emprego no Brasil; seja simplesmente conhecer novas culturas. Na narrativa, Joana explicitou parte desse cotidiano:

Também fui para Áustria, para Salzburg, para aprender a cultura, a língua e trabalhar. Na Áustria, trabalhei de julho a outubro de 2011, gostei muito e trabalhei em um shopping. Eu ganhei 1100 euros por mês mais gorjetas, que davam de 1000 a 1300 euros por mês, quase outro salário. Trabalhava aos sábados e não aos domingos e com folga um dia na semana; trabalhava como ‘camariera’ que significa garçonne em italiano, então eu era garçonne da sorveteria na Áustria. Éramos um grupo de brasileiros e morávamos todas na mesma casa. Na casa, era eu, solteira, outra mulher casada e o marido, um casal de Siderópolis (Santa Catarina), eram todos brasileiros e nós largávamos o trabalho às 19h30, e nos dias de folga fazíamos comida em casa, era mais sossegado. Nos dias de trabalho, ganhávamos a comida. Na Áustria foi bom... (JOANA, 2012)

As solidariedades e as redes sociais entre os migrantes são especialmente importantes para a sua sobrevivência. Em geral, partem com alguma referência de alguém que migrou; este os auxilia no primeiro momento (aluga quarto, passa telefones de empregos informais, apresenta outros migrantes) e proporciona o início da experiência migratória.

Mas nem sempre o sucesso, ou nem tanto, vem acompanhado de bem-estar, mesmo com os laços sociais constituídos ao longo do caminho desses migrantes. Joana forneceu detalhes: “[...] a gente nunca tem uma amizade fixa; conhece muita gente pelo caminho, mas logo separa, cada um procurando um lugar melhor. Os amigos que se faz são da mesma língua, mas essas amizades duram pouco...”

A solidão assume um forte significado em suas trajetórias, pois, mesmo com as solidariedades imprescindíveis nesses projetos migratórios, a busca de cada um é muito solitária.

A gente cansa de andar sozinha, acaba que perde os contatos daqui, os amigos saem... e não faz amigos fora, é difícil. Eu sei

o que passei, o que sofri, chorei, no trabalho duro nas sorvete-
rias... Estou há 2 anos sozinha, namorado, ninguém, e é mui-
to complicado. Trabalho, curso de inglês, quarto que alugo,
rotina (JOANA, 2012).

As narrativas de estadas em países estrangeiros, idiomas diferen-
tes e amizades fluidas, mostram que os objetivos podem ser alcan-
çados, mas exigem persistência e foco em face das consideradas di-
ficuldades. A narrativa de Joana forneceu uma faceta da experiência
desses migrantes ou daqueles que conseguem a cidadania italiana e
sabem o que querem realizar depois de conseguí-la: estudar e voltar
para obter uma melhor colocação no mercado de trabalho no Bra-
sil. Outros conseguem o documento com o projeto de trabalhar
muito e conseguir acumular recursos financeiros para comprar
terras, construir moradias e montar casas de comércio e outros
empreendimentos; sabemos que nem todos conseguem; há os que
retornam desiludidos. Narrativas de fracasso nem sempre apare-
cem, ao contrário de narrativas de sucesso, estudadas e conhecidas
(ASSIS, 2011; NICOLI E SIQUEIRA, 2012; ZANINI, 2007).

Joana está com a família em Turvo, e iniciará o curso superior
de Administração, com habilitação em Comércio Exterior, no iní-
cio do ano de 2013. Foi convidada para trabalhar em uma multi-
nacional, dada a sua habilidade com a língua inglesa, obtida com
os cursos feitos na Inglaterra; ela nos disse que pretende dedicar-se
muito à faculdade, para ter melhores oportunidades de trabalho.
Os objetivos de Paula e Joana foram plenamente alcançados; elas
pretendem, no futuro, voltar à Europa para conhecer outros países,
trabalhar e “[...] ampliar horizontes”, nas palavras de Paula.

PALAVRAS FINAIS...

A cidadania italiana para os descendentes de italianos, seus
filhos e netos, não tem – sem avaliar o grau de motivação que
em algum momento teve até então⁴⁸ – uma aura de pertencimen-
to a uma nação ou cultura, embora esse seja o desejo de pessoas

48 “A italianidade que se busca reconstituir por intermédio de grupos, asso-
ciações, intercâmbios, gemellaggios, acordos de cooperação cultural, pela Lega
Nord e seus difusores espalhados pelo Sul do Brasil, é aquela do sucesso obtido,
da superação, da redenção, de uma Itália rica e de um Sul do Brasil também
diferente do Norte/Nordeste, da pujança econômica dos italianos; enfim, não
é uma memória de antigamente; não é do amor pátrio à antiga Itália; essa é até
bom esquecer!” (TEDESCO, 2010).

ligadas a associações, cujos discursos “[...] revelam a paixão que sentem pela italianidade; é em torno desta que constroem sua identidade. Essa identidade se opõe à identidade dos que regularizam a cidadania italiana apenas para tirar proveito dos seus benefícios por uma questão meramente econômica”. Ainda na análise de Adiles Savoldi (1998, p. 105), “[...] segundo as instituições ítalo-brasileiras, quem usa a cidadania italiana como um *trampolim*, não respeita os princípios étnicos do grupo ítalo-brasileiro”. Todavia, os usos da cidadania italiana, por muitos brasileiros e brasileiras que a alcançam, são claramente para fins utilitários e de ascensão social, seja acumulando dinheiro com trabalho para no retorno adquirir bens, seja para aprender um idioma e ter acesso a empregos com maior distinção social. Há ainda, no grupo social analisado, um claro destaque para o desejo de ir para Londres estudar inglês.

Conforme Adiles Savoldi (1998, p. 108), “[...] A cidadania italiana representa o elo de ligação com o ancestral”, permitindo também “[...] que o cidadão desfrute dos direitos que essa ligação proporciona, como, por exemplo, fazer parte de um país de Primeiro Mundo e usufruir de seus privilégios...” Por essa via de análise, a busca da cidadania italiana empreendida por Paula mostra estratégias para possibilitar ascensão social para os filhos, no caso, para a filha única. Possuir a identidade italiana para obter o passaporte italiano constitui-se numa vantagem comparativa entre os emigrantes brasileiros, uma vantagem étnica, por meio da qual se busca ascender socialmente e alcançar uma vida e um futuro menos árduo.

Nas cidades pequenas, como Turvo, onde todos se conhecem e sabem das histórias familiares uns dos outros, ascender socialmente por essa via dá distinção e visibilidade, o que não impede sentimentos de inveja. Afinal, a distinção não é para todos e, mesmo que muitas pessoas sejam descendentes, somente uma pequena parcela tem condições financeiras ou encontra encorajamento para a difícil tarefa de oficializar a documentação, a aventura da viagem e a estada na Itália.

REFERÊNCIAS

Associazione Discendenti di Italiani. Rua Antonio Bez Batti, 538 - 88930-000 - Turvo (SC). Disponível em: <<http://portale.lombardinelmondo.org/nazioni/brasile/assitabra/articoli/areaistituzionaleacmbra/areaconscuri>>.

ALVIM, Zuleica Maria Forcione. O Brasil italiano (1880-1920). In: FAUSTO, Boris. (Org.). *Fazer a América*. São Paulo: Edusp, 1999, p. 383-417.

ASSIS, Gláucia de Oliveira. Mulheres migrantes no passado e no presente: gênero, redes sociais e migrações internacionais. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 15, n. 3, 2008, p.745-772.

_____. *De Criciúma para o mundo: rearranjos familiares dos novos migrantes brasileiros*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2011.

BENEDUZI, Luís Fernando. Alguns lugares de memória de processos diaspóricos: narrativas de mulheres brasileiras e argentinas na Itália contemporânea. *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 1, n. 2, 2009, p. 3-20.

BENEDUZI, Luís Fernando; AREND, Silvia Maria Fávvero. Una mirada a lo femenino: Historia de vida y género en la inmigración brasileña a la Italia contemporânea. In: BRESCIANO, Juan Andrés. (Org.). *El tiempo presente como campo historiográfico*. Montevideo: Ediciones Cruz del Sur, 2010, p. 265-282.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2010. Disponível em: <<http://www.censo2010.ibge.gov.br/>>.

COLODEL, João. *Turvo, terra e gente*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1987.

GROSSELLI, Renzo Maria. *Vencer ou morrer: camponeses trentinos (Vênetos e Lombardos) nas florestas brasileiras*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1987.

Jornal do Sul, em 10 de agosto de 2012. Turvo, Santa Catarina. Disponível em: <<http://www.jornaldosul.com/site/>>.

MARSHAL, Thomas H. *Cidadania e classe social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1967.

MONTEIRO, Joyce Anne Rodrigues. Dupla cidadania na União Européia: da convergência entre os Estados às mudanças de soberania. In: SEYFERT, Giralda et al. (Org.). *Mundos em movimento: ensaios sobre migrações*. Santa Maria: Editora da UFSM, 2007.

NICOLI, Sandra e SIQUEIRA, Sueli. Território de imigração italiana e emigração de seus descendentes. In. PADILHA et al. (Orgs.). *Novas e velhas configurações da imigração brasileira na Europa. Anais do 2º Seminário de estudos sobre a imigração brasileira na Europa*. Editora ISCTE, Lisboa, 2012, p. 29-41.

SAVOLDI, Adiles. *O caminho inverso: a trajetória dos descendentes de imigrantes italianos em busca da dupla cidadania*. 156p. Dissertação (Mestrado).. Florianópolis: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Florianópolis, 1998. Suporte : disponível na Biblioteca Central UFSC. Disponível em: <<http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/77438>>.

SEVERINO, José Roberto. *Noi oriundi: cultura, identidade e representações da imigração italiana em Santa Catarina*. 2004. 232p. Tese (Doutorado em História). Universidade de São Paulo, 2004. Impresso.

SEYFERT, Giralda. *Imigração e cultura no Brasil*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1990.

TEDESCO, João Carlos. O gênero na imigração: redefinições de papéis e dinâmicas étnicas. N. 1, 2010. Florianópolis. *Anais, Fazendo Gênero 9: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos*. 23 a 26 de agosto de 2010. Disponível em: <<http://www.fazendoge->

nero.ufsc.br/9/resources/anais/1274892674_ARQUIVO_artigo-fazendogenero.pdf>.

WOLFF, Cristina Scheibe. Como se forma uma “boa dona de casa”: a educação das mulheres teuto-brasileiras na colônia Blumenau (1850-1900). In: MORGA, Antonio. (Org.). *História das mulheres de Santa Catarina*. Florianópolis: Letras Contemporâneas; Chapecó: Argos, 2001, p. 158-180.

ZANINI, Maria Catarina C. Identidades negociadas: a ítalo-brasilidade na Região central do Rio Grande do Sul. In: SEYFERT, Giralda et al. (Org.). *Mundos em movimento: ensaios sobre migrações*. Santa Maria: Editora da UFSM, 2007, p. 337-355.

IDAS E VINDAS DA ÍTALO-BRASILIDADE NO CONTEMPORÂNEO

Emerson César Campos

Michele Gonçalves Cardoso

Universidade do Estado de Santa Catarina

Nos últimos anos, tem sido crescente o número de notícias relacionadas às migrações internacionais. Muitas dessas notícias têm como protagonistas brasileiros/as que deixaram seu país, cruzando fronteiras vizinhas, ou partindo para a outra extremidade da América, transpondo oceanos ou ainda partindo para o “outro lado do mundo”. Essas migrações são incentivadas por diferentes motivações: podem ser impulsionadas por questões socioeconômicas – em que a migração está vinculada à mobilidade social e à busca por melhores oportunidades – como também por questões psicoafetivas, que podem estar relacionadas a decepções amorosas, ao desejo de conhecer outros lugares como, também, ao anseio em partir de uma pequena cidade para uma realidade diferente.

Para esses migrantes, o destino migratório é entendido como terra de oportunidades, como local de novas experiências e também como espaço de concretização de seus sonhos. No entanto, a realidade encontrada nem sempre é compatível com os sonhos levados na bagagem. A chegada ao país de destino é marcada por intensos conflitos em face dos quais muitas vezes se faz necessário redefinir as metas, os sonhos e até mesmo a imagem que se tinha do país antes da migração.

Esse estranhamento entre o país imaginado e aquele encontrado é uma situação recorrente, principalmente entre os ítalo-brasileiros. Ocorre que em muitas cidades onde migração italiana se fez presente desenvolveu-se uma memória sobre a migração e conseqüentemente um vínculo com a “terra de origem”. Essa memória evoca um migrante trabalhador e heroico, que atravessou o oceano com muitas dificuldades, mas que, mesmo assim, continuou preservando seus valores. Esse discurso é recorrente em festividades de cunho étnico ou até mesmo religiosas, como também nos grupos folclóricos que surgem nas cidades, nos roteiros turísticos, nos bens materiais tombados, nos monumentos da urbe...

Essas são apenas algumas manifestações que auxiliam na criação de uma imagem de Itália como também de um sentimento de pertença à nação dos antepassados, a qual pode ser legiti-

mada pelo direito à dupla cidadania. A cidadania italiana é caracterizada pelo Jus Sanguinis, ou seja, “[...] vínculo sanguíneo do ascendente italiano em linha direta até seus descendentes, sejam do bisavô para o avô, deste para o pai, do pai para o filho, em sequência até o pretendente, sem limites de geração.” (SAVOLDI, 1998, p. 81). O cidadão italiano não precisa ter nascido na Itália, nem ao menos conhecer o país. Sua ligação ocorre por intermédio da genealogia. Assim, a italianidade não fica restrita a um espaço geográfico, mas, sim, à transmissão deste “sangue italiano” para os descendentes daqueles que um dia partiram da Itália. No entanto, possuir cidadania italiana não significa necessariamente ser inserido naquela sociedade. Não há dúvidas de que portar a documentação facilita a migração, contudo, ela *per si* não garante a inclusão na sociedade hospedeira.

Para melhor elucidar as questões relacionadas às migrações internacionais de ítalo-brasileiros para a Europa, vamos tomar como ponto de partida a cidade de Criciúma – Santa Catarina. Esse Município registra um número bastante elevado de migrantes que partiram para diferentes países em busca de melhores oportunidades de vida. Por meio da reconstrução de três trajetórias de mulheres criciumenses, pretendemos compreender, de forma inicial, os chamados fluxos contemporâneos e seus diferentes impactos nas relações familiares e de gênero, no cotidiano, na inserção no mercado de trabalho, nas relações sociais e identitárias desses migrantes no local de destino migratório, e como foi dito, na Itália em particular.

CRICIUMENSES E AS MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS

Criciúma, localizada no Sul de Santa Catarina, vem despontando no cenário nacional por conta do intenso fluxo migratório consolidado nos últimos anos. Na última década e meia, passou a integrar o *ranking* das dez cidades brasileiras com maior número de emigrantes nos Estados Unidos (MARTES, 1999). Nesse período, os criciumenses também direcionaram o fluxo migratório para além do continente americano. A Europa foi se tornando um destino cada vez mais comum para centenas de criciumenses que buscavam na migração uma oportunidade para melhorar de vida. Londres, Alemanha e Itália passaram a ser destino certo no mapa das migrações internacionais, tornando a cidade um importante local de análise dos fluxos migratórios contemporâneos.

Para melhor entendermos como as migrações internacionais passaram a fazer parte do cotidiano dos criciumenses, é importante que façamos uma breve análise sobre o Município. Oficialmente, o núcleo colonial de São José de Crescuma foi fundado em Janeiro de 1880 por grupos que teriam vindo da região do Vêneto, da recém-unificada Itália. Dez anos após a instalação desses imigrantes, chegavam à região grupos de poloneses e alemães.

A vida na Região passou por uma drástica transformação com a descoberta do carvão mineral, em fins do século XIX. A exploração efetiva desse minério começou na década de 1910, modificando as características do Sul do Estado. Muitas pessoas de cidades próximas e também de outros Estados viram no “ouro negro” a possibilidade de mudar de vida. A chegada desses trabalhadores, a extração do carvão e a chegada da ferrovia foram algumas das mudanças que alteraram significativamente as características urbanas e econômicas da Região. Assim, em 1925 a vila de São José de Crescuma se tornava Município emancipado.

Segundo o historiador Carlos Renato Carola (2002, p. 15-23), a extração carbonífera pode ser dividida em cinco fases que caracterizaram o processo de surgimento, crescimento e crise da atividade na Região Sul catarinense.⁴⁹

A primeira fase compreende o período entre 1880-1930. Foi nesse momento que surgiu a Estrada de Ferro Donna Thereza Cristina e as primeiras companhias de mineração: Cia. Brasileira Carbonífera Araranguá SA (1917); Cia. Carbonífera Urussanga SA (1918); Cia. Carbonífera Próspera S A (1921); Cia. Carbonífera Ítalo-Brasileira Ltda. (1921); e Cia. Nacional de Mineração Barro Branco SA, em 1922 (CAROLA, 2002). Importante ressaltar que a Primeira Grande Guerra foi um elemento impulsionador dessa atividade nesse período.

A segunda fase (1931-1953) é marcada pelas leis protecionistas aprovadas por Getúlio Vargas em prol do carvão nacional.

Em 1931, o governo Vargas decretou a obrigatoriedade do consumo de 10,0% de carvão nacional. Em 1937, a cota foi elevada para 20,0%. Além desses dois decretos, foram editados outros que beneficiaram diretamente o carvão catarinense, como o De-

⁴⁹ Utilizamos a periodização proposta por Carola (2002), que adotou como critérios para a formação dos períodos as políticas institucionais implantadas pelo Estado e sua relação com a conjuntura mundial.

creto 4.613 de 1942, que dentro do ‘esforço de guerra,’ encampou toda a produção, elevando-a de 204.181 toneladas em 1939 para 815.678 toneladas em 1945 (GOULARTI, 2001, p. 55).

Na década de 1940, a atividade carbonífera passou novamente a se fazer presente no cenário nacional por conta da Segunda Grande Guerra. Em 1946, Criciúma recebeu o título de “Capital Brasileira do Carvão”, título que constituiria o imaginário e a identidade de cidade carbonífera, atribuindo ao carvão o progresso criciumense.

A terceira fase tem início em 1953 e se encerra em 1973. Em 1953, “[...] foram criados o Plano Nacional do Carvão e a Comissão Executiva do Plano do Carvão Nacional (Cepcan), que tinham por objetivo conjugar as atividades de produção, beneficiamento, transporte e distribuição do carvão.” (GOULARTI, 2001, p. 108) Ainda nesse ano, o governo editou o Decreto 33.233 que visava a abrir crédito para 15 mineradoras no valor de 13,7 milhões de cruzeiros. Em 1956, foi estabelecida uma cota mensal de transporte de carvão de 120.000 toneladas a serem consumidas pela CSN, sendo que em Abril de 1960 essa cota passou para 324.000 toneladas. Contudo, em 1970 a Cepcan foi extinta, anunciando, assim, uma crise no setor, que já manifestava sua instabilidade perante a concorrência com o petróleo. Porém, a conjuntura nacional se transformou e deu novo vigor ao setor iniciando, portanto, sua quarta fase.

Em 1973, inicia-se a quarta fase, com a crise mundial do petróleo. Com essa crise, o governo Federal revê sua política energética e projeta quintuplicar a produção no período entre 1980 a 1985, visando à substituição de 170 mil barris de petróleo/dia por equivalente em carvão (VOLPATO, 2001). O aumento da produção também elevou a mecanização das minas. No entanto, passado o período da crise do petróleo, o governo reviu sua política energética e aboliu os subsídios ao setor carbonífero. Assim, encerra-se a quarta fase em 1985,

Ano em que se atinge a maior produção de toda a história da indústria carbonífera catarinense. Nesse ano, havia cerca de 15 mil trabalhadores nas minas, e a produção de carvão bruto atingiu mais de 19 milhões de toneladas, maior índice da história. A partir de 1985, começa o processo de redução dos subsídios e abrem-se as portas para o carvão importado. (CAROLA, 2002, p. 23)

É nesse contexto que se inicia a quinta fase marcada pela decadência da atividade carbonífera. Em 1992, o Governo Collor realiza o corte dos subsídios ao setor, acentuando a crise. Após esse período, a extração de carvão na cidade passou a ser uma atividade minoritária, sendo realizada em paralelo com muitas outras até os dias de hoje.

Essa breve periodização da atividade carbonífera em Criciúma nos evidencia a inconstância desse setor, cuja produção estava atrelada à necessidade de subsídios por parte do governo. Esse fator sempre se mostrou problemático na cidade. Assim, mesmo sendo considerada a “pedra fundamental do progresso”, o carvão passou a ser problematizado durante a década de 1960. Alguns grupos cidadãos começaram a discorrer sobre a importância da diversificação da economia cricumense, demonstrando certo receio de que em algum momento a cidade não conseguisse superar as intensas crises do setor. É nesse período que alguns grupos passaram a atacar o setor carbonífero e evidenciar os malefícios da atividade em detrimento de seus benefícios.

Esse momento passou a ser fundamental para o aparecimento de outros marcadores identitários no Município que não estivessem relacionados ao carvão. Esses marcadores tinham seu fundamento na questão étnica e buscaram consolidar uma nova identidade para a cidade, pautada em suas origens e na contribuição dos grupos que a fundaram.

A primeira iniciativa étnica de que se tem registro escrito surgiu um pouco antes desse contexto, em 1955, quando José Pimentel escreveu no jornal *Tribuna Criciumense* uma matéria reivindicando a construção de um monumento em homenagem aos imigrantes que teriam fundado Criciúma. Na visão dele, teriam sido os primeiros habitantes os responsáveis por instaurar as bases para o progresso da cidade (PIMENTEL, 1955). Ao destacar a valorização dos imigrantes, tal proposta diminuía a importância da atividade carbonífera como determinante econômico. Esse texto de José Pimentel foi uma das primeiras iniciativas étnicas em Criciúma, logo, porém, outros adeptos dessa proposta começaram a se manifestar na cidade.

A proposta identitária baseada na etnicidade pôde consolidar-se de fato na década de 1980, ano das comemorações do Centenário de Fundação de Criciúma. O poder público municipal percebeu no Centenário um momento ímpar para recontar a história cricumense. Seria a oportunidade para desvincular a

cidade de sua identidade carbonífera. Nesse sentido, a nova identidade estaria pautada na etnicidade, centrada nos grupos formadores do Município.

Vale ressaltar que a história oficial criciumense apresentava até esse período os grupos italianos, polonês e alemão como sendo os grupos étnicos fundadores. No entanto, o poder público municipal incluiu na proposta do Centenário mais dois grupos étnicos: portugueses e negros. A inclusão desses grupos visava a inserir no discurso identitário uma grande parcela da população que não se identificava com os três grupos tidos oficialmente como fundadores da cidade. Essa prática demonstra uma preocupação inclusiva e eleitoral por parte do poder público do período. A partir dessa nova configuração étnica, o termo “fundadores” foi substituído por “formadores”.

A nova identidade pautada na etnicidade evocou a valorização dos grupos fundadores, divulgando a ideia de que o progresso criciumense se deu graças ao trabalho dos primeiros colonizadores. Dessa forma, o carvão que durante décadas foi ovacionado como pedra fundamental do progresso perderia sua importância como elemento identitário. A proposta identitária ia ao encontro dos interesses de vários grupos cidadãos que buscavam enfatizar a importância da diversificação econômica, desvinculando a atividade carbonífera como determinante econômico.

Para a realização do Centenário de comemoração, foram realizadas diversas pesquisas com membros dos grupos étnicos tidos como formadores. Esses representantes respondiam a um questionário que visava a consolidar os marcadores identitários de cada grupo. Pratos típicos, músicas, danças, maneiras de se vestir, práticas religiosas, instrução escolar eram alguns dos pontos questionados pela comissão responsável pela festividade. A partir desses relatos, as etnias poderiam constituir um modo de vida “típico” que se diferenciava dos outros grupos. Esse processo se mostrou bastante problemático, pois nem sempre o que os organizadores do evento esperavam dos grupos era de fato algo vivenciado por eles.

Dessa forma, em 1980 várias festividades foram realizadas divulgando a diversidade étnica do Município. A Criciúma preta e escura do carvão estava sendo substituída pelas bandeiras de diferentes povos: era a multicolorida “Cidade das etnias”. A proposta do Centenário tinha como objetivo permanecer vivo entre os criciumenses mesmo após o ano festivo. Com isso, alguns marcos foram instituídos, tais como, o Museu da Colonização Augusto

Casagrande, o Monumento às Etnias e, posteriormente, a Quermesse de Tradição e Cultura⁵⁰.

A valorização étnica ocorrida no Centenário possibilitou que muitas famílias descendentes dos grupos fundadores buscassem mais informações sobre seus antepassados, positivando, assim, a trajetória dos colonizadores. A migração passou a ser um tema comum na cidade como também os encontros de famílias em que os descendentes de um determinado ramo familiar buscavam encontrar-se, trocar informações, fotos, documentos e festejar a trajetória dos imigrantes. O patronímico, que já era utilizado como distintivo social, passou a ser um elemento de extrema importância nas relações sociais em Criciúma.

O grupo italiano foi o que mais se beneficiou nesse processo, pois os descendentes evocavam o fato de terem sido seus antepassados os “pioneiros” da colonização. Também os primeiros políticos da cidade⁵¹ eram italianos ou descendentes. Dessa maneira, ocorreu uma evocação de um imigrante heroico que, ao atravessar o oceano, trouxe valores consolidados que se tornaram fundamento para a cidade que construíram, e ressaltou a recuperação de uma tradição perdida pela comunidade, recorrência comum nos processos identitários em geral.

A positivação da etnicidade e o imaginário da imigração foram elementos que motivaram muitos descendentes a adquirir a dupla cidadania. Muitos criciumenses, assim como pessoas de cidades vizinhas, começaram a procurar documentos referentes à história de suas famílias. Em pouco tempo, os meios de se conseguir dupla cidadania começaram a ser divulgados na região e os processos cada vez mais frequentes. A cidadania italiana possibilitava mais do que um vínculo com a terra dos antepassados, ela

50 A Quermesse de Tradição e Cultura surgiu durante a segunda administração de Altair Guidi, prefeito do período do Centenário (1989). A festa visava a exaltar todos os anos as tradições das cinco etnias fundadoras. Na segunda edição da festa, o grupo étnico árabe foi incluído no discurso identitário. Sobre as etnias da festa e principalmente sobre a etnia árabe leia-se (CARDOSO, 2007). Anos depois, a etnia espanhola passou a fazer parte da festa o que demonstra que o discurso multiétnico e também turístico vai consolidando-se na cidade (a década de 1980 é o período do surgimento de várias festas de cunho étnico como a Oktoberfest em Blumenau). No ano 2000, a festa muda sua nomenclatura e se torna Festa das Etnias. Uma análise detalhada sobre a Festa das Etnias pode ser encontrada na tese de Campos (2003). A descrição dos textos de Cardoso (2007) e Campos (2003) consta nas Referências deste artigo.

51 Nascido na Itália, o Coronel Marcos Rovaris foi o primeiro interventor de Criciúma.

representava uma oportunidade de os descendentes de imigrantes se tornarem novos emigrantes. Em muitos casos, a cidadania europeia era utilizada para facilitar a entrada desses catarinenses nos Estados Unidos, por exemplo.

As questões identitárias abordadas neste texto são fundamentais para entendermos o contexto em que os novos migrantes estão inseridos. Evocando elementos de uma imigração do século XIX, os atuais criciumenses ressignificam o ato de migrar e partem da cidade levando seus sonhos e expectativas de serem bem-sucedidos nessa empreitada. Podemos evidenciar que o fluxo migratório criciumense teve em sua fase inicial dois direcionamentos: os Estados Unidos e a Itália.

CRICIUMENSES NA ITÁLIA

Juntamente com o contexto de transformação identitária vivenciado após o centenário, temos na cidade uma intensa crise econômica. Como já foi citada, a atividade carbonífera em fins dos anos de 1980 passou por uma crise que se intensificou ainda mais no início dos anos 90. Essa crise acarretou um número elevado de mineiros desempregados. Nesse mesmo período, temos também mudanças no setor cerâmico. Em 1990, as indústrias ceramistas passaram por uma profunda crise que restringia as vendas do produto. Assim, para se adequarem aos padrões do mercado internacional, essas indústrias passaram a incorporar novas tecnologias.

Essa reestruturação, pautada na incorporação de tecnologias providas da Itália, teve efeitos na produção ceramista: levou o Brasil a ocupar o 4º lugar na produção mundial de cerâmicas, e Criciúma passa a ser considerada como polo nacional das indústrias de revestimento cerâmico (SANTOS, 2007, p. 45).

Contudo, o investimento tecnológico também acarretou mudanças nos empregos gerados pelo setor: se em 1960, o setor gerou algo em torno de 15.000 empregos, em 1992 gerou somente 4.895 empregos diretos (SANTOS, 2007, p. 45). O aumento na utilização das máquinas foi proporcional ao aumento do desemprego.

Além do contexto local, esse período também foi marcado por transformações radicais na economia brasileira. O processo de redemocratização, a inflação e os problemas vivenciados durante o governo Collor são apenas alguns elementos que preocupavam muitos brasileiros. É nesse contexto aliado a questões

nacionais e locais que os criciumenses buscaram novas alternativas para fugir das crises. Podemos evidenciar que uma dessas alternativas são as migrações internacionais.

Primeiramente, o fluxo migratório criciumense se direcionou para os Estados Unidos. A origem desse direcionamento está relacionada à migração de Jaci Carminati, descendente de italianos, ainda na década de 1960. Jaci foi um dos primeiros criciumenses a partir para os Estados Unidos, com o objetivo de trabalhar e acumular bens. Ele e, posteriormente, seus familiares ficaram conhecidos na cidade por conta, principalmente, dos investimentos que fizeram em Criciúma e região quando retornaram. A imagem dos Carminati auxiliou na consolidação de um mito de migração, aquele migrante que deu certo, que migrou e obteve grande sucesso econômico. Carminati ajudou outros criciumenses a partirem para os Estados Unidos, consolidando, assim, as primeiras conexões entre Criciúma e a região de Boston.

As migrações criciumenses se tornaram um fluxo contínuo somente na década de 1980, quando o contexto histórico vivenciado na cidade e no Brasil acabou por incentivar centenas de pessoas a buscarem em outro país a estabilidade que não encontravam no Brasil. Dessa maneira, o dólar passou a ser bastante atrativo e as migrações uma temática cada vez mais comum na cidade. O sonho de “fazer a América” era propagandeado pelos próprios migrantes por meio dos relatos de sucesso econômico. Contudo, a migração para os Estados Unidos foi ficando cada vez mais difícil.

Os criciumenses, de modo geral, ficavam de maneira indocumentada durante o processo migratório, fato que gerava certa insegurança e medo de deportações. Muitos começaram a utilizar a dupla cidadania europeia como forma de facilitar a entrada nos Estados Unidos. No entanto, com o acirramento da fiscalização de indocumentados e as novas possibilidades surgindo na Europa, muitos criciumenses decidiram mudar o direcionamento do fluxo migratório e partir rumo ao continente europeu.

Com a valorização da etnicidade em Criciúma e região, surgiram muitas festas de cunho étnico, assim como grupos folclóricos, corais e eventos com comidas típicas, fatores que tentavam aproximar as características culturais do Sul catarinense com uma de suas matrizes: a Itália. Buscava-se passar a ideia de que as regiões de migração guardavam uma Itália havia muito perdida pelos europeus, como se nesses locais o tempo não tivesse passado; o “isolamento” desse grupo teria contribuído para a ma-

nutrição de uma italianidade legítima. Dessa forma, os contatos entre o Sul catarinense e a Itália se estreitaram; muitos convênios foram realizados, em grande parte por Associações étnicas que possibilitaram os primeiros *gemellagios*.

Os descendentes dos imigrantes foram estimulados por programas de intercâmbio com a Itália, que passou a reconhecer a cidadania italiana dos descendentes espalhados pelo mundo e expandiu a concessão para além das fronteiras do território, já que esses novos cidadãos têm, inclusive, direito ao voto. Esse fato vislumbra, para os descendentes, um reencontro com a Itália, terra de seus antepassados, e uma possibilidade de redescobrir sua italianidade (ASSIS, 2011, p. 90).

Para além de uma valorização identitária, a dupla cidadania também abriria as portas do mercado de trabalho europeu para os criciumenses. Por meio dos convênios realizados, muitos descendentes conseguiram contratos de trabalho temporários na Europa. Esses trabalhos seriam realizados durante o verão na Itália e ou na Alemanha; assim, os criciumenses passariam de seis a oito meses trabalhando na Europa e, posteriormente, voltariam para o Brasil. “Esses trabalhos temporários são reconhecidos pelos consulados italianos e, pelo fato de possuírem o passaporte italiano, podem trabalhar sem problemas na Itália.” (ASSIS, 2011, p. 90).

Foi em busca da oportunidade de trabalhar na Alemanha, no ramo de sorveterias, que a criciumense Maria Darós, descendente de italianos, decidiu adquirir a dupla cidadania. Maria relata que na década de 1990 ouvia muitas notícias de oportunidades de emprego nas sorveterias europeias. Seu tio entrou com o processo para conseguir a dupla cidadania, porém esse procedimento, realizado no consulado de Curitiba, era bastante demorado. Quando seu tio entrou com a papelada, Maria não tinha interesse de migrar. Porém, anos mais tarde muitas de suas amigas migraram para trabalhar nas sorveterias, fato que motivou Maria a realizar sua primeira experiência migratória em 1997.⁵²

⁵² Entrevista Maria Darós concedida em Garda (Vêneto-Itália) a Emerson César Campos em 09 de maio de 2012. Aqui em todas as demais citações de entrevistados os nomes apresentados são fictícios, no sentido de preservar as fontes e garantir a visibilidade dos argumentos. Em todos os casos, substituíram-se os nomes de forma completa (mesmo que fictícia), inserindo se sobrenomes (nomes de família) outros que são também comuns nas regiões citadas.

Segundo ela, fazia mais de três anos que o processo para adquirir a dupla cidadania estava correndo no consulado.

Aí, eu fui em Curitiba e disse pra eles que eu tava vindo pra Itália e que eu gostaria de agilizar meu documento aqui, mas isso era na época mais fácil. Aí, que eles fizeram, eles me deram uma certidão, dizendo que o meu documento realmente tava lá, tava todo, já tinha sido passado, tava tudo ok e que eu podia fazer o documento aqui. Daí, eu vim só com isso e entrei como turista normal e cheguei aqui, fiz todo o meu documento aqui na Itália.⁵³ (DARÓS, Maria, 2012).

Depois do processo concluído, Maria migrou para a Alemanha onde trabalhou durante seis anos numa sorveteria. Ela enfatiza que não foram seis anos completos, pois, ao terminar a temporada, ela voltava para Criciúma. Evidenciou também que seu contrato de trabalho foi sempre realizado pela mesma sorveteria. Foi lá que conheceu seu companheiro, um italiano que, por conta do curso de turismo do qual fazia parte, viajava para vários países. Após trabalhar esse período na Alemanha e se casar, Maria voltou ao Brasil, mas, por fim, o casal decidiu fixar residência na Itália.

Ao ser questionada sobre sua relação com a identidade italiana, Maria destaca que sua família sempre vivenciou elementos da cultura dos antepassados. Segundo seu relato, os familiares valorizavam a culinária e os mais velhos falavam em italiano, no caso, em dialeto. Após a migração para a Itália, Maria pontua que hoje ela pode perceber que o dialeto falado pelos familiares já estava “abrasileirado”, pois algumas palavras não teriam origem italiana. Ela destaca ainda a vontade que os familiares possuíam de conhecer a Itália de seus antepassados, tanto que durante a década de 1950 um tio dela realizou esse sonho, trazendo para o Brasil mudas de oliveira que nunca vingaram, mas que faziam parte da história da família.⁵⁴

Analisando a fala dessa entrevistada, podemos evidenciar que um imaginário sobre a Itália se havia constituído em seu contexto familiar em que de diferentes maneiras a italianidade ainda era vivenciada. Contudo, após a experiência migratória, Maria destaca que não se sente pertencente à Itália. Segundo ela, sempre

53 Idem.

54 Ibidem.

teve em mente que a migração tinha como objetivo trabalhar e ganhar dinheiro para realizar alguns sonhos no Brasil, como por exemplo, fazer uma faculdade. Ao ser interrogada sobre o vínculo com a Itália, Maria relata que a migração oportuniza conhecer a terra dos antepassados, mas que esse não é o objetivo do seu processo migratório. Ao mesmo tempo, destaca que no Brasil as oportunidades estão crescendo e que em alguns momentos se arrepende de algumas escolhas.

A fala de Maria é concretizada num momento de intensa crise na Europa e de divulgação de uma imagem de Brasil como grande potência. A notícia recentemente divulgada que coloca o Brasil como a 6ª maior economia do mundo fez muitos migrantes pensarem sua condição migratória e rever seus projetos de retorno⁵⁵. Assim, é comum que alguns brasileiros enfatizem mais a vontade do retorno do que a valorização de um vínculo com a terra dos antepassados.

Além disso, muitos migrantes que chegam à Itália portando a cidadania italiana percebem que na Itália são tratados como estrangeiros, mesmo possuindo os direitos de cidadão italiano. As diferenciações entre italianos e ítalo-brasileiros também são demarcadas pelo mercado de trabalho. Os brasileiros possuidores de dupla cidadania são inseridos num mercado secundário voltado para migrantes, inclusive indocumentados. Os cricumenses trabalham em hotéis, bares, restaurantes, na faxina doméstica e empresarial, ou seja, trabalhos considerados de migrantes, que regularmente não empregavam italianos. As dificuldades com o mercado de trabalho podem ser vistas por meio da trajetória de Carolina Dal Toé.

Carolina Dal Toé migrou para a Itália em 2008. Seu tio iniciou o processo para adquirir a cidadania italiana, no entanto, a cricumense partiu sem a documentação e tentou regularizar sua situação na Itália. O processo foi longo e muito difícil, mas Carolina conseguiu a cidadania. Mesmo portando a documentação,

⁵⁵ Segundo a Economist Intelligence Unit (EIU), empresa de consultoria e pesquisa ligada à revista *The Economist*, o Brasil se tornou, no ano de 2011, a sexta maior economia do mundo, ou seja, o sexto maior produto interno bruto medido em dólares à taxa de câmbio corrente. No Brasil, a notícia foi divulgada pelos principais meios de comunicação, entre eles a Folha de São Paulo. Ver entre outros: FRAGA, E. Crise na Europa eleva Brasil a sexta economia mundial. *Folha de São Paulo*, 30 out. 2011, seção Mundo, p. 1. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/999014-cri-se-na-europa-eleva-brasil-a-sexta-economia-mundial.shtml>>. Acesso: 18 nov. 2012.

ela nunca conseguiu trabalhar em um estabelecimento legalmente. Nos empregos pelos quais passou, sempre trabalhou como in Nero, ou seja, “sem contrato de trabalho”. Segundo ela, essa era uma condição imposta pelos patrões, pois, assim, não precisavam cumprir os direitos trabalhistas⁵⁶

Carolina destaca que nos últimos anos, por conta da crise, o mercado de trabalho está cada vez mais difícil. A fiscalização tem-se intensificado, dificultando a inserção de migrantes indocumentados. Ela enfatiza que os brasileiros sofrem preconceito nesse processo, mas outros grupos são ainda mais perseguidos, principalmente se são considerados extracomunitários. Extracomunitário é um termo utilizado para se referir a migrantes que não pertencem à comunidade europeia. Ao ser questionada se ela se sente uma extracomunitária, a criciumense responde de maneira enérgica:

É, mais, não to aqui? Não tenho cidadania, não sou... não vou votar? Não tenho que votar como eles? [...] Extracomunitária acho horrível, horrível, então não me dá todos os direitos. Eu tenho todos os direitos e deveres que nem um cidadão italiano tá, eu tenho que votar eu tenho que fazer tudo, tudo igual (DAL TOÉ, 2012).

Mesmo relatando que sofre preconceito na Itália, Carolina não se sente uma extracomunitária. Pelo fato portar documentação que a legitima como cidadã italiana e partilhar dos mesmos direitos e deveres dos italianos, a migrante enfatiza seu pertencimento àquele grupo.

Várias falas de Carolina evidenciam seu descontentamento com o país de destino migratório. Diversas vezes, ela destacou o desejo de retornar ao Brasil. Contudo, mesmo tendo certa dificuldade de interagir na Itália – sempre trabalhou como migrante indocumentada –, a criciumense faz questão de reforçar que seu documento permite que ela esteja ali, mesmo que em muitos momentos sua presença pareça não ter sido desejada pelo país europeu.

Maria Darós, citada anteriormente, também relata que não se sente como extracomunitária. A criciumense pontua situações em que percebeu certo tipo de preconceito como quando foi levar

⁵⁶ Entrevista Carolina Dal Toé concedida em 08 de Maio de 2012 a Emerson César Campos.

seu filho ao pediatra. Maria disse que sentia diferença no tratamento do médico quando ela estava acompanhada do marido, que é italiano, e quando estava sozinha com a criança. Ela percebia que o médico não a tratava da mesma maneira. Apesar de vivenciar formas de preconceito cotidianas, Maria não se considera uma extracomunitária.

As duas criciumenses também compartilham a mesma opinião sobre migrantes vindos de outros países como romenos e albaneses. Segundo elas, esses migrantes sofrem mais preconceito porque se envolvem frequentemente em brigas, com drogas e prostituição. Ambas enfatizam que a mídia italiana caracteriza esses grupos (extracomunitários) como baderneiros e pouco dados ao trabalho, fato que aumenta esse preconceito.

Nos últimos anos, com o agravamento da crise europeia, a situação dos migrantes se tornou bastante crítica. Como o índice de desemprego nesses países está muito elevado, trabalhos que antes eram realizados somente por migrantes passaram a ser disputados também por italianos. Dessa forma, migrantes sem documentação estão com muitas dificuldades de se inserir no mercado de trabalho. “*In Nero*, já era mais difícil; agora mesmo impossível. Para quem tem documento, já tá difícil conseguir emprego, pra quem não tem então, pode pegar a malinha e ir pra casa, porque é um período complicado” (DAL TOÉ, 2012).

Foi fugindo da crise que vem assolando a Europa que Chiara decidiu retornar a Criciúma. Chiara Casagrande foi para a Itália com apenas seis anos, acompanhada de seus pais, no início dos anos de 1990. A criciumense relatou que o pai é descendente de italianos e que ouvia muitas histórias de oportunidades de emprego na Itália; isso o motivou a fazer o processo para adquirir a dupla cidadania. “Aonde ele tinha documento era mais fácil pra ele ir era Itália, Estados Unidos ia ser mais difícil, então ele decidiu... Tinha pessoas que ele conhecia, indicaram ele lá, daí, tinha serviço, tudo” (CASAGRANDE, 2012). O pai de Chiara migrou em 1992; ela e sua mãe, em 1994, para a cidade de Pescheira del Garda, num período que ainda eram poucos os brasileiros que viviam lá.

Chiara fez seus estudos na Itália e foi lá que ela conheceu um criciumense e se casou. Os pais decidiram voltar para Criciúma, mas ela e o marido continuaram na Europa, juntamente com os sogros de Chiara. Ao chegarem a Criciúma, os pais começaram a insistir para que ela voltasse para o Brasil, pois percebiam um

crescimento na cidade e possibilidades de trabalho melhores do que na Itália, onde a crise já preocupava. Chiara e o companheiro tiveram uma filha, fato que para a criciumense tornou as coisas ainda mais difíceis, pois na Itália as creches são muito caras. Preferiu então deixar o trabalho e ficar em casa com a filha, já que trabalhar e pagar a creche não compensava. Nessa ambiência, agravada pela insistência dos pais dela, o casal decidiu voltar para Criciúma.

No entanto, a realidade encontrada pelos jovens foi diferente daquela imaginada. Chiara veio muitas vezes para o Brasil para visitar os familiares, porém eram visitas rápidas e ela não tinha uma noção exata do que seria morar no Brasil. Chiara retornou no início de 2012 e percebeu muitas dificuldades para se inserir no mercado de trabalho. O companheiro não terminou o ensino médio na Itália, fato que segundo ela prejudica muito na hora de conseguir um emprego. Tanto que ambos estão pensando em voltar a estudar. Chiara pensa em fazer um curso superior, pois ela percebe que houve realmente um crescimento na cidade e mais oportunidades de trabalho, porém estas seriam para pessoas com maior grau de instrução.

Por questões familiares, os pais da criciumense decidiram voltar para a Itália, fato que dificultou ainda mais a adaptação de Chiara ao Brasil. Ela trabalha como babá e conseguiu uma creche para a filha, o que ela aponta como uma das poucas vantagens de Criciúma, pois em questões de saúde, segurança e organização, Chiara destaca que na Itália era muito melhor, no entanto, a crise impede uma nova migração.

Ao destacarmos a trajetória dessas três mulheres, percebemos pontos em comum em suas histórias e também muitas diferenças. Em todos os relatos, podemos evidenciar que essas criciumenses ouviram em suas famílias histórias relacionadas a processos migratórios. Todas elas conheciam as narrativas que envolviam a saída e a chegada de seus antepassados ao Brasil. Alguns elementos desses antepassados eram ainda partilhados em suas casas como músicas, culinária, palavras em dialeto ou em italiano. Esses elementos auxiliaram na constituição de uma identidade italiana nessas famílias. Aliada a essa noção de pertencimento a outro país, surge a necessidade ou vontade de buscar novas oportunidades na Europa. A italianidade já vivenciada de algumas maneiras é ressignificada quando se busca o direito à cidadania italiana, pois ao retirar a documentação e partir para sua nova/velha nação, o migrante está confrontando uma Itália imaginada com outras realidades.

No entanto, mesmo tendo um ponto de partida comum (a descendência italiana) essas criciumenses tiveram diferentes motivações e diferentes experiências no local de destino migratório. A inserção no mercado de trabalho, as dificuldades cotidianas e a distância da família que ficou no Brasil geraram dúvidas com relação à manutenção da experiência migratória ou ao retorno. O retorno, que é parte fundamental das migrações, é visto tanto como redentor, como, também, algo frustrante. Importante evidenciar que nos três relatos a crise pela qual a Europa vem passando nos últimos anos é um fator de muita preocupação.

Ao mesmo tempo, as notícias de um crescimento econômico no Brasil geraram nessas mulheres a dúvida de sua condição migratória. Permanecer na Itália, voltar para o Brasil ou tentar uma nova migração para outro país são questões que transformam tanto a vida particular dessas mulheres quanto o coletivo, pois a cidade de origem também se transforma em consequência desses fluxos migratórios.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Gláucia. *De Criciúma para o mundo: rearranjos familiares e de gênero nas vivências dos novos migrantes brasileiros*. 340p. Tese (Doutorado). Campinas: Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Unicamp, 2004. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000340341>>.

_____. *De Criciúma para o mundo: rearranjos familiares e de gênero nas vivências dos novos migrantes brasileiros*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2011.

ASSIS, Gláucia de Oliveira; CAMPOS, Emerson Cesar de. De volta para casa: a reconstrução de identidades de emigrantes retornados. *Tempo e Argumento*. Florianópolis. V. 1, n. 2, p. 80-99. jul./dez. 2009. Disponível em: <http://www.periodicos.udesc.br/index.php/tempo/article/viewFile/1834/1437>. Acesso em: 10 Maio 2010.

CAMPOS, Emerson de. *Territórios deslizantes: miscelâneas e exposições na cidade contemporânea Criciúma (1980-2002)*. 222 p. Tese (Doutorado). Florianópolis: Programa de Pós-graduação

em História – UFSC, 2003. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/.../199015.pdf>>.

CARDOSO, Michele Gonçalves. *Alá na cidade das etnias: a consolidação do grupo étnico árabe na cidade de Criciúma*. Criciúma: Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade do Extremo Sul Catarinense, 2007. 56 p.

CAROLA, Carlos Renato. *Dos subterrâneos da história: as trabalhadoras das minas de carvão de Santa Catarina (1937-1964)*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2002.

GOULARTI, Alcides. *Padrões de crescimento e diferenciação econômica em Santa Catarina*. 391 p. Campinas: Tese (Doutorado em Economia) – Universidade Estadual de Campinas, 2001. Impresso.

MARTES, Ana Cristina Braga. *Brasileiros nos Estados Unidos: um estudo sobre imigrantes em Massachusetts*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

PIMENTEL, José. Monumento ao Imigrante. *Tribuna criciu-mense*, Criciúma, 01 ago. 1955, p. 1-4.

SANTOS, Gislene *Aparecida*. *Estados, redes sociais e fronteira: a migração do Sul catarinense para os Estados Unidos*. 206 p. Florianópolis: Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Catarina, 2007. Impresso.

SASAKI, Elisa Massae; ASSIS, Gláucia de Oliveira. Teorias das migrações internacionais. *XII Encontro Nacional da ABEP, Caxambú*. 2000. p 1-19. Disponível em: http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2000/Todos/migt16_2.pdf Acesso em: 10 out. 2010.

SAVOLDI, Adiles. *O caminho inverso: a trajetória dos descendentes de imigrantes italianos em busca da dupla cidadania*. 156p. Dissertação (Mestrado). Florianópolis: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Florianópolis, 1998. Disponível em: <<http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/77438>>.

SIQUEIRA, Sueli. *Migrantes e empreendedorismo na microrregião de Governador Valadares – sonhos e frustrações no retorno*. 178p. Belo Horizonte: Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Universidade Federal de Minas Gerais, 2006. Impresso.

VOLPATO, Terezinha Gascho. *Vidas marcadas: trabalhadores do carvão*. Tubarão: Editora Unisul, 2001.

ENTREVISTAS

CASAGRANDE, Chiara. Entrevista concedida a Michele Gonçalves Cardoso. Criciúma 20 de Agosto de 2012. Entrevista.

DARÓS, Maria. Entrevista concedida a Emerson César Campos. Garda (Vêneto Itália) 09 de maio de 2012. Entrevista.

DAL TOÉ, Carolina. Entrevista concedida a Emerson César Campos. Milão 08 de Maio de 2012. Entrevista.

O RETORNO *ALLA ORIGINE*: A MIGRAÇÃO DE DESCENDENTES RUMÓ À ITÁLIA NESSE INÍCIO DE SÉCULO XXI

Gláucia de Oliveira Assis
Universidade do Estado de Santa Catarina

INTRODUÇÃO

Nos anos de 1980 e 1990, por meio de convênios com algumas regiões da Itália,⁵⁷ os netos e bisnetos dos imigrantes italianos que chegaram ao Brasil do século 19 partiram para a Itália, a fim de reencontrar seus parentes. Da mesma forma, italianos vieram conhecer um pedacinho da Itália no Brasil. A partir desse intercâmbio, as cidades do Sul de Santa Catarina – Urussanga, Araranguá, Nova Veneza, Cocal do Sul, Rio Jordão e Criciúma – passaram por um processo de reconstrução das tradições italianas, revalorizando os braços de família, a língua e as comidas típicas, que se tornam elementos que atraem os italianos para que venham conhecer no Brasil uma Itália que não existe mais.

Os descendentes dos imigrantes foram estimulados por programas de intercâmbio com a Itália, que passou a reconhecer a cidadania italiana dos descendentes espalhados pelo mundo e expandiu a concessão para além das fronteiras do território, já que esses novos cidadãos têm, inclusive, direito ao voto. Esse fato vislumbra, para os descendentes, um reencontro com a Itália, terra de seus antepassados, e uma possibilidade de redescobrir sua italianidade.

Por outro lado, a dupla cidadania abre para esses brasileiros o mercado de trabalho na comunidade europeia, uma vez que, a

⁵⁷ Segundo Savoldi (1998), o Sul do Estado vem investindo em festas típicas italianas para criar a sua marca como Região e atrair turistas italianos. A cidade de Urussanga é considerada a capital italiana de Santa Catarina e possui um projeto de cidades irmãs, Gemellaggio-Urussanga-Longarone, que tem por objetivo promover o intercâmbio cultural entre as duas cidades e os dois países. O convênio de Criciúma foi assinado mais recentemente, em dezembro de 2000, entre Criciúma e Volpago Del Montello – Treviso – Itália (Dados do trabalho de campo realizado em Criciúma, 2000).

partir de convênios com algumas cidades na Itália, os ítalo-brasileiros conseguem contratos de trabalho temporários durante o verão europeu na Itália e na Alemanha e, assim, passam de seis a oito meses na Europa e retornam para o Brasil.

Esses trabalhadores temporários são reconhecidos pelos consulados italianos e, pelo fato de possuírem o passaporte italiano, até meados dos anos 2000 trabalharam sem problemas na Itália. Com a atual crise que assola a economia, essa situação vem modificando-se: os descendentes têm encontrado dificuldade tanto para conseguir regularizar sua documentação e trabalhar legalmente na Itália ou Alemanha quanto têm enfrentado mais preconceito e discriminação.

Num contexto de revalorização da identidade italiana nesse encontro de culturas, os emigrantes temporários surpreendem-se quando chegam à Itália e são reconhecidos como brasileiros/estrangeiros. Esse é um primeiro choque, pois se encontram com aqueles que julgam serem seus patrícios, mas são distinguidos do grupo, não sendo reconhecidos como italianos, e sim como extracomunitários. Por isso, os imigrantes sentem-se objeto de “certo preconceito”. Esse sentimento de preconceito tem-se intensificado com a crise econômica que se agrava na Europa desde 2008. Na Itália, em especial, tem havido dificuldades crescentes para se estabelecer e conseguir a documentação que permite trabalhar, em face da vigilância constante da polícia sobre os migrantes “sem papéis”, pois nem todos os migrantes, mesmo aqueles que são descendentes, conseguem a cidadania italiana.

Tanto nas dinâmicas imigratórias do século XIX quanto naquelas presentes na contemporaneidade, mulheres e homens, quando partem com uma mala carregada de saudades, mas, também, de esperanças, deixam a terra de nascimento e imaginam que arrolaram todas as informações necessárias sobre o país para o qual decidiram partir. O contato com a nova realidade vai provocar um processo de transposição, confrontos e redefinições entre a imagem construída a priori e aquela reelaborada a partir das experiências quotidianas na nova terra.

O Brasil, notadamente a Região Sul e Sudeste, recebeu no final do século XIX e início do século XX, milhares de imigrantes de diversas origens nacionais, dentre eles um fluxo significativo de imigrantes italianos. Nesse início de século XXI, somos surpreendidos por uma inversão dessa tendência e passamos a acompanhar nos jornais

e também nas pesquisas acadêmicas a constituição de um movimento de brasileiros rumo ao exterior, cujos principais destinos são os Estados Unidos, os países da Europa, o Japão e o Paraguai.

Esse movimento se iniciou de maneira mais esporádica na década de 1960 e se configurou como um fluxo migratório na segunda metade dos anos de 1980. Vários estudos sobre a origem, impactos econômicos e sociais na origem e destino foram realizados, contudo, ao longo dos 40 anos da emigração brasileira os migrantes foram ampliando e modificando sua expectativa temporal, alargando os locais de partida.

A partir de meados da década de 1990, mas principalmente nos primeiros anos do século XXI, passou a direcionar-se mais expressivamente para a Europa, principalmente Portugal, Espanha e Itália. Nesse contexto, há um movimento significativo de “retorno” dos descendentes dos imigrantes que vieram para o Brasil no final do século XIX à Região do Vêneto, nesse início de século XXI. Esse movimento tem como um dos pontos de partida as antigas regiões de imigração italiana no Sul de Santa Catarina e na Serra gaúcha.

Assim, no caso brasileiro, o movimento contemporâneo de partidas é marcado, em alguns casos, por uma espécie de retorno – não aquele físico do imigrante que volta para casa – mas do descendente que se dirige para a terra de seus ancestrais. No presente, observa-se o avançar de uma memória da imigração triunfante, que significou ascensão social e econômica dos descendentes de italianos, alemães, espanhóis, portugueses ou japoneses. No entanto, essa memória da vitória acaba encobrindo outra, talvez dolorosa, dos projetos falidos, da imigração que não deu certo e do imigrante que não encontrou – na nova terra – a sua terra da *cuccagna*. Muitos desses descendentes – alguns crescidos em zonas de forte influência de uma cultura étnica vinculada à terra de proveniência dos ancestrais – acabam escolhendo (com ou sem dupla cidadania) aquela que é popularmente chamada de estrada de retorno ou volta às raízes, projetando para o futuro e para a velha/nova terra a realização de um projeto de vida pessoal e familiar.

Os Estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, que receberam uma relevante quantidade de imigrantes europeus – maiormente italianos e alemães – entre a segunda metade do século XIX e a primeira do século XX, têm vivido duma maneira diferente o processo de emigração que se observa no Brasil contemporâneo. Muitos daqueles que partem, tendo em vista o gran-

de percentual de descendentes de europeus, fazem parte de um movimento de “retorno”. Nesse sentido, o caso italiano é único, pois não somente apresenta uma ideia de cidadania marcada pelo *jure sanguinis*, elemento que caracteriza muitos Estados europeus, como a Alemanha ou a Espanha, mas, também, não impõe uma delimitação geracional para o reconhecimento da cidadania. Dessa forma, todo descendente de italiano (por via materna a partir de 1948) é um cidadão em potência, devendo comprovar o vínculo direto de sangue para obter legitimação de tal direito.

Colabora com essa percepção de uma continuidade cultural o renascimento de um sentimento de pertença étnica que tem vivido um grande crescimento nas zonas de imigração italiana do interior dos Estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. A retomada de antigas dinâmicas de sociabilidade, a elaboração de roteiros que prometem um retorno ao passado imigratório, as festas que exaltam a positividade étnica dos ítalo-brasileiros, tudo se soma na construção duma ponte que vincula o passado imigratório ao presente do descendente, criando, em inúmeros casos, uma presentificação de sensações, sentimentos e experiências. Observa-se uma apropriação da epopeia imigratória por parte do descendente, que assume como familiares as ações dos ancestrais: “quando nós viemos da Itália”.

O presente artigo faz parte de um projeto mais amplo, financiado pelo CNPq, que pretende compreender esse processo de ampliação dos pontos de partida da emigração de brasileiros, analisando as antigas áreas de colonização italiana no Sul do Brasil: Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Para os objetivos desse artigo, serão apresentados os dados da pesquisa de campo realizada em Santa Catarina e na Região do Vêneto. Assim, procuro demonstrar neste texto as dinâmicas de integração, ressemantização da imagem da terra dos ancestrais e conflito entre rural e urbano em mulheres brasileiras, descendentes de italianos, que decidem – na contemporaneidade – viver na Itália.

No confronto entre a expectativa construída no projeto imigratório e a experiência vivida na terra de chegada, é importante perceber quais leituras essas mulheres fazem da sua condição de descendentes imigrantes na Itália, considerando que partem sentindo-se “italianas”. Nesse artigo, apresento os dados do trabalho de campo realizado em uma região de colonização italiana, cujos descendentes nesse início de século XXI emigram para a Itália – a cidade de Urussanga, situada em Santa Catarina.

A pesquisa é de natureza etnográfica. Buscamos reconstruir as trajetórias dos emigrantes a partir de seus relatos orais, acompanhando sua vida cotidiana. Como se trata de uma migração recente, a fonte principal deste trabalho são a observação participante e os relatos orais dos emigrantes. Foram realizadas 08 entrevistas na cidade de Urussanga, com emigrantes retornados, que reconstruíram suas trajetórias migratórias a partir de relatos orais, entrevistas com mediadores culturais e representantes da rádio e do jornal local.

Os migrantes, por meio de seus relatos orais, reconstroem, revelam e esclarecem a experiência de migrar, permanecer e retornar. Nesse sentido, as narrativas dos emigrantes são analisadas como reconstruções desse processo nos quais os emigrantes selecionam as histórias de sucesso, a ajuda mútua, as continuidades e permanências.

AS NARRATIVAS DOS EMIGRANTES

Nesta pesquisa, as narrativas dos emigrantes são tomadas como relatos orais que revelam uma experiência coletiva das recentes migrações de brasileiros para o exterior. Conforme já foi observada por Halbwachs (1990), a memória, a mais individual, é social, porque seu quadro é feito de noções: metade imagens e metade ideias que concedem à sensação uma significação social, a visão de mundo de nosso grupo.

No entanto, como essas memórias estão circulando num contexto em que imagens, bens e palavras viajam muito mais rapidamente, é interessante observar como em Urussanga as imagens evocadas para marcar o pertencimento a uma italianidade imaginada e compartilhada por seus avós e pais que se mesclam e disputam com as novas italianidades no presente.

Beneduzi (2009), ao relatar as experiências de brasileiros que vivem na Itália, que chegam à Itália e a produção de lugares de memória, recorre à metáfora de Isnenghi (1996) para evidenciar o processo complexo e fragmentário da produção mnemônica a partir de uma metáfora da experiência aeroportuária, ou melhor, à recepção da bagagem: nos aeroportos, as malas entram numa passagem, transitam por espaços desconhecidos e - algum tempo depois - reaparecem em outra abertura. Da mesma maneira, a memória percorre lugares desconhecidos do esquecimento e - em determinados momentos - reaflore. Assim, as experiências passadas transitam pela recordação individual e coletiva, aparecendo ou desaparecendo em sintonia com o presente daquele(s) que recorda(m).

A CIDADE DE URUSSANGA E AS CONEXÕES COM A EUROPA

A cidade de Urussanga, que se localiza no Sul do Estado de Santa Catarina, a 185km da capital Florianópolis, foi fundada em 26 de maio de 1878, recebendo imigrantes de diversas regiões da Itália, principalmente do Vêneto, Treviso, Veneza, Údine, Beluno, Mântua, Cremona, Bêrgamo e Trento.

No início do século 20, a descoberta do carvão e abertura das Minas, bem como a estrada de ferro Teresa Cristina, trouxeram o crescimento para a cidade. No entanto, a crise do setor carbonífero, que atingiu a Região no início dos anos 90, também teve impacto na economia local.

Atualmente, Urussanga conta com um movimento econômico diversificado, sustentada nas indústrias de artigos plásticos, cerâmicos e moveleiros. No entanto, a cidade é conhecida principalmente pela produção de seus vinhos. Durante o século XX, várias vinícolas se estabeleceram na cidade, como a Lourenço Cadourin, de modo que a cidade acabou sendo conhecida como “Capital do vinho” e “Terra do bom vinho”.

Na década de 1990, a busca pela cidadania italiana fez parte desse movimento de revalorização do pertencimento étnico; as festas de família, comemorando o centenário da imigração, bem como as festas étnicas, reascenderam essas narrativas. Em Urussanga, ocorre a festa de *Ritorno alle Origini*.

Tomasi (2011) demonstra que por meio de eventos festivos como os processos de rememoração, busca-se também criar novos atrativos turísticos para a cidade. A Festa do vinho, que ocorre a cada dois anos desde 1984, atrai turistas de diversas localidades, mostrando aos seus visitantes a gastronomia e, principalmente, os diversos vinhos produzidos na Região. Da mesma forma, a festa *Ritorno alle Origini*, que ocorre também a cada dois anos, desde 1991, busca reviver as memórias de imigração e a ligação com a Itália.

Nas edições dessa festa, por meio de slogans como “A festa mais autêntica da tradição italiana de Santa Catarina” e os *folders* (Figura 1), com fotografias do início do século XX, observa-se um processo de rememoração da cultura e identidade italiana. Assim, por intermédio das festas, com as apresentações musicais e indumentárias típicas ou folclóricas, tenta-se representar os habitantes da cidade como italianos, mesmo que nascidos no Brasil, como destaca Falcão (2004, p. 76).



Figura 1 - Folders das VII, VIII e X edições da Festa Ritorno Alle Origini
 Fonte: Site da festa Ritorno Alle Origini⁵⁸

No entanto, conforme observa Tomasi (2011), analisando esses eventos, essas tradições encontradas nas festas locais e consideradas presentes desde a chegada dos primeiros imigrantes, como por exemplo, a gastronomia, suas vestimentas, músicas apreciadas, práticas cotidianas e a intensa religiosidade⁵⁹ constituem um caso exemplar do que Eric Hobsbawn e Terence Ranger (1997, p. 9) chamam de “tradição inventada”.

Maria Catarina Zanini (2006) observa que esse fenômeno de reconstrução das italianidades está presente em muitas cidades de imigração italiana, em especial no Sul do Brasil. Ainda segundo Zanini, esse fenômeno se observa em diversos grupos sociais que expressam a italianidade por meio das festas e dos jogos de bocha, marcando as diferenças de classe entre os descendentes, uma vez que os descendentes que não pertencem aos grupos sociais economicamente mais estabelecidos não frequentam as associações italianas.

Assis (2012), avaliando as festas de família e as festas étnicas realizadas em Criciúma, cidade próxima a Urussanga e também constituída por grupos imigrantes, dentre eles os italianos, afirma que as festas de centenário de imigração das famílias representam a reafirmação das origens étnicas daqueles que chegaram à cidade; tais festas são realizadas, em geral, pelos descendentes de imigrantes italianos.

⁵⁸ Disponível em: <<http://ritornoalleorigini.com/>>. Acesso em: 19 jan. 2012.

⁵⁹ Segundo Luis Fernando Beneduzi (2008, p. 53), os imigrantes italianos que chegaram ao Sul do Brasil no final do século XIX trouxeram consigo um catolicismo fervoroso, que podia ser observado na manifestação “[...] dos sacramentos, da participação masculina no mundo religioso, do lugar primeiro da capela”.

Nesses eventos, o imaginário da imigração é narrado de maneira heroica, colocando os pioneiros em evidência. Os relatos enfatizam como os imigrantes deixaram a Itália, um país em crise após a unificação, e migraram para o Brasil em busca de terra e de melhores condições de vida. O sucesso migratório é apresentado como resultado da coragem e do empenho dos imigrantes, pois eram colonos sem terras na Itália, tornaram-se proprietários de pequenos lotes de terra no Brasil e prosperaram. Assim, as festas de família que ocorrem na Região, principalmente após o movimento de revitalização das festas italianas no Sul do Estado (Savoldi, 1998; Fantin, 1998)⁶⁰, constituem-se num material interessante para pensarmos quais as conexões possíveis entre o passado e o presente e como são recriados os laços familiares, seja na Itália, seja nos Estados Unidos, seja no Brasil.

Dessa forma, podemos observar que o processo de reinvenção das tradições em Urussanga, assim como em outras cidades de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, faz parte de um procedimento de retorno às origens, de busca de atualizar no presente essas ligações com a Itália e, ao mesmo tempo, ao reconstruir essas identificações, buscar mecanismos de, por intermédio da dupla cidadania, permitir que os descendentes “retornem” à terra de seus ancestrais.

PARTINDO DE URUSANGA RUMO À ITÁLIA

É nesse contexto em que os urussanguenses, assim como outros descendentes, buscam recriar os pertencimentos à Itália por meio de festas como a *Ritorno alle Origini*, que os seus descendentes começaram a rumar para a Itália e os Estados Unidos. Nas décadas de 1980 e 1990, mediados por convênios com algumas

60 Fantin (1998, p. 46-47) analisa o contexto da invenção das festas étnicas em Santa Catarina ao longo dos anos 80 que se espalharam em várias cidades do Estado. Algumas, como a Oktoberfest, consolidaram-se e assumiram o caráter de festa nacional; outras se mantêm no calendário festivo turístico; e outras são meras tentativas que não sobreviveram à segunda ou terceira edição (caso especial de Florianópolis), abrindo um verdadeiro leque de questões a serem investigadas. Para autora, ao discutirmos o processo de reinvenção-invenção das festas, é preciso levar em conta não só seu caráter dinâmico, que incorpora transformações, quer na ordem do contexto, quer na natureza e nas relações com seus atores. Importa pensar que mudanças são essas, como se deram, quem as promoveu (agentes institucionais, mediadores culturais), ou se são o resultado de arranjos internos promovidos por seus atores. Para uma análise da Festa das etnias em Criciúma, conferir Campos (2003).

Regiões da Itália, os descendentes dos imigrantes que chegaram à cidade no final do século 19 iniciaram um caminho inverso, realizando um movimento de busca pela cidadania europeia, para tentar viajar para a Europa.

Vários descendentes de imigrantes italianos partem para trabalhar em sorveterias no Norte da Itália e na Alemanha, utilizando, para isso, o passaporte europeu. A dupla cidadania abre o mercado de trabalho para os descendentes na comunidade europeia. Esse “retorno” à terra dos *nonos* e *nonas* pode ser considerado o início do movimento migratório de Urussanga (ASSIS, 2004; SAVOLDI, 1999). Os novos emigrantes evocam seus antepassados e contam com as redes de amigos, familiares e conterrâneos para se dirigir à Europa.

Assim diz a manchete do jornal local em 2004:

Urussanga já está acostumada com o fenômeno. Há quase uma década, de fevereiro a outubro, centenas de pessoas deixam a cidade para trabalhar nas sorveterias [...] O trabalho que encontram por lá é extenuante, mas todos, ou quase todos, garantem que vale a pena o sacrifício (JORNAL VANGUARDA, 2004, s. p.)

A cidade de Urussanga (20.222 habitantes, com população Urbana de 11.404; e rural de 8.818) situa-se muito próxima a Criciúma (18km), a Orleans (20Km) e a Nova Veneza (42Km); todas são regiões de imigração italiana e que têm vivenciado o movimento significativo de emigração nesse final de século XX e início de século XXI.

Criciúma é a maior cidade da região, polo regional e ponto de partida significativo de emigrantes da região Sul, e conecta esses movimentos migratórios, que se espriam e se entrecruzam. Assim, alguns urussanguenses, antes de “retornar” à terra dos nonos e nonas, foram “fazer a América”, migrando para os Estados Unidos, na década de 1970.

É o caso de Maria de Fátima (59 anos)⁶¹, que nasceu em Nova Treviso, localidade próxima a Urussanga. Foi para Urussanga com 15 anos e lá se casou nos anos 70. Na década de 1970, com o marido, ficou nos Estados Unidos durante 10 anos e retornou ao Brasil para se separar, no início dos anos

61 Maria de Fátima e todos os nomes que aparecem neste texto são nomes fictícios para evitar a identificação dos emigrantes.

80. É essa mulher que, depois de se separar, fez a sua cidadania e a das filhas, e se inseriu num movimento pendular entre os Estados Unidos, a Itália e o Brasil.

Então faço questão que elas [minhas filhas] acompanhem o estilo da casa. E de lá, ainda estamos lá, são 42 anos desde que a gente mudou pra lá, minha filha mora lá (Estados Unidos), a gente nunca perdeu contato; já fez inclusive cidadania americana. Então eu tenho cidadania brasileira porque eu nasci aqui, italiana pelo sangue e americana por direito. Hoje eu posso viajar (Maria de Fátima, Entrevistada realizada em Urussanga, dezembro de 2011).

Durante a entrevista, D. Maria de Fátima, ao mesmo tempo em que contava de sua trajetória de emigração rumo aos Estados Unidos, o casamento difícil e a separação de um marido “machista”, em seus próprios termos, ela inseria as suas conexões com a Itália e a italianidade.

Nós preservamos a italianidade, agora falamos em termos de Urussanga, através da gastronomia e da música. Então eu faço meu pouquinho e tenho também há três anos, eu comecei meu programa italiano na rádio Marconi: La voce de la Beneta é a Voz da Benedeta. E quem é a Benedeta? A Benedeta é o apelido de Urussanga, porque o pessoal Sempre dizia “ah! Vamos pra Bendeta, vamos pra Bendeta”; aí, ficou. Então esse programa tem como único objetivo: preservar as tradições italianas e honrar os nossos antepassados. Porque eu tenho certeza que eles aprovam tudo o que a gente faz. O pouquinho que eu posso, eu faço pra preservação (Maria de Fátima, Entrevistada realizada em Urussanga, dezembro de 2011).

Maria de Fátima reconstrói seu pertencimento a partir da construção de uma italianidade “essencial”, “verdadeira”, ressaltando como o “sangue puxa”. Dessa forma, ela e as outras senhoras que participam do programa de rádio e do Grupo de canções italianas de que ela mesma participa, reinventam e atualizam no presente uma Itália recriada a partir dos relatos de seus antepassados.

Maria de Fátima contou sua trajetória de emigração, retorno a Urussanga, as novas migrações, falando de seu casamento, sua separação, o segundo casamento e separação, o cuidado das filhas – que passaram a ser sustentadas por ela; também falou das mui-

tas idas e vindas em relação aos Estados Unidos, antes de começar a ir para a Itália.

Em seu depoimento, está presente um duplo direcionamento do fluxo, mas mais do que isso, o modo como a experiência migratória torna a mobilidade parte constitutiva de sua vida e uma forma de afirmar sua autonomia e independência em relação à comunidade local. Nessa mobilidade, nesse deslocamento, o ir e o vir são possíveis porque ela obteve a cidadania norte-americana e o passaporte italiano, como ela fez questão de frisar em nossas conversas, evidenciando em seu relato como conseguiu se estabelecer “[...] mesmo sendo separada numa cidade pequena”.

Sim, eu estava aqui. E tive que assumir as minhas filhas e pra não baixar o nível de vida que elas viviam, eu tinha que me virar. Muitas vezes eu só dei um beijinho nelas e pegava o avião e ia. Elas ficavam com a minha mãe, eu ia lá, trabalhava um pouco e vinha. Depois eu levei ela, a Gina, a mais velha. Então uma vida bastante dura”... [...]. Com o meu esforço, pensamento positivo. Muita coisa boa, e olha que eu carrego muita gente comigo. Em 1996, eu viajei pra Alemanha pra trabalhar com os italianos (nas sorveterias). E já aprendi bastante lá sobre a Europa, sobre a Alemanha, sobre a Itália. Sobre os italianos que eles são muito rígidos, muito duros, que o pessoal aqui denomina isso de grossura. Que na realidade não deixa de ser grossura; eles são bem... E exigentes ao extremo assim. São radicais. Hoje já se passaram... 11 anos, não! 15 já. Porque 96, eu fui pra lá, era doído hein? Uma humilhação em cima da outra, eles humilhavam até o chão (Maria de Fátima, Entrevistada realizada em Urussanga, dezembro de 2011).

Depois de muitas idas e vindas, e “[...] de aprender o caminho de como chegar aos italianos”, conseguiu emprego e a documentação italiana. Maria de Fátima se estabeleceu em Urussanga. Atualmente, ela já não está nesse movimento pendular para trabalhar; ela é proprietária de uma pousada e ajuda as pessoas a arrumarem a documentação a fim de irem para a Itália.

Em 1993, eu fiz a minha cidadania, das minhas filhas e até minhas netas já têm. E uma irmã minha também naquela época quis fazer. Os outros não acreditavam nisso, não quiseram. Aí depois posteriormente vieram me procurar, ainda conseguimos

fazer. Aí foram dificultando mais. Hoje tá quase impossível porque a fila é imensa. Mas mesmo assim de 2000 pra cá eu ajudei tanta gente a fazer a cidadania, tanta gente, que aí eu mandava buscar os documentos. Eu dizia “[...] me dá o atestado de óbito do teu avô porque através dele eu sei o nome de quem veio e os pais”. Porque pra mandar escrever uma certidão de nascimento tu tem que no mínimo o nome da criança e o nome dos pais. E piû o meno o ano que nasceu e tal, porque através dali a gente consegue. Então graças a Deus eu ajudei muita gente por prazer. Porque eu tenho prazer em buscar essas coisas, nunca cobreí um tostão. Mas em contrapartida, muita gente começou ver isso e surgiram os picaretas (Maria de Fátima, Entrevistada realizada em Urussanga, dezembro de 2011).

A cidade de Urussanga se inseriu nesse circuito de imigração internacional em meados dos anos 1990. Uma das trajetórias mais comuns dos emigrantes era trabalhar em sorveterias na fronteira da Itália com a Alemanha, conforme já descreveu Adiles Savoldi, mas muitas, como Maria de Fátima e suas amigas, migraram não apenas para trabalhar, mas para conseguir a cidadania para os filhos, para que esses possam ir para o mundo. São as trajetórias desses emigrantes jovens que abordo brevemente a seguir.

AS TRAJETÓRIAS DE MIGRANTES MAIS JOVENS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Maria de Fátima pode ser considerada uma migrante transnacional, pois vive entre Urussanga, os Estados Unidos e a Itália. Essas ligações estão presentes e atualizadas em seu cotidiano. Já não trabalha no mercado secundário; atualmente, ajuda aqueles que desejam emigrar para a Itália, que querem “fazer os papéis”.

Nesse cenário se inserem os jovens emigrantes de Urussanga que partem para a Itália ou a Alemanha em busca de oportunidades. Segundo Savoldi (1998, p. 16), em 1998, a cidade contava com uma média de 70 pessoas com cidadania italiana trabalhando na Itália e Alemanha. Tomasi (2010, p. 4) demonstra, analisando o *Jornal Vanguarda*, que centenas de pessoas deixaram “[...] a cidade para trabalhar nas sorveterias alemãs [...] trazendo para casa consideráveis poupanças”. Ainda considerando como a crise impacta a cidade, a autora destaca, segundo reportagem do *Jornal Panorama*, que “[...] apesar da crise internacional, que provocou um grande número de desempregos e baixas de salários em diver-

sof países europeus, durante o ano de 2010, a emigração ainda é vista pelos urussanguenses como economicamente vantajosa”. Segundo reportagem do jornal *Portal Panorama SC*, o “[...] salário mínimo de 1.200 euros continua estimulando brasileiros, em especial os urussanguenses, a trabalharem por lá” (COSTA, 2010. Acesso em: 23 jan. 2012).

Nesse contexto, entrevistamos alguns emigrantes retornados à cidade de Urussanga. Entre esses migrantes jovens, em geral, com ensino médio completo, alguns entrevistados tinham curso superior completo; todos estavam empregados em Urussanga antes de migrar. Para eles, a cidadania italiana tem outro significado – é o passaporte para a Europa, como nos relata Verônica: “A gente se casou um mês antes de migrar. Porque, na verdade, ele é que tem a documentação. Ele que tem a descendência. Então, pra *passar* os documentos como eles dizem lá, né?” (Verônica, Entrevistada realizada em Urussanga, dezembro de 2010).

Assim, se para Maria de Fátima a dupla cidadania marca de certa forma o reencontro com uma Itália narrada por seus nonos e nonas e a reafirmação da italianidade, para Verônica e outros jovens entrevistados a migração para a Itália também ocorre a fim de acelerar o processo de cidadania, que é fundamental para poder permanecer na Itália ou poder circular pela Europa. Muitos desses jovens até se casam para poderem passar a cidadania para o outro.

Dessa forma, diferentemente de Maria de Fátima, embora falem da ascendência italiana para retirar o passaporte italiano, os jovens entrevistados não se envolvem com as festas que encenam e celebram a italianidade na cidade, não falam o dialeto nem o italiano e vão descobrir a Itália, vivenciando o dia a dia de imigrantes na região do Veneto.

Embora migrantes documentados, quando conseguem a cidadania inserem-se no mercado secundário de trabalho. Esses migrantes se colocam no setor de restaurantes, na construção civil e no serviço doméstico de faxina, de *baby sitter* e no trabalho de cuidar de idosos, no caso das mulheres. Com a crise econômica na Itália, desde 2008 muitos que viviam num movimento pendular, trabalhando principalmente em sorveterias na Itália ou Alemanha, estão retornando ao Brasil ou fazendo uma nova migração rumo à Inglaterra.

O fluxo para a Inglaterra tem-se intensificado desde meados dos anos 2000. A demora em conseguir a cidadania italiana, a dificuldade de trabalhar na Itália “sem papéis” e a acentuada crise

econômica na Itália que deixou vários emigrantes desempregados, tudo tem levado muitos migrantes a se redirecionarem para a Inglaterra. Assim relata Marcos, que migrou para a Inglaterra em 2001, dois anos após se separar; sem perspectiva de emprego em Urussanga, foi para onde tinha alguém para recebê-lo, mas para tirar a cidadania teve de ir para a Itália, na região de *Peschiera*, onde aguardou 11 meses para tirar a sua cidadania italiana. Assim, Marcos relata suas dificuldades em retirar a cidadania, pois foi o primeiro em sua família:

Porque eu fui o primeiro, mas eu tive que ir atrás das certidões do meu bisavô, (?), tive que pegar o trem, do trem pegar ônibus. Lá na comunidade de Levati, numa cidadezinha no interior de Bérghamo, esperar abrir a comune, a mulher pegar aqueles livros grandes e folhear até achar, agora “espera aqui que eu vou tomar café”, aquela coisa toda. E tu tinha que “grazie, grazie, grazie...”. Então demorou esses 11 meses porque assim... Eu fiz na comune, apesar de morar em *Peschiera*, eu tinha feito na comune de Verona na entrada da minha documentação e aquilo estava congestionado. Uma outra coisa que eu senti... O italiano enquanto não tinha essa coisa de... de... cidadania, que é feito na prefeitura, ele ia trabalhar, provavelmente nas sessões, eles chegavam de manhã, o que ele faria, funcionário público? Abria o jornal, internet, lê, contava, batia papo, como o é em qualquer lugar do mundo um funcionário público. Na Inglaterra também é assim. E como começou a haver os pedidos de cidadania e aumentar a solicitação vertiginosamente, eles chegavam de manhã e já tinha 40, 50 pessoas no local. Do lado de fora, pedindo licença, já tavam com as senhas na mão que eles tinham que atender até meio-dia. E o governo não deu esse suporte pra eles, botou mais pessoas ou mais... Eles ficavam estressado então, ficavam nervoso, uma grande oportunidade que eu fui numa delegacia federal, digamos assim que a Questura seria a polícia federal, a mulher me deu o permesso di soggiorno “mas eu quero o permesso di lavoro” e ela assim pra mim: “pega esta merda e vai ver o monumento da Julieta” ela disse pra mim. “Vai passear” bem assim o italiano. (Marcos, Entrevistada realizada em Urussanga, dezembro de 2011)

Depois de regularizada sua situação com a cidadania europeia, voltou para a Inglaterra; lá, trabalhou em restaurantes. A partir dessa experiência, está retornando para montar um restau-

rante, junto com sua irmã, em outra cidade de Santa Catarina. A cidadania lhe serviu para poder ficar na Inglaterra e trabalhar, embora tenha demorado a conseguir o documento.

O que gostaria de ressaltar para pensarmos a questão dos usos da cidadania é que: quando esses emigrantes partem para a Itália, pensam num pertencimento à Itália ou num retorno à terra de seus *nonos*; ao chegar lá, enfrentam as dificuldades para conseguir a documentação, a demora e a discriminação/desconfiança dos agentes da Questura; e descobrem que, embora descendentes, não são percebidos como italianos, mas como extracomunitários.

Aquela ideia de Itália que traziam de seus nonos e nonas se vai confrontando com a descoberta de que na Itália, apesar de descendentes, são percebidos e reconhecidos como brasileiros. Nesse sentido, a cidadania italiana é importante para conseguir trabalho na Itália ou, mais ainda, para poder partir para outros países da Europa, ficando bem distantes dos processos de rememoração e reconstrução de italianidade, vivenciados no cotidiano em Urussanga.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Urussanga é uma cidade pequena, onde o modo de vida rural ainda se mistura com a vida urbana. Quando chegamos para realizar o trabalho de campo, uma das bolsistas, que era de Urussanga, foi nos falando das modernidades na cidade, dos sinais de trânsito, numa cidade de trânsito ainda pacato e de alguns prédios novos surgindo naquele cenário urbano. Os prédios – como pudemos observar – são um dos sinais mais visíveis dos impactos da migração na cidade, pois são construídos em parte com as remessas enviadas pelos emigrantes. Num desses prédios novos, encontramos um agradável café, cujos donos eram um casal de migrantes retornados havia seis meses da Itália; em seu retorno, buscaram fazer um café segundo o estilo dos cafés italianos, inclusive no cardápio.

Assim, enquanto os descendentes com cerca de 60 anos, mediados pelos programas na Rádio Marconi, pelas festas de *Ritorno alle Origini*, pelo dialeto, rememoram a imigração e as ligações com a Itália, os jovens emigrantes se reapropriam dessas identidades e das memórias para, no presente, emigrarem em busca da cidadania e de experiências mais cosmopolitas na Itália, na Inglaterra ou Alemanha. Nesse cenário, os relatos reconstróem as várias trajetórias dos emigrantes recentes, reconfigurando a Itália

como lugar de acolhimento e de chegada e pensando nesse lugar de identidade como um ponto de chegada e de partida para outras experiências no mundo globalizado.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Gláucia de Oliveira. *De Criciúma para o mundo: rearranjos familiares e de gênero nas vivências dos novos migrantes brasileiros*. 340p. Tese (Doutorado). Campinas: Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Unicamp, 2004. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000340341>>.

BALDIN, Nelma. *Tão fortes quanto à vontade, história da imigração italiana no Brasil: os Vênetsos em Santa Catarina*. Florianópolis: Insular, 1999, 275 p.

BARTH, Daiani Ludmila; COGO, Denise. Redes sociais e usos da internet por migrantes brasileiros na Espanha. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 32, 2009. Curitiba. *Anais eletrônicos...* Curitiba: 2009. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-0746-1.pdf> >. Acesso em: 05 fev. 2012.

BENEDUZI, Luis Fernando. Alguns lugares de memória de processos diaspóricos: narrativas de mulheres brasileiras e argentinas na Itália contemporânea. *Revista Tempo e Argumento*. Florianópolis, v. 1, n. 2, 20, jul./dez. 2009, p. 1-18.

_____. *Imigração italiana e catolicismo: entrecruzando olhares, discutindo mitos*. Porto Alegre: Edipucrs, 2008.

_____; RIBEIRO, Adelia Miglievich. Exclusão, luta por reconhecimento e solidariedade: redes virtuais de imigrantes brasileiros na Itália do ponto de vista feminino. In: XXIX International Congress of the Latin American Studies Association (Lasa), 29, 2010. Toronto. *Anais eletrônicos...* Toronto: 2010.

CAMPOS, Emerson César de. *Territórios Deslizantes: recortes, miscelâneas e exposições na cidade contemporânea - Criciúma (SC) (1980-2002)*. 222p. Tese (Doutorado). Florianópolis:

polis: Programa de Pós-graduação em História – UFSC, 2003. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/.../199015.pdf>>.

CORRÊA, Cynthia Harumy Watanabe. Cibernigrantes brasileiros a navegar na rede social Orkut. *Biblioteca on-line de ciências da comunicação*, 2009. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-correa-ciberemigrantes.pdf>>. Acesso em: 17 jan. 2012.

COSTA, Márcia. La stessa cosa. *Jornal Panorama SC*. Urussanga, 5 nov. 2010. Disponível em: <<http://portalpanorama.com/2010/11/05/la-stessa-cosa/>>. Acesso em: 23 jan. 2012.

DALL'ALBA, João Leonir. Imigrantes italianos em Santa Catarina. In: DE BONI, Luis Alberto. (Org.). *A presença italiana no Brasil*. Porto Alegre: EST, 1987, 536 p.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Vértice, 1990.

HOBBSAWN, Eric; RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, 316 p.

ISNENGHI, Mario. I Luoghi della Memoria: simboli e miti dell'Italia unita. Roma: Editori Laterza, 1996.

MARQUES, Agenor Neves (Mons.). *História de Urussanga*. Urussanga, [s. d.], 305 p.

TOMASI, Julia. “*Migrando para a terra dos nonnos e da polenta*”: os urussanguenses na Itália a partir da rede social doOrkut. Trabalho final de disciplina. Cidades: narrativas, fluxos e sentidos no contemporâneo. Florianópolis, mimeo. 14p.

Temporada difícil para urussanguenses na Alemanha. *Jornal Vanguarda*. Urussanga, 29 out. 2004. Disponível em: <<http://www.jvanguarda.com.br/site2012/2004/10/29/temporada-dificil-para-urussanguenses-na-alemanha/>>. Acesso em: 27 jan. 2012.

VIVENDO EM UM ENTRELUGAR: UM OLHAR SOBRE A EXPERIÊNCIA DOS ÍTALO-BRASILEIROS NA ITÁLIA

Luis Fernando Beneduzi
Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul
Universidade Ca' Foscari de Venezia

No Sul do Brasil, observou-se um tipo específico de fenômeno migratório, vinculado a um projeto Imperial de ocupação territorial (o “vazio” da fronteira) – está-se falando do último quartel do século XIX – e de branqueamento. Essa política conduziu uma parcela da imigração nacional para zonas “despovoadas” do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. Efetivamente, eram zonas muitas vezes ocupadas por populações indígenas, que estavam fora do planejamento estatal de ocupação produtiva desses territórios. No entanto, as necessidades de consolidação da fronteira nacional, com a criação de núcleos de povoamento, não considerava a população autóctone, não branca, como elemento numericamente relevante. Para a política do Estado brasileiro, esses grupos não contribuíam para o desenvolvimento físico e moral dos cidadãos, diferentemente dos europeus, que eram vistos como elementos importantes para uma qualificação da população nacional.

De qualquer forma, o território para onde esses grupos de imigrantes europeus foram enviados encontrava-se distante dos centros habitados pela população branca local e com escassas vias de comunicação. Primeiro, os alemães e, posteriormente, os italianos foram construindo pequenas comunidades marcadas arquitetonicamente e linguisticamente pela terra de partida. Como informavam os primeiros topônimos (Nova Vicenza, Nova Treviso, Nova Trento, Nova Milano), em solo brasileiro estavam sendo reproduzidos os espaços deixados do outro lado do oceano. Mesmo o espaço religioso, de grande relevância no contexto da imigração italiana, era marcado pela eleição de santos que lembravam as igrejas deixadas na Península Itálica: os conflitos para a escolha dos santos paroquiais e o uso de dois ou três personagens sacros como padroeiros de uma mesma localidade são emblemáticos dessa relevância.

Na verdade, não se está dizendo que existe um projeto de reprodução da terra de proveniência, mas o uso – em uma dinâmica de “cartografização” do espaço e domesticação da natureza – dos elementos que foram trazidos na bagagem interior, assim como as malas com roupas e objetos que vieram no navio com os imigrantes. Ou seja, na nova terra, utilizando-se de elementos que eram parte do seu cotidiano na terra de proveniência, esses imigrantes foram criando uma representação de italianidade, que se foi consolidando nas experiências de comemoração étnica – como nos cinquenta, cem ou cento e vinte e cinco anos da imigração – ou no olhar do outro, o nacional, que, pouco a pouco, entrou em contato com esse grupo de estrangeiros (BENEDUZI, 2011).

Um caso exemplar desse processo de cartografização do espaço ocupado na terra de chegada, além das capelas, é constituído pelos “capitéis” – em dialeto vênето, *capitelo/i*. O termo dialetal, que foi aportuguesado nas zonas de imigração lombardo-vênetas, no Sul do Brasil, está relacionado a pequenos oratórios, em forma de coluna, com imagens sacras, normalmente vinculadas à devoção de uma família ou de um conjunto de famílias. Lugar de encontro para a oração individual ou coletiva, essas estruturas arquitetônicas foram espalhando-se junto com os imigrantes, desenhando uma nova paisagem, característica da imigração. Com isso, o conhecido começava a povoar o desconhecido, criando uma ordem que recordava ou que buscava trazer à memória, a experiência vivida na terra de partida.

Cabe notar ainda que essas zonas de imigração italiana nas últimas duas décadas do século XX e nesta primeira do XXI têm experimentado um renascer étnico muito forte e a busca de reatar contatos e vínculos com a terra de proveniência dos antigos imigrantes. Prova disso são as inúmeras festas étnicas e os processos de *gemellaggio* (cidades irmãs) que envolvem tantos Municípios das antigas colônias imperiais dos Estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina.

Se, por um lado, esse movimento expressa um fenômeno econômico marcado pelo turismo étnico e pelo consumo de uma produção étnica (CAPPELLIN; PACE; GIULIANI; BRANDALISE, 2010), por outro, reflete – nas diferentes festas que celebram a memória dos antepassados ou na reconstrução de histórias familiares – uma busca afetiva da reconstrução do passado familiar e grupal: procura-se reter um vínculo com a terra de partida dos ancestrais, um *continuum* histórico que entrecruza passado e

presente (ZANINI, 2006). Nessa nova realidade, os vestígios do passado, como as diferentes edificações, transformam-se num elo mnemônico para assegurar uma ligação entre os descendentes que vivem o presente e os seus antepassados que, deixando a Itália, ocuparam aquelas Regiões.

Mesmo que de maneira breve, compreender essa experiência específica do fenômeno migratório italiano no Sul do Brasil é fundamental para melhor entender o processo contemporâneo de “retorno” à Península Itálica. Como afirma Sayad, o imigrante é sempre um emigrante, ou seja, leva consigo um conjunto de relações e de concepções que estão ligadas às suas vivências no país de emigração (SAYAD, 2002). Nesse sentido, não se podem pensar as percepções da terra de chegada e as relações que com ela e nela se estabelecem sem levar em consideração o espaço social e cultural onde essa leitura nasce, ou seja, a terra de partida.

Portanto, de diferentes formas essas representações do passado que foram sendo elaboradas antes da partida desses imigrantes – agora no final do século XX e início do XXI – vão estar presentes na decifração do novo espaço de imigração: o Norte da Itália, Região de proveniência dos “antigos” imigrantes do século XIX, vai ser visto – pelos descendentes que ali chegam – com as lentes/óculos que produzem significado a partir de imagens construídas durante mais de 125 anos de experiência migratória no Brasil. O sentimento que se apresenta para além do verdadeiro e do falso, do real ou do imaginado, estrutura-se dentro de uma percepção de um tempo que não passou, de um *continuum* temporal que entrelaça passado e presente, assim como os imigrantes e seus descendentes.

A ideia de retorno com a qual se está trabalhando não é pensada enquanto experiência física de volta ao lugar de onde se partiu, mas enquanto algo que pertence ao mundo da sensibilidade e do imaginário, o regresso a um país jamais visto fisicamente, porém conhecido na narrativa familiar e grupal. A interiorização do processo migratório como algo que adentra o âmbito familiar e se transforma num fato continuado é imagem que constrói essa noção. Ou seja, o lugar não visto é vivido pela memória que sobre ele foi construída nas narrativas intrafamiliares, nas festas étnicas ou nas falas dos memorialistas da imigração.

Nesse contexto, o objetivo deste trabalho é discutir o processo de leitura dessa experiência de retorno à terra dos antepassados, a partir das percepções observadas num confronto entre

o espaço imaginado – construído na fase de preparação da partida – e aquele vivencial, quando do contato físico com o lugar mnemônico, neste caso, a província de Trento. Para encaminhar essa análise, utilizar-se-á um cruzamento entre narrativa de vida e história temática de uma descendente de trentinos, natural do Paraná (com um forte contato com a zona de imigração italiana do Norte Santa Catarina, terra de nascimento de seu pai), que hoje está vivendo na cidade de Trento (província de onde partiram seus antepassados paternos).

Antes, no entanto, de dar início à apresentação do nosso “guia” nessa viagem entre o trentino imaginado e aquele vivido, é necessário fazer algumas considerações teórico-metodológicas sobre o lugar da entrevista enquanto espaço de produção do passado. Na verdade, é importante ter presente que o momento em que se estabelece o diálogo entre o pesquisador e seu colaborador, não somente o passado se está dando a conhecer como fragmento do acontecido, mas, também, um processo narrativo complexo é estruturado. É no ato de relatar o vivido que as experiências se entrecruzam, oferecendo uma linearidade e uma fluidez ao próprio passado; aí, as recordações fragmentadas adquirem uma lógica em que o individual e o coletivo se fazem presentes. Dessa maneira, pode-se ainda perceber esse influxo de uma memória coletiva que se apresenta em constante interação com aquela individual, produzindo quadros de memória (HALBWACHS, 1994) sobre o passado do grupo no Brasil e sobre a experiência enquanto descendente que “volta para casa”.

Para a presente análise, deve-se considerar, também, que a entrevista é parte de um momento do vivido e que esse presente é peça fundamental no processo de reconstrução da trajetória do entrevistado. Dessa forma, a narrativa é marcada pelos sucessos ou pelos malogros experimentados nessa busca de um retorno à terra dos antepassados. Para tal fim, como se verá mais adiante, é condição necessária para uma melhor compreensão do encontro entre “espaço imaginado” e “espaço vivido” a análise do contexto de vida do entrevistado, as relações que ele estabeleceu com a terra de acolhida, a sua situação socioeconômica. Todas essas questões permitirão uma leitura mais adequada sobre os modos como o imigrante irá ler e reconstruir sua trajetória de imigração e como ele vai avaliar o seu projeto imigratório.

Tendo sido feitas as considerações tanto sobre o contexto de partida da imigração quanto sobre os cuidados necessários na

produção e análise da entrevista, chegou o momento de apresentar o nosso “guia”, aquele que vai nos conduzir por essa viagem de retorno: Paola – nome que se usará com pseudônimo para a entrevistada – tem 26 anos, é casada com um brasileiro e chegou a Trento em 2010. Ela tem formação universitária, obtida na Universidade Federal de Santa Catarina, em italiano. Na realidade, a própria escolha do curso de graduação, por parte de Paola, já fazia parte de seu projeto, acalentado havia alguns anos, de vir morar na terra de seu tataravô.

A família de Paola é parte daquele grupo de descendentes dos imigrantes que chegaram ao Brasil no final do século XIX; em seu caso, está-se falando especificamente daqueles que rumaram para Santa Catarina, no Nordeste do Estado. O caso de Paola, e isso ficará muito claro na sua narrativa, é parte de um duplo processo de imigração, pois do espaço onde se instalaram seus antepassados, em Santa Catarina, seus pais partiram para o Paraná, em uma zona composta por outros grupos étnicos de imigrantes. Pode-se dizer que ela irá viver desde a infância esse espaço enquanto lugar de estranhamento e, como ela mesma diz, provavelmente a distância da zona de imigração italiana, onde permaneceu a maior parte de sua família paterna, irá aumentar nela o desejo de tudo o que significava italianidade.

Atualmente, Paola está vivendo em Trento, no alojamento da Universidade, com seu marido, pois ela faz parte de um programa de bolsas da Província Autônoma de Trento para os descendentes de trentinos. Portanto, além de frequentar a Universidade, onde está fazendo um curso de pós-graduação (assim como seu esposo), ela recebe um subsídio mensal para as suas despesas. Ou seja, não podemos enquadrá-la na clássica imagem do imigrante que parte em busca da sobrevivência, muitas vezes com baixa escolaridade e escasso conhecimento da cultura da terra de acolhida. Pelo contrário, a entrevistada tem um bom conhecimento da língua italiana e se encontra numa situação estável, inclusive sob o ponto de vista legal, pois tem a cidadania italiana.

A partida de Paola, no entanto, não foi uma decisão do momento, mas se trata dum objetivo que começa a ser perseguido no ano de 2001, quando ela ainda tinha 15 anos. Tendo tomado conhecimento, pela internet, do programa de bolsas para os descendentes de trentinos, e desejando conhecer a terra de seus antepassados e se mudar definitivamente para lá, ela começou a construir um percurso formativo que a levasse, depois da graduação,

para Trento, pois essa viagem se tornou uma ideia fixa para ela. Informou-se sobre os requisitos para a bolsa, começou a tomar contato com a língua e com a cultura italiana, deu entrada com o seu processo de cidadania, enfim, cuidou de tudo aquilo que era necessário para que o seu projeto fosse bem-sucedido.

É emblemática, para compreender o seu desejo de conhecer a terra e a cultura de seus antepassados, sua iniciativa de frequentar, em 2003, um curso de “Mecânica Polivalente”, na área de madeira e metal, ou seja, algo completamente fora de seus interesses específicos. No entanto, esse curso era oferecido, em Santa Catarina, pela Província de *Belluno* (entenda-se, Itália), com professores italianos, com algumas horas de ensino da língua italiana também. Efetivamente, foi essa ideia de vínculo com a Itália que o curso oferecia que fez com que ela se inscrevesse, frequentasse as aulas e desse o pontapé inicial para a realização de seu projeto:

eu disse, olha, não me interessa. Eu não sabia nem o que era, mas disse poxa, o governo da Itália está financiando pra descendentes de italianos no geral. Aí eu fui lá, tinha seleção porque eram 20 vagas. Me esforcei, fui lá, consegui, passei em primeiro na seleção. Feliz da vida. Fiz essa experiência. Também foi forte, porque foi a primeira vez que eu tive contato com italianos da Itália. Alguns professores que foram lá, assim, dar duas, três aulas. Até de italiano mesmo, porque nós tivemos um pequeno curso de 60/70 horas de língua italiana. E acho que aquilo ali selou mesmo a minha vontade⁶².

Na sua fala, além de seu desejo de conhecer aquilo que se referia à terra de seus antepassados, percebem-se alguns elementos que enfatizam a sua compreensão de italianidade e como a leitura da terra de partida de seu tataravô está marcada pelo processo de construção de uma ideia de identidade italiana (ou de múltiplas representações sobre ela) no Brasil. Como Paola disse, o curso permitiu-lhe ter contato com “italianos da Itália”. Em um primeiro momento, isso pode parecer uma forma de redundância; no entanto, se levarmos em conta o contexto de produção da cultura imigrante, esse reforço designa a ideia de diferentes formas de pertencimento à identidade étnica.

62 CTN. Entrevista realizada em 22 de fevereiro de 2012, em Trento (TN). Arquivo Pessoal do Pesquisador.

A rigor, ela afirma duas coisas nesse jogo de palavras: que os descendentes são italianos (mesmo sendo brasileiros) e que esses italianos são diferentes daqueles da Península. Ela traz à luz a famosa identidade hifenizada, que compõe a lógica de um indivíduo que se constrói e se percebe num duplo pertencimento possível, num contexto migratório e de dupla cidadania, que considera duas realidades: o *jus sanguinis* (italiano) e o *jus solis* (brasileiro).

Ao mesmo tempo, ela reproduz uma fala comum nas zonas de imigração, considerando que esse tipo de identificação – aquela pessoa é um italiano da Itália – é muito comum como forma de distinção. De certa maneira, ela compartilha um imaginário coletivo sobre a terra de partida dos imigrantes e o tipo de cultura que eles construíram no extremo-ocidente europeu. Para os descendentes que enxergam no autóctone o brasileiro, que se autorrepresentam como italianos, que definem os descendentes das diferentes etnias europeias como alemães, poloneses, portugueses, esse identificador geográfico assinala uma diferença na unidade étnica.

Paola vive de uma maneira muito natural esse duplo pertencimento num modo visceral, pois a descendência, no seu entendimento, constitui-se num elemento fundador de sua identidade: “[...] Bom, eu tenho uma relação com Trento forte, eu diria, porque tendo a descendência e essa coisa da italianidade viva dentro da minha família, Trento era um destino natural quase para mim” (CTN, 2012).

Essa sensação de pertencer a uma identidade hifenizada, a uma expressão cultural que se distingue de outros grupos étnicos, mesmo que se esteja falando sempre de brasileiros, teve uma forte presença desde a infância de Paola. Como ela mesma diz, tendo crescido entre “poloneses” e “ucranianos”, sua família era conhecida e identificada como italiana. Seu pai, nas ruas, era chamado de italiano. A rigor, a entrevistada cresce com uma marca muito forte de alteridade, pois sua família era o outro em meio a esses brasileiros de outros grupos étnicos.

Ao mesmo tempo, o período da infância também é marcado pelas viagens para encontrar os avós, tios e primos, no interior de Santa Catarina, agora, sim, em uma zona de imigração italiana. Paola cresce nesse contraste entre “a sua Itália” e o estrangeiro, quando dos retornos ao Paraná. Na sua “*little Italy*”, os parentes falam dialeto vênето, encontram-se para jogar carta e contar histórias, talvez do próprio processo migratório, fazendo com que

ela experimente uma realidade que se apresenta de maneira muito distinta daquela do Paraná.

A cada viagem, sempre estando no mesmo país (o Brasil), Paola atravessava uma fronteira, não apenas a divisa entre dois Estados, mas étnica, que a informava sobre o que era ser italiano e o que não era. Ao mesmo tempo, a distância e a diferença faziam com que ela cultivasse de um modo particular aquilo que considerava serem as suas raízes. Estando no “estrangeiro”, recebia um impulso a mais para manter a tradição, conservar aquelas suas características tão peculiares. Aliás, como Paola nos informa, “[...] decididamente o dialeto me trouxe a Trento” (CTN, 2012).

Essa busca de manter as características que a entrevistada identifica como vinculadas à italianidade está marcada por duas questões principais, de fundo afetivo e identitário. Conservar as expressões da cultura italiana significa não perder os vínculos com a sua família paterna, com os avós e os tios que moram longe, com quem somente em alguns momentos do ano se pode conviver. Todavia, não deixa de ser, também, o processo de conservação, uma dinâmica comum entre grupos que vivem uma experiência de deslocamento e perda daquela que consideram sua cultura originária, vivendo numa periferia do seu espaço cultural. Esse fator é fortemente perceptível e pode ser exemplificado nos processos de expansão linguística, onde os espaços mais periféricos mantêm com maior força os elementos da língua originária. Nesse sentido, observa-se uma estrutura muito mais presente do latim na língua portuguesa do que na italiana.

Essa sua percepção de italianidade – de pertencimento à cultura da terra de partida de seu antepassado – estará na base de sua decisão de partir para Trento, pois a entrevistada vislumbra na viagem uma possibilidade de mergulhar em sua história familiar ou, como ela repete inúmeras vezes, ver e sentir aquelas coisas que seu tataravô viu e sentiu. Portanto, se os processos identitários são marcados pela memória, a sua representação de identidade é marcada pelas histórias familiares, contadas na intimidade do *focolare*; dessa forma, poder estar em Trento era uma viagem no passado individual-coletivo da família e uma experiência de sensibilidade: “[...] Poxa, se eu fosse pra Itália seria uma forma de eu conhecer esse passado, de que tanto se falava na minha família, e o crescimento pessoal, assim, já na época eu pensava nessa maneira”⁶³.

63 Idem.

A narrativa produzida por Paola é sempre marcada por um sentimento de fazer parte da realidade trentina, de sentir-se parte de qualquer maneira daquele grupo, pois era a raiz de sua família e, como consequência, também sua raiz. Como já foi mencionado antes, a sua concepção de identidade italiana é atravessada por elementos que a ligam à Província de Trento: as histórias, o dialeto, as sociabilidades; por ser trentina, é italiana.

Os mesmos elementos que embasam a percepção identitária de Paola fazem parte de um discurso mais amplo, fundante de uma imagem de italianidade nas zonas de colonização italiana dos Estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. São os fragmentos dialetais – as remanescências do falar dos primeiros imigrantes – que criam a representação de um vêneto ou um trentino continuamente presentes no Sul do Brasil. Somam-se a isso as músicas, os grupos de canto, os encontros, os fazeres que permitem crer num tempo sem rupturas, que conectam os imigrantes do passado e as comunidades que eles criaram a uma terra de partida colocada fora do tempo.

Nesse sentido, a experiência em Trento – na relação com a paisagem – confirma esse pertencimento, pois desde a chegada de Paola, ela se sentia parte daquele lugar. Como o nostálgico, também o entrevistado encontra – nos fragmentos objetivos da realidade vivida – as marcas do seu mundo particular, jamais existido, porque sempre parte de um lugar imaginado, contado e que continua existindo e fazendo sentido na sua reelaboração mental. Portanto, contrariamente ao que acontecia com a maior parte das pessoas, a experiência de estar na cidade – note-se que Trento se localiza num vale circundado por montanhas altíssimas – foi encantadora e não asfíxiante:

Então teve muito aspecto positivo, pela geografia aqui de Trento, eu me apaixonei. Muitos não, mas eu, assim, gosto de clima de montanha, gosto do tamanho da cidade, que é pequena.

[...] Me adaptei ao clima, me adaptei à geografia, porque todo mundo diz, as montanhas aqui oprimem, te deixam depressiva (CTN, 2012).

Aquele espaço poderia ser opressor para um estrangeiro, poderia causar uma sensação de sufoco para quem provinha de fora, mas para Paola – que é italiana do Brasil, trentina – essa experiência foi lugar de encantamento, não de depressão. Mesmo não ten-

do vivido fisicamente aquele espaço, as recordações da infância, das narrativas familiares, produziram um efeito *flashback*, pois ela estava deparando-se com imagens que foram construídas em sua mente, nos momentos felizes de encontro com os tios, os avós, os parentes, no interior de Santa Catarina. Para além de uma Trento “real”, ela estava tomando contato com uma cidade afetiva, que existia exclusivamente em sua memória: a leitura das montanhas era um confronto com esses sentimentos, era a confirmação da existência da sua Trento.

Um sinal concreto desse vínculo entre suas experiências de infância e a realidade vivida em Trento, depois de sua chegada em 2010, será marcado pelo *ethos* do trabalho. Contando o acontecido a uma amiga trentina, colega da residência universitária, ela vai relacionar as histórias familiares e a história da amiga. O relato se refere às críticas da trentina ao seu namorado napolitano. Para ela (a amiga), o rapaz deveria se dedicar mais ao futuro, ao trabalho, a economizar, para poder suprir as necessidades futuras; se dependesse dele, a busca seria por um trabalho no qual fosse necessário menos esforço, para ter uma vida mais tranquila.

Nesse espírito de dedicação ao futuro, à economia e ao trabalho, Paola enxergou sua história familiar, pois o sacrifício necessário para conquistar uma vida melhor foi parte das narrativas do avô sobre “como chegamos aqui”. Ou melhor, o sacrifício era a condição *sine qua non* para se conseguir alcançar o sucesso, porque – segundo o discurso imigratório – somente aqueles que trabalharam duramente, deram certo; pelo contrário, aqueles que não deram certo, não se esforçaram o suficiente. Nesse sentido, no diálogo com a amiga trentina ela reconheceu a sua trentinidade, por meio de um modo compartilhado – embora por ela questionado – de valorizar o esforço e a positividade do trabalho.

Nesse contexto, a experiência de Paola é dupla e fica muito clara em sua afirmação: “[...] Me sinto em casa [em Trento], [...] sendo uma imigrante, mas se sentindo em casa. [...] me sinto bem aqui” (CTN, 2012). De fato, a sua experiência na terra de seus antepassados gera nela duas sensações: “[...] faço parte dessa realidade e, ao mesmo tempo, me dou conta de ser brasileira”. Se por um lado o sentimento que ela traz consigo acaba confirmando-se em algumas experiências na Trento “real”, a vivência na Península produz um efeito inesperado, aquele de se descobrir brasileira.

O cotidiano em Trento proporcionou um novo encontro para Paola, com a sua brasilidade, vivido em uma forte relação

de alteridade, tanto em ser percebida como o outro – brasileira – quanto no se perceber como diferente, vendo o modo de ser dos habitantes da cidade. A entrevistada destaca, na sua experiência, o fato de ser reconhecida enquanto brasileira como fator importante nessa nova tomada de consciência. Em um momento positivo economicamente para o Brasil, o reconhecimento funcionava tanto num sentido de “identificar como” quanto naquele de “valorizar”. Portanto, sentir-se brasileira significava ser valorizada na sociedade de acolhida.

Em *pari passu*, ela se dava conta de alguns contrastes entre o seu “ser brasileiro” e os hábitos locais. Na sua fala, ela cria alguns binômios que permitem perceber o contraste entre a sua percepção de brasilidade e de trentinidade: aberta-reservada, receptiva-fechada, formal-informal. Ela percebe a sua diferença enquanto brasileira porque se encontra nas características que ela associa ao modo de ser dos habitantes do Brasil: um povo aberto, acolhedor e fundado na informalidade das relações.

Nessa dupla identidade ou identidade hifenizada – ao mesmo tempo trentina e brasileira –, Paola encontra uma estratégia positiva para levar adiante, com sucesso, o seu projeto imigratório de “retorno” à terra de seus antepassados. Ela entende a sua condição como um diferencial positivo no contexto da terra de chegada, Trento, porque oferece tanto elementos culturais semelhantes aos dos autóctones quanto outros que acrescem suas capacidades. No olhar da entrevistada, ela está vinculada ao território – a província de Trento – por causa da relação familiar (e aqui se percebe novamente esse fio condutor que une passado e presente) e, também, traz consigo características culturais e de sociabilidade que a identificam com o Brasil:

então eu digo ‘poxa isso pode ser um diferencial’ porque eu tenho os dois lados, quer dizer eu tenho uma ligação trentina pelo meu sobrenome, pela história da minha família mesmo que eu não tenha vivido aqui antes ou nascido aqui, eu tenho essa parte que me liga ao território vamos dizer assim, e eu tenho essa questão de essa brasilidade que vai me ajudar (CTN, 2012)

De qualquer forma, e aqui se retorna ao contraste entre o imaginado e o vivido, o seu cotidiano em Trento tem um guia especial, o seu tataravô, pois na experiência sensível da cidade e dos arredores, a memória do antepassado é sempre presente; e

as lentes que permitem ver o real são construídas com o mesmo material dos contos das tardes passadas no interior de Santa Catarina: são delineadas pelo espaço afetivo. Cada lugar com que a entrevistada entra em contato é um espaço potencialmente vivido por seu tataravô; e isso cria uma leitura marcada pela afetividade, por um *déjà vu* de algo jamais visto:

Bom, pra mim teve um efeito completamente diferente. Eu olho as montanhas, eu digo, poxa o meu tataravô viu isso, ele acordava e via isso, porque ele nasceu aqui pertinho, em Matarello, né. Poxa, ele cresceu, poxa será que ele passou por essa igreja, poxa vou ver se esta igreja é de antes ou depois, quando é que ela foi construída. Pra mim tá sendo ainda muita descoberta (CTN, 2012).

Se, por um lado, a experiência imagética e arquitetônica de Paola é marcada pelo encontro, pela descoberta daqueles espaços mnemônicos, por outro, aquele humano acontece em outro ritmo e plano. Ela fala de dois tipos relação que se instauram na sua vivência em Trento, no que tange aos contatos interpessoais: com a burocracia e com os colegas.

No que concerne ao mundo da burocracia, a sua cidadania abriu portas, facilitou processos e agilizou muitas coisas. Como ela se apresentava como brasileira, mas com cidadania italiana, a forma de tratamento melhorava e a documentação necessária para os diferentes procedimentos descomplicava:

no sentido burocrático foi decisivo, positivamente decisivo, no sentido que eu chegava nas repartições me apresentava como ‘olha eu sou brasileira, mas eu tenho cidadania italiana’, [...] acabava acontecendo de perguntar ‘mas você tem a cidadania italiana, não, porque aí você vai ter esse tipo de documento não aquele e tal’, fui recebida... bem tratada... recebida (CTN, 2012).

No entanto, o espaço universitário – entendido como relacionamento com os colegas – apresentou-se de maneira diferente; e o fato de ela possuir a cidadania italiana não significava necessariamente uma abertura de portas ou uma aceitação tácita, sobretudo se pensarmos no modo brasileiro de relacionamento (mais aberto, acolhedor, como Paola o definiu). Como relata a entrevistada, havia uma resistência que ela teve que romper pouco a pouco, com muita paciência. Nesse sentido, ela utiliza a metáfora

do gelo, mas não é suficiente a expressão “quebrar o gelo”, pois o processo foi mais difícil; ela teve de esperar o gelo derreter completamente, apresentando o quão lento estava sendo o processo de integração. No entanto, mesmo o derretimento do gelo não lhe permitia efetivamente sentir-se inserida no grupo; isso representava um talvez, uma janela que se abria para a possibilidade de interagir – perguntar, conversar, começar novamente.

No cotidiano da Universidade, a trentina-brasileira era mais percebida pelo seu lado latino-americano, como o outro, o estrangeiro; e isso fazia com que ela fosse de fora, sendo que a cidadania não ajudava na mudança dessa percepção. Mas Paola não se resignava e – como ela fala – foi trabalhando devagarzinho para mostrar que era um outro não perigoso para o grupo:

Nas relações na universidade talvez com os meus colegas isso não tenha feito tanta diferença, eh... o fato de eu ser descendente de trentino ou ter a cidadania, eh... ali eu tive que trabalhar, eu, como pessoa, tive que trabalhar mais no sentido de não só quebrar o gelo, mas de esperar o gelo derreter todo [risos], e aí, talvez (...) começar de novo, insistir, conversar, perguntar, eh... acho que foi... nessa relação da universidade foi mais por minha conta mesmo de... de tentar dizer ‘olha eu sou diferente, mas eu não mordo’ [risos].

Ao fim e ao cabo, a experiência de Paola na Península Itálica é caracterizada pela entrada num entrelugar identitário, no qual estão presentes características de brasilidade, de italianidade, mas – sobretudo – de ítalo-brasilidades. Na sua estada em Trento – a qual ela espera que seja definitiva –, a entrevistada se dá conta de que o mundo que ela buscava não se encontra ali em sua totalidade, que o trentino que ela imaginava, para além de sua memória, é uma realidade da zona de imigração do Sul do Brasil. Ela pensava que iria encontrar os homens e as mulheres de sua infância; talvez, seus tataravôs paternos, com amigos e parentes, como ela via na zona de imigração italiana, em Santa Catarina, quando se reuniam para jogar carta e contar histórias sobre o processo migratório:

Eu também era muito ingênua na época, pensando assim que eu ia encontrar pessoas aqui como toda a humildade camponesa que a gente via dos descendentes no Brasil. De você ver o agricultor, que tem a casinha lá, que tá com o fogão a lenha, que é receptivo, que, ao

mesmo tempo é tão humildade, que te diz, olha eu plantei toda essa uva aqui, mas eu não sei nada de agricultura (CTN, 2012).

No entanto, a imigrante-descendente se deparou com outra região, a qual não era nem confirmação nem negação de suas imagens, como ela disse, “[...] um lugar onde sou imigrante, mas – ao mesmo tempo – me sinto em casa”. Entende-se que essa situação “entre” seja uma das possíveis características dessa tipologia de imigração – de descendentes, criados num vínculo linguístico-cultural com a terra dos antepassados, no interior das zonas de imigração italiana no Sul do Brasil. Não se quer dizer que todos os processos de “retorno” são caracterizados efetivamente pela busca de uma origem familiar, nem que esse seja o interesse em todas essas dinâmicas de deslocamento, pois se entende que essas realidades são plurais; no entanto, vislumbram-se nas percepções e imagens de Paola alguns elementos que a conectam com um conjunto de descendentes de italianos, nascidos no Sul do Brasil, que hoje vivem na Península Itálica.

REFERÊNCIAS

BENEDUZI, Luis Fernando. *Os fios da nostalgia*. Perdas e ruínas na construção de um vêneto imaginário. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.

CAPPELLIN, Paola; PACE, Vincenzo; GIULIANI, Gian Mario; BRANDALISE, Carla. *Entre memória e mercado: famílias e empresas de origem italiana no Brasil*. Belo Horizonte: Argumentum, 2010.

CTN. Entrevista realizada em 22 de fevereiro de 2012, em Trento (TN). Arquivo Pessoal do Pesquisador.

HALBWACHS, Maurice. *Les cadres sociaux de la mémoire*. Paris: Albin Michel, 1994.

SAYAD, Abdelmalek. *La doppia assenza*. Dalle illusioni dell'emigrato alle sofferenze dell'immigrato. Milão: Raffaello Cortina Editore, 2002.

ZANINI, Maria Catarina Chitolina. *Italianidade no Brasil meridional: a construção da identidade étnica na região de Santa Maria-RS*. Santa Maria: Editora UFSM, 2006.

OS ITALIANOS E SEUS DESCENDENTES NO VALE DO RIO DOCE, EM MINAS GERAIS: A CHEGADA DOS ITALIANOS E A EMIGRAÇÃO DOS DESCENDENTES PARA ITÁLIA

Sueli Siqueira

Sandra Nicoli

Mauro A. dos Santos

Universidade Vale do Rio Doce

INTRODUÇÃO

A Mesorregião do Rio Doce, mais especificamente a Microrregião de Governador Valadares, é conhecida como um local de emigração. Nesse território, teve início nos anos de 1960, e se intensificou na segunda metade dos anos de 1980, o movimento de brasileiros para o exterior (SIQUEIRA, 2009). Entretanto, historicamente esse foi, também, um território de imigração. No início do século XX, imigrantes de várias nacionalidades se aventuraram por essas terras banhadas pelo Rio Doce. Algumas localidades da Microrregião de Aimorés receberam, nesse período, imigrantes italianos e seus primeiros descendentes vindos, em sua maioria, do Espírito Santo.

As marcas da presença italiana na Microrregião de Aimorés, principalmente nos Municípios de Resplendor, Santa Rita do Itueto, Itueta e Aimorés são significativas. Os descendentes de italianos que desbravaram essa região trouxeram consigo todo um modo de ser que se perpetua até os dias de hoje. Assim como Governador Valadares, alguns Municípios da Microrregião de Aimorés, também a partir da década de 1980, vivenciaram a emigração para o exterior. Essa região, porém, apresenta um diferencial: os emigrantes são descendentes de italianos que, de posse da cidadania italiana, emigram para os Estados Unidos e para a Itália. Quais são as semelhanças e diferenças existentes entre o movimento de chegada dos primeiros italianos e descendentes na região e a posterior emigração dos seus descendentes a partir da década de 1980?

Este capítulo abordará esse dois movimentos migratórios. Por meio da memória dos descendentes mais velhos, descreve-

remos o percurso migratório dos Italianos e seus descendentes para os Municípios de Aimorés, Itueta, Resplendor e Santa Rita do Itueto. Utilizando entrevistas em profundidade com descendentes que emigraram para a Itália, buscaremos compreender as percepções em relação ao acolhimento e ao sentimento de ser descendente no país de destino e os projetos que impulsionaram a emigração para Itália na segunda metade dos anos de 1990. Para a construção do percurso dos italianos e seus descendentes, foram coletados 06 relatos orais com descendentes mais antigos que chegaram à região e 06 entrevistas com descendentes que emigraram para Itália e retornaram para o Brasil ou estavam a passeio no momento da entrevista. Todos os nomes utilizados são fictícios, para garantir a privacidade dos informantes.

A IMIGRAÇÃO ITALIANA NO BRASIL

Devido a pressões internacionais, principalmente por parte da Inglaterra, o tráfico negreiro, que supria as necessidades de mão de obra no Brasil com a importação de escravos da África, foi proibido a partir de 1850. Como consequência, houve a diminuição da mão de obra disponível nas regiões em que se expandia a cultura do café. Além de o país necessitar de mão de obra para o trabalho na lavoura cafeeira, uma grande parte do território geográfico brasileiro ainda estava inexplorada e necessitava ser ocupada. Nesse contexto, na segunda metade do século XIX se iniciou a imigração europeia em grande escala – principalmente a italiana (LEVY, 1974) –, financiada pelos Estados brasileiros onde se situavam as grandes lavouras. No período entre 1880 e 1903, ingressaram aproximadamente 1.850.985 imigrantes europeus no país. Referindo-se a esse fato, Santos (2010, p.99) afirma que “[...] o Brasil recebeu perto de cinco milhões de imigrantes entre 1819 e fins da década de 1940. Os três principais contingentes foram os italianos, portugueses e espanhóis, grupos que se somados totalizam mais de dois terços do total, seguidos pelos alemães e japoneses.”

Várias foram as razões para os italianos deixarem sua pátria. Entre tais motivos, a situação em que se encontrava o país depois dum longo período de lutas pela unificação política e territorial. Ao final dessas lutas, a economia apresentava graves problemas. Os índices de desemprego eram elevados – o que era agravado pela alta taxa de crescimento populacional – e havia uma grande população rural empobrecida, que tinha dificuldades para sobreviver nas pequenas pro-

priedades que possuíam ou nas quais trabalhavam (TRENTO, 1989).

Dadalto (2009) também discorre sobre o contexto da Itália nos anos de 1870. Segundo a autora, era um contexto de decisão para um grande número de italianos: ficar no país ou partir, apesar dos riscos e da precariedade para salvar-se em outro país. No sonho coletivo, estava a possibilidade de partir, de organizar uma nova vida em outro continente, que se apresentava como um lugar promissor e de grandes oportunidades; essa era uma alternativa viável, que dava um alento para projetar algo sólido para o futuro.

Descrevendo os acontecimentos que impulsionaram a imigração italiana, Trento (1989, p. 30) afirma que foi “[...] a *miséria a verdadeira causa da emigração transoceânica entre 1880 e a Primeira Guerra Mundial*”. A depressão agrícola que provocou a falta de alimentos foi um fator de expulsão desse contingente populacional. Assim, a imigração era uma questão de sobrevivência para as famílias italianas, pois as perspectivas de uma vida melhor não podiam ser projetadas no seu território de origem. A opção pela imigração era mais atraente do que a alternativa de continuar na Itália.

Dadalto (2009) ressalta ainda que, ao emigrar, os italianos deixaram um país recém-unificado e pobre, destituído de uma identidade nacional legitimada por um Estado Nacional: eram vênnetos, sicilianos, calabreses, trentinos entre outros. O contexto de mudanças, de fragilidade e de pobreza ganhara tal proporção que a perspectiva de deixar seu país de origem e tudo o que significava esse distanciamento perdia relevância diante dos fatores de atração como⁶⁴ a possibilidade de ganhar terras produtivas no novo mundo e realizar uma nova vida na América.

Outro fator importante que direcionou o fluxo de imigrantes italianos para o Brasil foi a criação de barreiras imigratórias

⁶⁴ Para a teoria econômica neoclássica, as condições econômicas – taxa de emprego e níveis salariais – dos países de origem e o destino constituem a base da decisão de migrar. Lee (1966) ressalta que a migração sempre implicará a existência dum lugar de origem, um lugar de destino e uma série de obstáculos intervenientes, sendo que qualquer lugar, na perspectiva do migrante, apresentaria fatores de atração (ou de pull), capazes de atrair os migrantes; de repulsão, responsáveis pela expulsão de migrantes; e neutros. Segundo o autor, haveria uma “inércia natural” que somente seria vencida – ou seja, o indivíduo optar pela migração – caso o saldo em favor do deslocamento fosse suficientemente forte. Os fatores de atração seriam as possibilidades de acolhimento, oferta de trabalho atrativa e condições de vida melhores no país de destino. Os fatores de repulsão seriam a insegurança, o desemprego, e a pouca perspectiva de melhorar a qualidade de vida (SIQUEIRA, 2009).

pelo maior receptor de imigrantes, os Estados Unidos. A crise vivida na Itália e a ideia de que o Novo Mundo poderia proporcionar uma vida melhor motivaram muitos a se aventurar nas Américas (BONI, 1990).

Podemos, então, considerar que um conjunto de fatores propiciou a chegada dos italianos no Brasil. Como fatores de expulsão na origem, têm-se: as condições econômicas e políticas da Itália no contexto do fim das lutas de unificação; a crise econômica marcada principalmente pelo alto índice de desemprego; e o crescimento da população sem a respectiva correspondência da produtividade do campo que atendessem às demandas de abastecimento de alimento.

As políticas adotadas para resolver os problemas de abastecimento e produtividade no campo provocaram a perda do direito de muitos camponeses a terra. Isso aliado ao uso de técnicas mais modernas e a mecanização da produção, inviabilizou as condições de sobrevivência dos pequenos produtores que viviam da atividade no campo⁶⁵. Um país recém-unificado, promovendo a organização do Estado e a modernização nas áreas urbanas e rurais produz desequilíbrios que atingem uma parcela da população, no caso da Itália, os trabalhadores do campo e os pequenos proprietários rurais. É essa população italiana, atingida por esses problemas que se dispõe a atravessar o atlântico em busca de sua sobrevivência.

Se, por um lado, a vida fica difícil no território de origem, por outro, o novo mundo apresenta atrativos. Existe a promessa de terras abundantes, férteis a um preço acessível, bem diferente das condições em que viviam. Com as barreiras criadas pela Imigração americana, a América do Sul, especialmente a Argentina e o Brasil, passou a ser a rota mais procurada. A imigração italiana⁶⁶, além de marcar a vida cultural, civil e política do país, significou muito para o Brasil, em termos de crescimento demográfico, desenvolvimento econômico, agrícola e industrial.

As regiões brasileiras do Sul e Sudeste foram as maiores receptoras de imigrantes italianos. No Sul, formaram colônias com expressiva produção agrícola e uma forte preservação da língua,

⁶⁵ Destaca-se que esses fatos não eram exclusividade da Itália, estavam presentes em vários países da Europa.

⁶⁶ A imigração europeia de modo geral influenciou aspectos relevantes da cultura, política e economia brasileira.

dos hábitos e costumes. Em função de alguns setores políticos do Império que defendiam a ideia de povoar a região com pequenos produtores rurais objetivando impedir o avanço dos vizinhos platinos, a região tornou-se propícia para receber imigrantes que ocuparam pequenas propriedades (ALVIM, 2000). A região Sudeste teve um grande destaque em relação a essa imigração e foi a que recebeu a maior parte dos imigrantes, devido, principalmente, ao processo de expansão das lavouras cafeeiras no Estado de São Paulo. Entre os quatro Estados dessa região, Minas Gerais tornou-se um dos maiores núcleos da colonização italiana no Brasil (TRENTO, 1989).

Segundo Dadalto (2009), os primeiros imigrantes italianos no Estado do Espírito Santo eram oriundos da região italiana do Vêneto e de origem rural. Eles chegaram entre os anos de 1874 e 1882 e fundaram colônias nas regiões próximas aos centros de comércio. Um segundo grupo chegou entre os anos de 1885 a 1895. Estes eram levados para os locais mais distantes dos centros urbanos.

A presença desses italianos na região era parte da política governamental de povoamento e expansão da fronteira agrícola. Por essa razão, havia preferência pela imigração familiar, pois, assim, a ocupação e a colonização se faziam de forma mais rápida e eficaz. Os fazendeiros brasileiros consideravam os italianos excelentes trabalhadores, acomodando-se com relativa facilidade ao sistema de meação ou parceria⁶⁷. Eles não só foram úteis como mão de obra, mas atendiam também como elemento colonizador, pois se embrenharam em regiões de mata fechada, formando fazendas e povoados.

Diferentemente dos três Estados vizinhos (São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo), que recebiam os italianos em seus portos marítimos, Minas Gerais foi o último destino desses imigrantes, provavelmente devido à sua posição geográfica. Os imigrantes italianos que se destinaram para Minas, em sua maioria já possuíam experiência imigratória em um dos outros três Estados da região Sudeste. Várias foram as propagandas realizadas para atrair os imigrantes para Minas Gerais, em especial, os italianos. Monteiro (1994) afirma que

⁶⁷ O sistema de meação é quando a metade da produção é dividida entre o proprietário da terra e o colono (meeiro). O sistema de parceria é aquele em que as partes são divididas diferentemente entre o proprietário e o colono.

o período que vai do início da República até a Revolução de 1930 é o de maior significado para a imigração e colonização em Minas Gerais.

No Estado mineiro, diversos foram os destinos desses imigrantes, sendo possível destacar algumas localidades como: Aimorés, Belo Horizonte, Itueta, Juiz de Fora, Machado, Poços de Caldas, Resplendor, Santa Rita do Itueto e São João Del Rey. Segundo Monteiro (1994), os italianos, dentre as outras diversas correntes migratórias (alemã, francesa etc.), foram os que mais visíveis e presentes se fizeram em Minas Gerais. Este estudo trata especificamente dos imigrantes italianos que se instalaram nos Municípios de Aimorés, Itueta, Santa Rita do Itueto e Resplendor.

A CHEGADA AO VALE DO RIO DOCE, MINAS GERAIS

Como os italianos chegaram à Microrregião de Aimorés? Os primeiros Italianos, em sua maioria oriunda do Norte da Itália, desembarcaram no porto de Vitória, capital do Espírito Santo, no final do século XIX e início do XX. Eles foram direcionados ao interior desse Estado, que abriga uma das maiores colônias de italianos do Brasil.

Esses imigrantes enfrentaram a mata virgem e se instalaram em lugares desconhecidos e inexplorados. Sofreram com a adaptação ao clima e à alimentação, enfrentaram animais selvagens, desbravaram e colonizaram os locais a eles destinados. Desmataram, plantaram, colheram, construíram suas casas e constituíram as suas numerosas famílias. Em poucos anos, já era possível perceber o crescimento populacional e o desenvolvimento das localidades onde estavam presentes.

Na região de Alfredo Chaves (ES), os pequenos núcleos familiares trabalharam a terra, aumentaram sua prole e, com o passar dos anos, enfrentaram dificuldades para garantir o sustento da família, principalmente, devido ao fracionamento da terra e a estagnação econômica.

O fracionamento da terra ocorria à medida que os filhos iam tornando-se adultos, constituindo famílias e tirando o sustento da mesma gleba de terra. As terras na região de Alfredo Chaves tinham-se valorizado; assim, para o jovem pequeno produtor era impossível adquiri-las. Contudo, na Microrregião de Aimorés as terras cobertas de mata tinham preços acessíveis. Em função disso, muitos optaram por migrar. Os

destinos mais procurados foram o interior do Espírito Santo, que estava em plena fase de povoamento e desenvolvimento, e as terras mineiras, localizadas próximas à divisa dos dois Estados, nas margens do Rio Doce.

Biasutti et al. (2003) comentam sobre essa leva de imigrantes italianos que foram para Minas Gerais. Segundo esses autores não apenas pelo porto do Rio de Janeiro chegaram os imigrantes italianos. Levas expressivas também aportaram em Santos (SP) e outra numerosa aportou em Vitória (ES), tendo, depois de determinado tempo, subido pelo Vale do Rio Doce.

Diferentemente das regiões do Espírito Santo em que os imigrantes italianos se instalaram inicialmente, o Vale do Rio Doce no início do século passado via sua paisagem sendo modificada com a abertura da floresta para a construção e fornecimento de carvão para a Estrada de Ferro Vitória-Minas, que em 1942 passou a ser administrada pela Companhia Vale do Rio Doce⁶⁸ – CVRD.

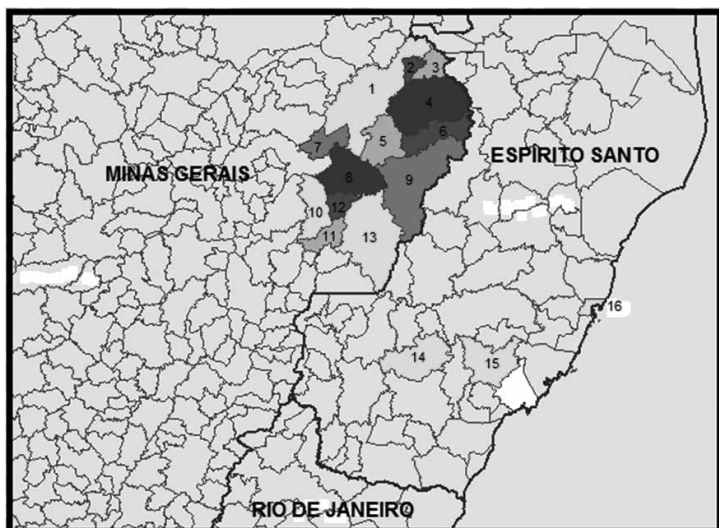
Como era essa Região antes da chegada dos imigrantes italianos? Espindola (2005, p. 311) a descreve como “[...] *um território com espessa cobertura florestal, habitado por índios pouco conhecidos e mal-afamados, com alto grau de insalubridade, com rios de difícil navegação, com geografia desconhecida*”. Essa Região fazia fronteira com outras densamente povoadas e conhecidas, como a Região mineiradora e o litoral espírito-santense.

Em 1907, os trilhos da ferrovia chegaram à localidade de Aimorés⁶⁹; e em 1910, à atual cidade de Governador Valadares: ambas no Estado de Minas Gerais. No percurso da ferrovia que corta os Estados brasileiros de Minas Gerais e Espírito Santo, vários povoados nasceram ou se desenvolveram, entre eles, várias localidades da Microrregião de Aimorés, que teve boa parte de sua extensão geográfica cortada pela ferrovia. Foi por meio dos vagões do trem de ferro puxado pela Maria Fumaça que os imigrantes e seus descendentes chegaram à Região.

A Mesorregião Mineira do Vale do Rio Doce é formada por sete Microrregiões, sendo a Microrregião de Aimorés uma delas (em destaque na figura 1). As localidades que se destacam como ponto de chegada dos imigrantes italianos e descendentes são: Aimorés (9), Itueta (6), Resplendor (4) e Santa Rita do Itueto (5).

⁶⁸ Atual Vale – empresa brasileira líder mundial na produção de minério de ferro. Sua construção teve início em 1902, saindo da cidade de Vitória Espírito Santo.

⁶⁹ Conhecida na época como Natividade, Aimorés se situa na divisa do Estado de Minas Gerais com Espírito Santo.



Elaboração própria. Fonte básica de dados cartográficos: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).
 Relação de municípios destacados: 1. Conselheiro Pena; 2. Goiabeira; 3. Cuparaque; 4. Resplendor; 5. Santa Rita do Itueto; 6. Itueta; 7. Alvarenga; 8. Pocrane; 9. Aimorés; 10. Ipanema; 11. Conceição de Ipanema; 12. Taparubá; 13. Mutum; 14. Castelo; 15. Alfredo Chaves; 16. Vitória

Figura 1 - Mapa da Microrregião de Aimorés - MG

Passados mais de sessenta anos da chegada desses imigrantes e descendentes a essa Região, a história dessa trajetória não foi perdida, pois permanece na memória daqueles que a viveram ou a ouviram, de primeira mão, daqueles que a vivenciaram. Buscaremos descrever a trajetória dos primeiros imigrantes italianos e seus descendentes que chegaram à Região estudada, por meio da memória dos mais velhos. Essa fonte se constitui, portanto, na base de dados.

A História oral é uma técnica que possibilita retomar um tempo do passado guardado na memória dos sujeitos. Por meio da ativação, com questões específicas, essas lembranças fluem livremente e são verbalizadas em narrativas ricas de detalhes, descritas pelos seus atores. Práticas, costumes, sentimentos, sensações, tradições e costumes são revividos com as cores e as nuances de uma realidade vivida, tornando-se, assim, instrumentos válidos para compreender e descrever o objeto estudado.

Nesse sentido, pretendemos compreender, por intermédio dessas vozes que vêm dum passado distante, como foi a experiência da chegada à Região. São dados que descrevem a presença desses imigrantes e seus descendentes na Região, sua chegada,

adaptação e integração. São lembranças que vêm da memória, verbalização, testemunhos e ressignificação do passado e das experiências de vida. Nessa seção, trabalharemos com seis relatos. Seus autores são descendentes na faixa etária de 54 anos a 94 anos de idade, residentes na região.

No início da década de 1920, começam a desembarcar nas estações ferroviárias de Aimorés e Resplendor diversas famílias italianas. Com elas, desembarcam, além de pequenas bagagens essenciais para a sobrevivência, os sentimentos de insegurança, esperança e sonhos nessa nova vida de imigrantes em território desconhecido.

Nesse território, os imigrantes italianos e seus descendentes tiveram destaque nos aspectos econômicos, culturais e políticos. O Município de Aimorés é o maior, dentre os quatro Municípios estudados, em extensão territorial; recebeu imigrantes italianos e descendentes tanto na sua área rural quanto na urbana. Já o Município de Itueta, que foi desmembrado dos Municípios de Aimorés e Resplendor, recebeu uma significativa leva de imigrantes italianos e descendentes na parte Sul do seu território. A parte Norte desse Município foi colonizada por imigrantes alemães.

Os imigrantes que se fixaram em Resplendor, em sua maioria, se dedicaram ao comércio e posteriormente ao serviço público. Já o Município de Santa Rita do Itueto, situado na parte mais alta da Microrregião, se diferencia dos demais em relação ao clima, que é mais ameno e propício ao plantio do café. Sua extensão territorial não foi cortada pela ferrovia e foi o Município que teve maior concentração de imigrantes italianos e descendentes que se dedicaram a atividades rurais.

Eles enfrentaram grandes dificuldades para se instalarem na Microrregião de Aimorés. Os tempos difíceis foram relatados para os filhos – as distâncias percorridas e as incertezas vividas numa terra estranha onde tudo estava por fazer. A memória desses relatos está presente nas narrativas dos descendentes mais velhos.

a vinda pra cá naquela época era bem difícil, porque trem de ferro naquela época era tocado à lenha [...] É Maria Fumaça, é. Era demorado vim de lá aqui. Eles levaram dois dia da onde eles morava pra vim pra Castelo [...], naquela época, o trem seria até em Castelo [...]. Eles pegava o trem de ferro em Vitória e vinheram. Eles venderam tudo os trem que tinha. Eles só trouxeram os menino e uma bagazinha pouca [...] porque era longe de Itueta

pra vim onde ele morou aqui. Onde ele comprou, era quase mata pura, estrada ruim. [...] o papai pregando, acabando de pregar as tabinhas nem fez conta. A mamãe chorando. O Antenor [irmão mais velho] chorando querendo voltar pra Castelo. [...] a mãe dizia: 'saí de um lugar santo pra vim pra um lugar desse, no meio de uma mata'. (Dino, 81 anos, Itueta/MG).

Chegavam à região pela estrada de ferro, depois caminhavam vários quilômetros em mata fechada, fazendo picadas para chegar até o local de suas terras. No relato a seguir, temos a descrição desse episódio vivido por uma família, que presente na memória de um descendente, hoje com 81 anos, que ouviu do próprio pai.

o papai conta que ali bateu a mudança. Ali no outro dia, no domingo de manhã, eles subiram a pé ali, aquela serra ali, num é a estrada onde é hoje [...]. Aí, esse primo Nico juntô mais gente, vieram mais gente e botaram fogo na roçada, que era pra prantá milho, feijão, arroz, naquela, naquela varge ali [...]. Naquela baixa ali, eles queimaram e voltaram para traz. Naquela noite choveu. Já pensou que sorte que eles deram? Choveu pra valer, choveu pra prantar. Então na segunda-feira era pra eles vim de mudança pra ali, os burro trazer as mudancinha deles pra ali, mais invê de eles fazerem a mudança eles aproveitaram. Esse primo Nico arrumou muita gente e falou: "vamos prantar o milho!" [...] Na mudança! A semente de milho, feijão tudo que vinha de prantar, aí na segunda-feira juntou muita gente e vieram e prantaram, prantô o milho, prantou feijão, prantou o arroz, prantou tudo, como foi muita gente. Na terça-feira, botou a mudança nos burrim lá, outra vez, e subiu a serra. Largô a mudança ali. [...] segundo eles conta: que eu num era nem nascido na época. (Dino 81 anos, Itueta/MG).

Os alimentos que consumiam e com que tratavam os animais eram produzidos por eles mesmos. Alguns chegaram à região e compraram pequenas propriedades. Outros trabalharam como meeiros em terras de familiares ou conhecidos, e mais tarde adquiriram o seu próprio pedaço de terra. Derrubaram a mata para a construção de suas casas, dos currais e galpões para armazenarem os produtos colhidos e também para a formação das lavouras de café, milho, feijão, arroz entre outros. As famílias que chegaram à região após a instalação dos primeiros imigrantes italianos receberam ajuda por meio de mutirões.

Aos poucos, e com toda a família trabalhando na propriedade, começaram a adquirir mais terras e cabeças de gado para melhorar a renda familiar. É importante ressaltar que a produção era familiar e todos os homens, mulheres e crianças com mais de seis anos de idade, trabalhavam arduamente na propriedade familiar. Assim, foram ampliando seu patrimônio e se tornaram importantes produtores da região, com destaque, até os dias atuais, para a produção de café e criação de gado de corte e leiteiro. As mulheres trabalhavam na roça como os homens – derrubavam mata, roçavam, plantavam. Contudo, para elas a jornada de trabalho se estendia, pois eram também responsáveis pelas tarefas domésticas, como descrito neste relato.

Ah, eu trabalhava demais na roça. Com seis anos meu pai botava a gente na enxada. Tinha, tinha que, que, trabalhava a semana inteira, quando chegava sábado e domingo, a gente tinha que lavar roupa pra segunda-feira. E costurava o domingo. Ajudava é... todo o serviço que num podia fazer na semana tinha que ser feito no domingo, a gente não tinha folga pra nada. Assim, com seis anos, a gente fazia comida, colocava no fogão, assim, um caixote pra gente alcançar, é foi muito sofrido. Eu puxava enxada o dia inteiro, eu tinha muita dor nas costas, sofri demais na roça. (Giovana, 55 anos, Resplendor/MG).

Estudando a imigração italiana no Rio Grande do Sul, Zanini (2010) descreve que eram migrações familiares, composta por católicos em sua maioria, provenientes do Norte da Itália e predominantemente de camponeses pobres. A região de Aimorés, Itueta, Resplendor e Santa Rita do Itueto também seguiu esse mesmo padrão.

Como destaca Dadalto (2009), os imigrantes italianos carregavam seu estilo de vida, costumes, gostos, hábitos, religião e valores. Nos Municípios em que se instalaram na Microrregião de Aimorés, expressaram sua fé e devoção construindo diversas capelas em homenagem aos santos e às santas da Igreja Católica. Aos domingos, as famílias se reuniam para rezarem o terço e a ladainha a Nossa Senhora. As mulheres eram responsáveis por todo o momento de oração. As festividades dos padroeiros eram comemoradas por todos; os domingos eram os únicos dias em que as famílias não trabalhavam na terra ou no comércio. Havia comidas típicas, danças e cantos italianos. Era um momento de encontro entre as famílias italianas; havia muita alegria. Outros importantes momentos de lazer eram os bailes.

A festa que eles fazia, mais é de italiano aí na época. Naquela época, vamos dizer na comida, as comida que eles põe, num era negócio de churrasco, cerveja, esses trem [que usam hoje]. Era, era a bebida alcoólica e o vinho, vinho e alguma cachaça ou outras bebida quente, e a comida era um feijão, eles falava tutu de feijão. Hoje, hoje eles fala feijão tropeiro, naquele tempo falava tutu de feijão. Fazia macarrão à vontade, por exemplo, tipo comida assim, de servir mesa né, prato, todo mundo comia no prato e mais as bebida era o vinho, um pouco de bebida alcoólica e eles cantava muito a música italiana. Cê tá entendendo? Cantava aquelas músicas na língua italiana e tocava. Tinha que uns que tocava, uns italiano véio que tocava também [...] tocava a Sanfona [...]. Nós dançava assim: o sol cobria lá... acendia as lamparina, era lampião nas parede assim, com óleo, lampião, nós dançava das sete as sete da manhã ué. (Dino, 81 anos, Itueta/MG).

Com os moradores não descendentes de italianos⁷⁰ que viam na região, os imigrantes e seus descendentes mantiveram uma relação de respeito e amizade, entretanto os casamentos ocorriam entre as famílias de descendência italiana. O casamento com os brasileiros não era visto com bons olhos pelos descendentes de italianos. Até a terceira geração, poucos são os que se casaram com não descendentes. Quando isso acontecia, era motivo de discriminação. Segundo os relatos dos mais velhos, o melhor era que se casassem entre os de mesma descendência, pois tinham os mesmos costumes, valores e virtudes. Atualmente, descendentes da quarta e da quinta geração parecem não possuir restrições ao casamento com não descendentes, mas ainda se referem a esses como “brasileiros”. Os casamentos também eram comemorados com muita festa, comidas típicas, cantos e danças italianas até o raiar do dia.

Mais era nossa descendência. Casamento de uma prima [...] nós fez festa mesmo. O home fez uma festa, um trem de doido, sanfona, é, tinha uns quatro sanfoneiro bom [...] nós começamos dançar, e fomo, e era pra dançar mesmo. Num tinha negócio de namorado ficar namorando namorada lá não, o dono da casa exigia isso [...] aí ele falava: “aqui não tem namoro, num tem cheche, é pra

70 Embora apenas uma pequena parte dos imigrantes tenha nascido na Itália, eles e seus descendentes se denominam italianos e atribuem aos não descendentes o adjetivo de brasileiros.

dançar! A dama que cansa, vai lá na cozinha, cavalheiro nenhum vai tirar dama lá na cozinha não, que tá lá, tá descansando”, [...] Aí, aí quando deu madrugada, lá pra três hora da manhã, ele deu um reforço [...] dando, cumé [...]. Aí quando deu lá numa certa hora, fechô a casa toda, as janela toda e fechô a porta, que vai pra cozinha. Mais ficou um velho ali na porta e cada um deles ficou numa janela e falaram assim: “é proibido, o dono da casa proibiu, ninguém abrir porta e nem janela. É pra ficar na sala, é pra dançar! [...] Eles pegô nós de surpresa rapaz, e nós oh, oh... (neste momento faz sinal com os dedos de que, dançaram pra valer). [...] Naquele tempo, tinha as dança boa de dançar [...] Aquele tempo nois dançava bem, ó, o xote, a valsa, a rancheira que alguêm fala mazuca. [...] o dono da casa falô: “agora”, a sanfona, o italiano trata como remônica... [...] remônica, aí ele falou: “Adesso, fermi te qua remoni, fermi te qua remoni”. Quê que ele falô? Pra parar com a sanfona e “acho que chega”. Aí abriu as portas, as janela. Nós fiquemo tudo assim... que o sol bateu dentro de casa lá oh! O sol bateu na varanda lá, era quase oito horas do dia ué...[risos]”. (Dino, 81 anos, Itueta/MG).

A foto abaixo é de um desses casamentos ocorrido em 1969 em Itueta. Depois da cerimônia na igreja, os convidados (predominantemente descendentes de italianos) se reuniram na sede da fazenda. A família da noiva faz parte do grupo de descendentes italianos que saiu de Castelo (ES) e chegou à Itueta em 1927. Derrubaram a mata, construíram suas casas, plantaram e, posteriormente, construíram a sede da fazenda (na foto), que até os dias de hoje pertence à família.



Figura 2 - Festa de casamento em Itueta (MG).
Fonte: Foto cedida do arquivo particular.

Conforme afirma Hall (2003), a migração reconfigura tanto o território de saída como o de destino. Nesse sentido, os imigrantes trouxeram consigo seus costumes, valores, vocabulários, cantos, danças, festas e comidas típicas que foram incorporados à sociedade daquela época, estando ainda presentes nos dias atuais.

Esses imigrantes italianos e descendentes foram motivados pela possibilidade de construir em Minas Gerais uma nova vida como proprietários de suas terras, já que no Espírito Santo trabalhavam nas terras dos pais. Esse movimento populacional foi uma verdadeira “aventura colonizadora” (CASTIGLIONI, 1998), marcada pelo trabalho árduo e pela luta contra toda sorte de adversidades.

AS MARCAS DA “ITALIANIDADE” NO TERRITÓRIO

Quando chegaram à região, os primeiros descendentes trouxeram suas práticas de cultivo da terra, seus valores, suas festas e sua religiosidade, que foram moldadas pelas condições geográficas, climáticas e culturais. É possível perceber o cuidado e a preocupação com a preservação da terra, com a manutenção da área verde, o cuidado com o “terreiro” e a organização do celeiro. Segundo os descendentes, essa é uma herança que receberam de seus antepassados.

Aquelas fazenda bem cuidada, muita lavora né? Eles são muito caprichosos, eles. É... pranta lavoura, cuida, irriga. Então, muito bem cuidada as coisas deles. [...] são muito caprichosos. É muito bem cuidado. (Giovana, 55 anos, Resplendor/MG.)

Outro aspecto peculiar da região é o cuidado e a preservação da floresta e nascentes. As matas da região do Rio Doce foram devastadas para formação dos pastos e fornecimento de madeira para as serrarias. Entretanto, neste território, onde predominou a presença italiana, temos até os dias de hoje matas, principalmente no topo dos morros. Este cuidado é relato por um descendente.

Quando [...] falou que ia vendê, eu apertei e comprei, fiquei com ... com medo de derrubá a mata [...] sem mata, num tem água; e lá tem nascente que dá água pro córrego aqui. (Luigi, 64 anos, Itueta/MG).

E o povo que tava era um povo brasileiro que entrava e ia derrubando a mata e fogo. Não prantava, só um milhozinho, não prantava nada. Os de lá de baixo de Conselheiro Pena, no terraquente, botava fogo lá pra queimar os pastos, e vinha queimando. Isso daqui era uma floresta só, foi toda destruída em fogo. Só

sarvou um pedaço aqui porque eu trabalhei dia e noite pra poder sarvar a mata. (...) Eu sempre gostei, (pausa) gostei de floresta... de mata. (Pietro, 85 anos, Conselheiro Pena)

A culinária é outra marca mantida pelos descendentes. A polenta cortada com barbante, ministrone ou minestra (sopa de arroz e feijão) são alimentos que ainda são servidos nas festas, mantendo a memória daqueles que vieram da Itália.



Figura 3 – Polenta cortada com barbante.
Fonte: Pesquisa de campo, 2011.

A partir da segunda metade dos anos de 1990, outro movimento migratório é percebido nessa região. Os descendentes de italianos mais jovens começam a emigrar para os Estados Unidos e, posteriormente, para a Itália. Voltando o olhar para aqueles que emigram para a Itália, levanta-se a seguinte questão: como os emigrantes que atualmente se dirigem para a região de origem de seus antepassados – que se autodenominam “descendentes ou italianos” – se sentem ao viver na Itália? Nesse país, eles se sentem como descendentes ou brasileiros?

A EMIGRAÇÃO DOS DESCENDENTES RUMO À TERRA DOS NONOS

Até os anos de 1950, o Brasil era reconhecido como um país receptor de migrantes internacionais. “Em 1920, a imigração respondia por 5,11% da população residente no país, enquanto que em 1980 essa participação reduziu-se expressivamente para

0,77%” (PATARRA; BAENINGER, 1995, p. 80). A partir dos anos de 1960, o cenário começa a mudar: temos os primeiros emigrantes internacionais, principalmente para os Estados Unidos.

A Microrregião de Governador Valadares no Vale do Rio Doce, bem próxima à Microrregião de Aimorés, foi um dos pontos iniciais da emigração internacional no Brasil. Os primeiros valadarenses que emigraram na década de 1960 eram jovens das camadas mais ricas da população e empreenderam o projeto migratório muito mais em função da aventura do que de ganhos econômicos. Mediada por esses primeiros jovens, a rede migratória foi-se formando e consolidando ao longo da década de 1960 e 1970. Nos meados dos anos de 1980, ocorreu o boom da emigração de brasileiros para o exterior, principalmente para os Estados Unidos. Esse fluxo que teve início na cidade de Governador Valadares se espalha por toda a região e atinge, nos dias atuais, vários Estados brasileiros (SIQUEIRA, 2009).

São vários os fatores que possibilitaram o crescimento do atual fluxo de migrantes internacionais, tais como: a reestruturação econômica que internacionalizou a produção e possibilitou o surgimento de um espaço transnacional que facilitou a mobilidade do trabalho; a existência de um mercado secundário pouco atrativo para os trabalhadores nativos, mas extremamente interessante economicamente para os emigrantes; e a formação de redes sociais nas quais trafegam as informações e os mecanismos facilitadores do projeto migratório (SIQUEIRA, 2009).

Na Microrregião de Aimorés, ao longo dos anos, com o fracionamento das propriedades rurais devido à herança dividida entre os muitos filhos dos primeiros imigrantes, a sobrevivência das gerações mais novas ficou comprometida, pois não havia mais perspectiva de continuar tirando o sustento somente da terra. Além disso, a busca pela independência financeira e pela melhoria da qualidade de vida, dentro dos novos padrões de consumo da atual sociedade, fez com que muitos dos descendentes, a partir do início da década de 1990, começassem a buscar o reconhecimento da cidadania italiana com o objetivo de emigrar.

Desde a segunda metade dos anos de 1980, o fluxo migratório internacional da Mesorregião do Rio Doce, especialmente da Microrregião de Governador Valadares, é marcadamente direcionado para os Estados Unidos. Mesmo que no decorrer do tempo ocorra uma mudança nos planos iniciais, a maioria desses emigrantes tem como projeto retornar e investir no seu

Município de origem, objetivando melhorar sua condição socioeconômica (SIQUEIRA, 2009).

Inicialmente, os descendentes da Microrregião de Aimorés seguiram o mesmo fluxo. Deve-se ressaltar que o documento de dupla cidadania possibilita a entrada no território norte-americano sem o visto, mas não a inserção no mercado de trabalho. Assim, ao exercer atividades laborais remuneradas, esses emigrantes estariam indocumentados⁷¹. A partir do final da década de 1990, o destino dos descendentes italianos muda de direção. Eles passam a se dirigir para o Norte da Itália, região de origem dos seus antepassados.

As principais razões da mudança do fluxo são o acirramento da fiscalização da Imigração Norte-americana e a criação da Zona do Euro em 1999, agregando dezessete países da União Europeia. A valorização do euro – nova moeda criada – passou a ser um fator de atração do velho continente. Segundo os dados do Ministério das Relações Exteriores – por meio do *site* Brasileiros no Mundo – as estimativas são de que 85.000 brasileiros residem atualmente na Itália. Em toda a Europa, o número de brasileiros seria de 911.889 (MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES, 2008, s/p)⁷².

Os italianos que imigraram para o Brasil carregavam consigo o desejo de recriar em solo brasileiro uma nova Itália; vieram para ficar e aqui criar suas famílias em melhores condições do que na sua terra natal. Diferentemente, os descendentes desses imigrantes que são, em sua maioria, jovens na faixa etária de 18 a 35 anos, com oito anos de escolaridade, originários principalmente da região rural, emigram com o objetivo de trabalhar, fazer poupança, investir e retornar para o local de origem⁷³. Com a dupla cidadania, eles desembarcam na Itália e acreditam estar nas mesmas condições do italiano nativo. Porém, em seus relatos⁷⁴, demonstram a desilusão em relação ao tratamento como cidadão italiano. O documento ajuda na inserção legal ao trabalho, mas não na sociedade italiana. Além disso, a sua inserção no mercado de trabalho se dá em atividades secundárias.

71 Termo usado para designar as pessoas que não possuem o documento de permissão para entrada e trabalho no país de destino.

72 As estimativas são com base em consultas feitas no final do ano de 2010 às embaixadas e aos consulados do Brasil sobre a presença brasileira em suas jurisdições. Acesso em junho de 2012.

73 Dados coletados em estudo exploratório realizado na Microrregião de Aimorés/MG no ano de 2011.

74 Relatos orais realizados com os descendentes que emigraram e retornaram para a região de origem.

A cultura vivenciada na origem a partir da língua, dos cantos, culinária, festas típicas italianas e memória dos antepassados não lhes deu nenhuma identidade italiana que facilitasse a inserção na sociedade de destino. Ao contrário, na Itália eles se perceberam mais brasileiros. Toda a identidade italiana que os definia no local de origem foi desmontada ao se perceberem como qualquer outro estrangeiro no país que acreditavam ser parte de sua identidade.

O relato a seguir possibilita compreender que no contato com o país de origem dos antepassados, os descendentes emigrantes perceberam que a distinção que faziam, ou seja, considerar-se diferente dos brasileiros por serem descendentes, não se sustentava. Esperavam usar o pouco conhecimento da língua, que aprenderam durante a sua vida com seus familiares, contudo, perceberam que a língua falada no destino é diferente: tanto os costumes preservados como a língua mudaram. Germana é uma descendente que com posse da cidadania italiana emigrou em 2003 para Firenze. Estava a passeio na casa dos pais quando foi entrevistada. Seu projeto é trabalhar por mais 3 anos e retornar para a região de origem onde tem feito investimento.

Na verdade, quando eu cheguei lá eu levei um susto. Era tudo novo, era uma experiência nova. [...] então, quando eu fui para Itália eu achei assim, por eu ser descendente de italiano, eu achei que eu fosse chegar lá que seria outra coisa, eu iria chegar e ser um povo mais acolhedor. [...] mas na verdade, não. Eles são muito acolhedores quando são turistas. Então, quando você vai realmente trabalhar, muda um pouquinho o negócio. Mas só que eu fui me adaptando. Tinha que me adaptar. Depois, eu fui aprendendo a língua, porque no início eu fiquei assustada, não sabia a língua! [...] Depois, eu fui me acostumando. Eu aprendi a língua [...] mas tem o dialeto de cada região. Você acaba até brincando com a própria língua. A região mesmo que eu estou, puxa muito o “r”, fala muito o dialeto fiorentino. Já o Norte da Itália, hoje tem a maioria da emigração dos descendentes dessa região aqui [Microrregião de Aimorés]. São do Norte da Itália. Eles falam muito engraçado. É como se eles falassem cantando. Então, você acaba brincando e acostumando. (Germana, emigrante em Firenze, 32 anos, Itueta/MG).

Ao empreender o projeto migratório, os descendentes carregavam a ideia de estar indo para um lugar acolhedor. Tinham

a expectativa de se sentir pertencentes a esse território, pois estavam na terra dos seus antepassados e, de certa forma, também sua. Consideravam que preservavam a Itália no território brasileiro e a cidadania era a prova de serem italianos. Cresceram ouvindo as músicas, participando das danças e apreciando a culinária italiana. As expressões “nós, os descendentes” e “os brasileiros” faziam parte do seu modo de expressar, pois se consideravam diferentes por serem descendentes de italianos. Essa experiência e essa sensação em relação ao pertencimento a terra dos seus antepassados estão presente neste relato:

No sentido de ser tratada, eu achei assim, eu sou descendente. A família daqui é eles, são brincalhões e tudo, eu vou encontrar o que eu encontrava aqui e por eu ser descendente e ter a cidadania eu achei que isso fosse diferente de um outro que não tivesse. Que eu não ia ser [...] chamada estrangeira. Só que isso não faz diferença [...]. Eu tenho direito igual eles, porque a gente tem carteira de identidade, a gente tem CPF [...]. Quando a gente chega, ou até hoje, a gente nunca fala perfeito porque a gente não perde o sotaque brasileiro isso continua. Quando eu abro a boca, eles veem que eu sou brasileira. [...] então isso que faz diferença, quando eu abro a boca, sou uma estrangeira. (Germana, migrante em Firenze, 32 anos, Itueta/MG).

Ponto importante desse percurso migratório é a circulação das informações sobre o local de destino e os mecanismos para efetivar essa emigração de longa distância. Conforme afirma Boyd (1989), as redes sociais são fundamentais para a compreensão dos movimentos migratórios no que diz respeito ao início e sustentação do fluxo. Massey (1993) considera as redes fundamentais para minimizar constrangimentos e as dificuldades de interação com a sociedade de destino. Para os emigrantes da Região que se movimentaram em direção à Itália, essas redes foram importantes. Por meio delas, circulam as informações sobre o local de destino e as ações necessárias para organizar a viagem. Possibilitam, também, os contatos com os seus pares no destino, o acolhimento e os primeiros passos para encontrar moradia, trabalho, ou seja, auxiliam a organizar a vida nesse novo território. No relato a seguir, podemos observar como as redes auxiliam e sustentam esse movimento migratório à longa distância.

tenho um irmão que mora comigo e o meu cunhado e sua esposa e tenho o meu primo. São também descendentes. Vamos dizer, todos passavam na minha casa, o ponto de apoio foi a nossa casa depois a gente ia dividindo, aí cada um ia dividindo. (...) inclusive a gente se reúne, não sempre, a gente se reúne em datas comemorativas como aniversário ou datas festivas como natal, ano novo, a gente se reúne, faz churrasco, às vezes até dança, às vezes vai em um parque a passeio. Tem bares, tem restaurante brasileiro é onde tem um maior fluxo de brasileiros e se reúne, assim, só quando vem o frio que vai todo mundo para a toquinha e é mais difícil. (Germana, emigrante em Firenze, 32 anos, Itueta/MG).

O projeto migratório desses descendentes é semelhante ao dos emigrantes de modo geral. Trabalhar, fazer uma boa poupança e investir na região de origem. O retorno faz parte do projeto. A maioria, independente de sua qualificação ou documentação de cidadania, insere-se no mercado de trabalho secundário. Atua em serviços domésticos, restaurantes e construção civil. Como no relato seguinte, Antoni, esposo de Germana, percebe a dificuldade de obter alguma ascensão profissional devido ao fato de não serem nativos: “[...] trabalho no escritório. Meu chefe tem toda confiança em mim. Graças a Deus, consegui mudar e vim pra esse trabalho melhor, mas as coisas melhores ficam pros outros... pros italianos.” (Antoni, emigrante em Firenze, 34 anos, Itueta/MG).

Eles investem na compra de imóveis nos Municípios de origem, na compra de terras na região, na construção ou reforma de casas nas propriedades dos pais. Outro tipo de investimento é a compra de gado e café⁷⁵.

“... desde que nós fomos para lá [...] a gente começou a comprar imóveis e hoje a gente tem alguns imóveis [...]. Se a gente tiver que voltar hoje, a gente já tem um lugar pra morar, algumas rendas [...]. Já tem um ponto de apoio de volta, mas o sonho de meu marido é roça. [...]. A gente acabou de comprar um terreno aqui perto e a nossa intenção é construir uma casa e voltar para cá [...]”. (Germana, emigrante em Firenze, 32 anos, Itueta/MG).

⁷⁵ A região é produtora de café e um investimento feito é a compra de café no período de baixa de preço, estocagem e venda no período de alta.

Fazendo o caminho inverso dos seus antepassados, os emigrantes descendentes buscam a realização de seus projetos e uma melhor inserção social na origem. Diferentemente daqueles que fizeram o caminho para o Brasil, estes fazem o caminho para Itália pensando no retorno. A Itália é um lugar para conseguir os recursos necessários a fim de melhorar sua condição econômica no Brasil. Vão para Itália por acreditarem que com a cidadania conseguirão melhores condições de trabalho e qualidade de vida, mas com o objetivo de retornar depois de fazerem investimentos na origem como relata Germana.

Vão com a ideia de que, de alguma forma, fazem parte dessa nação de onde vieram seus antepassados. No Brasil, viviam numa comunidade que lhes passavam a ideia de que eram diferentes. Eram descendentes de italianos e, por isso, eram diferentes “dos brasileiros”. A experiência migratória dissipa essa ideia; e retornam com a convicção de serem brasileiros e brasileiras.

A cidadania não lhes dá o status de nativo na Itália; lá são estrangeiros. Como afirma uma descendente com experiência migratória: “[...] esse negócio de os brasileiros e nós descendentes não existe, eu sou brasileira mesmo.” (Germana, emigrante em Firenze, 32 anos, Itueta/MG).

A trajetória desses dois fluxos produziram marcas significativas na Região. Se os italianos e seus descendentes que chegaram e desbravaram os sertões do Rio Doce, formando suas fazendas, trouxeram seus hábitos e costumes ainda hoje presentes na culinária, no manejo da terra e na preservação das matas, os seus descendentes, que 60 anos depois empreendem o caminho inverso, também deixam suas marcas por meio dos investimentos realizados na região – como a construção de suas casas coloridas⁷⁶ – e a reafirmação de sua brasilianidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A imigração europeia em grande escala para o Brasil teve início a partir da segunda metade do século XIX e perdurou até a década de 1950. Nesse período, grandes levas de imigrantes chegaram ao Sudeste do país e foram utilizadas como mão de obra nas então prósperas fazendas de café. Minas Gerais, entre os qua-

⁷⁶ É frequente, assim como na Microrregião de Governador Valadares, a utilização de cores fortes como laranja, verde bandeira, roxa e vermelha na pintura das casas dos emigrantes que retornam.

tro Estados dessa região, tornou-se um dos maiores núcleos da colonização italiana do Brasil.

A Microrregião de Aimorés foi o destino escolhido por muitas famílias provenientes do Norte da Itália que desembarcaram no porto de Vitória, Espírito Santo, tendo-se estabelecido primeiramente nesse Estado.

A chegada dos imigrantes italianos à Microrregião de Aimorés permitiu que se constituísse uma nova configuração desse território, com a inserção de novas técnicas de manejo da terra, novos valores e costumes. É possível concluir, por meio do relato dos descendentes italianos mais antigos que guardam na memória lembranças de uma história vivida ou contada por seus pais e nonos, que foram tempos difíceis. Eles chegaram à região pela estrada de ferro Vitória-Minas, desceram na estação de Resplendor ou Itueta e, abrindo picada na mata densa, chegaram até a localidade onde derrubaram a mata e formaram suas fazendas, por meio do trabalho árduo executado por homens, mulheres e crianças. Ao longo dos anos, cultivaram suas tradições e passaram para as gerações seguintes a ideia de serem descendentes de italianos e, portanto, diferentes. Não aceitavam o casamento fora da descendência, ou seja, com os outros “brasileiros”.

Seguindo o fluxo do movimento migratório internacional da vizinha Microrregião de Governador Valadares para os Estados Unidos, no início dos anos 1990 começou um movimento migratório dos descendentes para esse país. A cidadania italiana facilitava a entrada, pois não havia necessidade de visto para o cidadão italiano. Contudo, ao entrarem para o mercado de trabalho, ficavam indocumentados. Com o acirramento da fiscalização e a abertura de um mercado de trabalho secundário promissor na Itália, no final da década de 1990, o fluxo se direcionou para a Itália.

Eles chegam à Itália com a cidadania italiana e acreditam estar nas mesmas condições dos nativos. Porém, em seus relatos demonstram a desilusão em relação à inserção na sociedade italiana. A cidadania ajuda na inserção legal ao trabalho, mas não na sociedade italiana. Eles acabam inserindo-se no mercado de trabalho secundário.

A cultura vivenciada na origem, a partir da língua, dos cantos, culinária, festas típicas italianas e da memória dos antepassados não lhes deram nenhuma identidade italiana que facilitasse a

inserção na sociedade de destino. Ao contrário, lá se perceberam mais brasileiros. Toda a identidade italiana que os define no local de origem é desmontada ao se perceberem como qualquer outro estrangeiro no país que acreditavam ser parte de sua identidade.

As redes sociais são fundamentais para o estabelecimento e permanência do fluxo migratório, pois nelas transitam as informações necessárias para efetivar o projeto migratório. São importantes também para o acolhimento e a redução dos constrangimentos no país de destino. Usando essa rede formada ao longo dos anos, vários descendentes emigraram e retornaram.

No retorno, fazem investimentos na origem e, como os primeiros italianos e descendentes que chegaram à região, também reconfiguram o território. Constroem casas coloridas, investem nas propriedades e trazem uma nova ideia e concepção da Itália, marcada na memória e transmitida pelos primeiros italianos que aqui chegaram. Descrevem uma Itália que não corta a polenta com barbante como ainda hoje é feito nas casas dos mais velhos, de uma língua diferente da ainda falada pelos remanescentes e, principalmente, reafirmam a identidade brasileira: “Sou descendente, sim, mas sou é brasileira mesmo”.

REFERÊNCIAS

ALVIM, Zuleika Maria Forcione. O Brasil Italiano (1880-1920). In: FAUSTO, Boris. (Org.). *Fazer a América*. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

BASSANEZI, M. S. B. Imigrações internacionais no Brasil: um panorama histórico. In: PATARRA, Neide L. (Org.). *Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Fnuap, 1995, v. 1 p. 3-35.

BIASUTTI, Luiz Carlos. LOSS, Arlindo; LOSS, Everaldo. *Roteiro dos italianos e seus descendentes em Minas Gerais – subsídios para uma história da imigração italiana*. 2003.

BOYD, Monica. Family and personal networks in international migration: recente developments and new agenda. *International Migration Review*. [S.l]. 23 (3), p. 638-670, 1989.

BONI, Luís Alberto de. (Org.). *A presença italiana no Brasil*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia; Torino: Fondazione Giovanni Agnelli, 1990. 2 v.

CASTIGLIONI, Aurélia H. (Org.). *Imigração italiana no Espírito Santo: uma aventura colonizadora*. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 1998. 315 p.

DADALTO, Maria Cristina. *A imigração tece a cidade – polo industrial de Colatina*. Vitória: Cultural & Edições Tertúlia, 2009, 141 p.

ESPINDOLA, Haruf Salmen. *Sertão do Rio Doce*. Bauru: Edusc, 2005, 485 p.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

LEE, E. S. (1966). Uma teoria sobre a migração. In: MOURA, H. A. (Org.). *Migração interna, textos selecionados*. Fortaleza, BNB/Entene, 1980, p. 89-114, 722 p.

MASSEY, Douglas. Theories of international migration, a review and appraisal. *Population and development Review*, 19 (3). 1993, p. 411-466.

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. *Brasileiros no mundo*. Estimativas. 2008. Disponível em: <<http://www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br/file/Brasileiros%20no%20Mundo%20-%20Estimativas.pdf>>. Acesso em: jun. 2012.

MONTEIRO, Norma de Góes. *Imigração e colonização em Minas 1889-1930*. Editora Itatiaia Limitada. Belo Horizonte/Rio de Janeiro, 1994, v. 188.

PATARRA, Neide L.; BAENINGER, Rosana. *Migrações internacionais recentes: o caso do Brasil*. In: PATARRA, Neide. (Org.). *Emigração e imigração Internacionais no Brasil Contemporâneo*. São Paulo: Fnuap, 1995, p. 79-87, v. 1.

SIQUEIRA, Sueli. A crise econômica nos EUA e o retorno à terra natal. In:_____. *Sonhos, sucesso e frustrações na emigração de retorno*. Brasil/Estados Unidos. Belo Horizonte: Argumentum, 2009.

SIQUEIRA, Sueli; SANTOS, Mauro Augusto. Crise econômica e retorno dos emigrantes da Microrregião de Governador Valadares. *Travessia – Revista do Migrante*, n. 70, p. 27-47, jan.– jun. 2012.

TRENTO, Ângelo. *Do outro lado do Atlântico: um século de imigração no Brasil*. São Paulo: Nobel, 1989.

ZANINI, M. C. C. Literatura de descendentes: italianos no Rio Grande do Sul. In: PACELLI, Ademir et al. (Orgs.). *A experiência migrante: entre deslocamentos e reconstruções*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010, p. 39-52.

SOBRE OS AUTORES

Chiara Pagnotta é pesquisadora associada junto à Unidade de Pesquisa «Migrations et société» URMIS-Paris, Universidade de Paris VII – Paris Diderot – e Presidente da Associação Internacional AREIA. É doutora em História pela Universidade de Gênova (2007). Desenvolveu estudos de pós-doutorado, financiados pelo Governo do Canadá “Bourses Canadiennes pour la recherche postdoctorale” (2008) e pela *La Ville de Paris* “Reserch in Paris” (2009). Recentemente, coordenou uma pesquisa sobre a imigração europeia no Equador (XIX-XX), cujos resultados serão publicados em breve. Os seus temas de pesquisa estão relacionados com as migrações históricas e contemporâneas desde e para a América Latina, a identidade étnica, os estudos de gênero e geracionais na América Latina, a História Social e Oral. Dentre as publicações recentes destaca-se: *Attraversando lo stagno. Storie della migrazione ecuadoriana in Europa tra continuità e cambiamento* (1997-2007), Roma: CISU, 2010.

Emerson César de Campos é professor associado junto à Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc), onde exerce a função de diretor geral do Centro de Ciências Humanas e da Educação. Possui graduação em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina (1997), mestrado em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (1999) e doutorado em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (2003). Atualmente é, também, pesquisador da Fundação de Apoio a Pesquisa Científica e Tecnológica do Estado de SC – Fapesc. Tem experiência na área de História, com ênfase em História cultural, atuando principalmente nos seguintes temas: cidades, migrações, história cultural, teoria da história e imagens e expressões gráficas como fontes à história.

Gláucia de Oliveira Assis é doutora em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (2004). É professora na Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc) desde 1995, onde atua na graduação e nos Programas de Mestrado em História e Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socioambiental. Atualmente, é integrante do Laboratório de Relações de Gênero e Família (Labgef) e uma das editoras dos artigos da Revista de Estudos Feministas que são publicados na Scielo. Tem desenvolvido

pesquisas com enfoque nas Migrações contemporâneas e Relações de gênero, atuando principalmente nos seguintes temas: migrações internacionais, relações de gênero, família e redes sociais.

Ines Testoni é professora associada de Psicologia Social junto ao Departamento Fisppa, seção de Psicologia Aplicada, diretora do Master “Death Studies & the End Of Life” e do curso de alta formação para o combate social às Máfias, junto à Universidade de Pádua. Conferencista Expert numa centena de congressos e seminários nacionais e internacionais, é autora de mais de sessenta artigos científicos e capítulos de livro, de uma dezena de livros, e organizadora de uma dezena de coletâneas. Além disso, é afiliada a numerosos organismos de pesquisa, de relevância internacional.

Luis Fernando Beneduzi é professor associado de História e Instituições da América Latina junto à Universidade Ca’ Foscari, de Veneza, e professor adjunto da Universidade Luterana do Brasil. É membro da Associação Internacional AREIA e componente de seu comitê de direção. Doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2004), ele realizou estudos de Pós-Doutorado junto ao Grupo *Mujeres*, da Universidade de Turim (2005). Tem artigos publicados na Europa e na América Latina, apresentando como temáticas de interesse o fenômeno imigratório, as relações entre História e Literatura, a História das sensibilidades. Publicações recentes: *Imigração italiana e catolicismo: entrecruzando olhares, discutindo mitos*. Porto Alegre: Edipucrs, 2008 e *Os fios da nostalgia. Perdas e ruínas na construção de um Vêneto imaginário*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.

Maria Catarina Chitolina Zanini é professora associada junto à Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS, 1987), mestrado em Antropologia pela Universidade de Brasília (UnB, 1997), doutorado em Ciência Social (Antropologia Social) pela Universidade de São Paulo (USP, 2002) e pós-doutorado pelo Museu Nacional (MN-UFRJ – 2008). Tem experiência na área de Antropologia, trabalhando principalmente com as seguintes temáticas: migrações, teoria

antropológica, campesinato e etnicidade. Pesquisadora associada do Niem-UFRJ (Núcleo de Estudos Migratórios).

Marlene de Fáveri é doutora em História e professora junto ao Departamento e ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc), autora de “Memórias de (uma) outra guerra: cotidiano e medo durante a Segunda Guerra em Santa Catarina”, pelo qual recebeu o prêmio Alexandre Lucas Boiteux, e de outros livros, capítulos e artigos. Pesquisa e orienta trabalhos sobre a Segunda Guerra mundial, migrações, relações de gênero e feminismos. Participa do Laboratório Relações de Gênero e Família (Labgef/Udesc), Grupo de Pesquisa Relações de Gênero e Família, do CNPq, e do Instituto de Estudos de Gênero – IEG/UFSC.

Mauro Augusto dos Santos é professor do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Gestão Integrada do Território junto à Universidade Vale do Rio Doce – UNIVALE. É doutor em Demografia pela Universidade Federal de Minas Gerais (2010) e possui graduação em Ciências Sociais, com ênfase em Sociologia, pela Universidade Federal de Minas Gerais (1997). Atua principalmente nos seguintes temas: migração, população e meio ambiente, planejamento regional e métodos de pesquisa.

Michele Gonçalves Cardoso é professora do curso de Museologia do Centro Universitário Barriga Verde – Unibave. Possui graduação em História pela Universidade do Extremo Sul Catarinense Unesc, especialização em História da Arte pela Faculdade Capivari e mestrado em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc), área de concentração em História do tempo presente. É membro do Grupo de Pesquisa, História e Memória da Educação – Grupehme-SC. Atua principalmente nos seguintes temas: migrações contemporâneas, cidade, identidade e educação patrimonial.

Ricciarda Ricorda é professora titular de Literatura Italiana Contemporânea junto ao Departamento de Estudos Humanísticos da Universidade Ca' Foscari de Veneza. Dedicar-se ao estudo da literatura italiana entre os séculos XVIII e XX, especialmente sobre narrativa, ensaística e jornalismo: no âmbito do século XVIII, tem trabalhado com literatura de viagem, jornalismo lite-

rário e formas narrativas e teatrais, tendo organizado coletâneas e publicado artigos sobre diferentes autores. No período que cobre a segunda metade do século XIX, trabalhou com Scapigliatura, com a revista “Nuova Antologia” e com o escritor e crítico Angelo Conti e, em âmbito do século XIX, conduziu uma especial investigação sobre “formas mistas”, com exposições sobre Leonardo Sciascia, Vitaliano Brancati, Gesualdo Bufalino, Primo Levi, Pier Paolo Pasolini, Guido Piovene e Goffredo Parise. Coordena, com algumas colegas, junto à Universidade de Veneza, o *Archivio Scritture e Scrittrici Migranti*.

Sandra Nicoli é mestranda no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Gestão Integrada do Território da Universidade Vale do Rio Doce – Univale. Possui licenciatura plena em História pela mesma Universidade (2007).

Silvia Maria Fávero Arend possui graduação em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (1988), mestrado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1994) e Doutorado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2005). É professora dos cursos de graduação e pós-graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc). É líder do grupo de pesquisa/CNPq “Relações de Gênero e Família” e coordenadora do “Laboratório de Relações de Gênero e Família” (Labgef). É membro do Conselho editorial da *Revista Estudos Feministas* e da *Revista Tempo e argumento*, bem como do Instituto de Estudos de Gênero (IEG/Universidade Federal de Santa Catarina). Realizou estágio pós-doutoral na Fundação Nacional de Ciências Políticas (Sciences Po – Paris), no Centro de Estudos Europeus, em 2012.

Sueli Siqueira é professora do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Gestão Integrada do Território junto à Universidade Vale do Rio Doce – Univale. Realizou estudo de pós-doutorado pelo Instituto Universitário de Lisboa – CIES (2012). É doutora em Sociologia e Política pela Universidade Federal de Minas Gerais (2006) e mestre em Sociologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (1998). Coordena o Núcleo de Estudos e Desenvolvimento Regional – Neder/Univale – onde desenvolve pesquisa com ênfase em migração internacional.

Susanna Regazzoni é professora titular de Literatura Hispano-americana junto à Universidade Ca' Foscari de Veneza e codiretora do “Archivio Scritture Scrittrici Migranti”, da mesma instituição. Seus interesses e pesquisa estão concentrados nos eixos temáticos de Literatura espanhola e hispano-americana dos séculos XIX e XX, com especial atenção às questões de gênero, à construção da identidade cultural no século XIX, às relações culturais entre a Itália e a Argentina, às características do discurso literário na Argentina e em Cuba. Entre suas publicações mais recentes, destaca-se *La condesa de Merlin*. Una escritora entre dos mundos o de la retórica de la mediación (2009); *Escritoras hispanoamericanas del siglo XIX* (2012). Em colaboração, editou *Más allá del umbral*. La iniciación femenina em las escritoras hispánicas (2006); *Más allá del umbral*. Autoras hispanoamericanas y el oficio de la escritura (2010).

Vania Beatriz Merlotti Herédia é doutora em História pela Universidade de Gênova, em 1992, sob a orientação de Marcelo Carmagnani. Pós-doutora, pela Universidade de Pádua, em História Econômica (2002). Professora titular do Centro de Ciências Humanas na Universidade de Caxias do Sul, ela atua na graduação e pós-graduação, dedicando-se à pesquisa nas áreas de História Regional e Estudos Migratórios. Faz parte do Núcleo de Pesquisa “História, Patrimônio e Região” na Universidade de Caxias do Sul. É membro do Instituto Histórico de São Leopoldo e autora de diversos livros entre eles: *O mito do padre entre descendentes de imigrantes italianos* (1978), *Processo de industrialização na zona colonial italiana* (1997), *Memória e Identidade* (2007) entre outros.

Esta publicação foi composta utilizando-se as famílias tipográficas GrotRough e Legacy Serif.

É permitida a reprodução parcial desta obra, desde que citada a fonte e que não seja para qualquer fim comercial.

